



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA**

Escutar Matérias: das sutilezas das pedras ao peso dos tempos

Ian Calvet Marynower

Rio de janeiro/RJ

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA**

Escutar Matérias: das sutilezas das pedras ao peso dos tempos

Ian Calvet Marynower

Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Artes da Cena.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Schneider Alcure

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Mariana Maia Simoni

Rio de Janeiro/RJ

2024

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO
APRESENTADA POR IAN CALVET MARYNOWER NA ESCOLA
DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ

Aos 8 dias do mês de novembro dois mil e vinte quatro às ¹⁴ horas, foi apresentada a Tese de Doutorado de Ian Calvet Marynower, intitulada: "Escutar Matérias: das sutilezas das pedras ao peso dos tempos", perante a banca examinadora composta por: [Orientador e Presidente] Professora Doutora Adriana Schneider Alcure, Co-orientador(a) Professora Doutora Mariana Maia Simoni (FU-Berlin), Professora Doutora Gabriela Lirio Gurgel Moneiro Examinador (a), Professora Doutora Maria Teresa Ferreira Bastos Examinador(a), Professor Doutor Patrick Estelita Cavalcanti Pessoa Examinador(a), Professora Doutora Andréa França Martins Examinador(a), Professora Doutora Jacyan Castilho de Oliveira Examinador(a) Tendo, o candidato, respondido a contento todas as perguntas, foi sua Tese:

aprovada reprovada aprovada mediante alterações

ACADÊMICA
AINDA

A BANCA RESSALTA A QUALIDADE LINGÜÍSTICA, A RELEVÂNCIA DA PESQUISA ACADÊMICA E O MÉRITO DE LINGUAGEM FUNDAMENTADO NA ESCRITA. DESTACA A PERTINÊNCIA DA PESQUISA EM BERLIM. A BANCA RECOMENDA A PUBLICAÇÃO.

E, para constar, eu Debora de Almeida Rodrigues lavrei a presente, que segue por mim datada, e assinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a) candidato(a) ao título de ~~Mestre~~ **DOCTOR** em Artes da Cena.

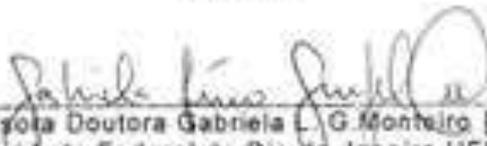
Rio de Janeiro, 8/11/ 2024.



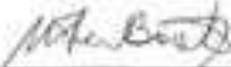
Professora Doutora Adriana Schneider Alcure [Orientador e Presidente] Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ/ECO-PPGAC



Professora Doutora Mariana Maia Simoni Co-Orientador(a) FU-Berlin



Professora Doutora Gabriela L.G. Monteiro [Examinador (a)] Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ/ECO/PPGAC



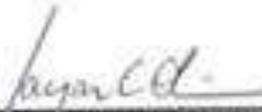
Professora Doutora Maria Teresa F. Bastos Examinador(a)
Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ/ECO/PPGAC



Professor Doutor Patrick Estelita C. Pessoa Examinador(a)
Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ/ECO/PPGAC



Professora Doutora Andréa França Martins Examinador(a)
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-RIO



Professora Doutora Jacyan C. Oliveira Examinador(a)
Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ/ECO/PPGDAN



Ian Calvet Marynower (candidato)

CIP - Catalogação na Publicação

Cle Calvet Marynower, Ian
Escutar Matérias: das sutilezas das pedras ao peso dos tempos/ / Ian Calvet Marynower. -- Rio de Janeiro, 2024.
233 f.

Orientadora: Adriana Schneider Alcure .
Coorientadora: Mariana Maia Simoni.
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós Graduação em Artes da Cena, 2024.

1. Política. 2. História. 3. Memória. 4. Literatura. 5. Fascismo. I. Schneider Alcure, Adriana, orient. II. Maia Simoni, Mariana, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

À CAPES pela bolsa de doutorado no Brasil e ao programa da CAPES-PDSE por ter me proporcionado a bolsa de doutorado-sanduíche no exterior.

À UFRJ, seus professores, alunos e técnicos. Foi nesse ambiente que passei os últimos 13 anos da minha vida. Salve a universidade pública, gratuita e de qualidade!

À minha orientadora Adriana Schneider. Obrigado pela parceria, por toda a força de vida e a abertura de caminhos. Viva as gincanas, a alegria de caminhar juntos e os encontros que conectam muitos, que criam mundos.

À minha coorientadora Mariana Simoni. Agradeço a acolhida e a sua enorme generosidade. Obrigado por me ajudar a fazer de Berlim uma casa.

Ao incentivo da minha família: à minha mãe Lisie Calvet, ao meu pai George Marynower, à minha madrasta Christiane Vaslin, ao meu querido irmão Pedro e minhas primas Marcia Guimarães e Marcela Guimarães.

À parceria da minha tia Viviane Marynower na viagem até a cidade natal do nosso biso/avô Hugo, na Polônia.

As pessoas que apoiaram financeiramente para viabilizar as aulas de inglês para que eu realizasse a prova do TOEFL, pré-requisito para se candidatar ao doutorado sanduíche na Alemanha: Erika Neves, Nívio de Freitas Filho, Maite Vaslin, Juliana Vaslin, Eleonora Fabião, Roman Jacob, Jose Guido, Cecília Schneider, Guerda Grünbaum, Veronica Espirito Santo, Mateus Plastino, Diana Grandi, Zanella Grandi, Daniel Wainer, Alexandre Guimarães, Virginia Sucupira, João Paulo Sucupira, Luna Sucupira, Felipe Maul, Tereza Sucupira, Mirtô Sucupira, Renato Sucupira.

À Cynthia Davidson e Tracy Segal por terem me rerepresentado à língua inglesa, me preparando com maestria para a prova do TOEFEL: o impossível que ficou possível.

Aos meus novos e queridos amigos de Berlim, obrigado pelos encontros, pelas experiências e pela acolhida: Sandra Bello, o grupo Playgroud BerliM, Tina Schenck, Dasha Kanishcheva, Daniel Miranda, Gabriela Cordovez, Luciana Arcuri, Peti Costa, Simone Donha, Thiago Rosa, Catherine Rozan, Geraldo Si, Sergio Serrano, Ligia Liberatori, Isabella Parkinson, Osamu Arai, Deise Farias Nunes, Julia Rölleke, Carla Guagliardi, Roseli Dutra, Laura Alonso, Stephanie Day, Tineke Noppers, Barbara Santos, Suely Torres, Jorge Ovalle, Alejandra García, Maele , Rafael Leal, Aloisio Vaz, Ras Aauto.

À Jacyan Castilho e Eleonora Fabião pelas cartas de recomendação.

As professoras da Freie Universität Berlin Susanne Zepp e Susanne Klengel.

Ao Iuri Salustiano pela acolhida no seminário em Malmö, Suécia.

Aos escritores e pesquisadores Andreas Valentim e Rafael Cardoso pela entrevista e pelas conversas.

À Maria Helleib pela tradução do diário de Herta.

Às trocas pandêmicas com os meus colegas do doutorado da 1ª turma de doutorado do Programa de Pós-graduação em Artes da Cena: Dieymes Pechincha, Flávia Breton, Gabriel Moraes, Ricardo Cabral, Sidnei Cruz, Alice Rende, Andreza Jorge, Anilia Francisca, Antônio Gonzaga, Dyonne Boy, Hanna Rodrigues e Pedro Freitas.

Ao NEP: Núcleo Experimental em Performance, pela abertura de espaços e pela experimentação de caminhos possíveis.

À Gabriela Lírio e ao Thiago Florencio pela banca de qualificação.

À Guerda Grünbaum (em memória)

Para vó Herta (em memória). Aqui, vó de todos.

MARYNOWER, Ian Calvet. **Escutar Matérias: das sutilezas das pedras ao peso dos tempos.**
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Schneider Alcure. Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Mariana Maia
Simoni. Rio de Janeiro, 2024. Tese (Doutorado em Artes da Cena) – Escola de Comunicação,
Universidade Federal do Rio de Janeiro.

RESUMO

A presente pesquisa é baseada nos documentos e fotos deixados pela família judaica alemã Grünbaum – meus antepassados que fugiram de Berlim para o Brasil em 1934, pouco antes da eclosão da 2ª Guerra Mundial. A tese é uma narrativa literária que entrelaça o estudo das matérias do arquivo de família com as investigações sobre o contexto histórico em que elas foram produzidas, assim como as minhas experiências como pesquisador durante o estágio doutoral em Berlim (CAPES-PDSE). Também busco estabelecer considerações sobre os aspectos sintomáticos do contexto da ascensão do Nacional-Socialismo, suas relações com a contemporaneidade e a condição migrante da família Grünbaum.

Palavras-chaves: Fascismo – Política – História – Memória – Literatura

MARYNOWER, Ian Calvet. **Listening to Matter: from the subtleties of stones to the weight of time.** Advisor: Prof. Dr. Adriana Schneider Alcure. Co-advisor: Prof. Dr. Mariana Maia Simoni. Rio de Janeiro, 2024. Thesis (Doctorate in Art of Scene) – School of Communication, Federal University of Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This research is based on documents and photographs left by the German-Jewish Grünbaum family—my ancestors who fled Berlin to Brazil in 1934, shortly before the outbreak of World War II. The thesis presents a literary narrative that interweaves an analysis of the family archive with investigations into the historical context in which these materials were produced, as well as my experiences as a researcher during a doctoral internship in Berlin (CAPES-PDSE). Additionally, I seek to offer reflections on the symptomatic aspects of the rise of National Socialism, its relevance to contemporary times, and the migrant condition of the Grünbaum family.

Keywords: Fascism – Politics – History – Memory – Literature

Sumário

INTRODUÇÃO – AOS LEITORES	p.13
PRÓLOGO – ABRINDO BAÚS	p.23
CAPÍTULO 1 – TEMPOS ANTIGOS	
1.1 – Infância.....	p.32
1.2 – Viagem à Szczytno.....	p.45
1.3 – O <i>Front</i>	p.53
1.4 – Uma Revolução.....	p.62
CAPÍTULO 2 – VIDA EM BERLIM	
2.1 – Cinema.....	p.80
2.2 – A Casa.....	p.88
2.3 – A Mulher Barbada.....	p.98
2.4 – Infância em Berlim.....	p.105
2.5 – Último voto.....	p.114
CAPÍTULO 3 – O TRABALHO	
3.1 – Uma Longa Conversa.....	p.122
3.2 – Grünbaum C.O.....	p.133
3.3 – Portas Fechadas.....	p.144
3.4 – A Morte de Sokolowski.....	p.151
CAPÍTULO 4 – A TRAVESSIA	
4.1 – Partida.....	p.162
4.2 – Chegada.....	p.187
ENCERRAMENTO – A CONVERSA QUE NÃO ACONTECEU.....	p.200
BIBLIOGRAFIA.....	p.208

ANEXO 1 – Transcrição e tradução integral do diário de Herta Grünbaum.....p.219

ANEXO 2 – Transcrição na íntegra da entrevista realizada com Andreas Valentim.....p.222

INTRODUÇÃO – AOS LEITORES

As páginas a seguir resultam de uma pesquisa realizada entre os anos de 2020 e 2024, durante o meu doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estágio doutoral em Berlim, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculado ao Lateinamerika-Institut (Instituto de Estudos Latino-Americanos) da Freie Universität-Berlin (Universidade Livre de Berlim), Alemanha. Como ponto de partida estão os objetos de família relativos ao passado de minha falecida avó, Herta Ilse Grünbau (1923-2020) - judia, alemã natural de Berlim, que fugiu aos 10 anos de seu país natal durante a ascensão do Nacional-Socialismo, em março de 1934, com destino ao Rio de Janeiro. Herta foi filha do comerciante alemão Hugo Grünbaum (1880-1973) e da dona de casa polonesa Gertrud Grünbaum Sokolowisk (1891-1946). Os seus avós paternos foram Hermann Grünbaum (datas de nascimento e morte desconhecidas) e Bertha Grünbaum (1847-1940). O avô materno de Herta foi Michaelis Sokolowisk (1853-1938), e a respeito de sua avó materna não consegui informações.

Parte dos objetos da família Grünbaum foi encontrada por mim dentro de um baú na casa de minha avó em Ipanema, bairro da cidade do Rio de Janeiro, dias depois de seu falecimento, em 2020. Outra parte foi encontrada nas residências de outros membros de minha família. Depois de encontrar os objetos, passei a compreendê-los como o arquivo da família Grünbaum¹: o diário de Herta, escrito durante a sua fuga para o Brasil, que narra integralmente a sua jornada; sua certidão de nascimento; boletins escolares; documentos de imigração; fotos de membros de sua família e de pessoas que não foram identificadas; foto de Herta quando era criança numa praça em Friedrichshain, bairro da cidade de Berlim; um pedaço de madeira, entre outros.

A partir do meu encontro com esses objetos, produzi ao longo do doutorado uma escrita literária que envolve: o trabalho de pesquisa e contextualização histórica das matérias do arquivo familiar, as narrativas de minhas experiências como artista-pesquisador vivendo na cidade de Berlim – cidade natal de Herta – e os procedimentos artísticos para desenvolver uma escrita que busca atualizar e inserir as matérias do passado na contemporaneidade. Deste modo, elaboro aqui um texto literário tramado entre três tempos:

¹ Na minha família, o sobrenome Grünbaum não foi passado adiante. Assim, fui registrado com o sobrenome de meu avô paterno, Marynower, e não com o da minha avó.

1. O período histórico em que os objetos foram produzidos, entre 1900 e 1934, correspondente respectivamente ao final do II Reich Alemão (1871-1918), à I Guerra Mundial (1914-1918), à Revolução Alemã (1918-1919), à República de Weimar (1919-1933) e aos primeiros anos de Hitler no poder (1933-1934).
2. O período em que morei em Berlim, entre 2022 e 2023, experienciando modos para me aproximar dos tantos passados familiares.
3. O tempo da própria escrita, quando, diante da tela do computador, enfrentei os desafios para tornar texto aquilo que foi estudado e vivido.

Os três tempos estão tramados, ou seja, aparecem de formas intercaladas, cujas escritas se encontram ora de um parágrafo para outro, ora em uma mesma frase.

Compreendo a escrita literária como o resultado de um processo de criação que, embora seja uma produção de minha autoria, escapa dos meus domínios e se refaz a partir daquilo que está para além de mim: a materialidade dos objetos familiares, os fatos históricos pesquisados e as imprevisibilidades das experiências vividas. A sua vontade de querer “dar conta” de uma história coesa e em progresso coexiste com a subversão que as matérias, as pessoas e as experiências provocam na suposta autoria do autor. Assim, a escrita literária é construída através de seus desvios, deslocamentos e alteridades.

O processo desta pesquisa começou no dia em que Herta faleceu, em 26 de julho de 2020. Para cada fim, um novo início; da morte de minha avó surgiu o desejo de remontar as narrativas de suas memórias. Sem dúvida, a incongruência desse desejo é latente: é no ato da perda da fonte viva da memória, é na impossibilidade de conversar com a minha avó, que decido reconstituir as suas narrativas não ditas, ou ditas, mas perdidas entre os tantos assuntos das conversas informais. Fato é que Herta não tinha o hábito de contar as histórias do passado, sua cabeça estava sempre voltada para os pequenos problemas do cotidiano: compras de supermercado, contas a pagar, idas ao banco, críticas aos aparelhos eletrônicos, debates acalorados dos últimos acontecimentos das novelas, lamentações sobre as notícias diárias da realidade brasileira. Outro fato é que, a partir de 2018 – o fatídico ano da eleição do ex-presidente de extrema direita no Brasil –, Herta passou a narrar com mais frequência suas histórias da época em que morava em Berlim, durante o período de ascensão do nazismo.

Contudo, no final de 2019, o peso da velhice retirou de Herta aquilo que lhe era mais precioso: as suas histórias. Minha avó não teve problemas físicos, mas por questões neurológicas se calou, não falava mais nada, apenas silenciava. Foi assim, sem palavras, que ela se foi, em julho de 2020. E foi assim que, no mesmo mês, o recorte desta pesquisa nasceu.

É curioso notar que quando escrevi o projeto de pesquisa para ser avaliado no processo de seleção de discentes do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ, em janeiro de 2020, eu não citei Herta, nem o arquivo da família Grünbaum. No desejo de falar sobre as relações entre a performance e o fascismo, minha intenção na época era pesquisar sobre os efeitos nocivos de um governo de extrema direita no Brasil. Porém, na escrita do pré-projeto², me faltou escuta e conexão com a memória e a trajetória de minha própria família, me faltou compreender a preciosidade daquilo que orbitava minha esfera íntima. Eu havia me esquecido de lembrar, ou fui descuidado com a lembrança, ou a própria lembrança que, simplesmente, não queria ser lembrada e tentou passar incólume por mim. Contudo, foi a morte da minha avó que deflagrou a urgência da pesquisa. Na radicalidade de uma ausência, irrompeu a necessidade de evocar as presenças das memórias familiares. Sem o corpo e a voz de Herta, que testemunhou com os olhos vivos as violências do passado, me restou então explorar o que permaneceu no tempo: as histórias contadas por minha avó e que ficaram guardadas na memória, os objetos da família, os vestígios, pistas, fragmentos, etc. Me restou decifrar as narrativas de um passado e recriar as suas histórias.

Anos antes de dar contornos a este projeto, antes mesmo de assimilar isso como uma pesquisa, ocorreu uma situação que hoje considero a ancoragem de todo o trabalho. Um início antes do próprio início, um prelúdio daquilo que estava por vir. No ano de 2018, levei Herta para votar nas eleições para presidente da república do Brasil. Um voto combativo contra o extremista de direita que, por um retrocesso histórico, se instalou no poder até o ano de 2022. Estar com a minha avó nas eleições instaurou um acontecimento cujas reais dimensões só compreendi anos mais tarde, após a sua morte. A questão é que, quando criança, Herta esteve frente a frente com Hitler, num desfile pelas ruas de Berlim³. A dura lembrança de um encontro com um ditador atravessada pela iminente eleição de um candidato de extrema-direita, oitenta e sete anos depois, foi o gatilho que despertou em minha avó extrema inquietude, um desejo urgente preenchido de vitalidade e medo. Eu, como testemunha daquele corpo ancião a caminho da urna eletrônica, percebo hoje que ali havia tocado a história. Um toque mesmo, como se a

² Ao longo da trajetória desta pesquisa, utilizei dois títulos diferentes para nomear o trabalho: o primeiro, no pré-projeto, "A Performance em Tempos Rígidos: ações performativas na cidade do Rio de Janeiro, as aberturas de caminhos fluidos e a possibilidade de tecer modos de cura." O segundo, "Memória, Arquivo e Testemunho: as narrativas da família judaica alemã Grünbaum na ascensão do Nacional-Socialismo", que foi utilizado nos processos de seleção da bolsa de doutorado sanduíche e na qualificação. Hoje, um mês antes da defesa da tese, chego ao título final: "Escutar Matérias: das sutilezas das pedras ao peso dos tempos."

³ O encontro da menina com Hitler será desenvolvido em seus detalhes no capítulo 2, parte 4: Infância em Berlim.

própria história, um conceito presumidamente abstrato vinculado aos estudos dos fatos progressos, fosse concreta e presente. Essa matéria-história pulsava no corpo de minha avó: no seu andar célere, nas expressões de preocupação da sua face, no ritmo acelerado de seu coração, no modo forte de como a sua mão pegava na minha durante a nossa caminhada até a urna eleitoral – vitalidade e medo.

Esse fato, narrado em detalhes na parte 5 do capítulo 2, me fez compreender um pouco sobre as voltas que a história faz. Os lugares, os anos e os personagens se transformam, mas as tônicas do passado se repetem. Diante disso, percebi que ela não avança de modo linear, nem progressivo. Não pode ser compreendida somente a partir de uma linha do tempo, que atribui uma lógica de causa e consequência aos acontecimentos. O conceito de história em Walter Benjamin me apontou algo fundamental: a história como uma articulação do tempo passado que se funda na apropriação de suas “remanências” (BENJAMIN, 2007, p. 239), através de um ato efetuado no momento presente. Nesse sentido, a lida com a história pode ser um “trabalho de arqueologia”, em que as memórias do passado estão soterradas e faz-se necessário escavar: “não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo”. (BENJAMIN, 2007, p. 239).

Estar junto com Herta no dia da eleição e, anos depois, abrir o baú de sua casa com os objetos do passado, foram ensejos para dar início a um processo de escavação de um solo fértil. Ao longo dos anos, percebi que o meu trabalho de escritor e pesquisador era dar sentido a matérias e lembranças familiares, tecendo uma teia de narrativas que as suporte. Se, por um lado, o tema do nazismo é amplamente destacado em narrativas consagradas, reiteradas em inúmeros filmes e livros, por outro, optei por dar enfoque aos detalhes, às nuances, às miudezas desse solo. Assim, fui reduzindo a minha escala de observação na busca de construir “micro-histórias” (GINZBURG, 1989). Como uma lente de aumento, meu desejo de narrar foi pautado pela ideia de Ginzburg, quando fala que na micro-história devemos transformar “uma simples nota de rodapé numa hipotética monografia” (GINZBURG, 2007, p. 265)

E assim, fui observando e criando a minha coleção de miudezas: o suor no buço do soldado da infantaria do exército alemão em 1900, o menino que carrega um pedaço de *pretzel*⁴ duro no vergonhoso final da Primeira Guerra Mundial, o cigarro na boca de uma mulher barbada na decadente Berlim dos anos de 1920, a expressão serena das gárgulas no centro da cidade de Berlim etc. O estudo da historiografia caminhou lado a lado com a recriação dos

⁴ O pretzel é um pão amplamente apreciado pelas populações de língua alemã. Geralmente assado em formato de nó, ele pode ser crocante e seco, e existe em versões doces ou salgadas.

passados, as evidências históricas foram articuladas com a invenção de narrativas. Compreendi que assim estava produzindo história, ou melhor, estava ampliando os debates sobre a história. Porque não se trata de uma cisão científicista entre o real e o ficcional, ou uma metodologia encerrada na dicotomia entre o trabalho de pesquisa sobre fatos pregressos e a criação artística. Estando eu sobre o solo das histórias dos Grünbaum, onde muitas das evidências do passado quase somem devido à ausência de pistas, percebi que a criação é justamente o caminho possível para investigar e elaborar os fatos. Nesse sentido, costuro as evidências com a invenção de passados, atualizo as matérias da história no/de tempo presente, fomento aproximações e encontros daquilo que, sem a minha ação, não se aproximariam ou se encontrariam.

Fato é que as narrativas da história estão abertas, em constante reformulação, elas circulam nas esferas do debate público, são produções políticas, estão em disputa. A história constrói realidades, ressignifica a nossa compreensão do presente e produz os indicadores para o futuro. Ter as narrativas da história como matéria-prima é também desenvolver uma ética de trabalho, isto é, descortinar o mito da imparcialidade do pesquisador e se posicionar diante daquilo que não só é produzido, mas também atravessa a própria produção. Eu, um artista, pesquisador, PcD, latino-americano, descendente de alemães e poloneses, pesquisando sobre fascismo no período em que suas dinâmicas jorram podres dos porões esquecidos do solo chamado Brasil, logo após a maior pandemia de nosso tempo, após a morte evitável de milhares de brasileiros por COVID-19, e um longo etc.

Nesse contexto repleto de atravessamentos, o trajeto da criação teve como ética de trabalho tornar de interesse público matérias de um arquivo privado, fomentando debates e reflexões sobre aquilo que entendi como um tema urgente: o ressurgimento das forças fascistas e protofascistas no horizonte brasileiro. Ao longo do trabalho, constatei que essas forças não aparecem apenas dentro das estruturas do Estado, mas também, se verificam nas esferas da micropolítica, nas relações do cotidiano e nos traços subjetivos da psique humana⁵. Percebi também que, na tarefa de tornar pertinente as narrativas de um tempo passado e de uma terra estrangeira, acabei produzindo interessantes relações de distanciamento entre o texto e o leitor brasileiro. Ver Brasis na Alemanha e vice-versa, ver o século passado no nosso século e vice-versa, falar de algo que não é Brasil, mas que bem poderia ser e que, de alguma forma, talvez seja. A leitura do texto é tensionada pelo processo de desidentificação e identificação, caracterizando assim o conceito brechtiano de distanciamento/estranhamento

⁵ Sobre o fascismo que orbita nas ações de um indivíduo e nas complexidades da psique humana, o psiquiatra Wilhelm Reich aborda de modo exemplar em “Escute, Zé-ninguém!” (2001) e “Psicologia e massa do fascismo” (2015).

(*Verfremdungseffekt*). O pensamento crítico é produzido quando o leitor ou espectador consegue afastar-se de sua realidade – se desidentificar. Ao mesmo tempo, para que o efeito do distanciamento se verifique efetivo, é necessário oferecer elementos de identificação. Através de associações entre o estranho distante e o comum familiar, o leitor ou espectador tece sua própria teia de sentido. É nesse ponto que o dissenso, os debates e os pensamentos críticos se afluam.

Em setembro de 2022, fui para Berlim – permanecendo lá por um ano. Morei no icônico bairro de Kreuzberg, conhecido por ser o berço do movimento punk e anarquista dos anos de 1980-1990⁶. Durante todo o ano, meu cotidiano de trabalho se dividia em duas partes. A primeira era composta por longas caminhadas ou bicicletadas pelas ruas de Berlim. Inspirado pelo conceito Benjaminiano de *flâneur*, uma espécie de andarilho urbano, eu percorria a cidade sem rumo, insuflado pela possibilidade dos encontros com o inusitado: com as peculiaridades dos pedestres, com as singularidades das diferentes construções, com os aromas e sabores peculiares etc. Enquanto experimentava diversas trajetórias pela cidade, registrava os percursos através de fotos ou de uma escrita num bloco de notas. Quanto mais eu flanava pela cidade, mais eu criava uma relação de intimidade com ela, assim, fui elegendo as minhas preferências: as ruas e pontes pelas quais eu fazia questão de passar, os bares e os postos de conveniência (chamados de *Späti* na Alemanha) onde eu mais gostava de beber uma cerveja ou comprar um chiclete, os parques mais agradáveis... Isso me permitiu começar a enxergar Berlim por dentro: suficientemente desencantado com as primeiras impressões turísticas dessa metrópole, mas deslumbrado o bastante com o cotidiano de um morador da cidade – um enamoramento com o estilo de vida berlinense.

Ainda sobre as caminhadas/bicicletadas na cidade, após alguns meses eu passei a portar na mochila as matérias do arquivo dos Grünbaum. Conforme fui descobrindo os espaços frequentados pela minha família (os lugares da casa, da escola, do trabalho), eu manuseava os objetos, analisava eles em loco, construía composições entre o espaço e as matérias de família – ou, me apropriando do termo do artista, historiador e pesquisador Thiago Florencio, fazia “despachos” com os objetos (FLORENCIO, 2018). No entanto, ao invés de deixá-los nas ruas, como Florencio faz, eu os guardava comigo após a ação. Minha busca era por fomentar diálogos entre mim, a cidade e as matérias do arquivo. Esse ato não possuía uma intenção performativa, isto é, se aos olhos de um pedestre a minha ação poderia ser assimilada como pertencente ao

⁶ Mais informações sobre o bairro de Kreuzberg in: [As longas noites de Kreuzberg – DW – 24/06/2006](https://www.dw.com/pt-br/berlim-noite-de-kreuzberg-24-06-2006) (visualizado em 06/09/2024)

campo da cena, e a interpretação de terceiros foge ao meu controle, meu objetivo ali não era estabelecer relações com a ideia de cena. Nas ruas, meu compromisso era exclusivamente com a intimidade que se consolidava entre mim, o espaço e as coisas. Experienciar o acontecimento para que uma escrita surja junto e/ou a posteriori e, aí sim, a produção de um texto que intente a recepção de um público – no caso, um leitor. Portanto, dos deslocamentos de *flâneur* pela cidade às ações com as matérias do arquivo no espaço urbano, a busca era a de um escritor que tentava imaginar e enxergar os passados no presente de suas andanças.

A segunda parte de meu cotidiano de trabalho foram as pesquisas em diversos arquivos e bibliotecas. Em Berlim, pesquisei na Zentral - und Landesbibliothek Berlin (ZLB) (Biblioteca Central e Estadual de Berlim), Berliner Stadtbibliothek (Biblioteca Municipal de Berlim), Staatsbibliothek zu Berlin - Preußischer Kulturbesitz (Biblioteca Estatal de Berlim - Patrimônio Cultural Prussiano), Ibero-Amerikanisches Institut (IAI) (Biblioteca do Instituto Ibero-Americano), Haus der Wannsee-Konferenz (Casa da Conferência de Wannsee), Bibliothek des Friedrich-Meinecke-Instituts (Biblioteca do Instituto Friedrich Meinecke na Universidade Livre de Berlim). Também realizei pesquisa em outras cidades da Alemanha: em Hamburgo, na Staatsarchiv der Freien und Hansestadt Hamburg (Arquivos Estaduais da Cidade Livre e Hanseática de Hamburgo); e em Munique, na NS-Dokumentationszentrum (Centro de Documentação de Munique para a História do Nacional-Socialismo).

A pesquisa nesses arquivos e a gradativa descoberta dos documentos relativos ao histórico da família Grünbaum me levaram a efetuar alguns trajetos pela Europa. O primeiro foi a minha visita à cidade de Hamburgo em março de 2023, ao porto onde a família embarcou para o Brasil no dia 5 de março de 1934 – relato a experiência dessa visita no capítulo 4 da tese. O segundo foi a minha ida à Polônia, em maio de 2023, na pequena cidade de Szczytno, onde nasceu Hugo Grünbaum, meu bisavô e pai de Herta. A terceira viagem foi para Munique, e o intuito da minha ida foi pesquisar mais a respeito da ascensão do nacional-socialismo numa cidade em que, ao contrário de Berlim, que fora totalmente destruída ao longo do século XX, sua arquitetura e monumentos oriundos do período anterior ao da Segunda Guerra Mundial permanecem de pé. Destaco ainda as minhas visitas aos campos de concentração de Dachau, na cidade de mesmo nome, próximo de Munique, e o de Sachsenhausen, localizado em Oranienburg, próximo de Berlim.

Essa tese é uma narrativa literária dividida em quatro capítulos. Os protagonistas dessa trama são: meu bisavô Hugo, minha bisavó Gertrudes, minha avó Herta, meu tataravô Michaelis (Micha) e eu, interlocutor entre o passado e o presente.

No primeiro capítulo, “Tempos Antigos”, centro minhas investigações no documento mais antigo do arquivo da família: a caderneta militar de Hugo, datada do ano de 1900. Começo abordando a juventude de Hugo como soldado da infantaria de Ortelsburg – cidade localizada na Prússia Oriental, antigo território alemão onde hoje é o norte da Polônia. Em seguida, conto a história da minha ida a Szczytno, cidade natal de Hugo, acompanhado pela minha tia e filha de Herta, Viviane Marynower. Ainda percorrendo a trajetória de Hugo, abordo sobre sua experiência como soldado na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e um hipotético encontro de meu bisavô com o autor Walter Benjamin, nas tendas de um hospital de campanha perto do *front* de batalha. Para finalizar, falo sobre a relação de Hugo com a Revolução Alemã (1918-1919), e assim, exponho as contradições desse período efervescente no país.

No segundo capítulo, “Vida em Berlim”, coloco em foco a atmosfera decadente da cidade de Berlim no período pós Primeira Guerra Mundial. Gertrudes e Hugo já estão casados, vivendo numa casa no bairro de Friedrichshain. No capítulo, narro os caminhos que percorri para encontrar o local exato da casa da família e da escola de Herta. Em seguida, elaboro a cena em que a criança, minha avó Herta, viu Hitler, numa praça próxima a sua casa. Como um personagem importante desse trecho, Walter Benjamin está sentado num banco e observa atentamente o nascimento de uma atmosfera trevosa nos ares de Berlim. Por fim, escrevo um relato sobre o dia em que fui votar com a minha avó nas eleições para presidente da república do Brasil, no ano de 2018.

No terceiro capítulo, “O Trabalho”, falo sobre o comércio que a família Grünbaum teve entre os anos de 1925 e 1934. Desenvolvo a cena em que Hugo e Michaelis, seu sogro, conversam sobre a possibilidade de abrir um novo negócio – uma loja de tecidos na região central de Berlim. Em seguida, relato sobre os caminhos que percorri na busca por encontrar o local exato da loja, além do trajeto que fiz no intuito de me conectar com o cotidiano familiar, isto é, o caminho entre a casa e o trabalho. Com a ascensão de Hitler ao poder e a recrudescência do regime nazista, com suas ações antissemitas, abordo a difícil decisão de Hugo e Micha de fechar a loja. Na parte final, falo sobre o triste fim de Micha. Ele se recusou a fugir para o Brasil, permanecendo trancafiado no quarto de uma pensão em Berlim até a sua morte, em 1938.

No capítulo final, “A Travessia”, me dedico às análises do diário escrito por Herta aos dez anos e que narra a sua fuga para o Brasil. Escrevo sobre a difícil despedida entre a menina e a sua casa em Berlim e o embarque da família no navio Almirante Alexandrino, no porto de Hamburgo. Também abordo minha experiência de caminhar pela região portuária dessa cidade.

Esta ação foi a minha busca por me despedir, em 2023, da minha própria família, em 1934. Prosseguindo com a narrativa, descrevo a chegada da família europeia ao Brasil de forma a inverter a perspectiva, isto é, não mais através do olhar da família europeia, mas sim, na visão de dois estivadores do porto de Recife, Severino e Geraldino. Por fim, narro a chegada dos Grünbaum ao Rio de Janeiro e a sua recepção feita pelo tio e pela prima de Herta.

Durante o processo da pesquisa, fui percebendo que a maior parte dos documentos do arquivo dos Grünbaum, e de outros acessados, estavam vinculados a figuras masculinas. Os nomes femininos sequer constavam nos documentos e, quando apareciam, sempre estavam juntos com nomes masculinos. Consequentemente, eu tenho muito mais material sobre a trajetória de meu bisavô Hugo do que a de minha bisavó Gertrudes. Reconheço que, nos tempos atuais, o esforço de muitos pesquisadores por resgatar a memória de personagens femininos da história é de fundamental importância. Trabalhos assim disputam as narrativas historiográficas e fazem desgastar composições que ensinam narrativas naturalizantes, trampolins para o pensamento autoritário. Neste trabalho, optei por fazer essa disputa de outra forma. Apesar de manter o protagonismo de Hugo e dos personagens masculinos que o cercam, busquei exibir uma estrutura autoritária contraditória, isto é, enfatizando as suas falhas, suas hipocrisias, o seu ridículo, as fragilidades dos personagens, um hiperbólico masculino descortinado. Minha intenção é que, entre aquilo que se presume sobre os fatos e a construção das narrativas elaboradas por mim, exista um espaço para o leitor pensar e tirar as suas próprias conclusões. Assim, a disputa de narrativa também se dá na cabeça do leitor, quando lê, pensa, questiona, ri e, sobretudo, estranha. (aqui, retornamos ao conceito de distanciamento de Brecht – *Verfremdungseffekt*)

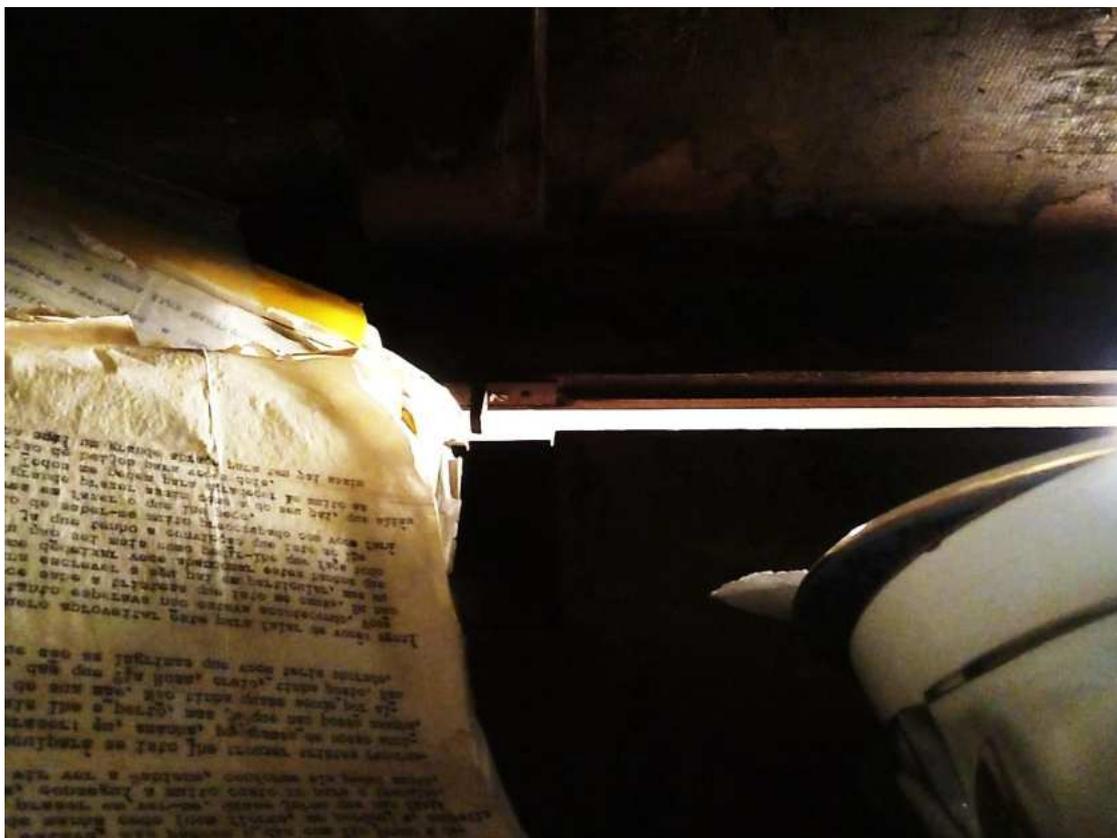
Ao longo da tese, elegi algumas imagens para compor a produção textual. E eu tinha muitas à minha disposição: os registros das experiências dos lugares visitados por mim, fotos dos documentos do arquivo dos Grünbaum, imagens coletadas nos arquivos da Alemanha. Diante da abundância de imagens, decidi ser extremamente criterioso na seleção para incluí-las no trabalho. Isso ocorreu porque eu não queria utilizar as imagens como ilustração para o texto, pois meu intento é que o leitor produza imagens próprias em sua imaginação – sem o apoio de mediadores. Além disso, inspirado pela genialidade de Didi-Huberman em seu livro “Casca”, compreendi que as imagens podem formar composições com o texto, isto é, trabalham em parceria para ampliar o sentido daquilo que está sendo dito. Em detrimento do caráter ilustrativo da imagem – dois significantes produzindo os mesmos significados – essa parceria texto-foto

só pode ser estabelecida quando, da junção de dois elementos surge um outro significado – aquilo que não está nem na imagem, nem no texto, e sim nos espaços de conexão entre ambos.

À exemplo, quando a produção textual de uma situação vai ficando cada vez mais fabulosa, difícil de se acreditar, a imagem do acontecimento ou do documento se revela como uma prova. E do contrário, quando a imagem de um documento acontece numa aparente inteireza, a escrita vai esfacelando essa imagem, ou seja, expõe que o documento não é apenas aquilo que se vê. Essa produção de tensionamentos entre imagem e texto é o que considero como composições. É justamente para evitar redundâncias entre ambas, uma relação ilustrativa, que eu fui seletivo nas minhas escolhas e optei por não colocar legenda nas imagens – salvo em poucas exceções, em que precisei creditar o arquivo-fonte da fotografia.

Aos leitores, desejo que essa escrita faça mover as matérias, revele as sutilezas escondidas nas pedras e atravesse, em idas e vindas, o peso e as texturas dos tempos. Desejo, assim, uma ótima leitura.

PROLOGO: ABRINDO BAÚS



Um tampo de madeira escura e uma pequena fresta onde a luz penetra com maior ou menor intensidade. Aqui dentro, diferentes matérias coabitam desordenadamente o mesmo espaço. Pouco importa o que é cada matéria, suas diferenças são apagadas pela desmesura do tempo em que ali estão e pela eterna penumbra (que tenta ver os detalhes, mas só enxerga as silhuetas). Imagine, décadas inteiras paralisadas nesse mesmo ângulo: a penumbra, o entra e sai de um risco de luz e só.

Daqui, é possível escutar alguns sons abafados vindos do mundo exterior: algumas cantorias em português ou em alemão, extensos monólogos de uma pessoa ao telefone, risos intermináveis, algumas brigas, o barulho ensurdecido do aspirador de pó. Ouve-se, sem nunca ver. Daqui de dentro, o cheiro é do velho: poeira com mofo e um leve aroma de naftalina, que fora colocada aqui há uns dez anos. O tempo é contado por décadas, inútil pensar nos dias, mais inútil ainda são as horas. Nada acontece, nada de novo, não há cotidiano, não existem novidades, não há jornalistas, pois morreriam de tédio. A verdade é que o tempo daqui já passou, é somente passado. É um passado com penumbra, pó e mofo. Um passado que ninguém vê. Um passado sem o seu presente.

Os poucos acontecimentos aqui ocorridos são dignos de nota. Há duas décadas o tampo de madeira se abriu por completo, uma luz forte entrou e, tal como uma lua no céu, surgiu o rosto enorme de uma senhora de óculos de grau e com muitas rugas. De súbito, um volumoso saco plástico foi jogado, redefinindo os contornos do amontoado das matérias. Em seguida, o tampo foi fechado e a penumbra se restabeleceu. Nessa mesma época, outra lua apareceu nesse céu: o rosto risonho de uma criança loira de cabelos cacheados, olhar atento e baba escorrendo pela boca. A baba caiu dentro e molhou algo que não se sabe. Após um grito de “sai daí, Ian!”, o tampo novamente se fechou e tudo voltou ao que era antes.

O terceiro e último acontecimento daqui de dentro ocorreu na década passada. Subitamente, todas essas coisas começaram a se revirar em bruscos solavancos inexplicáveis. Em determinado momento, o estrondo de um impacto nos deu a impressão de que o mundo, tal como é visto daqui, iria acabar. Contudo, após o intervalo de alguns minutos, tudo voltou ao normal: silêncio, imobilidade, cheiro de velho, o tampo de madeira fechado e a fresta de luz. E é isso, as histórias do mundo daqui se acabaram.



O baú da casa de Herta era uma caixa de madeira escura e envernizada com um metro de comprimento e cinquenta centímetros de profundidade. Na lateral inferior direita há a marca

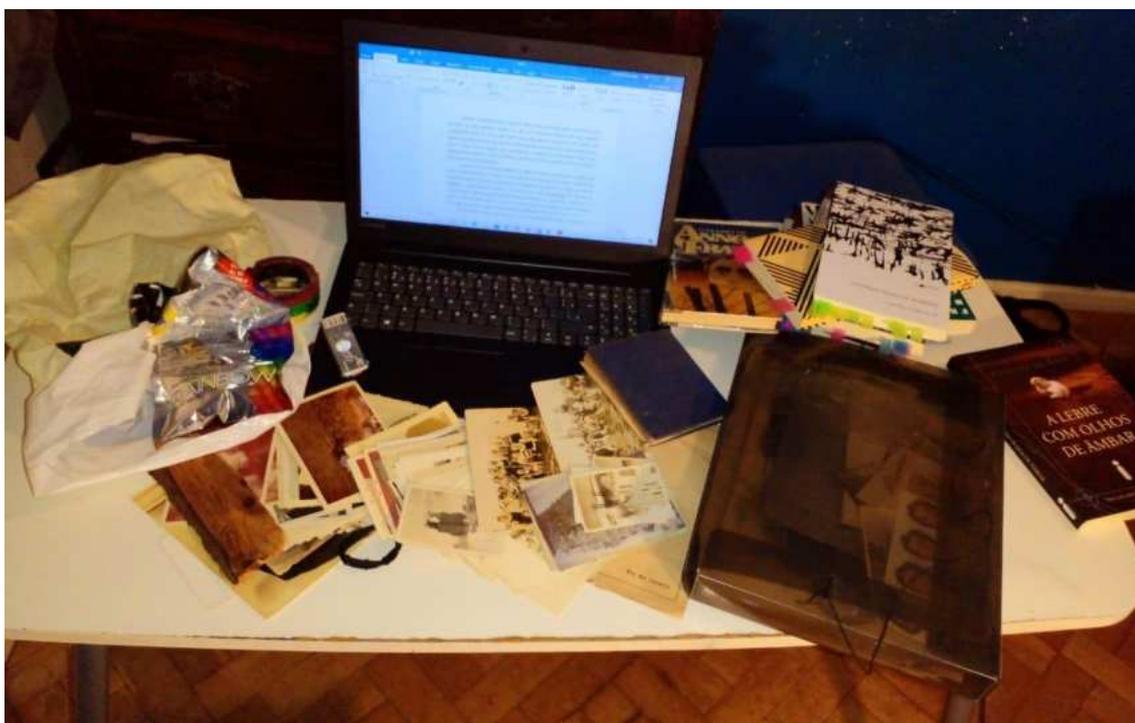
de uma batida, a madeira se desfaz em lascas e, por isso, fica sem verniz, clara e farpada. O acidente foi durante o processo de mudança: Herta morava no prédio 90 da Rua Nascimento Silva, em Ipanema, Rio de Janeiro, e foi para o prédio 70 da mesma rua. Dois homens carregavam o pesado baú ao longo de meio quarteirão sob o sol quente do verão carioca, eles estavam revoltados. Herta, ao invés de esvaziar o baú de modo a deixar o móvel muito mais leve, fez questão de manter as coisas imóveis lá dentro. Subservientes aos desejos mimados dos clientes, que pagam bem, os trabalhadores carregaram aquele imenso caixão com dificuldade. Foi durante o extremo esforço de um trabalhador mais velho que o móvel escorregou de sua suada mão e bateu no chão branco e preto de pedrinhas portuguesas da rua. O acidente feriu tanto a palma da mão do trabalhador, quanto a parte inferior do baú.

De fato, Herta nunca quis arrumar as coisas que estavam dentro do baú. Não sei se por medo ou preguiça, mas é compreensível sua dificuldade por mexer na imobilidade da massa de objetos e nas peculiares lembranças de toda a vida. A verdade é que, para Herta e as pessoas que conviviam em sua casa, o baú não tinha a utilidade de um baú. Ele era apenas uma mesa na sala servindo de suporte para uma pesada televisão cinza de tubo com vinte e nove polegadas. Portanto, o baú estava submetido à televisão – o objeto mais querido da minha avó. Todos os dias, Herta passava longos períodos na frente do baú, mas olhando apenas a TV.

Os baús costumam ser locais pouco frequentados; é lá o reino da desimportância onde se esquece, onde as coisas ficam: os bagulhos, as velharias, as bugigangas, os trecos, as memórias, as histórias, os farrapos da vida, os nós intrincados (e que em muitos casos ainda não foram desfeitos), o cheiro de naftalina ao lado do frasco vazio de um perfume francês do século passado, os documentos vencidos e amarelados, as contas pagas, as contas não pagas, as cartas que não foram entregues, as cartas recebidas, as cartas recebidas e jogadas “fora” (para dentro do baú), fotos, fitas cassetes, vinis, slides, monóculos etc.

Mas também é fato que os baús têm a potência de guardarem o justo oposto, as preciosidades, o que mais importa: os tesouros dos piratas, os pertences valiosos que são depositados em pequenas arcas nos cofres dos bancos, os segredos de Estado que zelam pela autonomia de cada país, os dez dólares que ganhei quando tinha sete anos e o tranquei num baú-cofre bem pequeno, a pequena arca de veludo azul onde Herta guardava seus brincos brancos de pressão, o baú de figurinos da minha primeira escola de teatro que instigava infindáveis criações cênicas. Enfim, os baús guardam muitas coisas e as coisas ali ficam.

Ficariam por mais quanto tempo?



Entrei no doutorado em agosto de 2020, e desde então, convivo cotidianamente com os objetos do baú de minha avó. Agora, eles estão dispostos sobre a escrivaninha branca do meu quarto e rodeiam o meu computador (o dispositivo que utilizo para a escrita desse trabalho). Em meio aos objetos também é possível ver uma embalagem de tabaco, um pacote de seda para enrolar o tabaco, um cinzeiro e alguns livros, referências bibliográficas da pesquisa.

É com muita calma e extrema atenção que eu observo as matérias dispostas sobre a mesa e, sobretudo, os objetos de minha avó. Para eles, eu pergunto: se eu os observo, vocês também me observariam? Se sim, o que pensariam de mim? Qual dialeto eu precisaria aprender, ou desenvolver, para melhor conversar com vocês? E se eu conseguir de fato escutá-los, será que vocês clamariam para retornar, urgentemente, ao baú de onde vieram? Ou ao contrário, falariam: “me apresente o mundo, Ian!”? Eu sou responsável por vocês? Se sim, como cuidar de vocês? Eu precisaria ter cuidado?

Há um quê de inconsequência ao deixar objetos antigos e delicados expostos ao meu toque, afinal, eles estão se desfazendo. Seria prudente entregá-los a um profissional de acervos capacitado para oferecer o melhor ambiente e assim, mantê-los preservados. Também poderia entregar os objetos para algum museu sobre as memórias judaicas – que estão espalhados por

todos os cantos do mundo. Com luvas, os profissionais colocariam cada objeto dentro de sua respectiva vitrine. Ao lado da cúpula de vidro, uma pequena placa de letras miúdas com a descrição objetiva do tipo de material de que é feito o objeto, o ano e local de origem e um texto curto que o inseriria dentro da História. Mas essa História, com maiúscula, está pronta e já foi contada reiteradamente; é a História que preserva a “imagem ‘eterna’ do passado” (BENJAMIN, 1994, p. 231). Apesar de alguns museus, com métodos inovadores em suas exposições, questionarem essa “História”, é incontestável que muitas instituições ainda se valem dela para preservar sua autoridade.

Se entendo que a busca pelas narrativas do passado é uma elaboração realizada no presente, logo, um processo de elaboração e montagem das histórias da minha família; se entendo que o desenvolvimento de uma escrita tem a capacidade de questionar os discursos que resguardam a imponente História, para que preservar intactos os objetos nas vitrines?

As vitrines existem para que você possa ver os objetos, mas elas enquadram coisas, suspendem coisas, tantalizam através da distância (...) as vitrines são uma espécie de caixão: os objetos deveriam estar fora dali e correr risco longe da proteção do exibidor formal, precisavam ser libertados. (DE WALL, 2010, p. 70)

Essa citação é do autor e ceramista Edmund de Wall, ao refletir sobre o ato de dispor a coleção de netsuquês (esculturas japonesas em miniatura) que herdou de sua família atrás de vitrines. Ora, a profissão de Wall tem como fundamento o toque na matéria com o objetivo de transformá-la. O custo de preservar o objeto intacto seria então o de inviabilizar suas relações com os acontecimentos do tempo presente. Seria deixar a matéria inerte, datada no passado. Nesse sentido, a vitrine se torna um baú: ela exhibe a matéria, porém enrijecida em função de sua limitada utilidade. Do contrário, a transformação da matéria não é, necessariamente, uma ação física (mudança na sua forma), mas o trabalho com/através das suas camadas de sentido. Dos natsuquês produzidos no Japão do sec. XVII, Wall elabora uma extensa narrativa que atravessa dois séculos. Seus objetos são os disparadores das histórias e se transformam a todo momento.

É nesse mesmo sentido que penso os objetos da família: através da escrita de suas narrativas, os objetos do baú começam a escapar das camadas de sujeição do próprio arquivo. Da fixidez que os preservam enquanto elementos relativos a um período específico da História mundial e à memória particular de uma família, eu desfilo os supostamente rígidos significados dos objetos. Gradativamente, eles se tornam matérias em criação, ou “coisa” (LEPECKI, 2012), liberadas do seu modo utilitarista de subjetivação: “Que as coisas possam existir fora de regimes

de instrumentalidade, de uso, e de mercantilização total do mundo (incluindo afetos)” (LEPECKI, 2012, p.95). Portanto, creio necessário colocar as mãos, a atenção, a dedicação e a criação nos objetos de Herta: inquietá-los, movê-los, pegá-los: “(...) pegar é um momento de sedução, um encontro entre uma mão e um objeto que é algo elétrico.” (DE WALL, 2010, p. 70). Diante da sedução do toque, surge a escrita que só poderá ser construída colaborativamente: as coisas e eu; o toque, a eletricidade e os movimentos (grandes e miúdos); a escuta, as palavras e a folha; minha avó, eu e o leitor.

Na necessidade de movimentar as matérias e suas camadas de sentido, irrompe em mim um desejo extremamente antagônico a essa ideia: preservar os objetos da “vovó” Herta; não perturbar a sua quietude; resguardar as coisas de forma segura lá no fundo do baú, na penumbra, no silêncio; manter intactos os resquícios que elas, eventualmente, podem guardar (uma digital, um fio de cabelo, um cheiro familiar de perfume). Esse estranho desejo pulsa em fidelidade ao desejo de Herta: não mexer nem tocar, deixar que outras coisas se acumulem dentro do baú, deixar tudo para um futuro distante e que alguém (um neto do neto do neto do neto) consiga, finalmente, agitar essas camadas do passado. Nada é para já.

O desejo continua pulsando firme e coloca em risco a viabilidade de todo o trabalho. Que as coisas da vovó não se transformem tanto com o tempo e que eu, acessando seus objetos vez ou outra, consiga acionar na memória a imagem nítida e exata de Herta. É como um filme clássico hollywoodiano sob o ponto de vista de um cinéfilo apaixonado, em que ousar transformá-lo seria um sacrilégio, e o que resta é tentar produzir a cópia mais fiel e perfeita da película original.

INT.NOITE: sala de um apartamento da Rua Nascimento Silva,
Ipanema, Rio de Janeiro. Ano: 2008

Chão de tacos de madeira escura, paredes bege com alguns quadros pendurados e, nas janelas, três plantas trepadeiras saem de vasos suspensos até quase o chão. No sofá laranja com estampas de flores coloridas está Dona Herta: vestida com uma calça azul marinho de linho, uma camisa de botão azul claro, óculos e brincos de pressão nas orelhas feito com bijuterias brancas. Dona Herta está fumando de pernas cruzadas e sobre o

seu rosto vemos o reflexo da luz de uma enorme televisão de tubo. De súbito, o telefone preto de gancho toca:

DONA HERTA

Alô?! Alô?! Alô?! Alô?!

Herta coloca o seu aparelho de surdez. É Nelson do outro lado da linha, o seu namorado que liga cotidianamente às 8:50 da noite - logo após o fim do Jornal Nacional e antes do início da novela. Impreterivelmente, a ligação dura o tempo do intervalo, pois ambos são noveleiros. O motivo da ligação é para saber como foi o dia, e a conversa termina com uma despedida acelerada decretada pela trilha de abertura da novela na televisão.

É através das matérias dispostas na minha escrivanhinha que eu assisto à cena do filme roteirizado acima. Como uma criança vidrada numa mesma cena de seu desenho animado favorito, eu faço questão de revisitar a película, incansavelmente. Eu quero que ela permaneça imutável. Tal desejo, tal mania de lembrar e tal escrita de roteiro deflagra a inerente presença da saudade. Saudade. Doce saudade, triste saudade, escrita saudade, reter saudade, manter saudade, intocável saudade, não deixar ir saudade, saudade, saudade.

Nessa encruzilhada entre o resguardo e a movência da criação, teço uma antessala para adiar o desembrulho dos objetos, das imagens e das narrativas. Talvez, o fundamental aqui é o trabalho nas gradações: que os objetos do arquivo da família Grünbaum possam ser suficientemente “coisa” para flexibilizar as camadas de sujeição do arquivo (tornando matéria de/em criação); mas também, possam ser suficientemente sujeito-objeto para preservar as camadas de significação da memória, ou seja, o fato de serem evidências do passado. De todo modo, é justamente nesse “lugar entre” que inicio essa história, andando lento pelos perímetros emadeirados de um baú de madeira – um pisar delicado sobre um oceano de história, memória e possibilidades de narrativas. É daqui, da beirinha, que ensaio as melhores condições para o mergulho, me perguntando por onde, como e com qual intensidade entrar. Sem dúvida, entra-se devagar: ainda não, ainda não, ainda não, ainda não. Molho as pontas dos pés, a canela, a cintura, e vai... e vou entrando... lentamente... len-ta-men-te... e....

Ian é um carioca de trinta anos de idade; magro, cabeludo, barbudo, ligeiramente distraído. Ele é o neto de Dona Herta e este pedaço da história ocorre num dia triste em que os mistérios entre o céu e a terra povoavam o ar – muito mais denso do que o usual. O ano é 2020, o mês é agosto e a grande pandemia do coronavírus, assombrosamente, mata pessoas em todos os lugares, sobretudo na terra onde Ian mora. Muita gente morta todo dia agrava a dor de Ian, que tinha acabado de perder a sua avó Herta por causa de sua velhice, quase centenária.

O dia estava cinza e Ian, de máscara de proteção sanitária, abre a porta branca de madeira, adentrando a sala de tacos e paredes beges da casa de sua avó. O sol estava se pondo. O silêncio, o rangido da madeira velha a cada passo dado por ele e o *tic-tac* do relógio (igualmente velho) compunham os únicos sons do ambiente.

Ian permanece um tempo de frente à velha e gigantesca televisão de tubo de Herta. Em um ato insano, ele decide remover a pesada velharia da superfície do baú para, assim, abri-lo. Era evidente que o braço magro do garoto não aguentaria o peso do objeto, que cai no chão de forma extremamente barulhenta. Por sorte, Ian permanece de pé e sem nenhum arranhão, a TV caída também continuava intacta. Suas mãos tocam o tampo de madeira do baú e uma peculiar eletricidade percorre o corpo do rapaz. Após o forte ranger da madeira sendo levantada, enfim, o baú é aberto.

Subitamente, o vento venta uivando lá fora e bate na velha cortina amarelada, que parece levantar voo. A luz do abajur pisca, e Ian – com a cabeça enfiada no Baú – capta alguns mistérios que povoaram os ares naquele momento. Manifestações, presenças, desmatérias, coisas fluidas, volumes de ar, energia fria, energia quente, movimentações, vultos, sombras, luzes. Ofegante, Ian olha para os lados e tenta ver o invisível. Em tom veemente, ele questiona: “– Quem está aí?”. O vento para e o silêncio se esconde atrás do *tic-tac* do relógio de madeira.

Tudo e todos estavam ali. Ali orbitavam no ar todas essas palavras, escritas aqui. Ali e aqui, estavam, estão e estarão muitas vidas: interrompidas, mal vividas, rejeitadas, melancólicas, arrependidas, enervadas, sufocadas, mortas pelo nazismo. Vidas alegres também, mas cuja alegria é pontual, tímida, imperceptível, às vezes interrompida em seu ápice.

Ao mexer nas tantas coisas do baú, eu temo por não saber quais e quantos serão os fantasmas que aqui teremos, eu e você leitor, que lidar. Suspeito que são e serão milhões e que eles carecem de encaminhamentos lúcidos e respeitosos.

Encaminhar fantasmas é não permitir que eles reincidam nos mesmos erros, repetidamente.

Encaminhar fantasmas é um trabalho de limpeza dos imundos porões, que ancoram e atualizam os movimentos retrógrados.

Encaminhar fantasmas é afrontar seus líderes: pervertidos, perversos e grotescos.

Encaminhar fantasmas é deixá-los ir: não a qualquer custo, nem custando pouco.

É deixá-los ir em paz.

CAPÍTULO 1 – TEMPOS ANTIGOS

1.1 Infantaria

Alemanha, 1900. O coro de vozes graves, firmes e viris transborda para além dos muros do quartel da 13ª infantaria de soldados de Ortelsburg – uma pequena cidade localizada na Prússia Oriental, antigo território alemão onde hoje é o norte da Polónia. O hino “Die Wacht am Rhein” (A sentinela junto ao Reno)⁷ inicia com um agudo e pontual estrondo de um prato de metal, que se repete três vezes, enquanto o bando de soldados e oficiais de outras patentes inspiram fundo em coro. Quanto maior é a quantidade de ar inalada para dentro de seus pulmões, mais forte é o brado das primeiras palavras do hino após os três estalos metálicos: Tá! Tá! Tá! “Um chamado de um trovão a soar, como o tilintar das espadas e ao som de ondas a arrebrantar: ao Reno, ao Reno, ao Reno Alemão!”.⁸ O som corre cada vez mais espesso, um corpo forte trotando por todos os espaços adentro.

Para fora dos muros do quartel a parede é pálida, sua tinta está descascada e as infiltrações se espalham de modo que é possível ver algumas vigas de metal enferrujadas se desfazendo. Entre o muro, a estreita calçada de pedra e o chão de terra batida da rua, duas crianças brincam de pega-pega. O volume sonoro do hino vindo de dentro do quartel atribui uma peculiar dramaticidade à brincadeira das crianças:

- Seu polaco, você não me pega!
- Suas pernas magras que não são capazes de fugir de um homem forte como eu. Seu judeu!
- Aqui é o Império Alemão, mané.
- Vou comprar a sua casa e isso aqui vai virar a Grande Polónia!

⁷ A composição do hino foi feita em 1840 por Max Schneckenburger. Segundo a historiadora e professora da Universidade Federal de Pelotas Daniele Gallindo Gonçalves, o hino nasce no contexto de conflitos diplomáticos entre Alemanha e França, conhecido como a “Crise do Reno” (1840). Este evento ocorreu no bojo da busca pela unificação alemã, que só se confirmaria anos mais tarde em 1871. O nome “Crise do Reno” se refere ao rio Reno que é próximo das fronteiras francesas e, por isso, a letra do hino evoca “a noção de vigia popular das fronteiras ameaçadas pelo desejo francês de tomar o Reno como sua propriedade” (GONÇALVES, 2023, p.570). Segundo a autora, as composições deste período tinham forte teor ufanista que “rapidamente caíram no gosto popular, e, ao passarem a ser reproduzidos autonomamente pela população, desempenharam um papel ativo como plataforma de debate público, tornando-se uma voz influente e relevante para aqueles que fomentaram a formação de uma noção de identidade nacional alemã (Vanchena, 2000, p. 24)”. (GONÇALVES, 2023, p.567)

⁸ Tradução retirada de: GONÇALVES, Daniele Galindo. A Sentinela junto ao Reno: imagens da Germânia, do poema de Max Schneckenburger ao monumento de Johannes Schilling. In: Antíteses, Londrina, v.16, n. 32, p.563-592, jul-dez. 2023. Texto original em alemão: “*Es braust ein Ruf wie Donnerhall, Wie Schwertgeklirr und Wogenprall: Zum Rhein, zum Rhein, zum deutschen Rhein!*”.

– Vem então com a sua casca de pão velho, seu raquítico!

– Judeu nem alemão é, idiota!

A essa altura, a provocação entre os dois meninos torna-se infantilmente violenta. O gingado acelerado de seus corpos ensaia uma luta quase séria. As suas mãozinhas fechadas em punho deflagram o desejo pela briga. De dentro do quartel soam clarins angelicais que anunciam, mais uma vez, o refrão do hino: ao Reno, ao Reno, ao Reno Alemão! A intensidade das vozes graves bradadas em conjunto com os agudos dos instrumentos dá a impressão de que algum Deus chegaria na terra, ou que a terra se tornaria uma espécie de Olimpo alemão. O pequeno pé de um dos meninos, com o pisar forte de seu chinelo na terra dura, não aguentou o atrito da intensa corrida de pega-pega. Ele cai no chão, permanece três tempos em silêncio até disparar o brado estridente de um choro, que passa a concorrer com a força do hino. O joelho da criança está cheio de sangue, parece que o machucado foi sério. O outro menino se aproxima lentamente de seu oponente caído e se abaixa de cócoras. O ato estabelece o fim da brincadeira, eles deixam a rivalidade de lado e voltam a ser amigos. Com o joelho ensanguentado, o menino sai correndo e chorando enquanto o outro o segue tentando, inutilmente, acalmá-lo. Assim o faz, chamando-o pelo nome.

Do lado de dentro dos muros descascados há cerca de duzentos homens do exército prussiano. De uniformes azuis e calças brancas, eles estão enfileirados simetricamente: doze fileiras de quinze homens. Todos olham na direção de um palco onde seis oficiais de alta patente estão parados em posição de sentido. Atrás deles está a bandeira do Estado da Prússia⁹: branca, com uma águia negra de asas abertas. Em uma de suas garras, a águia segura uma espada e, na outra, um cedro dourado. Acima está a bandeira do Império Alemão¹⁰ com uma listra preta, branca e outra amarela. Ao lado, é possível ver uma grande imagem emoldurada do imperador Wilhelm II.

À primeira vista, os soldados parecem ser indistinguíveis entre si. Todos estão eretos, com coturnos pretos bem lustrados, pernas juntas em posição de sentido e os braços rígidos estendidos ao longo do corpo. É necessário olhar mais uma vez para perceber as nuances de seus corpos: a disputa miúda que cada soldado trava consigo mesmo para reprimir os

⁹ Entre 1701 e 1870, a Prússia era um reino independente. Com a unificação da Alemanha (1871) a Prússia se tornou um Estado integrante do Império Alemão, o mais influente de todos.

¹⁰ O Império Alemão (*Deutsches Kaiserreich*), ou Segundo Reich (*Zweites Reich*), foi fundado em 1871 e durou até 1918.

movimentos involuntários que o corpo faz quando permanece, por muito tempo, numa mesma posição; a expressão tensa de cada rosto com os seus diversos formatos; alguns pelos de barba que escaparam impunes ao corte minucioso da navalha; a respiração que varia de acordo com o diafragma dos diferentes pulmões.

Olhando meticulosamente uma terceira vez é possível ver que entre os duzentos soldados está Hugo Grünbaum: um menino de vinte anos, estatura baixa se comparada aos padrões do exército, rosto arredondado sem nenhuma barba e olhos castanhos claros. Hugo olha fixo para as bandeiras, ele está embevecido pela atmosfera grandiosa daquele momento único em sua vida. A música, o pé direito alto do salão do exército, os uniformes impecáveis de todos os presentes e a extrema ordem das coisas e dos corpos daquele espaço encham o peito de Hugo. O orgulho é por ser não somente um alemão, mas um militar alemão.

Se por um lado as bandeiras tremulantes do Reino da Prússia e do Império Alemão o hipnotizam, sua mente percorre ágil as memórias de sua curta vida, numa retrospectiva sobre os seus vinte anos de caminhada. Fato é que desde sua escola primária, quando tinha apenas seis anos de idade, Hugo sempre participou dos rituais de saudação à bandeira como o daquele momento. Eram dias em que a escola inteira se reunia no pátio, todos os alunos se posicionavam em fila de acordo com a altura – os pequenos na frente e os grandes atrás. O peito estufado, o sorriso aberto e a boca banguela tentando esboçar as letras do hino. Era evidente que os mais velhos cantavam muito melhor do que os pequenos, estes ainda tropeçavam no excesso de letras das palavras em alemão.

Para o jovem soldado Hugo, saudar a bandeira é um modo de exaltar a importância de ser um cidadão alemão, um soldado valoroso, um fiel guardião da pátria, um defensor armado da germanidade. O problema é que, na medida em que Hugo busca com toda a força legitimarse dentro dos moldes de um “verdadeiro” alemão, sua hereditariedade judaica irrompe como um intruso indesejado. Para os seus veteranos e os oficiais da infantaria de soldados de Ortelsburg, a figura de Hugo está vinculada à sua etnia. A palavra “judeu” se torna um adjetivo qualificativo: Hugo, o judeu; Hugo, o soldado judeu.

Essa titulação é consequência de um processo histórico em que o antissemitismo sempre esteve presente ao longo da trajetória de consolidação do povo judeu nos territórios europeus. Ele orbitou suas mais variadas gradações: desde os seus modos mais sutis, como piadas depreciativas dentro dos ambientes sociais, até o paroxismo das gigantescas matanças, como foi o holocausto ocorrido com a ascensão do nazismo. No contexto do soldado Hugo, o

antisemitismo era um fardo que o aprisionava numa posição depreciativa. Pouco importava as qualidades de um indivíduo e as suas ações no tempo presente, o jovem Hugo era capturado pelo corpo espesso e secular do passado, pela tônica histórica de perseguição e depreciação dos judeus. Nesse sentido, o tempo do presente é povoado e definido por um excessivo e imperativo passado.

Não está sendo fácil escrever. A cinza do tabaco já não mira mais o cinzeiro, o pó está por todos os lados. O café esfria numa xícara de vidro. A luz esbranquiçada da tela do computador afronta meus olhos que quase não piscam. Após atravessar uma zona de exaustão – no insistente trabalho de buscar as palavras, as frases e os seus sentidos – chego num ponto neural. Aqui, o cansaço desiste de descansar e os pensamentos rodam num frenético turbilhão. O meu corpo vibra preso à cadeira, meus olhos desfocam dentro do confinamento da tela brilhosa e as palavras proliferam sem ancoragem: estou fixo na fixura da escrita. Daqui eu não escapo: não avanço, não recuo, e o pior, não desisto de insistir. Giro no mesmo lugar com os olhos travados e os dentes trancados.

É difícil quantificar o tempo durante o qual estou tateando os objetos do arquivo da minha família, assim como é impossível contabilizar quantas vezes a fixura da escrita frustrou meu desejo de fazer fluir este texto. Se, por um lado, os anos do doutorado estão passando rápido demais, e isso me faz vislumbrar e aceitar uma linha de corte para a entrega desse trabalho, por outro lado, permaneço imerso nas desmesuras dos tempos em que as matérias familiares aqui reverberam. Outros tempos, tempos longínquos, décadas, séculos. Essa imensidão assusta, mas também me faz respirar, quietando-me numa ideia de que nada é para já.

Entre fixuras descabeladas do corpo que corre, grita e escreve diante de um abismo após a meia noite e o pragmatismo de um pesquisador, que avança calmo, comedido e com um sorriso no canto da boca, eu vivo com todos os objetos dos Grünbaum em minha escrivaninha. Ora espalhados numa grande bagunça, ora juntos em pilhas organizadas. Cotidianamente, eu toco e sou tocado por essas matérias. Eu fico surpreso porque elas me abraçam numa intimidade atroz, me seduzindo à desorientação. É como se eu estivesse imerso numa densa floresta, em contato com a superfície dos troncos de gigantescas árvores. Árvores centenárias cujo tato na aspereza de suas cascas me permite decifrar algo dos passados da minha família. O toque é intenso e, conforme ele acontece, os troncos vão se alastrando em teias cada vez mais

embrenhadas e os tempos vão se espalhando pelos espaços ao meu redor: embaixo, em cima, no meio, entre, dentro e fora.

Se numa lógica historicista a busca de construir o passado é feita através de uma visada para trás, isso é, o pensamento perseguindo uma solitária linha de tempo até um ponto mais distante, aqui, nessa floresta densa, há o engajamento de meu corpo por completo, ele se contorce e se espreme entre as embrenhadas raízes. Assim, o corpo do historiador encontra o do performer. Isso ficou evidente nas minhas vivências em Berlim, uma densa floresta de memórias e histórias, coletivas e familiares. O trabalho intelectual para as construções de sentido dos tempos se completava, ou melhor, era processado, através dos mais variados modos de experienciar as relações e as formas de deslocamento na cidade. Da minha escrivantina à floresta, da floresta à escrivantina, a floresta uma escrivantina, a escrivantina uma floresta.

Assim como o corpo do performer, o corpo do historiador vai ser incorporado e incorporar, ser atravessado e atravessar inúmeros corpos - existentes e não existentes; vivos e mortos; atuais e virtuais; arquitetônicos e imateriais; presentes, passados e futuros; individuais e coletivos. (FABIÃO, 2012, p.53)

Em meio ao emaranhado de troncos eu esbarro numa terra extremamente dura. Tento cavar para manter minhas mãos em contato com as cascas das árvores, mas não consigo. Impossível continuar tateando-as. Os troncos vão se afinando, tornando-se raízes, se embrenhando uns com os outros até os seus contornos se espremerem numa espécie de fusão com a/deglutição pela terra dura. Me refiro aqui ao solo: matéria densa, cheia de presença, a espessura do globo terrestre, o chão de quem tem pé ou pata, de onde tudo vem, para onde tudo se destina, o vivo e o morto. Daqui eu perco o tato com as raízes e tenho dificuldade de escutar os ecos das matérias da família, a sua sinfonia é substituída por um barulho grave, vibrátil, monocórdico. O som encorpado vem do centro da terra. Daqui eu vejo os nomes próprios se desfazerem, os objetos perderem os seus contornos e a imaginação se desancorar.

Observando através de uma lupa a sutil e quase inexistente emenda entre as raízes das árvores familiares e a terra, eu tento palavrear aquilo que quase perde os seus contornos: o primeiro capítulo, a vida de Hugo no exército alemão em 1900. O último pedaço de história antes da terra. Presencio então as histórias se esconderem e isso ocorre não apenas nas raízes das profundezas do globo terrestre, mas também nos grãos de areia no fundo da imensidão oceânica e nas estrelas, compondo os incontáveis das constelações espaciais.

As medalhas no uniforme do idoso e calvo coronel do exército brilham enquanto ele sobe lentamente a um púlpito. Ao abrir a boca na intenção de iniciar um discurso, as suas primeiras palavras escorregam pela garganta. O velho emite um desafinado grunhido que vai do grave ao agudo num só tempo:

– Meine Herrrrrrreeeeeeennnnnn (SeNhoooRES)

Novamente, o coronel insiste em falar, mas sua voz fraqueja. Um silêncio constrangedor é estabelecido. De repente, vindo do fundo do salão, um homem fardado corre para entregar uma pastilha de garganta ao velho coronel, que abre um sorriso sem graça, ingere a pastilha, bebe um gole d'água, tosse, limpa com força a garganta, respira, e finalmente inicia o discurso:

– Senhores, bem-vindos à nossa gloriosa 13ª infantaria de soldados. De antemão, quero saudar a vida de nosso imperador, vossa majestade, o Kaiser Wilhelm II¹¹. Nossa função primeira é honrá-lo. Assim faremos defendendo com unhas e dentes o nosso Império, a raça e o sangue alemão. Viva a Alemanha, viva o Kaiser!

A busca do coronel por manter-se com uma voz firme, altiva e grave foi vencida pelo seu cansaço de velho. Poucos minutos após o início do seu discurso, esse senhor assume um tom monocórdico em que muitas palavras não são entendidas por causa do volume baixo de sua fala e da sua dicção pouco articulada. Apesar disso, o obediente Hugo assiste com os olhos brilhantes o discurso do coronel. Por quarenta minutos, o menino permanece de pé, incansável, diante daquele cansado militar. Por que desejar servir tão integralmente e cheio de orgulho a um exército que o desqualifica? Para que desejar ser um “autêntico” alemão, se o antissemitismo constitui, historicamente, traços da própria construção da ideia de germanidade? Em outras palavras, para quê pertencer a um povo se a busca pelo pertencimento aprofunda a condição judaica de Hugo que o diferencia do próprio povo?

Para Hugo, tais perguntas sequer existiam. Nascido e educado no interior da Prússia, numa pequena cidade de dez mil habitantes, o menino não refletia muito sobre o histórico de perseguição aos judeus. Na verdade, ele mal se percebia enquanto judeu. Em raros momentos, quando arriscava fazer algum comentário sobre a sua etnia, Hugo considerava o antissemitismo uma questão circunscrita aos trevosos períodos medievais, algo incongruente com os avanços humanitários que o Império Alemão dera nos últimos tempos. De fato, desde a unificação da Alemanha em 1871, a inserção do povo judeu no país fora uma política de Estado assegurando

¹¹ Wilhelm II (1859 -1941), em português Guilherme II, foi o Imperador alemão entre 1889 e 1918.

a eles o direito de serem cidadãos alemães¹². Apesar disso, o passado de discriminação permaneceu frequentando as esferas das relações cotidianas entre os “novos” e “velhos” alemães. O judeu foi aceito, mas com muitas ressalvas. A frase antissemita do escritor alemão Theodor Fontane (1819-1898) ilustra bem esse “abraço mal-dado” no povo judeu: “Gosto dos judeus, mas me recuso a ser governado por eles.”

O personagem Weremme Warschauer do livro “O Processo Maurizius”, de Jakob Wassermann, desdobra as complexas questões de um judeu alemão no final do século XIX. No livro, o narrador fala de seu pai, um judeu preso entre a envelhecida herança judaica e a urgência em se assimilar à cultura alemã. Através das palavras do personagem Weremmann, consigo visualizar minha avó Herta, descrevendo a realidade de seu pai Hugo:

Meus pais eram judeus; pertenciam à segunda geração que gozou de direitos civis. Meu pai não tinha ainda compreendido que esse estado de aparente igualdade não era no fundo senão uma questão de tolerância. Pessoas como meu pai, aliás um excelente homem, não tinham, sob o ponto de vista religioso e social, ligações em parte alguma. Haviam perdido suas antigas crenças e recusavam-se, por boas ou más razões, a adotar novas, quero dizer: a fé cristã. Um judeu quer ser judeu. Que é que significa isso, um judeu? Ninguém pode oferecer a esse respeito explicação satisfatória. Meu pai se orgulhava da emancipação, creia você: uma invenção que tira ao oprimido qualquer pretexto de se queixar. (WASSERMANN, 1963, p.204)

O orgulho de Hugo por ter os direitos civis recém conquistados o afastava das suas raízes judaicas. A identificação com o seu povo fora substituída pelo desejo de pertencer, sem diferenças, a um país recém e tardiamente consolidado¹³. Mas não era apenas isso que norteava os pensamentos e as ações do jovem soldado. Na região onde Hugo morava, outro processo discriminatório acontecia de modo mais evidente e violento do que a perseguição aos judeus. Tratava-se da absoluta intolerância do alemão ao povo polonês. Fato é que o território da

¹² “Com a unificação da Alemanha como nação em 1871, os judeus que viviam no país obtiveram direitos completos de cidadania. Este evento histórico recebeu o nome de “Emancipação Judaica”. Para os judeus na Alemanha, isso significava que eles se tornaram cidadãos iguais perante a lei. Por exemplo, não mais existiam restrições legais sobre onde judeus poderiam viver e quais profissões poderiam exercer. A emancipação dos judeus naquele país fez parte de um cenário mais amplo de mudanças na vida política e social da Europa. No século XIX, cada vez mais os europeus acolheram a liberdade de religião e outros direitos para os cidadãos. Isso levou a uma compreensão nova e mais inclusiva do que significa ser cidadão. No entanto, apesar da nova igualdade legal, os judeus continuaram a enfrentar preconceitos e discriminação por parte de seus concidadãos nos países europeus” in: [Os judeus na Alemanha antes da guerra | Enciclopédia do Holocausto \(ushmm.org\)](https://www.ushmm.org/pt-br/enciclopedia/enciclopedia-do-holocausto/os-judeus-na-alemanha-antes-da-guerra) (visualizado em 04/08/2024)

¹³ Segundo o sociólogo alemão Norbert Elias, antes da unificação havia, em todas as províncias alemãs, um sentimento de inferioridade nacional, isto é, a ideia de uma nação fraca em comparação a outros países, já unificados, da Europa. Após a tardia unificação alemã, esse sentimento se transformou rapidamente: “O caminho para o status de grande potência estava aberto para a Alemanha unificada e, como é usualmente o caso nas lutas de poder e prestígio e entre Estados, a determinação de lutar pela supremacia decorreu muito rapidamente disso. O pêndulo foi do extremo de humilhação para o extremo de exultação assim, um número crescente de membros dos estratos dirigentes da Alemanha sentiu que seu país tinha de estar preparado para a luta pela hegemonia na Europa, senão no mundo.” (ELIAS, 1997, p.165-166)

Prússia Oriental se constituiu a partir das anexações das terras dos poloneses, um processo colonizador de expansão germânica para o leste europeu. A unificação do Império Alemão fortaleceu um ímpeto expansionista com ideias como: fazer com que a Alemanha se alastrasse por todo o mundo; ou, onde houver um cidadão alemão, ali será estabelecido o território do Império. Tais afirmações foram o berço de movimentos nacionalistas, à exemplo da Liga Pangermanista (1891-1939), e abriram espaço para o crescimento da ideologia nazista, décadas mais tarde. Esses pensamentos também surgiram no bojo do imperialismo europeu em África, nas disputas pelos territórios do continente.

Nesse contexto de oposição entre duas nações, a Alemanha e a Polônia, Hugo vinculava-se ao lado mais forte, o alemão. Na medida em que prestava continência à bandeira germânica, o menino se fortalecia através do ímpeto opressor do Império, um espelho convexo que ampliava e engrandecia a imagem esmirrada do soldado. Sobretudo, era esse ímpeto de guerra que organizava um frenesi juvenil sedento por constituir para si uma identidade valorosa em comum. Afinal, para um jovem homem de vinte anos, judeu, vindo do interior, vestir farda e andar com uma arma nos ombros o fazia se sentir herói. Afirmar a soberania germânica diante de um cidadão polonês criava um sentimento de protagonismo na história, um militar exercendo influência sobre os rumos de seu país. E os rumos eram para frente, para cima: visavam ser “O gigante”. E além disso, hostilizar um polonês contribuía para apagar o judeu que havia dentro de si. Assim, o menino soldado ia se tornando menos oprimido e mais alemão. Em suma, eis aqui os mecanismos de exaltação nacionalista. Eles capturavam uma juventude inteira. Um cardume perdido e com fome mordida a isca de uma tragédia iminente.

O fim da cerimônia no salão do exército é decretado com um urro forte e másculo de todos os homens ali presentes. Hugo sai de peito estufado e cabeça erguida, convicto de que ali seria o começo do auge de sua vida. Ao dirigir-se para o alojamento, ele é puxado pelos ombros por outro homem fardado, um de seus veteranos, que o intima a ir à taverna participar do tradicional ritual de recepção dos calouros.

– Não é um convite, é uma ordem! Calouro!

A veemência do soldado soou como música aos ouvidos de Hugo. Ela foi como um forte abraço que o alavancava, como num trampolim, para a vida adulta. Finalmente, Hugo beberia cerveja como um verdadeiro homem, na companhia de outros admiráveis homens, os corajosos e fortes homens do braço armado do país. O recente homem Hugo vibrava a realização de um sonho.

A taverna, pequena e escura, estava lotada de militares fardados. Sobre a mesa de madeira um homem coloca quatro canecões de metal prateados com cerveja até o topo. O homem é um ex-soldado recém promovido a cabo. Branco, alto e muito forte, seus lábios são atravessados por uma enorme cicatriz e o seu olho direito faz movimentos involuntários de modo a piscar aceleradamente:

– Quem são as novas pragas desta mesa?

Três homens, incluindo Hugo, levantam lentamente o braço. Assim fazem de forma tímida, sem querer aparecer muito. O cabo coloca uma caneca de cerveja na frente de cada um:

– Vira!

As mãos de Hugo alcançam lentamente o recipiente metálico. Os três calouros se entreolham na busca de ganhar coragem e, ao mesmo tempo, tentar adiar a necessidade de ter que tomar a iniciativa do primeiro gole.

– Vira!

Num susto, o grito enfático produz uma reação em cadeia nos três calouros e a cerveja é ingerida goela adentro. A imposição de um tempo acelerado faz com que o excesso de líquido trasborde pelos cantos da boca. Hugo, que quase nunca havia bebido, estava entornando o seu primeiro litro de cerveja em poucos segundos. O último gole foi seguido com o estrondo da caneca de metal sobre a mesa de madeira e fortes urros de comemoração. A missão fora cumprida. Apesar de tonto e com vontade de arrotar, Hugo estava profundamente orgulhoso de sua capacidade de embriagar-se.

Subitamente, outro homem chega com mais uma caneca cheia de cerveja e, cerimoniosamente, a deposita sobre a mesa. O cabo com a cicatriz na boca pergunta:

– Quem aqui é judeu?

Um longo silêncio é estabelecido. O orgulho de Hugo por ter entornado, goela adentro, a cerveja, se transforma em medo e desconfiança.

– Quem aqui é judeu? Ora, digam, não tem como esconderem. Está inscrito acima de seus culhões, não é verdade? Quem aqui é judeu?!

Após um silêncio constrangedor, Hugo levanta a sua mão. Ela está completamente trêmula.

– Vira!

Todos na mesa, inclusive os outros calouros, repetem a palavra de modo insistente e selvagem:

– Vira, vira, vira...

Hugo leva o caneco até a boca, desconfiando de sua capacidade de ingerir tanto líquido em pouco tempo e, ainda assim, continuar vivo. Depois de alguns segundos e pequenas golfadas, o caneco fica vazio. Todos os veteranos sentados na mesa gritam:

– Viva o judeu!

A gritaria se torna generalizada. Emotivo, o cabo pega Hugo pela cabeça, aproxima seu lábio com uma cicatriz na frente da boca de Hugo e fala com veemência. Algumas partículas de saliva da boca do cabo atingem os lábios do calouro:

– Viva o Judeu! Escute, no dia em que estiver nas campinas da Alsácia, sob temperaturas negativas, é este álcool que vai te salvar. Se acostume! Não existe moderação no exército alemão. É sangue no olho, coragem nas veias e a Alemanha no coração. Ouviu?! Agora você é um dos nossos, Judeu!

Emocionado, o cabo conduz o rosto de Hugo até o seu busto, no intuito de abraçá-lo. A bochecha do menino é esfregada no peito suado e peludo do homem.

Um bêbado comovido tropeçando nas pedras de paralelepípedo da rua, foi assim que Hugo saiu da taverna. A lua estava cheia e, além de ajudar a alumiar os passos do novo soldado, insuflava em Hugo um orgulho por ser judeu e pertencer ao exército alemão; ou, recolocando a frase dentro da lógica do jovem, o orgulho de, mesmo sendo judeu, pertencer ao exército alemão.

Não teve tempo para a ressaca, no dia seguinte as atividades da infantaria começaram nas primeiras horas da manhã. Todos os soldados saíram com suas espingardas penduradas em direção a uma gigantesca planície. Os raios do sol nascente na linha do horizonte eram ofuscados pela densa neblina branca que se estendia, como um véu de noiva, sobre um gramado desbotado. Foi a primeira vez que os calouros receberam uma arma e Hugo sentiu o peso e o comprimento do cano nas suas mãos. Atrás dele, um tutor orientava como ele deveria atirar: manter o cano da arma apontado em direção ao alvo distante, pés afastados na largura do ombro,

mira alinhada, pegada firme, pressionar o dedo no gatilho e pow! Hugo erra o alvo. O mesmo procedimento é feito três vezes e, por três vezes, Hugo erra o alvo.

Como um fantasma, o cabo com uma cicatriz no lábio surge ao lado de Hugo, que estava agachado preparando a sua quarta tentativa de tiro. Ele cola sua boca no ouvido do seu calouro e fala:

– Judeu, vai ter um duelo agora. Um evento raro, calouro! Vamos ver o show, pode ser o último que você verá. Larga isso aí! Depois você tenta errar novamente o tiro, seu caolho!

Os dois andam acelerados pelo descampado adentro. Após caminharem numa trilha sinuosa sobre um solo irregular e cheio de barrancos, eles avistam dois homens, frente a frente, afastados entre si por uma distância de aproximadamente dez metros. No meio dos dois homens, uma espécie de juiz media o duelo. Hugo e o cabo se aproximam correndo para não perderem o espetáculo. Não havia muita gente no local, apenas alguns privilegiados que descobriram a ocorrência do duelo através do *boca a boca* miúdo entre as pessoas mais antenadas da região. Dois membros da alta burguesia agrária reivindicavam o direito à propriedade de alguns acres de terra. Na impossibilidade de um acordo, o duelo foi proposto como uma maneira de acertar o impasse. No plano de fundo da briga está o desejo de ambos por ampliar os seus territórios e assim, terem os seus domínios equivalentes aos de outros nobres da região. Em consequência disso, o vencedor conquistaria também maior influência no ciclo da aristocracia local, e quem sabe, se lhe for concedido, ostentar algum título de nobreza num futuro próximo.

É evidente que em 1900 outros métodos mais modernos para resoluções de conflitos já eram utilizados, isto é, processos mediados por um juiz. Porém, a depender do nível de conservadorismo das partes envolvidas, os duelos eram uma forma de resolver – olho por olho, dente por dente – sem as burocracias e a morosidade característica dos tribunais oficiais. Portanto, os duelos só persistiam, pois alguns agentes eram resistentes ao avanço da modernidade¹⁴.

¹⁴ “O papel do duelo nas relações sociais da nobreza e, por conseguinte, também entre os postos subalternos da hierarquia militar, foi sintomático de como se desenvolveu o equilíbrio de poder entre os governantes centrais e a nobreza guerreira, especialmente na Prússia. (...) Até começos do século XX, as classes altas de outros países europeus também consideraram, provavelmente, as regras de um código aristocrático de honra como vinculatórias, mesmo que transgredissem as leis do país. Entretanto, dificilmente qualquer outro país o duelo desempenhou um papel tão central, até 1918, quanto na Alemanha, Áustria incluída; aí continuou sendo a peça central do código de honra, não só dos estratos superiores, mas também das classes médias altas, não só da nobreza e de todo o quadro de oficiais do exército, mas também os estudantes e graduados de confrarias da burguesia.” (ELIAS, 1997, p.69-70)

Ali, dois proprietários de terra estavam na iminência do tiro. O profundo silêncio. O barulho tenso das respirações. Dois homens costas com costas. O grito seco do árbitro que declarava o início do embate. O barulho dos sapatos pisando no chão de terra batida. Os homens caminhando com passos pontuais em direções opostas. O dedo no gatilho do cano preto. Os corações batendo forte. A arma apontada para a frente. A virada brusca. O susto. O tiro. Quem se feriu? Alguém morreu? O corpo de um dos homens fica estendido pelo chão e todos correm para ver o resultado do duelo. Hugo, na inocência de sua pueril curiosidade, vê um homem morrendo. O tiro atingiu o peito, o sangue jorra e tinge de vermelho a roupa branca do combatido. A cachoeira vermelha flui pelo chão de terra, o volume da poça de sangue cresce até chegar aos pés de Hugo. Uma voz grita enfática:

– Levem-no para o hospital de Ortelsburg!

– Não! O doutor já está aqui. – sussurros ao pé do ouvido – Assuntos como estes não se resolvem na cidade.

Quem disse esta frase foi o assessor do próprio proprietário abatido. Dois empregados pegam o corpo do chão, o colocam numa maca e o levam para dentro de uma carruagem. O cabo com uma cicatriz nos lábios está com um intenso brilho nos olhos, deixando assim transparecer a sua gratidão por ter testemunhado um ritual que, com o passar dos tempos, ficaria cada vez mais esporádico. São os indícios da decadência do tempo do Império. Hugo permanece sério, com um ar gélido e uma expressão sóbria: peito, tiro, sangue, jorro, grito, rio vermelho, terra batida, corpo caído, o morto, a maca. É assim que o menino retorna para o seu alojamento, com uma mente neurótica que monta, desmonta e remonta, repetidas vezes, a cena de uma morte. E também é assim que Hugo se deita debaixo dos lençóis brancos de sua cama. Ali, ele tem o seu pior sono, pois sonha:

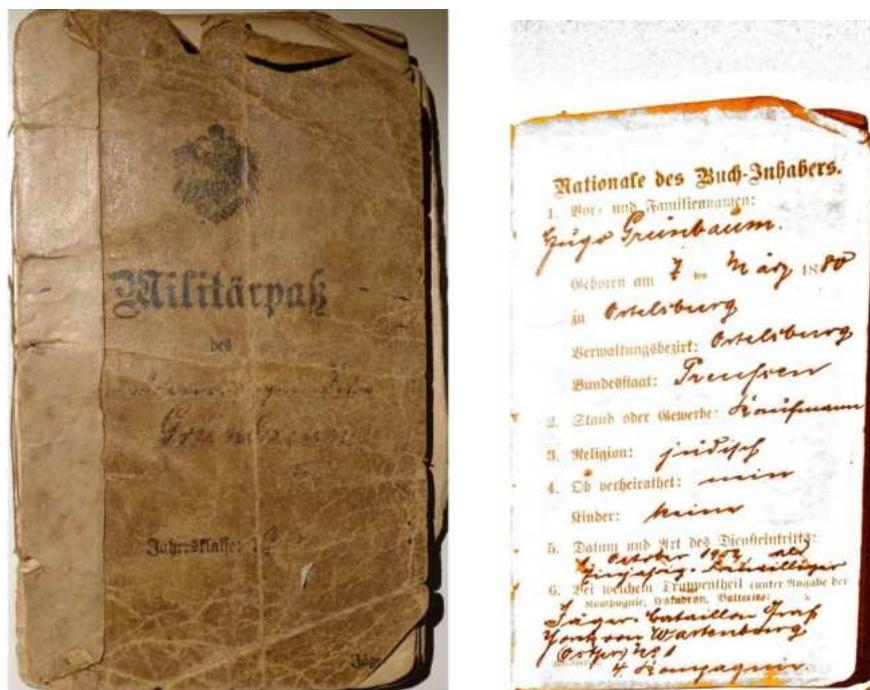
É noite e não sei onde estou. Talvez em outro tempo, quem sabe num outro país. Meus pés pisam por uma estrada de asfalto. Eu percebo ao meu redor a densidade de uma gigantesca metrópole. Também vejo montanhas rochosas que tingem de negro o céu já escuro. Lá longe, avisto uma espécie de constelação cravada aos pés das montanhas. Estrelas que nascem na terra. Talvez não sejam estrelas, mas casas de brilho muito intenso. Sim, muitas casas juntas. Sob meus pés, uma avenida larga e cumprida feita de asfalto duro. Para minha surpresa, vejo uma poça de sangue. Seguindo os seus rastros, percebo que o sangue vem de baixo de um estranho veículo feito de alumínio e rodas grossas de borracha. É uma espécie de carro do futuro. Dentro dele, um corpo morto, baleado. Barulho de sirenes. Luzes vermelhas e azuis piscam

freneticamente e refletem o pálido tom escuro do corpo preto no banco do carro. Um corpo negro como negra está a noite. Um corpo negro como eu nunca vi. Eu nunca vi corpos negros na Prússia. Uma mulher negra.

De súbito, chove e o vento uiva. Há muitas coisas estranhas no ar. Diria eu que o ar pesa o peso de uma multidão e a rua, mesmo vazia, parece estar lotada de olhos e ouvidos atentos. Tudo está tenso. O que eu estou fazendo aqui? Em que ano estamos? Passado, presente ou futuro? Passado, presente e futuro? O ar está espesso como espesso é a poça de sangue do corpo da mulher preta morta dentro do carro. Quanto acúmulo! Assassínatos, mortes encomendadas, disputas políticas, jogos de morte. Honra, orgulho, raiva, ódio. O poder. O poder! Sem medidas nem gradações, nem tato, nem diálogo, nem dialética, nem política, nem justiça, nem democracia. É morte. Matar outros produziu, produz e sempre produzirá dos mais podres dos cheiros no ar.

Imerso nesse delírio, Hugo acorda esgotado, ofegante e suado. O jogo ritmado de palavras gera vertigens em sua cabeça, que dói. O soldado se levanta e caminha sonolento em direção ao banheiro do quartel para jogar um pouco d'água em seu rosto. Em um estalo, ao olhar-se no espelho, Hugo esquece do que havia sonhado. Sua mente fica branca. O clarear do céu preto da noite anuncia mais um dia de trabalho no exército alemão. Não há mais tempo para sonhar.

1.2 Viagem à Szczytno



Este é o documento mais antigo do arquivo da família Grünbaum, datado do ano de 1900. A caderneta é composta por trinta folhas de papel amareladas presas na lateral por um fio de barbante puído. A capa escura é feita de uma folha mais rígida do que as demais, nela está escrito *Militärpak* (em português, carteira militar). Logo abaixo está o nome “Hugo Grünbaum”, quase apagado. A maioria das páginas desta caderneta foram escritas, provavelmente, com uma caneta tinteiro cuja ponta o escritor molhava dentro de um recipiente com tinta preta e assim, escrevia. A escrita foi feita na grafia *Kurrent*¹⁵.

Mesmo assessorado por uma tradutora, eu consegui decifrar apenas uma pequena parte do conteúdo da caderneta. O resto eram borrões, indícios de uma escrita mal feita e que fora realizada de forma acelerada. Imagino o trabalho burocrático dos escrivães do exército alemão para preencher o documento: poucos funcionários sentados em uma mesa de madeira e, na frente, uma fila gigantesca de jovens homens, os novatos do exército, cheio de hormônios e vontades. Imagino esse trabalho sendo realizado todos os dias, por horas a fio: os dedos suados,

¹⁵ De acordo com o site da Universidade de Zurich: “Até meados do século 20, a ortografia *Kurrent* era a mais comum na Alemanha”.(Original: “Until the middle of the 20th century, the *Kurrent* script was the most common typeface in Germany.” – Tradução minha) IN: [Ad fontes: Tutorial / Reading Scripts / The History of Scripts / German Kurrent \(uzh.ch\)](#) (visualizado em 12/08/2024).

os punhos doloridos, a coluna curvada, a dor na lombar, a bunda quadrada na dura cadeira de madeira. Em condições de trabalho assim, é compreensível a escrita em garrancho, ela é fruto do desgaste de longas horas repetindo uma mesma ação. São os ossos da burocracia, o trabalho braçal daqueles que não carregam peso.

A caderneta está em estado acelerado de decomposição. A cada toque, um pedacinho da matéria se desgarra do todo. No desespero por ver o seu desfazimento de um modo tão veloz, fotografei todas as suas páginas e a guardei dentro de um saco preto fechado. Se, por um lado, existe o desejo por preservá-lo, por outro, a restrição em manuseá-lo, que foi imposta por mim mesmo, me faz questionar as razões da existência do próprio objeto.

Para que deixar intacto o original se, protegida do ato de folhear executado pelas mãos humanas, a caderneta perderia suas características próprias? Não seria mais válido eu manusear essa matéria a fim de encontrar as suas mais variadas qualidades *cadernetísticas*? Usá-la, transgredir os seus usos e, no ato de experimentar, sentir o deleite de presenciar a matéria se desfazendo até a última poeirinha, até a sua morte. Não seria assim uma morte mais “bem morrida”, uma morte com vivência? Do contrário, uma vez guardada num saco, por quantos anos a caderneta ficaria intacta? O mesmo tempo em que ela ficou dentro de um baú? E se o meu neto, ou bisneto, jogar o saco fechado na lata do lixo, de que valeu ter guardado o objeto? Eu não sei. Hoje, eu decidi manter a caderneta militar de Hugo dentro de um saco. Amanhã, eu não sei. Talvez, o próprio ato de tirar e colocar a caderneta dentro de um saco, consecutivas vezes, faça parte do processo desse trabalho. Talvez, seja justamente a minha indecisão sobre os caminhos e os destinos dos objetos da família o motor para a escrita. Escrevo desviando das certezas, e nisso não chego a lugar nenhum, pois lugar mesmo só poderia ser esse daqui, da página quarenta e cinco. Lugar que ainda estou construindo.

A tradução de algumas partes da caderneta me permitiu extrair informações fundamentais sobre o meu bisavô Hugo. Ele nasceu no dia 7 de março de 1880, na cidade de Ortelsburg, Prússia Oriental. A cidade foi completamente destruída após a Primeira Guerra Mundial. A Alemanha perdeu o direito das terras e a cidade de Hugo passou a ser considerada novamente¹⁶ território polonês levando o nome de Szczytno. S-z-c-z-y-t-no: sete consoantes e

¹⁶ “East Prussia and Danzig have belonged to Poland during long periods of their history. The Poles were the first colonists of that country. East Prussia was a fief of the Polish Crown until 1657, while the part known as Warmia (Ermeland) belonged to Poland as late as 1772. (A Prússia Oriental e Danzig pertenceram à Polónia durante longos períodos da sua história. Os polacos foram os primeiros colonos desse país. A Prússia Oriental foi um feudo da Coroa polaca até 1657, enquanto a parte conhecida como Warmia (Ermeland) pertenceu à Polónia até 1772 – tradução minha) EAST Prussia and Danzing, 1944, p.9. In: [CIA-RDP08C01297R000400260003-9.pdf](https://www.cia-rdp.com/cia-rdp08C01297R000400260003-9.pdf).

uma única vogal. Bem-*vindes* ao peculiar campo da ortografia polonesa, ela consegue ser ainda mais estranha, aos olhos e ouvidos de um latino falante, do que a alemã. *Szczytno*, impronunciável, indecifrável, intraduzível. *Szczytno*. Sem métrica, sem rima, sem sonoridade, sem intimidade. Letras postas lado a lado. Uma pedra. Uma escultura. *Szczytno*. E foi dentro da dureza deste nome que fiquei mobilizado para construir nele “zonas moles” e, assim, ir transformando-o em algo um pouco mais familiar: *Siczinto*, *Sizintu*, *Sizint*, *Sizin*, *Sizi*. Pronto: a querida *Sizi* de Hugo, a raiz mais distante que eu conseguia tatear dentro dessa densa floresta do arquivo da família.

Após semanas cantando pelos corredores da minha casa em Berlim as sonoridades possíveis de *Szczytno*, uma pergunta perturbadora surgiu: o nome basta? A questão travou meu pé, que começou a ficar insatisfeito por ter se aterrado “apenas” na cidade de Berlim. A amolecida *Sizi* se cristalizou como uma pedrinha miúda dentro do sapato. Saber o nome da cidade se tornou incomodamente insuficiente. Para piorar a situação, dias depois da descoberta de *Sizi*, escutei algumas palavras que, para mim, soavam perigosamente instigadoras. Um discurso que me catapultava para uma longa e estranha viagem:

Uma coisa importante na sua pesquisa, Ian, é você ir aos lugares. Entendeu? É pisar, mesmo que não tenha nada. Esse vazio, na verdade, não é uma lacuna, porque existe a memória que tá registrada nos objetos, nos escritos, nas fotografias antigas. É importante você ir mesmo sabendo que não existe *porra* nenhuma lá. (Entrevista com Andres Valentin, Berlim, março de 2023)

Essa fala é a citação de uma entrevista que eu realizei com o escritor, pesquisador e professor Andreas Valentin. Em seu livro “Berlin <> Rio Trajetos e Memórias” (2016), Valentin conta a história de seus familiares através de fotografias de arquivo. O seu avô foi um renomado médico berlinense e pertenceu a uma família dona de um conglomerado de lojas de roupas na cidade. Em 1937 a família fugiu do nazismo com destino ao Brasil. Minha conversa com Valentin foi transformadora, ele me encorajou de um modo definitivo e sem escapatória: “Vai!”

Com a mala na mão, estava na frente porta da minha casa em Berlim, prestes a sair. Na prática, eu precisaria embarcar num trem para Varsóvia, capital da Polônia, numa viagem de seis horas. Depois, eu pegaria outro trem para o norte, na cidade de Olsztyn, num trajeto de quatro horas e, finalmente, a última viagem de trem com duração de uma hora até *Sizi*. Esse último trem saía apenas uma vez por dia. Em suma, no melhor dos cenários, seriam doze horas de viagem. Na realidade, aquela jornada poderia durar dias, até semanas. Com o pé na porta de casa, prestes a sair, o meu telefone toca: é a minha tia, Vivianne, filha de Herta e a neta de

Hugo. Minha tia é casada com um suíço e mora há vinte cinco anos na cidade de Zurique. Animada, Vivian falou:

– Alô, Ianzinho? Olha, pensei aqui e decidi que eu quero ir com você. Nos encontraremos em Varsóvia e depois, vamos de carro até a cidadezinha do vô Hugo.

A estrada entre Varsóvia e *Sizi* era um interminável caminho em linha reta sobre as gigantescas planícies polonesas. O amarelo intenso das flores da canola se espalhava pela superfície dos verdes campos, compondo um majestoso tapete. O céu azul com poucas nuvens e as temperaturas mais amenas dos primeiros dias de maio, anunciavam o provável e esperado fim do inverno. Dentro do carro, Vivianne dirigia e eu, estava sentado no banco do carona. Minha tia já é uma senhora com setenta e três anos de idade. Cabelos loiros cacheados até a altura dos ombros, estatura baixa e de óculos. Enquanto dirigia, ela fumava um cigarro eletrônico. Mesmo morando há vinte e cinco anos na Europa, era a sua primeira vez na Polônia.

Após algumas horas de viagem e longas conversas sobre as amenidades da vida, ela subitamente se cala. Sua expressão fica séria, seu olhar profundo. Gradativamente, o carro começa a perder velocidade até parar no acostamento. Diante de nós, uma enorme placa verde escrita “Szczytno 48km”. Vivianne respirava intensamente:

– Ian, eu não sei o que está acontecendo. Minhas pernas começaram a tremer. Eu sinto que... Eu sinto que estou... Que estou desaprendendo a dirigir.

Eu fico em choque, sem reação. Apenas pergunto:

– Isso aconteceu agora?

– Deixa eu respirar... Maldita velhice!

– Nós não temos que ter pressa para chegar.

– Por que você não tirou a sua carteira de motorista, Ian?!

– Tive medo.

Após um longo silêncio e profundos suspiros, Vivianne traga o seu cigarro eletrônico, sopra fumaça com a boca e verbaliza a conclusão de uma silenciosa e cumprida reflexão:

– Bem, chegar nunca foi fácil, né?! Ainda mais quando não se sabe onde.

A seriedade profunda chegava antes do que a sua feição sorridente. Na tentativa de amenizar o clima tenso, minha tia pede para eu colocar uma música, que começa a tocar junto com o barulho do motor do carro acelerando. Era Nana Caymmi:

– Batidas na porta de casa, é o tempo. Eu bebo um pouquinho para ter, argumento. Mas fico sem jeito calado, ele ri, ele zomba do quanto eu chorei porque ele sabe passar e eu não sei...

Cantamos. Uma onda doce e sentimental invadia o carro. Ao mesmo tempo, eu tentava espantar o meu mal-estar diante daquela situação esdrúxula, mas a extrema tensão de Vivianne me fragilizava internamente. Eu fui imobilizado por uma profunda sensação de insegurança. Em pensamentos, eu comecei a me questionar repetidas vezes: que diabos estávamos fazendo ali? Então, em silêncio, eu fui reconstituindo todos os fatos pregressos que me levaram até aquele momento.

Uma caderneta puída, quase esquecida. A delicada tarefa de traduzir garranchos e decifrar o nome de uma cidade. Os nomes, os tantos nomes estranhos, parecidos e sem vogais. Um possível erro meu, um equívoco. Será que eu decifrei o nome certo? Pois na Polônia existem muitos nomes de cidade que são parecidos: Szczecin, Szczyrk, Szaflary, Szczawnica, Szklarska... Talvez eu não estivesse sendo preciso nas minhas ações, nem nas minhas análises, nem nos meus pensamentos. Lembrei do entusiasmado Andreas Valentin, a sua boa intenção abasteceu o meu desejo cego de ir. Mas agora, me falta combustível para ratificar minhas certezas. Me falta o som de uma certeza. O imperativo da voz de Andreas que exclamava “Vai!” ressoa agora distante, cada vez mais baixo. Na verdade, eu não mais o escuto.

Eu, com a mala na mão, meu rosto contra a porta de entrada do apartamento em Berlim prestes a sair para a viagem. Viagem do absurdo. Rumo ao impreciso. De cara com a possibilidade do erro. Ao menos se eu tivesse ido sozinho. Eu olhei para o lado e vi Vivianne. Suas mãos continuavam suadas, sua pele pálida, seu olhar deixava transparecer um ar de arrependimento. Será que ela realmente queria estar ali? Sem dúvida, ela estava no limite, no seu limite. Eu a vi transpirando o extremo de suas capacidades psíquicas. Era nítido! A verdade era que estamos nos esforçando para nos manter nessa imprecisa e absurda viagem rumo ao desconhecido que, talvez, seja um grande nada.

O carro seguia cada vez mais frágil pelas planícies e eu me afundava nas profundezas do mar seco, plano, verde e amarelo polonês. Minha mente neurótica rodopiava num turbilhão

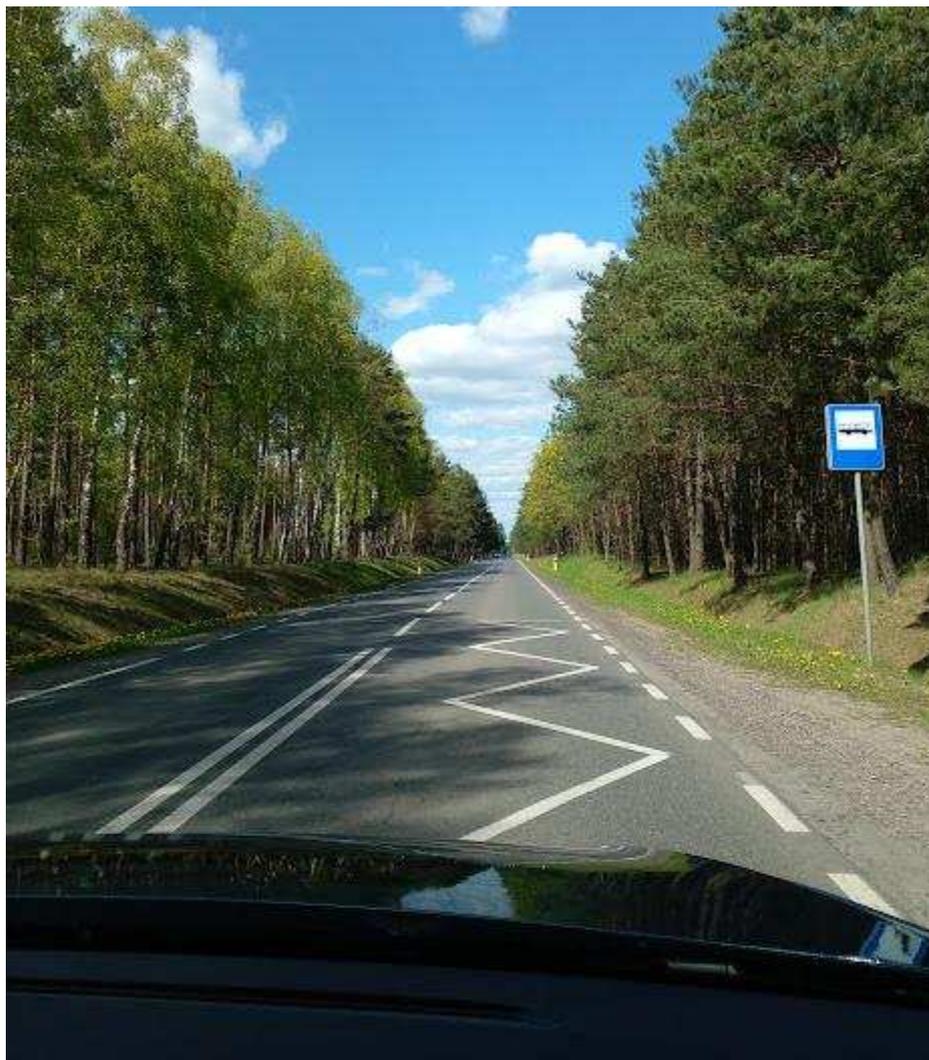
de pensamentos e eu me afogava no silêncio de Vivianne e na música sentimental de Nana Caymmi:

– E gira em volta de mim, sussurra que apaga os caminhos que amores terminam no escuro, sozinhos.

Eu não sei o porquê, mas aquela música me fez chorar. Porém, em algum momento, a canção chegou ao seu fim.

As infinitas planícies descampadas deram lugar a uma sequência longuíssima de árvores altas com troncos grossos. A estrada então se tornava um imenso corredor marrom e verde. O carro corria e fundia as formas e as cores – marrom-tronco-verde-folhas. Era como um comprido túnel com bordas feitas de matéria orgânica. Um caminho reto, vazio – aparentemente, éramos o único carro indo pra Szczytnto. Vivianne agora dirigia veloz, seu medo dera lugar a uma estranha sede por chegar.

Descobrimos que, naquele momento, nós não estávamos mais indo para o norte. Corríamos para baixo, para o fundo. Viajávamos dentro de uma gigantesca raiz, uma via em direção aos tempos antigos, lugar de nascimento do último antepassado que, por meio de evidências, conseguimos localizar.



A instabilidade e o nervosismo deram lugar a uma espécie de fascinação: alegria de ir, de estar indo, de pisar fundo e no fundo, no mais fundo dos fundos possíveis.

“Witamy w Szczytno” (em português: bem-vindos à Szczytno). A cidade era pequena: uma avenida larga, quatro ruas para um lado, quatro para o outro e um lago – provavelmente maior do que a própria cidade. O meu corpo seguia de modo intuitivo pelas vielas do vilarejo. O meu olhar projetava-se veloz para frente, na busca de conhecer o espaço. As informações daquele lugar inquietavam o meu olhar. Os olhos ativavam minha coluna vertebral, uma mola agitada que atravessava de cima a baixo o meu corpo buscando projetar-se sobre os pontos visualizados. O desejo de ver mais aquecia em mim um andar energético, para frente e para cima. A força do peso e do atrito dos meus passos no chão não apenas me despertavam, mas também anunciavam, para os fundos da terra, que alguém ali havia chegado, ou voltado.

Minhas escolhas eram momentâneas, de acordo com as circunstâncias, com aquilo que se apresentava e depois sumia. O sinal verde do outro lado da rua me conduziu até uma estátua

na frente de uma praça no final do quarteirão que me levou até o meio-fio de uma rua de asfalto que continuou a me seguir até se desfazer numa rua de terra batida com muitas pedrinhas que me guiaram até um muro de parede pálida onde a tinta estava descascada e as infiltrações se espalhavam de modo que era possível ver algumas vigas de metais enferrujadas se desfazendo e isso me levou até a frente de um prédio.

Eu paro. Observo atentamente o prédio. Tiro do bolso um saco preto. De dentro do saco, retiro a caderneta militar de Hugo e deposito-a sobre uma pedra. Dura pedra, *incavável* pedra. O documento de papel e o elemento pedra foram os materiais para a construção de um espaço onde a raiz familiar penetra o todo da terra dura: a matéria densa, a espessura do globo terrestre, o chão de quem tem pé ou pata, de onde tudo vem, para onde tudo se destina, o vivo e o morto. Impossível ir além. Impossível cavar mais. Os meus ouvidos foram dominados por um chiado grave e encorpado: o som da terra. É aqui onde se para, onde tudo é entregue, onde tudo é oferecido e onde tudo é devolvido.



1.3 O *Front*

O ano de 1918 foi difícil para a Alemanha e, em específico, para o soldado Hugo. A Grande Guerra havia estourado em 1914 com uma intensidade devastadora. A Tríplice Aliança – composta pelo Império Alemão, o Império Austro-húngaro e a Itália – estava sendo velozmente derrotada pela Tríplice Entente – Inglaterra, Rússia e França. Nas hostis planícies do rio Reno, nas fronteiras entre Alemanha e França, o soldado Hugo perdia consecutivas batalhas nas trincheiras do *front*.

Uma chuva de balas e bombas vindas na direção de Hugo. Muitos corpos mortos de uma só vez. O som ensurdecia os tímpanos dos que guerreavam. A violência havia escapado do controle, ela era generalizada, era radical. Encharcados de sangue, os uniformes dos soldados das diferentes nacionalidades ficaram iguais. Não se sabia para onde atirar nem em quem atirar, apenas atiravam. Não se sabia quem era vivo ou quem era morto. O que era vivo ou morto. O corpo sequer existia: era vivo-morto, morto-vivo, morto-morto. Uma perna solta, um peito perfurado, sangue na lama fria. Hugo perdeu a guerra, perdeu os outros, perdeu a si. Combalido, por sorte ou por azar, foi salvo e levado para um hospital – por sorte ou por azar. Num cenário assim, é possível um sobrevivente considerar-se vivo?

Nas tendas de um hospital de campanha, suficientemente protegido do jorro de sangue das trincheiras, mas próximo o bastante para sentir o cheiro podre da falência humana, Hugo se recupera dos ferimentos. Faz dias que ele está deitado numa cama. Com andar leve e segurando um caderninho, um homem vestido de branco aproxima-se de Hugo, ele fecha a cortina divisória que separa a cama do soldado da de outros combalidos e suavemente fala:

– Senhor Hugo... Senhor... O senhor solicitou o auxílio de alguém para escrever uma carta? Pois bem, estou aqui.

O homem se senta num banquinho de metal ao lado da cama de Hugo e espera, pacientemente, o frágil soldado responder.

– Eu...

– Está bem?

– Muitas dores.

– Imagino! Onde dói?

– Braços, pernas, o meu quadril, a minha cabeça.

- O corpo todo. E dentro?
- Do que?
- Digo, o que está sentindo para além da dor física?
- Não sei, senhor.

Um longo silêncio se estabelece. O homem despeja num copo de vidro a água de uma jarra que estava sobre a mesa de cabeceira. Ele entrega o copo cheio nas mãos de Hugo, que bebe com vontade.

- O que o senhor quer escrever?
- Não sei. Na verdade, eu quero escrever para a minha mãe. Eu quero falar que eu estou...
- Vivo?

Novamente, os dois homens se calam. O silêncio é preenchido com os suspiros, os murmúrios e alguns gritos de dor vindo das outras camas.

- Eu posso dar algumas sugestões para a sua escrita? Isso é, se o senhor me permitir.
- Sim, senhor. Eu nunca fui bom com as palavras.
- Bem. Podemos começar com: ‘Minha querida mãe, estou bem.’ – O homem hesita – O senhor está bem?
- Eu não sei.
- ‘Minha querida mãe, estou...’

O homem desvia o olhar do papel para algum ponto distante. Ele olha sem realmente ver, ou melhor, ele olha na busca por enxergar algo que não estava ali.

- O senhor me permite colocar uma coisa?
- Pois não, vai fundo.

A autorização de Hugo transforma a face do homem. Os ares de preocupação e cuidado em relação ao paciente deitado transformam-se num frenesi alegre diante da possibilidade de uma escrita. Um texto produzido na fritura dos acontecimentos. A voz delicada do homem se avoluma:

– ‘Minha querida mãe, chegamos ao ponto em que não conseguimos mais contar as histórias. Então pergunto, por que palavras?’

O combalido Hugo se revira na cama, num susto. Ele ajeita o seu tronco no travesseiro para ficar mais ereto e desce o lençol até a altura da cintura.

– O senhor é escritor?!

– Gosto de palavras. Digamos, eu busco fazer com elas o meu melhor trabalho.

– Pois então, continue! Cada um com a sua especialidade, não é mesmo? Escritores escrevem, soldados morrem.

Hugo abre um leve sorriso no canto da boca, surpreso com a frase que acabara de dizer. Ele tenta rir, porém a risada lhe causava dores.

– Isso é bom! Digo, triste, por isso bom. Muito bom, soldado! Vejamos: ‘... por que palavras? O passado não ancora mais as experiências sofridas no presente, só consigo testemunhar um tempo pobre. Uma experiência pobre.’

– Mata-mata-mata-mata-mata-mata-ta-ta-ta-ta-ta-ta!

Hugo começa a rir com a sua própria reação explosiva. Ele parecia uma criança brincando com coisa séria, um bebê sem dente rindo e babando na cara de um abismo.

– Experiência pobre. Que genial! Desculpe, me empolguei. Continue, escritor.

– Pois bem: ‘Uma experiência pobre. Mata-mata-mata-mata. “Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano”’(BENJAMIN, 1994, p.115)

– Acrescenta aí. Minúsculo corpo humano cheio de dor! Dores! Um corpo estropiado, demolido, amassado que nem papel. Um corpo sem órgãos. Mas saiba que esse minúsculo corpo humano cheio de dor aqui, está começando a ficar feliz. Eu percebo que estou diante de um exímio escritor! E mediante ao fato, me vem uma coisa maravilhosa que eu havia esquecido no fundo do meu baú: a literatura. Olha, eu gostava muito de ler. Ainda gosto. Eu acho. Espero que o fogo das bombas não tenha ofuscado de vez a minha visão, impossibilitando-a de correr sobre as páginas brancas. Espero que eu não tenha perdido a minha atenção e nem o meu silêncio. Mata-ta-ta-ta-ta-ta-ta-ta.

Hugo repete o balbucio, mas, desta vez, baixinho, para dentro. Ele emitiu um “ta” que lhe causou dores profundas. Seus olhos ficaram molhados de lágrimas. Num gesto de apoio, o homem colocou carinhosamente sua mão sobre o ombro de Hugo. Após mais um longo silêncio, Hugo continua com seus devaneios:

– Quando entrei no exército levava na bolsa alguns livros de literatura. É verdade, eu não tinha muito tempo para lê-los, mas tentava. Depois, quando saí do batalhão, lá pelos anos de 1903, pude me debruçar mais sobre a leitura. Gostava de Thomas Mann, Hermann Hesse, Kafka. Fiquei um tempão me deliciando com os livros e sem tocar em armas. Mas a guerra veio forte. Foi ela que arrancou a literatura de mim. Fiquei burro.

– O senhor me parece ser sensibilíssimo.

– Posso admitir uma coisa? Esse papo me deixa comovido, de verdade. Mas eu ficaria ainda mais sensível com um conhaque. O senhor teria um conhaque aí?

O tom confessional e sussurrado de Hugo evidencia o seu desejo por desobedecer às regras daquele morto hospital de campanha. Ao ouvir a solicitação do soldado, o homem abre um enorme sorriso e começa a planejar um subversivo plano para dar conhaque ao paciente. Para ele, o pedido de Hugo surgia como um respiro. Depois de meses a fio trabalhando naquele frio hospital, vendo com os olhos nus as feridas e sequelas da Grande Guerra, o homem vislumbrou o início de uma saudosa e alcoólica prosa.

Demorou uns quinze minutos para o escritor voltar com uma garrafa de conhaque. Ele fecha a cortina e retira a garrafa que estava escondida por debaixo de seu casaco. Hugo sorri. Eles bebem no gargalo.

– Muito obrigado! Isso é uma delícia! Onde estávamos na conversa, senhor?

– No minúsculo corpo humano cheio de dor.

– Eu fiquei burro na guerra. Eu fui tão cheio de energia e vida para defender o Império Alemão contra os seus raivosos inimigos. Eu estava tão bêbado com toda aquela excitação. Agora, olhe pra mim. Olhe o estado desse minúsculo corpo humano. E aí me diga, o que aconteceu?

– E as pretensas renovações tecnológicas, filosóficas e espirituais se tornaram rapidamente enferrujadas. O brilho intenso dessas mudanças revelou-se como uma rala camada de pó dourado, revestindo a destruição daquilo que sempre foi velho.¹⁷

– Eu me via como um belo guerreiro e, sobre meus ombros, as mais modernas armas deste país. A incrível metralhadora MG-18 TUF, ela disparava mais balas por segundo do que a nossa capacidade de piscar os olhos aceleradamente, sabia? Os pequenos lança-chamas portáteis eram de altíssima categoria, uma ventania incendiária. Sem falar dos aviões que faziam as bombas caírem do céu! Sim, bombas caíam do céu! Eram quase deuses, ou demônios, ordenando a destruição. A tecnologia meu caro, estava nas nossas mãos. Em punho! Éramos gigantes!

– E cá estamos, num hospital de campanha, presos entre o galope da ciência e a clausura da guerra. Hugo, chegamos à barbárie.

– O senhor tem boas e rápidas respostas. Meus parabéns! A barbárie... Sem solução!

– A necessária barbárie.

O conhaque na boca de Hugo toca as bochechas, que incham. O líquido insiste em sair para fora, como gotas no ar, enquanto o soldado bufa estupefato.

– Uma barbárie necessária? Que resposta burra!

Após o rompante, um silêncio constrangedor se abate entre os homens. Acanhado, Hugo se corrige.

– Nossa, me desculpe senhor! O espanto veio sem freios: acho que perdi a censura.

– Eu que lhe peço perdão por palavras tão duras. É que realmente eu me sinto confortável conversando com o senhor.

– É o conhaque!

Os dois começam a rir. Subitamente, o homem faz uma confissão a Hugo:

– Curioso, eu vejo em seu rosto uma janela deste tempo. Uma janela de vidro transparente.

– Por que transparente?

¹⁷ Referência à ideia de “galvanização” desenvolvida por Walter Benjamin em: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas, v.1).

– O senhor não só deixa transparecer todos os rastros, como também, deseja falar sobre eles.

É neste momento que Hugo levanta a camisa, grita com a dor do esforço dessa brusca ação e mostra um gigantesco corte suturado. É uma linha na horizontal que atravessava os extremos de sua barriga.

– Então me diga, esse rastro de quase morte é uma barbárie necessária, senhor?!

– Não!

– A dor que eu sinto aqui é necessária?!

A fala enfática de Hugo gera, novamente, um silêncio constrangedor. E, novamente, o combalido soldado fica acanhado por suas ações intempestivas e tenta suavizar o clima.

– Me desculpe. Estou tentando compreendê-lo.

– Fico feliz com essa conversa, pois percebo a grande diferença entre escritores e soldados. Entre as dores intelectuais e as da pele. O senhor está coberto de razão, mas eu também. Minha crise e a sua cicatriz é o anúncio de que tudo foi pelos ares. Isso é fato. A barbárie revela a falência das estruturas, incapazes de sustentar uma pluma. O Império está num acelerado movimento de queda. Neste sentido, num exercício de pensar, e não de guerrear, devemos compreender a barbárie como necessária. Sim! Se a Alemanha explodiu, fruto de uma desilusão radical devido aos acontecimentos pretéritos, resta concentrar nossa atenção para aquilo que realmente importa.

– E o que realmente importa para além dessa terrível barbárie e desse buraco na minha barriga?

– Afundar os nossos pés no século numa radical fidelidade com o nosso tempo.

Hugo bebe um gole de conhaque e suspira profundamente. Ele busca dar vazão às dobras e viradas de seus velozes pensamentos.

– Você está de troça, não? Essa sua oratória é tão... Tão... Estranha. Mas eu diria também... Comovente, é... Animadora, é... Aprazível!

– Para quem estava no *front* de batalha, um pedregulho rochoso parece um sofá de veludo. Estou falando com palavras duras.

– Mas me mobilizam. Coloque na carta: ‘Mãe, eu estou ficando bem. Por enquanto, permaneço nesse hospital para sarar minhas feridas. Eu estou juntando os restos...’ Os restos?!

– Sugiro: ‘junto os cacos da minha experiência traumática.’ Posso continuar? ‘Junto os cacos de mim mesmo e assim, busco me reencontrar. São justamente os cacos que afundam de vez os meus pés nesse século. Jovem século! É aqui que o tempo presente se refaz: “um homem contemporâneo nu, recém-nascido, nas fraldas sujas da nossa época”’. (BENJAMIN, 1994, p.116)

– E para qual direção esse homem-bebê engatinhará?

– Pergunto ao senhor, ele sabe engatinhar?

– Se não sabe, ele está no colo de alguém. De quem?

– Touché: de um rei morto que deixou uma herança sem testamento¹⁸.

– E agora?

– E agora, eu que pergunto: e agora? O bebê está cansado. Está assustado. O pai morreu!

– E agora?

– Sugiro colocar na carta: ‘Mãe, enquanto me recupero das bombas da guerra, me preparo para colher do fundo dessa lama as flores de uma primavera. Uma população inteira não pode ficar às sombras de um rei morto, e, sobretudo, não pode cair na armadilha de desejar um novo rei. E o futuro está cheio de armadilhas! “Diante da calamidade alemã, uma crise econômica na porta e atrás dela, uma sombra: a próxima guerra!”’. (BENJAMIN, 1994)

Em choque, Hugo berra:

– Guerra?! Você está de brincadeira? Mais uma guerra? O mundo não aguentará.

– Mas o mundo gira em círculos! As coisas mudam, mas podem retornar. Elas retornam com outras roupagens, mas com as mesmas tônicas. Uma nova guerra jogando pelos ares um mundo já destruído por uma guerra que passou. Ruínas das ruínas. Uma guerra feita nos escombros.

– Acho que são palavras muito fortes para serem faladas para uma mãe.

– Sem dúvida.

¹⁸ Essa frase é retirada de um aforisma de René Char (1907-1988) - “*Notre héritage n’est précédé d’aucun testament.*” (“Nossa herança não é precedida de nenhum testamento” - tradução minha) e debatida por Hannah Arendt em ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. Tradução: Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Hugo desvia o olhar e permanece calado. São consecutivas as vezes que ele olha para o homem, mas, ao fitá-lo, seu olhar desvia imediatamente. Após um profundo suspiro, Hugo cria coragem e fala acelerado:

– Desculpe, senhor! Desculpe! Olhe, eu entendo a sua boa vontade, reconheço suas brilhantes palavras. Mas, me desculpe, eu preciso mandar algo mais simples para a minha mãe. Algo que a conforte. Por favor, não me leve a mal, mas eu não posso escrever uma carta assim, tão reveladora para ela. Além disso, ela iria tropeçar nas palavras. Minha mãe não tem o hábito de ler.

– Faça como achar melhor.

O homem fica desapontado. A desistência de Hugo para continuar a escrever um texto sobre o seu presente faz com que a embriaguez, despertada pelo conhaque, seque. Mais uma pedra de realidade é amarrada aos pés do escritor. Docemente, Hugo fala:

– Escreva, por favor: ‘Querida mãe, estou bem! Tudo vai dar certo. Saudades! Do seu filho, Hugo.’

– Só isso?

– Sim! Mas não jogue fora o resto. A escrita é sua, guarde-a para você. Faça alguma coisa com ela. Assine o seu nome! Minha nossa, estamos na metade da garrafa de conhaque e ainda não perguntei o seu nome. Qual é?

– Walter.¹⁹

¹⁹ Este subcapítulo foi escrito a partir do texto de Walter Benjamin **Experiência e Pobreza**, *In*: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas, v.1).

1.4 Uma revolução



Caminhamos ao longo da curta avenida central da cidade de Szczytno. Havia poucas pessoas na rua, em sua maioria idosos de cabelos e pele clara. Percebi que a maioria das construções da cidade seguiam o estilo soviético dos anos 60: prédios de três a cinco andares com formatos parecidos, alguns com varandas e outros sem. Tudo parecia estar em seu devido lugar: a grama cortada à risca seguindo a exata linha do canteiro, a árvore contida em sua mais perfeita silhueta piramidal, o chão limpíssimo sem nenhum rastro de sujeira, não havia pichações, as cores das paredes das fachadas dos prédios ornavam um degradê de tons, os vidros das vitrines das poucas lojas da cidade eram de uma transparência impecável. Após dez minutos caminhando pela avenida vazia, chegávamos à pequeníssima estação ferroviária: duas plataformas compridas e uma placa com o nome da cidade.



Eu fico feliz com a minha sorte, chegamos exatamente na hora do embarque do trem, que passa apenas uma vez por dia. Assim, pude ver aquela miúda estação em funcionamento. Em meio ao minguado fluxo de passageiros, me chamou a atenção a figura de um homem saindo do trem com uma enorme mochila nas costas. Apesar de ser jovem, seus ombros eram caídos, o tronco levemente curvado, seu caminhar pesado, o olhar perdido e a expressão cansada. O jovem era mais um velho como os tantos que ali estavam. Por outro lado, sua fisionomia era bagunçada: cabelos desgrehados, a barba por fazer, olheiras profundas, uma vestimenta surrada. Supus que esse cara não fosse daqui, ou, se é, ele não mais pertencia a essa impecável cidade.

Um jovem velho, era assim o estado do soldado Hugo Grünbaum ao voltar para sua cidade natal após a carnificina da Grande Guerra. Vestindo um uniforme verde surrado, Hugo sabia que os tantos dias no *front* de batalha tiveram o peso de séculos. O curto tempo que ficara internado no hospital de campanha só serviu para curar os seus ferimentos físicos, porém, as dores psíquicas penetravam de forma lenta. Elas enraizavam-se como ervas daninhas num solo adoecido.

O arrebatamento da dor de Hugo ocorreu na sua chegada a Ortelsburg (o antigo nome de Szczytno). O trem corria através da bela e familiar planície polonesa, com seus campos

verdes e as amarelas flores da canola. Ao se aproximar da cidade, Hugo é atropelado por um cenário devastador. No lugar do verde e amarelo, tons de cinza e marrom. Ortelsburg foi completamente destruída por aviões russos em um bombardeio aéreo. Com exceção da torre da Igreja, nada mais estava de pé. Tudo ficou fora do seu devido lugar.



Imagem da cidade de Szczytno destruída na Primeira Guerra Mundial, agosto de 1914. In: [Bundesbildstelle - Bilddatenbank](#) (visualizado em 14/08/2024)

Chegar nesse lugar era o mesmo do que nunca chegar, pois a cidade do passado já não mais havia. Ao desembarcar nas ruínas da plataforma da estação de trem, Hugo teve a sensação de ter pego o caminho contrário ao de sua casa, uma terrível impressão de estar novamente no *front* de batalha. A guerra havia atingido o seu berço. A cada passo no chão, Hugo pisava num ponto de dor sobre a veia estendida da realidade. O real que não é filosofia, que não se subjetiva, que não se posiciona em relação a outros conceitos. Um real puro, que não tem pudores da palavra pura. Real, material, concreto, coisa física, escombros, pedras, tijolos quebrados, cacos de vidro. Se a cidade ficou em ruínas, a história e a memória também. Muitas pedras sobre um enorme caixão.

Fui à procura de materiais sobre o passado do meu bisavô nos arquivos de Szczytno. A primeira dificuldade da busca foi encontrar alguém que falasse inglês, a maioria das pessoas na cidade tem somente o polonês como a primeira língua e o alemão como segunda. Depois de tanto procurar, encontrei uma simpática funcionária que falava um inglês precário, bom o

suficiente para dizer aquilo que eu já suspeitava desde o princípio. Segundo ela, devido aos bombardeios da Primeira Guerra Mundial, não existe nenhum material de arquivo anterior ao ano de 1918. Ou seja, as bombas apagaram as memórias. Muitas pedras sobre um enorme caixão.

Hugo guiava-se pelas ruas da destruída Ortelsburg através da imprecisão de suas memórias. Na vertigem da completa perda de suas referências, ele andava trôpego, sem rumo, tal como um bêbado que tenta, a todo o custo, se equilibrar. Subitamente, uma mão bate em seu peito e arranca, num só golpe, as insígnias²⁰ do uniforme da infantaria de soldados. Assim fez, gritando:

– Monarquia assassina! Abaixo os seus defensores! Abaixo o exército!

De um modo quase insano, avesso à bizarrice daquela situação, Hugo gargalhou por um tempo, ininterruptamente. Depois de uma pausa para o respiro, sua expressão volta a ficar sóbria e o soldado lança uma pergunta como se fosse uma pedra:

– E não me falaram isso antes, por quê?

O homem, que já estava com o pé adiantado para continuar seu percurso sem olhar para trás, é atraído pela pergunta enfática de Hugo. Ele para, mira os olhos do soldado com um ar de compaixão, toca-lhe os ombros e abre um sorriso amigável.

– Essa cidade está às moscas. Por que não tomamos uma vodka? Temos coisas para conversar, meu nobre soldado.

Não havia gente, nem bar. Alguns escombros serviam como mesa e cadeiras. Escondido debaixo de vigas de madeira, o possível piso daquilo que antes fora uma taberna, o homem pega uma garrafa de vodka e dois copos de vidro. Ele enche os copos, entrega um para Hugo e faz o gesto de brindar. O convite não é aceito por Hugo que, com uma ação seca, leva o copo até a boca e bebe tudo num só gole. Sem graça com sua própria falta de tato, o homem tenta iniciar uma conversa.

– As coisas estão mudando. Tudo se alastra na surdina, em sussurros ao pé do ouvido, no escuro das destruídas tabernas desta Alemanha, nas bocas cheias de sangue e terra dos ex-combatentes.

²⁰ De acordo com o historiador Sebastian Haffner, o ato de arrancar as insígnias dos oficiais do exército era comum durante a Revolução Alemã.

Soldados como você. Fogo em palha: esse fodido celeiro prussiano ficará em chamas. Entendeu o papo? Não sabe?! Não te avisaram, ou esqueceu? A memória é uma coisa complicada mesmo.

– A carta para a minha mãe. Não chegou.

Hugo se cala num silêncio fúnebre e mira um ponto qualquer daquele espaço destruído. Seu silêncio era de doer as vísceras. Calado, ele não estava mais ali. Sem saber muito bem como se solidarizar com o sofrimento do soldado, o homem fala:

– Eu sinto muito. Quantas mães morreram, seja por bomba ou por consequência das mortes de suas crias. O corpo nem volta do *front*, fica lá... É uma merda. Mas não podemos ficar no drama, esse direito não nos fora concedido. Não temos tempo dramático a perder! Entende? Porra, isso é uma frase genial: “sem tempo dramático a perder!”, “tempo dramático!”.

O homem tem uma crise de riso e Hugo permanece calado dentro do seu profundo olhar perdido. Na busca de impossibilitar que o silêncio se estabeleça, o homem continua puxando assunto:

– Escute, meu amigo, já chegou aos seus ouvidos o que está acontecendo na cidade de Kiel? Eu não acredito, de que planeta o senhor veio? Ah sim, do planeta da morte. Mas vamos falar do planeta “fogo de palha”. O fogaréu alemão! Os marinheiros do porto de Kiel entraram em greve. Seus comandantes deram uma ordem absurda, tirânica, para que os navios zarpassem numa batalha marítima contra as tropas inglesas e americanas. Uma ordem para a morte coletiva em alto mar. Os caras se recusaram, fizeram um motim. Finalmente, um motim! No dia seguinte, eles se organizaram para marchar ao longo do porto, é óbvio que ia dar merda! Os superiores exigiram a dispersão do grupo de soldados, o que foi recusado. Então, eles atiraram, mataram alguns, feriram outros tantos. Mas os tiros foram insuficientes para apagar o fogo na palha. Ele já se espalhou, está por toda a Alemanha!²¹

Hugo bebe mais um gole de vodka e olha fixo para o homem.

– Pois bem, se de fato essa história for verídica, uma insurreição vinda dos soldados me parece ser algo muito positivo em nosso tempo.

– É verdade o que eu estou dizendo, soldado. Agora já podemos vislumbrar uma revolução. Agora, o que é propriamente uma revolução? Isso eu gostaria de saber. Você sabe?

²¹ Os fatos aqui narrados dizem respeito à revolta dos marinheiros de Kiel, que ocorreu no dia 30 de outubro de 1918 e foi um dos estopins para a eclosão da Revolução Alemã.

– Ouvi dizer que há eventos como esse ocorrendo na Rússia, mas não sei o que é de fato. Quando estive no hospital de campanha, um homem mencionou algo sobre uma “revolução necessária”... Ou talvez tenha sido uma “batalha necessária”... Algo que envolvia alguma ação necessária. Eu não consigo me lembrar e não saberia falar sobre o assunto com clareza. Mas me diga, diante do que aconteceu em Kiel, o que podemos fazer?

– Uma revolução!

O homem sobe na cadeira, joga com toda a força o copo de vidro no chão, que quebra, começa a beber no gargalo da garrafa e grita:

– Revolução!

Hugo bufa com essa piada sem graça e fala:

– Revolução de verdade seria matar o dono da plantação de trigo para ter a nossa própria fábrica de vodka.

– Parece que o soldado compreendeu bem as coisas. Pegue as suas trouxas, vamos para a cidade de Graudenz! O fogo na palha está correndo acelerado por lá.



Na página quinze da carteira militar de Hugo encontrei o carimbo “Arbaitern und Soldatenrat” (em português: conselho de trabalhadores e soldados). Os conselhos ocorreram

no nascedouro da Revolução Alemã. Abaixo do carimbo está o nome da cidade de “Graudenz”, localizada a cerca de 200 km a leste de Szczytno ainda na Prússia Oriental. A partir do motim dos marinheiros no porto de Kiel, o ímpeto revolucionário se espalhou veloz através da classe trabalhadora e dos baixos escalões do exército alemão. De norte a sul do país, o sentimento era de uma profunda insatisfação.²² O povo mergulhado na miséria de um país destruído exigia pão e paz. Dessa forma, tentava rascunhar, na efervescência das manifestações das ruas, uma ideia vaga, fugidia e dispersa, de revolução.

Chegando em Graudenz, vi soldados iguais a mim, fardados, mas sem as suas insígnias. O estranho homem que havia me pescado no meio daquele inferno em Ortelsburg saltou correndo do trem e sumiu no meio da multidão. Não consegui nem me despedir dele. No fundo, eu gostaria de agradecê-lo por ter me permitido enxergar para além do meu drama. Embora tênue, o homem me apontou uma trilha em direção a algum futuro possível, para além da avenida destruída do passado. As ruas da praça do centro da cidade estavam cheias, grupos de diversas partes bradavam palavras de ordem. Todos pareciam estar esperançosos. De fato, fui comovido por um contagiante entusiasmo de estar testemunhando uma transformação na Alemanha.

Ao caminhar por uma avenida movimentada, fui surpreendido por um caloroso abraço:

– Judeu, você está vivo!

Era o cabo com uma cicatriz no lábio, aquele peculiar amigo que fiz durante os tempos da infantaria. Sempre me chamando de judeu! Ele me olhou fundo, pude ver de perto suas olheiras bem marcadas caídas na face do rosto. Sua aparência era extremamente envelhecida.

– Como os anos de guerra te envelheceram, Judeu! Como foi no *front*? Não, não precisa falar.

O cabo me conduziu por entre a multidão até um grupo de soldados e suboficiais do batalhão. Alguns ali eu conhecia e os cumprimentava com calorosos abraços e apertos de mão, outros eu nunca tinha visto, mas retribuía o meu olhar com sorrisos. Numa mesa de madeira, um soldado estava carimbando as carteiras militares das pessoas ali presentes. Eu fiquei sem reação, surpreso com o típico rito oficial num ambiente informal. Tive medo, da última vez que

²² O livro “Uma Juventude na Alemanha” é um relato pessoal do autor Ernst Toller sobre a sua vivência durante a Primeira Guerra e a Revolução Alemã. Segundo o autor, um dos lemas da revolução era: “Salários iguais e mesma comida, a guerra já teria sido há muito vencida!”. (TOLLER, 2015, p.110)

carimbaram minha carteira eu estava prestes a adentrar o inferno do *front* de batalha. Por trás do meu ouvido, escuto uma voz grave e enfática dizendo:

– Soldado, apresente a sua carteira!

No exército, todo pedido vindo de um oficial de uma patente mais alta do que a sua, é uma ordem. O não cumprimento dessa ordem poderia gerar consequências nefastas para mim, inclusive a prisão. O medo de sofrer uma punição imediata foi maior do que o receio daquilo que estava por vir. Numa resposta automática à frase imperativa, eu mostrei a minha carteira e ela foi instantaneamente carimbada: “*Arbaitern und Soldatenrat*”. Onde estou? Isso aqui é uma revolução de verdade? E o que é uma revolução de verdade? Percebi em mim uma enxurrada de sentimentos confusos que vão do entusiasmo à angústia, da esperança à descrença, da raiva ao medo. De repente, um suboficial subiu num caixote de madeira pedindo a atenção com gritos graves que solicitavam silêncio:

– Senhores, é urgente frear a guerra e destituir a monarquia do poder, isso é inevitável e creio que todos aqui concordam. A alta cúpula do exército também já não se sustenta mais. Contudo, devemos respeitá-la! Gostaria de convidar a todos para uma sincera reflexão: quem, de fato, está sendo responsável pelo morticínio dos soldados no *front*? Temos as melhores mentes nos postos de lideranças. Seriam elas, justamente elas, que estão nos empurrando para o abismo? Mas ora, somos todos alemães de alma e coração! Eu não sei, há muita coisa estranha no ar e, por isso, deixo as minhas perguntas em aberto. E por isso também, temos que conduzir esse evento com muita calma. Mais mente do que coração. Não podemos responder à barbárie da guerra com outra barbárie de maior insanidade. Os pilares de um Estado não podem ser erguidos de acordo com a moda francesa de cortar as cabeças! Somos melhores e mais refinados do que os franceses!

Numa primeira impressão ao escutar o discurso, vi em mim ressuscitado o orgulho de ser alemão. O suboficial havia cravado de forma cristalina a diferença entre nós e os franceses e era justamente essa discrepância que provocava em nós um mágico espírito de força e união. Atesto isso com meus próprios olhos, pois percebi que muitos ao meu redor começaram a sorrir enquanto acenavam um sim com o balançar das cabeças. Eu não sei, mas haja vista minha experiência no exército, eu ando muito desconfiado desses discursos contagiantes. Para mim, as palavras lustradas do suboficial visavam apagar as manchas dos nossos derrotados e surrados uniformes. De alguma forma, todos ali sabiam que a alma alemã – se é que ela algum dia existiu – está mais próxima da cor suja de nossas roupas do que a do brilho daquela articulada

verborragia. Por sorte, outro soldado pisou com o pé direito no caixote de madeira, fazendo o suboficial se desequilibrar e pular no chão. O soldado dominou o espaço do improvisado púlpito com risadas:

– Ora, devemos “respeitar o líder do exército Alemão”. – o soldado transforma a sua voz numa debochada imitação – Com licença, excelentíssimo Ludendorff,²³ após ter matado metade da população nacional, o senhor poderia, por gentileza, por obséquio, tirar as suas amáveis nádegas da cadeira de líder do exército, a mesma que o senhor até agora ocupou? Não tenha pressa, senhor! Estaremos tomando um cafezinho enquanto o senhor sai. Depois, sente-se com a gente para compartilharmos nossas fossas de fodidos desempregados. Ah, esqueci, o senhor nunca será um fodido como nós. – o soldado termina sua imitação exclamando – Ora, tenha santa paciência!

Muitos ao redor começaram a rir enquanto o suboficial suspirava de raiva. Um senhor magro que não estava com o uniforme do exército, e sim de paletó, subiu lentamente no caixote de madeira:

– Senhores, não podemos mais perder tempo com questões inúteis. A falência do império foi decretada quando a robusta ideia de vitória ficou nua e viu-se esquelética, raquítica. A questão não é mais o passado, e sim o processo para a transição de uma nova Alemanha. Como queremos esse processo? Eu respondo: com diálogo! O diálogo para um processo pacífico de transição! Chega de perdas! Basta de confusões! Basta de mais guerras! Queremos paz! Paz para trabalhar, paz para prosperar, paz para deixar vir o progresso!

Admito que o discurso deste homem me confortou. Ter a seguridade da paz e de uma Alemanha sem bombas, sem tumultos, sem gritarias, sem discórdias. A paz, a necessária paz, o caminhar lento nas relvas das planícies ao som de uma boa música clássica. Violinos! Que delícia viver entre as mais belas flores do campo. Sem fome nem guerra. Mas eu ando desconfiado das felicidades imediatas, elas são pueris, se desfazem com a primeira ventania. Me parece que temos algo mais profundo para resolver. Outra voz rouca chegava aos meus ouvidos e anunciava que os diálogos em busca de acordos pacíficos também podem fazer guerra. Um homem de barbas compridas subiu no caixote de madeira.

– Não deem ouvidos a este pobre senhor! Ele pensa que é o magnata das minas de carvão do Vale do Ruhr, mas, na realidade, é apenas o dono da mercearia da esquina. É o típico poderoso

²³ Erich Ludendorff (1865-1937) foi líder do exército alemão durante a Primeira Guerra Mundial.

de quarteirão. Atenção: não existirão possibilidades de transformação na Alemanha sem luta. Precisamos ir na raiz do problema, caso contrário, trocamos seis por meia dúzia. Os senhores acham que Ludendorff vai para sua casa com a cabeça baixa? O que ele quer é voltar! Ele sabe que o seu barco está afundando e, para não ficar com a destruidora fama de um péssimo condutor, ele almeja substituir temporariamente o capitão. E todas as pessoas ditas moderadas caem nessa revolução de mentira, maquiada. Se as coisas correrem conforme eles estão planejando, Ludendorff retorna ou alguém de pior espécie. É necessário tomar as rédeas da situação: a Alemanha tem que virar uma república socialista e para isso, precisamos fazer a verdadeira revolução!

Os aplausos eram tão intensos quanto as vaias. O clima havia ficado conturbado, todos falavam alto e ao mesmo tempo. Apesar da palavra “revolução” me causar medo em relação ao futuro, o discurso do barbudo me comoveu. É bonito ver, depois de tanto tempo, olhos que brilham e sonham. Ouvir uma fala buscando a vida num contexto de morte. Perseguir a ideia de que não haverá outro caminho a não ser o dos nossos sonhos. Coragem para sonhar sonhos que encham as nossas mentes e barrigas. Mas ora, como podemos crer na realização de algo impossível? Uma república alemã socialista onde todos comam. Isto é tão desejável quanto risível. Foi durante essa minha disparatada reflexão que eu fui atrás do homem revolucionário, que por conta de seu discurso polêmico se afastara da roda de soldados. Eu me aproximei dele de fininho, tentando não chamar atenção. Eu estava curioso para ouvir suas narrativas e, a partir delas, tentar puxar elementos factuais que me fizessem acreditar na possibilidade de suas realizações. Reticente, eu queria me dar a chance de ficar comovido e corajoso. Eu estava disposto a sorrir. O barbudo conversava com mais quatro pessoas, eu só escutei:

– Precisamos ir para Berlim. Todos! Nenhum militar irá nos representar. Esses caras elaboram um discurso conciliador, pensamentos mágicos sobre os problemas da Alemanha. Se deixar, eles tomam de assalto o protagonismo e ficará tudo igual. Seguindo a mesma tônica, o Partido Social-Democrata já arregalou os olhos, são covardes! Eles estão loucos para negociar com os velhos autoritários do Império. A depender deles, nada vai mudar! O povo continuará na miséria, a guerra continuará matando o soldado no *front* enquanto os donos das fábricas encham as burras de dinheiro vendendo armas. Basta pensar, quem produziu as milhões de balas utilizadas no *front*? Quem pagou por isso? Quem se beneficia? Isso tem nome: a fábrica *Krupp*, *Spandau Arsenal*, e por aí vai. A burguesia se nutre do conservadorismo e cresce! Devemos ocupar as ruas, as praças, os prédios públicos e disputar o futuro da Alemanha. Fazer pressão em Berlim, todos!

Neste momento, o homem começou a distribuir folhetos. Eu estendi minhas mãos para pegar, ele reteve o papel entre os dedos e olhou para mim com desconfiança:

– Tire a farda soldado! Berlim ficará em chamas, os trajes em vermelho são os mais adequados para se guiar em meio ao fogaréu. Vamos para Berlim! Isso não é um convite, pois ainda não haverá festa, também não é uma ordem, pois não haverá mais um superior. Entenda isso como uma chamada!

“Berlim ficará em chamas! Uni-vos rumo à república socialista alemã”, era esse o título do folheto. Apesar destas belas palavras e do entusiasmo das pessoas ao meu redor, eu não aceitei a “chamada” do homem. A verdade é que o turbilhão dos meus pensamentos havia esgotado a minha cabeça. O cansaço profundo encheu o meu coração de medo. Minha fé ficou abalada, não sabia sequer se ela ainda existia. A força que pulsava evaporou como fumaça ao vento e eu me vi apartado da multidão: sozinho no meio de muita gente. Virei as costas e fui embora, seco.

Por semanas, fiquei hospedado numa pensão suja e barata nos arredores de Graudenz. Em algumas noites, meus pensamentos inspirados abasteciam em mim um incontrolável desejo para pegar o primeiro trem com destino a Berlim, me aliar à luta e fazer uma revolução. Imaginem só, testemunhar um país inteiro se transformar. Sem dúvida, enquanto não houver um rompimento drástico com o passado, ele retornará incontáveis vezes impedindo qualquer tipo de mudança. Esse maldito passado é como raízes espúrias escondidas por debaixo da terra. A depender das condições do solo e da atmosfera, quando menos se espera, as raízes renascem, tornando-se o avesso de uma árvore. Sim, plantas que poluem os ares com uma fumaça tóxica, cujas sombras iluminam até cegar o horizonte das utopias daqueles que sonham. Em meio aos meus longos devaneios, fui percebendo que essas ideias loucas me deixavam com a cabeça quente e insone. O problema era que, ao acordar no dia seguinte, eu me percebia frio, vazio e com sono. Foi neste contexto de instabilidade emocional que acompanhei, de longe, os acontecimentos da revolução.

Foi tomando um aguado café, servido pela velha mal-humorada dona da pensão, que eu li a mais impressionante reportagem do jornal: dentro de um vagão de trem, próximo à fronteira da França, o Kaiser Wilhelm II assinara a rendição da Alemanha na Guerra. O ato

ficou conhecido como o Armistício de Compiègne²⁴. Pronto, a vergonha alemã fora sacramentada num papel oficial e o vexame já estava na boca do mundo inteiro. A veia por onde corria o sangue guerreiro do “bom alemão” fora aberta, o seu sangue se mostrou inconsistente, pálido e fraco, escorrendo pelo ralo da mentira. O corpo anêmico agonizava. Ao finalizar a leitura da reportagem, o meu café já estava frio. Do outro lado da rua, vi uma pessoa sem café, passando frio e pedindo esmolas. No balcão, a velha grisalha dona da pensão fumava cigarros enquanto contava moedas e resmungava a respeito das suas dívidas. Um menino com sapatos furados corria na rua segurando um pedaço de pão *Pretzel*, duro. É diante disso que uma paz é assinada. E alguém irá argumentar: mas finalmente um fim! E eu irei dizer, repetidamente: a qual custo? A qual custo?!

Acompanhar as novidades da revolução passou a ser uma tarefa angustiante. O meu coração queria se mover, mas a alma, velha e cansada, me atava na solidão do meu quarto e longe de qualquer tipo de confusão. As notícias não paravam de chegar. Enquanto o povo se espalhava pelas ruas das maiores cidades do país, dentro dos muros do parlamento em Berlim o chanceler do Kaiser, Max Von Baden²⁵, se despedia do poder. Assim fez apertando, a mão dos líderes da social-democracia Friedrich Ebert²⁶ e Philipp Scheidemann²⁷. A transição da governança foi proclamada por Scheidemann, dentro de um lustroso salão do palácio imperial. Ebert assumiu o cargo de chanceler. As suas primeiras palavras dirigidas ao povo alemão foram: “Concidadãos! Eu peço urgentemente a todos vocês: deixem as ruas! Mantenham a paz e a ordem!” (HAFFNER, 2018, p.108)

Mas o povo nas ruas não o escutou. O pulso de uma revolução permanecia efervescente, embora torto, desengonçado e, por vezes, questionando seus modos e razões de existir. O corpo indefinido da revolução abria margens para as críticas de má fé. Quem havia me falado isso foi um jovem universitário que encontrei na porta da pensão. Enquanto eu fumava o meu cigarro

²⁴ As consequências da derrota alemã só se tornaram mais evidentes meses mais tarde, com o Tratado de Versalhes (1919). A partir dele, a nação alemã sofreu severas derrotas, tal como a perda de territórios (inclusive da área da destruída cidade onde Hugo nasceu, que, após esse tratado, fora integrada à Polônia), pagamentos altíssimos de indenização às nações vitoriosas, além de uma drástica redução no número de indivíduos na guarnição do exército, da marinha e da aeronáutica.

²⁵ Max Von Baden (1867-1929) foi chanceler alemão por um mês, em 1918.

²⁶ Friedrich Ebert (1871-1925) foi chanceler em 1918 e depois o primeiro presidente da Alemanha, assumindo em 1919 e permanecendo no poder até 1925.

²⁷ Philipp Scheidemann (1835-1939) foi chanceler alemão no ano de 1919.

do fim do dia, o jovem aproximou-se do balcão vazio no intuito de reservar um quarto. A velha da pensão havia saído e eu, de modo cordial, busquei acolher o visitante.

– O senhor pode se sentar. A dona Ruth saiu, mas não costuma demorar. De onde o senhor veio?

– Berlim.

Um inquietante silêncio foi estabelecido no ambiente. Nas entrelinhas, eu ansiava por perguntar sobre as novidades e o universitário por contá-las, mas a típica formalidade de dois desconhecidos nos emudecia à força. Além disso, havia o medo de uma eventual discordância política. Numa troca de olhares, tomei coragem para fazer uma pergunta.

– Como... Como andam as coisas em Berlim?

– Bem.

Fiquei decepcionado com a resposta seca do homem e, por isso, insisti em perguntar.

– E as ruas? Como estão as ruas?

– Para qual lado o senhor olha quando atravessa as ruas, para a esquerda ou para a direita?

– Depende do... – percebi as sutilezas da pergunta, ela quase que solicitava uma senha de acesso

– Eu olho para a direita, com medo de virem mais bombas!

O universitário abriu um sorriso e soltou o verbo como uma metralhadora.

– Eu também! Olhe, senhor, apesar de muita gente querendo botar água, as coisas estão explodindo ou implodindo. São tantas vozes falando ao mesmo tempo que o entendimento, às vezes, fica difícil. Mas tudo está acontecendo e é o fato de tudo acontecer que realmente importa. Entende? É tudo tanto, tão exponencial, tão superlativo, são frases sem ponto finais, são contas de multiplicação com números infinitos. Mas há problemas, muitos oportunistas se aproveitam dessa efervescência para enfraquecer o movimento. Para esses, o caos é sinônimo de balbúrdia e não de sonho. Quem não sabe sonhar não entende as mudanças ao redor. Desculpe, não quero incomodá-lo.

O homem falava num tom de empolgação e desabafo. Me parecia que ele havia passado muito tempo em silêncio durante a sua viagem de trem até aqui e que eu, ali, era um ouvido disponível para o qual ele poderia narrar a ebulição dos acontecimentos que testemunhara. Eu

fiquei extremamente feliz com a presença dessa peculiar espécie de “jornal falante” na minha frente. Então, eu o instiguei:

– Não me peça desculpas! Por favor, continue com as suas colocações.

– Na frente do perigo estamos nós, os verdadeiros revolucionários, encabeçando duras ações contra os moderados. Mas é aí que começa o nosso problema: como explicar para os demais que uma república *conselhista* é o melhor horizonte para o nosso país? Uma política instituída por baixo, pelos conselhos nas ruas, pelo povo. Isso tem que ser instituído como o novo modelo de Estado. Mas não é para esse caminho que as coisas estão indo, e vou além, eu ousou dizer que o problema está na classe trabalhadora.

Eu pulei da poltrona. Esse cara não me parecia estar com o juízo em seu devido lugar.

– Não me olhe assim. Eu afirmo e reafirmo! A classe trabalhadora teme a perda definitiva de seus empregos e começou a defender os interesses dos seus patrões. Os sindicatos estão todos de mãos dadas com o novo chanceler. Se nós, do recém-formado KPD²⁸, não agirmos em prol de uma ação contundente e definitiva, uma constituinte morna ocorrerá e o sonho de uma Alemanha Socialista irá para lata do lixo. Meu amigo, estamos levando porrada nas ruas. A guarda alemã está raivosa! E o senhor irá me perguntar: quem é o líder da guarda? Eu repondo: a social-democracia, é ela que está nos matando! E perceba as sutilezas: após a guerra, as guardas se mantiveram aos moldes imperiais e o chanceler se aproveita disso. Com uma social-democracia assim, quem precisa de inimigos? Eles nos golpearam e por esse motivo é urgente uma radicalização! Mas aí vem o desafio: como comunicar isso para as pessoas, para o povão, entende? Como dizer que não podemos nos contentar com comida pouca? Povo alemão, o negócio é o seguinte: ou teremos um banquete, ou ninguém come!

Eu achei confusa a colocação do homem. Será que ele havia passado fome para afirmar essas coisas com tanta veemência? Porque eu passei fome no *front* e prefiro muito mais comer pouco a ter que viver esfomeado.

A dona da pensão retornou quando o homem ainda estava na metade de seu discurso. Ela se manteve discreta, num canto da sala para não chamar muita atenção e assim, ouvir a conversa. Mal deu para o homem respirar ao final de sua colocação que, num só impulso, a

²⁸ KPD é a abreviação de Kommunistische Partei Deutschlands (Partido Comunista Alemão), fundado em 1919, em Berlim.

velha da pensão correu até o balcão de madeira e, debaixo dele, pegou uma espingarda antiga. Com os olhos arregalados, a senhora apontou a arma na direção do homem.

– Cai fora, comunista de merda!

O homem quicou de susto, se levantou e jogou os dois braços para o alto solicitando calma. A senhora avançou em direção ao rapaz enquanto ele seguiu de costas até a porta de saída. Ao pisar na soleira, ele correu e desapareceu como num passe de mágica. Eu permaneci parado, sem reação. A velha apontou a arma para minha direção, bufando:

– Não tolero comunistas em minha residência. Escute bem: a Alemanha não precisa mudar. Ela é boa como foi e assim será!

Ela manteve a arma apontada para mim. Em seguida, ela desceu o cano e o guardou debaixo do balcão. Meu coração disparou, os pingos de suor escorriam pela minha testa, minhas pernas ficaram bambas. Ao ver a senhora saindo pelos corredores, eu subi correndo as escadas, entrei no meu quarto, catei apressadamente os meus pertences espalhados pela cama, peguei minha escova de dente, coloquei tudo em uma mala e saí correndo. Ao passar pelo balcão, deixei em cima da mesa alguns marcos²⁹, valor relativo às semanas que lá fiquei, e fui embora. Tudo isso eu fiz num só ímpeto, envolto por uma estranha atmosfera de medo, ou talvez pânico.

Saí ofegante pela rua escura e fria. A luz da lua cheia iluminava meus passos, mas meus pensamentos se voltavam contra mim para me questionar sobre os porquês da minha súbita reação. Por que eu fui embora? Por que eu não fui altivo, assertivo, apaziguador, como me ensinaram no exército? Por que eu estava ali na rua? Para onde eu iria? Ora, eu atravessei uma guerra inteira, dezenas de armas apontadas contra mim, bombas das mais altas tecnologias. Por que eu tive medo de uma senhora com uma velha espingarda nas mãos?

Num diálogo comigo mesmo, eu tentei responder às enxurradas de perguntas deste interrogatório pessoal. Assim eu fiz parado de pé numa esquina, quatro quarteirões distante da pensão onde eu estivera. Talvez a espingarda da velha representasse outro tipo de violência, uma violência de pior espécie. Ainda fico reticente por constatar que a velha não era a única que pensava assim neste país. E é evidente que ela não estava sozinha, ela era um reflexo de

²⁹ Nesta época, a moeda alemã (Marco) iniciava um processo agudo de desvalorização. Em 1919, 1 marco valia 8.9 dólares; já em 1923, 353.412 dólares. Dados retirados da tabela na página 137 in: STOLPER, Gustav. Historia Económica de Alemania (de 1870 a 1940) – Problemas y Tendencias. México: Fondo de Cultura Económica, 1942.

parte de nós. Para piorar a situação, percebo que o desejo de quem aponta a arma seria por permanecer no tempo do Kaiser. O desejo de ficar no passado. Se no *front* de batalha o inimigo era o fardado do outro lado da trincheira, agora as armas estão sendo apontadas entre nós, em qualquer lugar e a qualquer hora. O problema agora é o próprio alemão. Ou será que ele sempre foi um problema?

Desorientado, fui caminhando até a estação de trem. Guiado por um turbilhão de pensamentos emocionados, o desejo de ir para Berlim se torna cada vez mais impositivo. O discurso do jovem universitário, a ação desmedida da velha, uma espingarda, a guerra entre nós... Eu comecei a ficar incomodado nesse estranho lugar onde estava, isto é, uma pessoa distanciada dos fatos, um reles espectador escondido na penumbra da plateia. Talvez estivesse na hora de entrar em cena e me posicionar em meio a tantas vozes, desejos e utopias. Se o problema somos nós, os alemães, então vamos resolver a questão. Eu estava decidido! Na plataforma da estação me sentei num banco de madeira para esperar o trem, que iria sair de manhã.

Os primeiros raios de sol penetraram em minhas pálpebras, elas se abriram lentamente fazendo um tremendo esforço contra a remela que as mantinham coladas. Remelado, estava remelado. Me senti desorientado, numa espécie de ressaca não alcoólica, uma dor de cabeça da alma. O barulho intenso do trem com a placa “Berlim”, o seu apito, as pessoas com malas andando rápido para lá e para cá. Eu comecei a rir, um riso de escárnio, de raiva. Eu não quis ir. Eu tive medo. Eu não sabia para onde ir, mas quis estar longe do furacão. Quis descansar, viver em paz, comer bem. Eu não queria me machucar, nem sangrar, nem ir para o hospital novamente. Eu queria ir para o reino onde não existissem armas, nem gritos, nem disputas, nem brigas, nem ideologias. Eu não fazia a menor ideia para onde ir.

Hugo permaneceu por horas imóvel no banco da estação. O trem se foi e a plataforma ficou vazia. Sem motivo aparente, Hugo pegou a sua mala e foi para outra pensão, na direção oposta à que ele estava anteriormente. Solitário e em seu minúsculo quarto, o ex-combatente continuava acompanhando as notícias da revolução, cada vez mais radicalizada. Se os grupos revolucionários de esquerda ocupavam, em polvorosa, as ruas, células contrarrevolucionárias pipocavam cada vez mais violentas. Tratava-se de grupos de extrema direita compostos pela ala mais reacionária do exército, avessa à democracia e feroz defensora do Império. Entre esses

grupelhos, destaca o *Freikorps* que, em janeiro de 1919, assassinaram nas ruas de Berlim os líderes da KPD, Rosa Luxemburgo³⁰ e Karl Liebknecht³¹.

Os assassinatos³² de Luxemburgo e Liebknecht inauguraram o período mais sangrento da revolução e de maior confronto entre os comunistas e a extrema direita. No bojo desse embate, crescia um ambiente conspiratório no qual se consolidou o famoso mito da “punhalada nas costas”. Tratava-se de culpar os comunistas e os judeus pela derrota na Guerra, acusando-os de terem sabotado o exército alemão. Em suma, amorteciam e mascaravam a queda dos antigos líderes do Império, atacando os grupos minoritários e, inclusive, matando-os. Paradoxalmente, a social-democracia, que já há muito tempo renunciara a seus ideais de esquerda para abraçar a causa burguesa, se aproveitava do discurso e das ações da extrema-direita para se consolidar no poder. Nesse sentido, o conservadorismo se uniu à burguesia para matar a revolução e, depois que ela foi findada, a extrema direita cresceu de modo a subjugar a burguesia à sua vontade.

De novembro de 1918 ao verão de 1919, tratava-se da seguinte questão na Alemanha: revolução ou contrarrevolução? Depois a questão era apenas: restauração burguesa ou contrarrevolução? (Dez anos mais tarde, a questão seria: qual tipo de contrarrevolução?). (HAFFNER, 2018, p.281)

A citação é do jornalista e escritor alemão Sebastian Haffner, que compreende os fatos ocorridos na Revolução Alemã como fundamentais para o surgimento do nazismo e dos terríveis acontecimentos subsequentes. Segundo ele, ficou evidente que a social-democracia

³⁰ Rosa Luxemburgo (1871-1919) foi uma filósofa e economista marxista polonesa-alemã.

³¹ Karl Liebknecht (1871-1919) foi um advogado alemão que defendeu muitos colegas de partido.

³² Na madrugada do dia 16 de Janeiro de 1919, primeiro Liebknecht e depois Luxemburgo foram retirados de seu esconderijo em um apartamento em Berlim Ocidental e levados ao Hotel Eden, onde foram interrogados e eventualmente mortos por oficiais da Garde-Kavallerie-Schützen-Division (Divisão de Cavalaria da Guarda) sob o comando de Waldemar Pabst (1880-1970). Espancada com coronhas de rifles e baleada à queima-roupa, o corpo de Luxemburgo foi jogado no canal Landwehr, em Berlim, só vindo à tona seis meses depois. Os assassinatos nunca foram investigados de forma idônea – na verdade, a divisão militar responsável pelos assassinatos também conduziu a investigação, e o governo do SPD considerou que os espartaquistas tinham atraído esse destino para si mesmo. (No inglês original: On the night of 15-16 January 1919, first Liebknecht, then Luxemburg were taken from their hiding place in a western Berlin flat to the Eden hotel, where they were interrogated and eventually killed by officers of the Garde-Kavallerie-Schützen-Division (Guards Cavalry Division) under the command of Waldemar Pabst (1880-1970). Beaten with rifle butts and shot at close range, Luxemburg’s body was dumped in Berlin’s Landwehr canal, only resurfacing six months later. The murders were never credibly investigated – in fact the military division responsible for the murders also carried out the enquiry and the SPD government took the view that the Spartacists had brought their fate upon themselves. – traduzido por mim) in: [Luxemburg, Rosa | International Encyclopedia of the First World War \(WW1\) \(1914-1918-online.net\)](https://www.encyclopedia.com/history/encyclopedias-and-reference-works/international-encyclopedia-of-the-first-world-war/1914-1918-online-net) (visualizado em 8/10/2024)

traiu o processo revolucionário, pois manteve os espaços de poder abertos para os setores mais conservadores do período imperial. Sendo assim, a revolução naufragou.

No fim, os alemães correram muito, mas em círculos. Eles não saíram do lugar. “Ainda hoje, a Alemanha continua doente por conta da traição à revolução de 1918”. (HAFFNER, 2018, p.313)

CAPÍTULO 2. VIDA EM BERLIM

2.1 Cinema

Num local muito movimentado, um senhor está parado girando a manivela de um realejo de madeira, apoiado sobre uma pequena carroça com duas grandes rodas. Em cima do realejo, um macaco vestido com uma camisa de lã. Crianças que carregam bandeirinhas nas mãos olham sorridentes a curiosa atração. Homens de chapéu e sobretudo preto acenam para o macaco. Um casal retira algumas moedas dos bolsos e entrega ao tocador de realejo. Um homem anão com feições sérias oferece mais uma moeda. No segundo plano da cena vemos o topo de um carrossel que roda veloz e algumas barracas onde, provavelmente, estão outras atrações. É entre elas que pessoas entram e saem, dando a entender que estamos dentro de um lotado parque de diversões.

Num terceiro plano, mais distante, está uma montanha protuberante cheia de casas ao redor. As casas têm formatos estilizados, retângulos contorcidos, e os seus telhados são pontiagudos. Parece que essas casas foram desenhadas como um *Trompe-l'oeil* dos teatros antigos, isso é, telas pintadas por renomados artistas e que compunham o cenário do plano de fundo dos palcos. No geral, a cena inteira é caracterizada por muitas linhas tortas: o corrimão atravessado de um lado a outro vai ficando cada vez mais alto, o chão da calçada se estreita conforme se anda, as tendas do parque de diversões são linhas íngremes em relação ao chão. Também há a presença de muitas sombras, formas escuras e bem delineadas. Tudo é preto e branco.

Em meio ao vai e vem acelerado de pessoas, surge um robusto senhor de bengala, cartola, sobretudo preto e barba grisalha. Ele atravessa o parque de diversões em ritmo lento, com peculiar tensão interior e um lânguido frenesi. É o Dr. Caligari, que caminha até uma barraca no intuito de inaugurar a sua mais recente atração, intitulada: “Cassare, o sonâmbulo”. Cassare é um homem que dormiu por vinte anos e, finalmente hoje, despertará de seu sono. Ao abrir o olho, há a promessa de que ele adivinhará qualquer pergunta feita pelo público.

Dentro de um pequeno teatro escuro e lotado, as tortas cortinas do palco se abrem. Um jovem vestido de preto e com maquiagens fortes, preta e branca, dorme dentro de uma espécie de caixão ou armário de madeira. Caligari, com seus óculos fundo de garrafa, expressa uma intensa satisfação por apresentar, pela primeira vez, a atração ao público. Subitamente, os olhos

do jovem se abrem e todos na plateia deixam escapar um ar de absoluta fascinação. Em seguida, uma pessoa é convidada a se aproximar do palco e fazer uma pergunta:

– Quando irei morrer?

O jovem recém desperto responde de imediato:

– Até o amanhecer do dia!

Após uma expressão de estranhamento, o jovem sentenciado à morte deixa seus dentes a mostra e inicia uma série de grotescas risadas, um misto de descrença e medo. O show acaba e o jovem caminha pelas ruas tortas do vilarejo ao redor da pontiaguda montanha...

– Gertrudes, não estou gostando do filme.

São essas as palavras que Hugo sussurra ao pé do ouvido de sua esposa, hipnotizada pela tela. Após Gertrudes emitir um antipático chiado exigindo silêncio, Hugo esbraveja, cruza os braços e se vira para o lado. A orquestra toca de modo frenético no fosso do cinema, logo abaixo da tela de projeção. Violinos, contrabaixos, violoncelos, um piano e uma angelical harpa construam a intensa trilha do filme “O Gabinete do Doutor Caligari” (1920), dirigido por Robert Wiene. O cinema está lotado, todos trajando as suas melhores vestimentas, sem falar nos bons perfumes com intensos odores que se espalhavam pelos ares. A sala de exibição é enorme, cerca de seiscentos assentos em dois níveis diferentes. O pé direito é alto e as paredes são de cor clara em tons pastéis.

O desejo de Gertrudes para ver o filme até o final vence a teimosia e o olho virado de Hugo, que há tempo já demonstrava uma agonia enorme em sair do cinema. O fato deles estarem sentados no meio da fileira também intimidava a vontade de Hugo de ir embora, haja visto que, para sair, ele atrapalharia a visão de muitas pessoas ao seu lado. O filme corre junto com a intensidade da música da orquestra: o homem que fora sentenciado pelo sonâmbulo Cassare é assassinado na manhã seguinte da própria previsão e a suspeita de que Dr. Caligari é o mandante do crime só aumenta. De fato, descobrimos que Cassare é refém de Caligari, ele vive hipnotizado e, por ordens de seu líder, comete assassinatos em série. Também é necessário aqui recompor os fatos iniciais do filme, onde, sentados num banco de uma praça, Francis (o amigo do rapaz que fora assassinado por Cassare) conta uma história, o enredo do próprio filme. Esse início vincula-se com o final da película: ao terminar de contar a história, Francis é levado para um hospício onde o diretor é o Dr. Caligari. Portanto, todo o enredo da trama se revela como a

narrativa de um louco, um delírio, um *flashback* que não deixa explícito se os fatos contados são verdadeiros ou não.

Em meio aos efusivos aplausos, Gertrudes se aproxima do ouvido de Hugo e fala:

- Esse final me parece muito frágil. Pronto, agora tudo mostrado até aqui é uma mentira.
- Eu disse que o filme não prestava!
- Não seja radical!
- Vamos logo, porque esse povo de Berlim tem o péssimo hábito de aplaudir por horas a fio.

Os dois são os primeiros a saírem da sala de exibição, atravessam o majestoso hall de entrada do cinema, passam no foyer para pegar os seus casacos e saem por uma grande porta de vidro. Na fachada, vemos um enorme letreiro iluminado com o nome do cinema: Babylon. Suas letras estão posicionadas uma embaixo da outra em sentido vertical e, ao lado, o cartaz do filme: muitas escadas deformadas que levam a lugar nenhum, no topo de uma delas está Cassare carregando o corpo de uma mulher. Em um nível abaixo, também numa escada deformada, está Dr. Caligari com homens de paletó ao seu lado. No plano de fundo, chaminés e janelas – seguindo o mesmo estilo do vilarejo apresentado no filme. Gertrudes e Hugo atravessam a Bülowplatz, uma praça que atualmente é chamada de Rosa-Luxemburg-Platz, em homenagem à revolucionária, e prosseguem na direção de sua casa. Eles andam de braços dados.

Sentado num café na Rosa-Luxemburg-Platz, eu costumava brincar de ver Hugo e Gertrudes, meus bisavós, nos rostos daqueles que saíam do Babylon. Durante o tempo em que morei em Berlim, eu fui um espectador assíduo desse cinema. Era estranho, mas mesmo sem entender a língua alemã, eu me emocionava com os filmes locais, especialmente nas noites de orquestra ao vivo. Sentado na poltrona do meio, de frente para a tela de projeção, eu sentia uma peculiar energia que circulava por toda a minha coluna vertebral. Meus olhos enchiam-se de água, a tela ficava turva. Arrepios, suspiros, bocejos, tonturas, *déjà vu*. Tive a mágica certeza de que eu não apenas estava repetindo um rito familiar do passado, mas exatamente no mesmo local onde ele ocorria.

Certezas mágicas: as provas do passado não vêm a partir das informações históricas, mas sim de um lugar extremamente íntimo, intuitivo e fugidio. Como uma antena de rádio, o meu corpo captava vibrações seculares. Elas permaneciam vivas, pulsantes, à espera de um interlocutor familiar, no caso eu, para adquirir concretude. Ali, eu era como um conector que

se encaixava na tomada, os bastões metálicos entram naqueles buracos específicos dispostos no interruptor de parede, e aí o aparelho liga. Um projetor exibindo um filme familiar na minha mente e que agora eu tento transformar de sequência de imagens em palavras.

Gertrudes e Hugo saem do cinema de braços dados. Eles se casaram há pouco tempo numa cerimônia simples com a presença de algumas amigadas, feitas recentemente após se mudarem para Berlim, e dos pouquíssimos familiares que migraram para a cidade. O primeiro encontro do casal foi num trem, ambos estavam de mudança. Hugo saíra da Prússia Oriental, na cidade de Ortelsburg, que fora completamente destruída durante a Primeira Guerra Mundial (como dito no capítulo anterior). Depois de fazer contato com primos distantes que moravam em Berlim, Hugo foi trabalhar na pequena loja de seus parentes. Sua especialidade era a contabilidade.

Gertrudes veio de Varsóvia, capital da Polônia. Deixando provisoriamente seu pai – Michaelis, o único membro ainda vivo de sua família – ela fora para Berlim com o objetivo de fazer um curso profissionalizante voltado à alta costura. Naquela época, Berlim estava se destacando como uma das capitais mundiais da indústria da moda. Por Michaelis ser um produtor de tecidos e exportá-los para Berlim, o plano inicial de Gertrudes era retornar à Polônia ao final de seus estudos, importando para sua cidade natal os conhecimentos aprendidos no exterior. Porém, algo aconteceu no meio do caminho. Foi no trem que Hugo e Gertrudes sentaram lado a lado e começaram a conversar. Eles descobriram muitas coisas em comum, além de uma grande afinidade ao comentarem, de um modo suave, as bruscas mudanças dos últimos anos.

No banco de madeira do trem, na travessia da fronteira entre Polônia e Alemanha, os joelhos de Hugo se voltaram em direção aos de Gertrudes, eles permaneceram frente a frente. Em meio a risadas, Hugo se gabou por ter nascido com forte contato com a cultura polonesa, afirmando que, no final da guerra, a sua cidade natal havia se tornado território polonês. Ou seja, ele era um “polonês fora da época”. Diante de uma atraente polonesa, Hugo, malandramente, reconstituía seus elos com a Polônia após anos tentando afastar-se dos poloneses. No clichê, essas são as ironias do destino. Gertrudes era uma polonesa orgulhosa, tinha amor por sua terra e estava feliz com os territórios anexados da Alemanha:

– Ganhamos até um corredor para chamar de nosso! Um corredor polonês³³ em direção ao mar!

Assim disse Gertrudes em tom jocoso. Apesar de pertencer a uma família tradicional, que colocava a mulher restrita aos serviços domésticos, Gertrudes sempre cultivara uma curiosidade que ia além de seu tempo. Gostava de ler, de comentar sobre os acontecimentos que ocorriam ao seu redor, de dar conselhos ao pai sobre os negócios da família. Foi graças à sua habilidade argumentativa que conseguira, depois de anos insistindo, ter a permissão de seu pai para passar uma temporada em Berlim. Michaelis era um homem cabeça dura, mas o avançar da idade amolecia cada vez mais as suas certezas. Ali, naquele trem que corria em direção à efervescência da capital alemã, Gertrudes comemorava o desabrochar de sua emancipação sem saber muito bem o que fazer com ela, mas motivada pelas notícias sobre os movimentos feministas que brotavam nas ruas da capital desde o início da revolução alemã.

Apesar do fracasso da revolução, muitas conquistas foram realizadas, como o direito das mulheres votarem, a diminuição da desigualdade dos salários, entre outros avanços. Além disso, ícones como Rosa Luxemburgo e Clara Zetkin³⁴ alavancaram o desejo de emancipação para muitas mulheres. Apesar de antenada com as novidades, Gertrudes não comprava totalmente essa onda libertária. Ela gostava de ver as mudanças, mas ao mesmo tempo temia a perda da tradição familiar que para ela se verificava como uma fortaleza. Numa metáfora, Gertrudes era uma exímia nadadora que tentava dar as suas braçadas no mar da modernidade, até o mais fundo possível, porém nunca perdia de vista a sólida costa do litoral – imponente, rígida, exigente, mas também o seu abrigo e a sua raiz.

Por volta das vinte horas de uma sexta-feira, Hugo e Gertrudes saem de braços dados do cinema Babylon em direção à sua casa no bairro de Friedrichshain. Era um trajeto de vinte minutos cruzando o centro da cidade. Ao atravessar uma das ruas que contornava a Bülowplatz, Gertrudes fica hipnotizada com a luz do fogo que subia alto de dentro de um tonel de ferro. A luz revelou os rostos de meia dúzia de mulheres, homens e crianças que buscavam ali se

³³ O “corredor polonês” foi um extenso pedaço de terra que conectava a Polônia ao Mar do Norte. Com o fim da Primeira Guerra Mundial e o Tratado de Versalhes, a Alemanha foi obrigada a ceder parte de seus territórios à Polônia. Desse modo, foi instaurado o corredor polonês que dividiu o território alemão em duas partes, leste e oeste. No Brasil, o “corredor polonês” é o nome de uma “brincadeira” de adolescentes em que duas filas de pessoas formam um corredor e um terceiro atravessa pelo meio levando tapas, chutes e socos. Curioso notar que a violência desta brincadeira se conecta com a virulência do exército alemão nos períodos pré-guerras; quem apanha está no território polonês, as minorias, enquanto os socos vêm dos dois lados do território alemão, os opressores.

³⁴ Clara Zetkin (1857-1933) foi uma jornalista, política marxista e feminista alemã. Em 1910, Zetkin propôs a criação do Dia Internacional da Mulher como uma jornada de manifestações anuais pelos direitos das mulheres e pelo socialismo. Para mais informações, ver: [Clara Zetkin, a feminista alemã precursora do 8 de Maio | Direitos Humanos \(brasildefato.com.br\)](https://brasildefato.com.br/clarazetkin-a-feminista-alema-precursora-do-8-de-maio/) (visualizado em 15/08/2024).

aquecer. O intenso clarão contrasta com as ampliadas sombras das silhuetas dos corpos dessas pessoas sobre a neve enlameada, branca, cinza e marrom. O casal segue por uma estreita calçada que corre comprida ao lado de uma parede de tinta descascada e tijolos à mostra. Na medida em que avançam, a parede vai perdendo altura, se transforma num muro com tijolos quebradiços, o muro vai se desfazendo até fundir-se em cacos com o chão. Os escombros revelam um terreno baldio onde se vê outros clarões de fogueiras saindo de tonéis de metais com mais pessoas ao redor. São muitos tonéis e eles estão espalhados por todo o terreno. Um gato preto atravessa a rua perseguindo um rato. Dois corvos gritam sobre o parapeito de um prédio antes de levantarem voo. A lua minguante se esconde atrás de uma tênue nuvem. Restos de neve caem do céu. O vento passa gelado dobrando a rua.

Com os braços depositados sobre os ombros de Gertrudes, Hugo faz suas ponderações sobre o filme:

– Achei macabro.

– Mas os tempos estão assim, Hugo. Esse filme é só um retrato.

– Por que tudo se passa num parque de diversões? Muito mais condizente seria tudo acontecer nos porões de um castelo em Meißen, ou até mesmo nas trincheiras da guerra.

– Besteira! A beleza do filme é justamente tudo acontecer debaixo dos nossos narizes com um clima ameno e divertido.

– Mas Gertrudes...

Atenção ao atravessar a rua: de um lado, alguns carros com faróis intensos, do outro, um grupo de jovens pedalando em bicicletas, cada um deles portam uma bolsa de couro surrado. As bicicletas entram por uma rua estreita e param diante de uma porta fechada com uma placa pendurada escrita à mão com giz branco: “Não estamos admitindo trabalhadores!”. Como num carrossel, as bicicletas fazem uma meia volta aberta, indo até o outro lado da ruazinha, para retornar à movimentada avenida³⁵. Hugo e Gertrudes entram nessa rua estreita de chão de paralelepípedo e cheia de sombras. Eles caminham até a margem do rio Spree.

– Hugo, pense só: você está andando na rua, como agora, e vem um sonâmbulo, alguém hipnotizado, isto é, aficionado com uma ideia louca na cabeça. Ele vem e te tira a vida. E a

³⁵ Essa descrição é de uma cena do filme escrito por Bertolt Brecht e Ernst Ottwalt “Kuhle Wampe: ou A Quem Pertence o Mundo?” (1932).

cidade inteira se apavora na possibilidade de ser o próximo a morrer. E as ruas ficam escuras e desertas, as praças abandonadas, ninguém mais se cumprimenta, pois suspeitam uns dos outros.

– Horripilante! Mas a verdade é que o filme não passa de um dramalhão refém das intempéries de um ou outro indivíduo maluco. Um desejo de matar. Não tem nenhuma relação com a realidade alemã dos últimos tempos. Até poucos anos atrás, nossos desejos eram comuns.

– E tudo fracassou! As formas dos desejos foram perdidas e tudo se esparramou no chão. Formas estranhas, é isso que se vê! Hugo, alemãozinho do meu coração, você de fato conhece o seu próprio país?

– Lógico que sim!

Jocosamente, Gertrudes dá um tapinha no rosto de Hugo e começa a rir. Numa caminhada beirando o rio Spree, eles continuam o trajeto em direção à casa. As luzes amareladas iluminam precariamente a divisão entre o asfalto e a água. A temperatura gelada deixa o rio lento, as águas ficam quase sem movimento, quase a ponto de congelar. Vindo na frente do casal, um homem trôpego cambaleia com uma garrafa de gim na mão. Ele cantarola músicas num indecifrável dialeto enquanto brinca com a própria vida num trajeto torto na beira do Spree.

– Vai cair!

Gertrudes alerta o bêbado, mas ele não percebe nada a não ser o seu próprio desequilíbrio, ou a sua vital busca por equilibrar-se até chegar em algum lugar mais seguro. Talvez o bêbado estivesse brincando com a sinuosa linha divisória entre o chão e a água gelada, ou com a sua própria sombra dançante que, a depender do ângulo em relação à luz, aparece ora pequena ora gigante.

Na medida em que o bêbado passa, entregando sua sorte a outras testemunhas na rua capazes de salvá-lo de um eventual acidente, um forte cheiro de tabaco penetra nas narinas de Gertrudes. O odor chama seus olhos para uma casa iluminada com luzes vermelhas e azuis e um letreiro chamativo escrito “El Dorado³⁶”. Da rua, ouve-se o barulho de uma multidão no interior da casa e o som de jazz tocando a todo vapor. Em pé, do lado de fora, Gertrudes vê uma mulher barbada: cílios postiços brilhantes, batom vermelho, sutiã, um sobretudo colorido, salto

³⁶“El Dorado” foi de fato um cabaré que existiu em Berlim na década de 1920. O documentário **Cabaré Eldorado: o alvo dos Nazistas**, dirigido por Benjamin Cantu (2023), relata as histórias deste cabaré.

alto e a calça apertada rasgada, justamente na região das nádegas. Bunda pelada ao ar, ao frio e ao vento berlinense! Gertrudes tem um ataque de riso, mas é logo censurada por Hugo, que apressa o passo.

O casal prossegue beirando o rio até chegar à ponte Jannowitzbrücke, atravessam a rua e, de lá, avistam o destino final da caminhada: a casa.

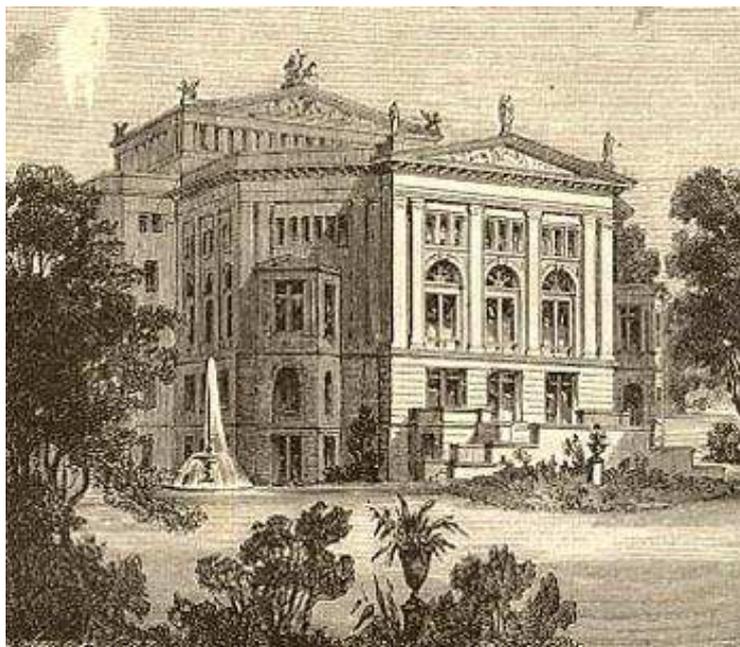
2.2 A Casa



Uma cópia da certidão de nascimento de minha avó, Herta Ilse Grünbaum. Ela nasceu no dia 28 de novembro de 1923 e foi registrada em 1º de dezembro do mesmo ano por seu pai, Hugo. No documento há o carimbo da República Alemã e um outro em português de alguma tradução juramentada. Hugo é apresentado na certidão com a profissão de comerciante, enquanto Gertrudes é intitulada como “esposa”.

A subserviência do nome de Gertrudes ao de Hugo revela a força do patriarcalismo, que na época caracterizava a própria estrutura do Estado e era naturalizado por parte da sociedade. Uma maquinaria estatal patriarcal composta por homens brancos conservadores e um sistema jurídico criado pelos mesmos. Durante a década de 1920, essas estruturas originadas no tempo do Império permaneceram praticamente intocadas. Como resultado, abriu-se um terreno fértil para o surgimento do nazismo: o velho travestido com um uniforme novo, limpo e brilhante.

Foi através da certidão de nascimento de minha avó que eu encontrei o endereço da casa dos Grünbaum em Berlim: a Wallnertheaterstraße, 14, localizada no bairro de Friedrichshain. Logo de início, descobri que a rua abrigava um dos mais conhecidos teatros da época, o Wallner Theater.

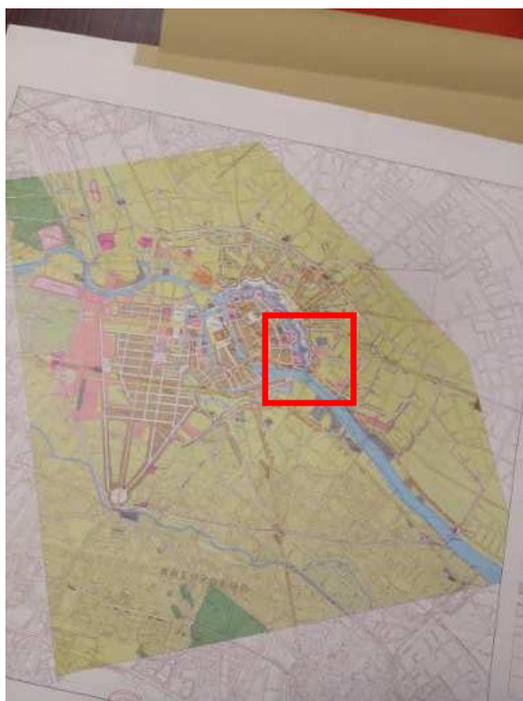


Wallner Theatre (1855-1939). fonte: [Wallner-Theater - Wikiwand](#) (visualizada em 16/08/2024)

O teatro foi fundado no ano de 1855 pelo diretor austríaco Franz Wallner e se popularizou com apresentações de espetáculos cômicos e óperas. Após a Primeira Guerra Mundial, atrizes alemãs consagradas como Camilla Spira e Lotte Lenya se apresentaram no palco desse teatro. Em 1930, o diretor Erwin Piscator assumiu a administração do espaço; na época o edifício estava em ruínas. Em 1939 ele foi totalmente demolido, dando lugar a um conjunto residencial. A Rua Wallner Theater também deixou de existir.³⁷

Na busca por encontrar em mapas antigos o endereço da família Grünbaum, fui visitar os arquivos da Staatsbibliothek zu Berlin (Biblioteca Estadual de Berlim). Guardados em compridas e estreitas gavetas de madeira, os mapas impressos eram gigantescos, alguns tinham quase três metros de comprimento por dois de largura. Eles estavam catalogados de acordo com o período de sua elaboração e a área da cidade de Berlim representada. Com muito cuidado para não rasgar as delicadas folhas, selecionei meia dúzia de mapas e os depusitei sobre uma extensa mesa no centro do salão da biblioteca. Portando uma antiga e antiquada lupa, fiquei por horas a fio examinando, minuciosamente, os nomes das ruas berlinenses e suas transformações ao longo do século XX. Foi em um dos mapas que consegui delimitar os entornos da casa, correlacionando-os com o mapa atual.

³⁷ As informações sobre o Wallner Theater foram retiradas do site: [Wallner-Theater - Wikiwand](#) (visualizada em 22/02/2024)



Tempos mais tarde, descobri-me velho diante dos avanços tecnológicos nos modos alemães de arquivamento. Pesquisando em outro arquivo, o da Landesbibliothek Berlin, descobri um genial software online que compilava todos os mapas antigos da cidade, colocando-os numa mesma ferramenta. Era uma espécie de Google Maps que acessava os mapas da cidade de há um século utilizando apenas um comando. A facilidade do acesso ria de escárnio das horas que passei deslizando o dedo pelo velho papel e aproximando minhas retinas da velhíssima lupa – a tela dos vovôs e das vovós. Sem embaraços, cliquei no sofisticado e mágico botão de “Print Screen”, “copiar” e “colar”. Pronto, eis aqui a imagem do mapa com o ponto exato da casa dos Grünbaum:



O quadrado em vermelho é a casa na Wallnertheaterstraße, 14. Uma casa de esquina. A partir desta imagem, saí a campo para fazer o reconhecimento dos arredores da residência de

meus familiares. Assim fiz, caminhando quase cotidianamente naquela área, me colocando em constante contato com o acaso, buscando ampliar as possibilidades de topar com algum indício de passado, ou captar algo no ar: vibrações, sensações, energias, coisas etéreas, aéreas, passageiras, algum sinal, uma cor, a falta de uma cor, a matéria, uma matéria qualquer, uma não matéria, algo solto, algo que me fizesse sentido ou sem sentido. Eu queria ampliar minha coleção de objetos.

Durante a Guerra Fria, os arredores da residência dos Grünbaum pertenceram ao lado oriental e todas as construções antigas foram demolidas, inclusive a casa de Herta. Ergueram-se então construções aos moldes da típica arquitetura da União Soviética, e elas permanecem lá até os dias de hoje. Cinco prédios residenciais de vinte andares encontram-se espalhados num raio de aproximadamente três quilômetros. Os prédios são brancos com uma lateral pintada nas cores amarela, azul ou vermelha. Considerando que a cidade de Berlim é majoritariamente composta por construções de até cinco andares, esses prédios são vistos de longe e sempre me chamaram a atenção. São como borrões quadrangulares espichados no céu, uma arquitetura que contradiz a tendência neoclássica do lado ocidental, com suas construções baixas feitas de telhados de cerâmica.

Interessante pensar que os aspectos remanescentes do histórico conflito da Guerra Fria permanecem de muitos modos na cidade, sobretudo na forma de concretos edificadas. As distintas construções nos lados opostos do destruído muro de Berlim se olham, se estranham, questionam-se entre si: “Herr, o que você tá fazendo aí?”. Pelo menos essa era a minha sensação ao cruzar Berlim de cá pra lá e de lá pra cá: uma interminável e intrincada conversa entre seres de dialetos diferentes. De mundos distintos. Papo vai, papo vem, todos ao redor acenam positivo com a cabeça, mas na realidade, ninguém nunca compreendeu de fato o conteúdo da conversa.

Embaixo dos arranha-céus soviéticos, as cercanias da casa dos Grünbaum me pareciam ser um local frio, cru, quase preto e branco. Alguns prédios modernos de concreto de quatro andares, com suas janelas grandes e varandas, estabeleciam certa continuidade com a arquitetura soviética: as retas austeras e o formato cúbico das construções eram os mesmos. Austero também era o chão, feito de cimento cinza quadriculado, e as mesas acimentadas e vazias da esquina. Cinza cimento também era uma outra mesa, a de ping-pong, atravessada por uma rígida rede quadriculada de ferro grosso, quase enferrujado. Sim, uma rede de ferro ao invés das tradicionais telas de algodão.

As bases das árvores secas estavam envoltas por uma linha cinza de aço escovado suspensa a trinta centímetros por estacas fincadas na terra. Tratava-se da tradicional cerca da cidade de Berlim, o seu formato se origina nos tempos anteriores ao de Herta. Visto de baixo, os galhos das árvores se contorciam e ornavam de marrom o branco das nuvens do céu. O marrom era tão seco que se tornava quase preto e branco. As raízes das árvores faziam subir o solo com uma camada de grama rala e pouco verde, ela se estendia até um campo de esportes vazio onde vi uma única, solitária e perdida bola de futebol. A bola parecia estar lá há anos, murcha, branca e marrom de terra e chuva. No final desse vazio campo de esportes havia os fundos de um prédio de oito andares no estilo soviético, cujo comprimento corre em paralelo com o rio Spree. Isto é, a construção de concreto diminuía a profundidade de meu campo de visão, tapando a vista para o rio.

Uma grande amiga que Berlim me deu, a berlinense Christina Schenck, carinhosamente chamada de Tina, deixou escapar em seu discurso o espanto por minha avó ter habitado aquele lugar. Segundo ela, atualmente, a região é pouco frequentada e a área acabou ficando restrita à rotina de seus moradores. As pessoas que lá vivem não gostam de se misturar dentro do caldeirão multicultural do qual Berlim se tornou, elas tendem a se fecharem entre si. Ora, isso é um traço característico de muitos que, desde o período da Guerra Fria, permaneceram habitando o lado oriental da cidade. O muro caiu, mas dentro deles e entre eles, a Berlim cindida ainda pulsa forte e os antigos hábitos de convivência são preservados. Graças à Tina, pude compreender e dar sentido às sensações que tive debaixo dos arranha-céus soviéticos: o frio, o cru, o quase preto e branco. Evidentemente, Tina é uma típica moradora de Berlim ocidental, caso tivesse conversado com algum habitante do lado oriental, provavelmente a opinião seria diferente e contraditória em relação às minhas impressões sobre aquele espaço.

Se assim de fato é, também pode não ser o tempo todo. A frequência quase cotidiana das minhas caminhadas naquele espaço me fez enxergar o contraditório das minhas análises e sensações. Nos dias de semana, por volta das 14h, as escolas abrem suas portas para a saída dos estudantes e tudo se transforma durante uma ou duas horas. É o tempo de diversão após o término das aulas. Os gritos de algumas crianças coloriram a minha visão e me fizeram enxergar o escorrega, o balanço e a caixa de areia branca de um parquinho. Os pequenos brincavam de construir castelinhos. Do outro lado da rua, o cinza chumbo quadriculado do chão era pisado por pezinhos com sapatos coloridos, era uma fila indiana de crianças com suas mochilas, também coloridas, nas costas. Na minha frente atravessou correndo um moleque capeta fazendo

de uma folha seca um avião de guerra, enquanto emitia com a boca estranhos barulhos, cheios de saliva e baba. Baba como a baba doce da menina se deliciando com um maravilhoso pirulito.

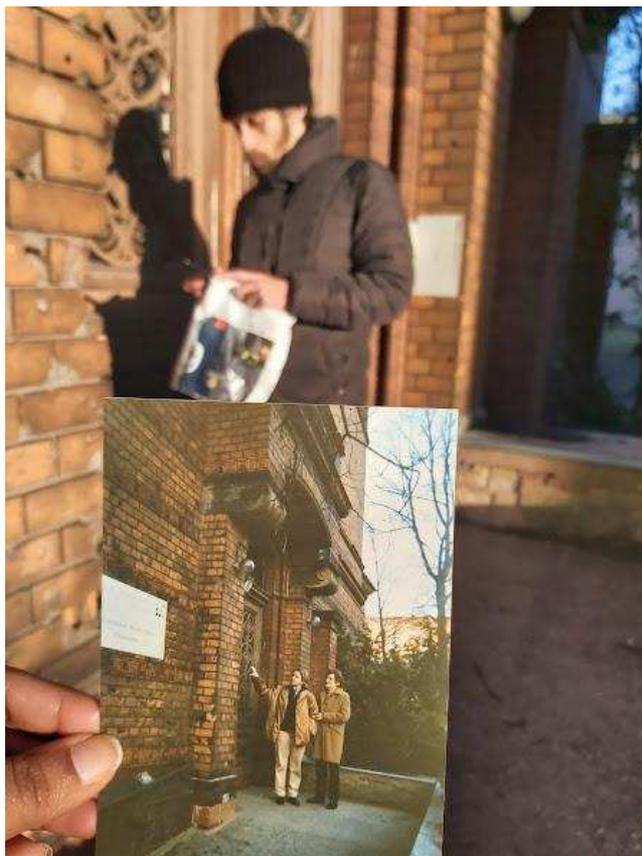
Num ponto bem mais longe – cuja lonjura era impossível de se calcular, posto que não podia ser metrificada por unidades de medida – eu vi uma criança de sobretudo azul, sapato marrom, boina amarela e meias que subiam até quase os joelhos. Ela fazia uma pose estilosa na frente da porta de sua casa: mãozinhas dentro dos bolsos, olhos encarando a câmera e um sorriso tímido. Do outro lado, um adulto careca segurava uma antiquíssima câmera fotográfica: uma caixa preta emborrachada com uma linha de aço na cor dourada ao redor das lentes e do botão de disparo da fotografia. Enquanto corria para me aproximar desta inusitada cena – uma máquina tão antiga ali, na minha frente! – uma luz branca fortíssima atravessou as minhas retinas. Flash!

Minha imaginação se empenhou dentro do nó que foi correr para frente na intenção de prever o passado. Sebo nas canelas para alcançar, nalgum lugar que nem sei, o inexato momento em que a foto foi tirada. Herta, aos 10 anos, numa imagem preta, branca e tremida. Importante notar o reflexo do vidro da porta de madeira, ele nos permite ver um pouco do lado oposto ao do enquadramento da imagem: os galhos secos das árvores e o céu nublado. Por pouco, quase vejo no reflexo mais detalhes da rua. Por muito pouco, quase vejo no reflexo a careca do fotógrafo gritando “Chees”. Por muito pouco, muito pouco mesmo, quase me vejo correndo e tropeçando neste nó temporal que foi correr, tentar ver, antever e prever algo que não estava mais no cenário das minhas constantes caminhadas ao redor da casa.



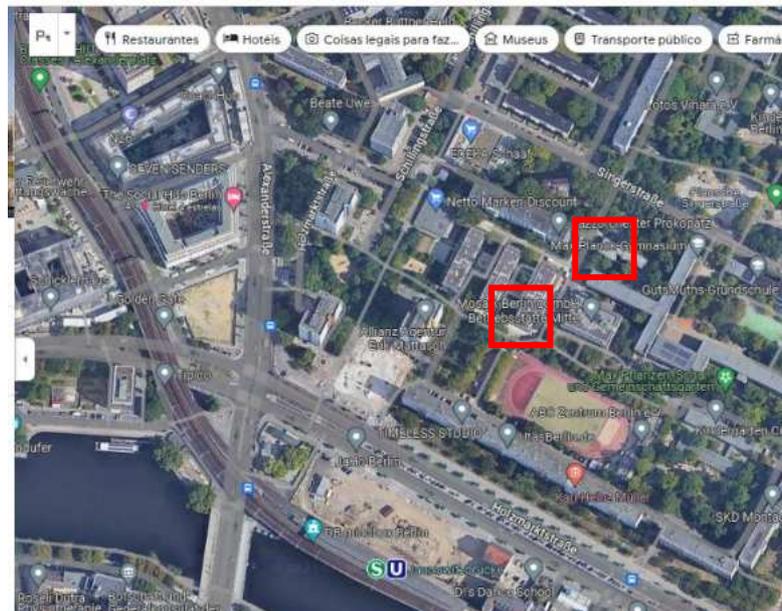
As paredes de tijolinhos ao redor da porta de madeira me fizeram lembrar de um momento específico de minhas andanças nos arredores do bairro da família. Em meio ao silêncio da rua e ao barulho sincopado das minhas botas pisando no chão, ouvi um abrupto som metálico de um trompete quase desafinado. O som me fez fitar o local de onde ele se originava: uma casa de tijolos vermelhos, similares aos da foto. Sem dúvida, a casa tinha a arquitetura mais antiga da região. Apesar de velha por fora, o seu interior era todo reformado e abrigava uma pequena escola de música. Será que antigamente a região era toda feita de casas de tijolinhos vermelhos como essa?

Em dezembro de 2022, quando estava morando em Berlim, recebi uma foto de minha tia, filha de Herta, Vivianne Marynower. A imagem é do ano de 2006 e testemunha um emocionante momento quando Herta revisitou, pela primeira vez, a escola onde havia estudado durante a sua infância. O muro de tijolos vermelhos na foto que Vivianne me mandara era exatamente o mesmo pelo qual eu havia passado semanas antes, quando fui capturado pelo som do trompete desafinado. De acordo com Vivianne, Herta, ao reconhecer de imediato a faixa de tijolos da sua antiga escola, chorou de emoção.



A foto da foto foi tirada pela artista e pesquisadora Deise Faria Nunes, que vez ou outra esteve comigo durante minhas andanças pelo bairro de Friedrichshain. A sua generosa sensibilidade capturou num clique os tantos encontros que ocorreram num mesmo momento: eu com a avó, a avó com a sua própria criança, eu com os vislumbres da avó menina... Sem contar os encontros dos próprios fotógrafos das fotos, movidos pela vontade de registrar o momento. Sem contar também os encontros dos tempos: eu e Deise em 2023, minha avó, minha tia e mais um fotógrafo em 2006, a criança na década de vinte do século XX. Tudo ali estava, ao mesmo tempo, num mesmo espaço, nos cliques das câmeras fotográficas.

Descobrir o local exato onde minha avó estudou foi crucial para localizar a porta de sua antiga residência nos dias de hoje. A escola é a única referência identificada em um mapa antigo que permanece de pé nos dias de hoje. Portanto, ao encontrar no mapa um ponto possível para estabelecer equivalências com o espaço atual do bairro de Friedrichshain, eu consigo calcular as distâncias entre esse ponto, no caso a escola, e a casa dos Grünbaum. Ambos estão muito próximos, numa mesma rua, entre uma esquina e outra:



A distância entre a escola e a casa é de sessenta metros. Aproximadamente setenta passos meus na direção do rio Spree. Assim fiz. Após meses circulando pelos arredores da casa, eu finalmente achei com exatidão o ponto. Uma esquina, um prédio moderno com varandas, a mesa de ping-pong com uma rede de metal, o chão quadriculado, galhos secos, o mato subindo pelo concreto. Meticulosamente, o ponto exato. A casa.



2.3 A Mulher Barbada

Por debaixo das lâmpadas vermelhas e azuis, encostada no muro de uma casa com um letreiro iluminado escrito “El Dorado”, a mulher barbada termina de fumar o seu cigarro. Cílios postiços brilhantes, batom vermelho, sutiã, um sobretudo colorido, salto alto e calças cortadas de modo a aparecer as suas nádegas. O intenso clima caótico do lado de dentro da casa fez com que a mulher saísse do festivo recinto para descansar os seus ouvidos da música alta. Vinda de longe, ela avista um casal bem vestido caminhando pelas margens do rio Spree e percebe que eles deixam escapar um riso entre os dentes, indícios de alguma curiosidade em relação à sua figura.

“Que criatura estranha!”. Era essa a exclamação muda carimbada no olhar do casal. Ao invés de seguir por um caminho reto, eles entortam seus passos, afastando-se daquilo que fixamente observavam.

– O que foi?! Nunca viu?!

Foram essas as palavras ditas pela mulher barbada. Infelizmente, o cigarro em sua boca impediu que a pergunta saísse com uma dicção entendível e num volume considerável. A essa altura, o casal já estava distante – talvez tenham ignorado as palavras balbuciadas pela mulher, ou talvez nem as tenham escutado.

– Gente cheirosa por fora e fedida por dentro!

A mulher traga intensamente o cigarro até o seu fim, joga a bituca na beira da calçada e entra no estabelecimento.

Som alto, muita gente, gentes, todos os tipos de gente. Homens, mulheres, homens mulheres, mulheres homens, aquela que não é um nem outro, aquele que escapa, que escapou, que está escapando, que ainda nem sabe se quer escapar. A busca por ser aquilo que se deseja. A procura de seu próprio desejo. A necessária problematização do “o” e do “a”. Tudo está aqui, num mesmo recinto. Pernas em saltos altos, peludas e sem pelos, transitam entre as mesas de madeira, a pista de dança e o balcão de mármore do bar. Maquiados, barbadas, poucas roupas ou pelados, bêbadas, extasiados. Um, dois, três, quatro – quanto maior o número de pessoas juntas, melhor. Berlim é uma cidade que pulsa pelo lado de dentro, nas suas entranhas, nos fundos de seus orifícios, nos seus buracos e porões. Sem dúvida, o que há de mais ousado está nesse cabaré, “El Dorado”. Aqui, gente de vanguarda busca ingerir, sugar, cheirar e lamber algo doce em meio ao tão amargo século XX.

Num tom de voz encorpado e grave, Marlene Dietrich³⁸ canta uma versão alemã de “Yes, We Have No Bananas” (em português: Sim, Nós Não Temos Bananas) cuja tradução de parte da letra é: “Oh sim, não temos bananas, não temos bananas hoje, temos vagens e cebolas e grande limões suculentos e todos os tipos de frutas (...) Oh sim, não temos bananas, não temos bananas hoje³⁹.” Nesta época, Dietrich estava apenas começando sua trajetória. Demoraria alguns anos para a atriz e cantora ser reconhecida internacionalmente. Durante a música, alguns dançam, outros se mantêm sentados. Todos fumam, riem e bebem. A música acaba com uma chuva de aplausos. A mulher barbada sobe ao palco:

– Senhoras e senhores, hoje é uma noite de festa! A Alemanha pode estar com frio, faminta, chorando, em coma alcoólico, com drogas na cabeça, pode estar desmaiada n’alguma esquina, jogada no meio fio imundo entre gigantescas ratazanas. Mas ouçam bem, de tédio a nossa querida e amada Alemanha não morrerá, jamais! Por isso, quero aqui contar-lhes uma história. Mas não tenham muitas expectativas para aquilo que vou dizer. A história que irei contar talvez seja sem graça, esquecível, morna, medíocre, pobre. Caso não gostem, podem até atirar ovos e tomates no palco. Com eles, faremos uma deliciosa omelete e comeremos fartamente, algo raro nos dias de hoje. Por outro lado, se acharem a história interessante, batam palmas com veemência. Podem até jogar dinheiro no palco. Moedas! Quiçá notas! Alguém aqui ainda se lembra o que é uma nota de dinheiro nesse país? Claro que não, quem tem notas de dinheiro não tem costume de frequentar cabarés como esse! Ou tem? Quem aqui se esconde, hein? Bem, sem mais delongas, vamos começar o show: abrindo o baú!

Luzes âmbar e vermelhas se acendem. Uma pessoa vestida com uma tanga muito pequena sobe em cima de um baú de madeira e começa a dançar. Momentos depois, ela abre lentamente a tampa do baú, pisa enfática dentro dele, fica de costas, evidencia suas nádegas, faz um rebolado que cresce cada vez mais até o ponto dessa pessoa gritar como num orgasmo:

– Viva! Encontro vocês no frio de Berlim!

A pessoa some dentro do baú, e então, muitos objetos são arremessados para o lado de fora: papéis brilhosos nas cores roxa, vermelha e dourada, fotos em preto e branco de pessoas

³⁸ Marlene Dietrich (1901-1992) foi uma conhecida atriz e cantora alemã, tornou-se cidadã estadunidense em 1937.

³⁹ Tradução retirada da mesma fonte onde está a letra original: “Oh yes, we have no bananas. We have no bananas today. We got string beans and onions. And big juicy lemons. And all kinds of fruit and say (...) (Oh yes) we have no bananas. We have no bananas today.” Fonte: [YES, WE HAVE NO BANANAS \(TRADUÇÃO\) - Louis Prima - LETRAS.MUS.BR](https://letras.mus.br/yes-we-have-no-bananas-traducao-louis-prima/) (visualizado em 20/08/2024).

nuas, objetos fálicos, flores de plástico etc. Apesar do corpo da pessoa estar totalmente escondido, o som do orgasmo persiste, numa espécie de prazer em realizar aquela ação. Em meio aos balbucios, escutamos a seguinte frase:

– Voltar ao fato, espalhá-lo, como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Revolver; espalha, espalha mais, espalha mais, espalha tudo!

O palco fica cada vez mais cheio de bugigangas. A plateia começa a rir. Alguns riem de nervoso, sem saber o que pensar. O orgasmo da pessoa em cena chega ao seu auge através de um longuíssimo grito:

– Espalha maaaaais!

A exclamação dura até o ar sair totalmente dos pulmões e é seguida por um tempo de silêncio. De repente, a pessoa sai de dentro do baú vestida com trajes de frio: suéter, sobretudo preto, touca e um cachecol marrom de caxemira.

– Terra estanha com gente esquisita, dias cinzentos, frio sem sol. Eu quero a minha vitamina D. – a pessoa olha atentamente ao seu redor – Tudo está aqui, mas nada disso faz sentido. Oh, meu Deus! É isso. Mais uma guerra para a gente perder! Quero voltar ao meu paraíso do sul. Scheiße! (Merda!)

A mulher barbada atravessa o palco anunciando a próxima atração: os soldadinhos de chumbo.

Entram cinco pessoas seminuas: na parte de cima elas estão vestidas com os tradicionais uniformes militares alemães na cor azul, e em baixo, tangas que tapam apenas as partes mais fundamentais do sexo. Em fila indiana, os peculiares soldados começam a cantar desafinados o hino “Die Wacht am Rhein⁴⁰” (A sentinela junto ao Reno):

– Ao Reno, ao Reno, ao Reno Alemão!!

Um soldado se descola da fila e olha para o seu membro quase à mostra.

– Cadê o Reno? Tá no Império? E o Império? Tá aqui? É aqui? Aqui mesmo? Cadê? Que *Imperinho!*

⁴⁰ Desde a sua criação em 1840, esse hino foi parodiado inúmeras vezes. Mais informações em: [Chave de Dois Mundos: Canção Política e Poema de Trabalhadores e Cidadãos 1848 - 1875 . - T. 5 \(fes.de\)](#) – p.159 (visualizado em 20/08/2024).

Outro soldado vai até a beira do palco, na frente da plateia:

– O Império alemão é um gostoso. O Império alemão é um tesão. Ele me pega, eu pego nele, e depois... Ai... Ui... Depois eu fico sem nenhum tostão. Mas eu não me importo, não! Me deixe pobre, seu garanhão. Me deixe sem um tostão, mas me deixe louco de tesão. O que importa é que, em algum momento, faremos uma revolução! Com as nossas melhores armas na mão: temam o povo alemão!

Todos pegam de dentro do uniforme um cilindro que parece, ao mesmo tempo, uma arma e um pênis. Os soldadinhos gritam em coro:

– Mãos ao alto!

Eles apontam as armas uns para os outros. Ambos começam a gritar de medo. O homem que está na beira da cena continua o seu terrível poema:

– Um poema feito em “ão”, tão ruim quanto é a vida de um cidadão. Um alemão que não sabe mais nada além da falta que lhe faz o pão. Lá se vai o Império, a guerra, a revolução, e ora bolas: cadê o nosso justo e merecido quinhão?

Bruscamente, ouve-se um grito enfático vindo da plateia:

– Que poema ordinário! Saí daí, idiota!

Uma enxurrada de vaias impede a continuidade da cena. Do palco, os atores e atrizes encaram a plateia emitindo xingamentos, tais como: “Vocês não sabem nada sobre arte!”, ou “vocês não conseguem assimilar o refinamento da nossa ironia”, ou ainda, “plateia burra, pobre e burra!”.

Para restabelecer a paz no recinto, a mulher barbada entra apressada na busca por conter os ânimos e anunciar a próxima atração. Enquanto fala, ela bebe uísque com gelo num copo de vidro.

– Turbulências acontecem, senhores, mas são apenas turbulências! Vamos mudar de assunto? Vamos falar de alegrias! Eu prometo que, a partir de agora, vamos falar apenas das alegrias! Porque hoje é uma noite alegre, uma noite sem tédio, uma noite acalorada! Com vocês, a próxima atração: a vida em Berlim.

Luzes brancas acendem. Entra uma mulher com um vestido vermelho longo e exuberante. Ela caminha elegantemente até a beira do palco e fala para a plateia:

– Olá, eu sou a vida! E vamos ser sinceros, eu amo ser a vida em Berlim.

Nesse momento, entra um homem de fraque e cartola. Ele caminha como se estivesse sapateando e se coloca ao lado da mulher:

– Olá, eu sou Berlim. E vamos ser sinceros, eu amo ser a cidade da vida!

O casal se entreolha, sorri e começa a dançar uma valsa. Em meio ao bailado, eles narram, intercaladamente, uma recente memória de um dia alegre que tiveram na cidade.

– Aquele filme foi estranho, mas o cinema Babylon, no glamoroso bairro do Mitte, tem ares aristocráticos de puro charme. Os casais saem de lá e andam pelas ruas iluminadas com os clássicos postes de lampião a gás da cidade. Nós seguimos caminhando pelas limpas calçadas e vimos bares e restaurantes lotados: muitos casais apaixonados se beijam de forma parcimoniosa, crianças obedientes sentadas nas mesas junto de seus pais, um enorme leitão assado com uma maçã vermelha na boca é servido. O cheiro é delicioso. Na pista, meninos de bicicleta passam cantando cantigas antigas num coro harmonioso enquanto acenam para outros pedestres. Todos alegres e sorridentes. Boa noite, cidade querida! Berlim sempre foi melhor do que Paris!

Subitamente, surge no fundo da cena um homem pálido, quase branco. A maquiagem preta debaixo dos olhos evidencia as suas profundas olheiras. Trata-se de uma figura assustadora tal como a criatura assassina do Dr. Caligari. Lentamente, o homem se aproxima do casal e os agarra. A valsa é interrompida. Gritos, muitos gritos! Chega a ser tosco a forma como a criatura estrangula o pescoço das personagens Vida e Berlim. A mão do ser estranho não consegue permanecer muito tempo em contato com a pele dos outros atores. Apesar disso, o casal se contorce bruscamente com o objetivo de dar a entender ao público a impressão de que estão sendo sufocados. Em suma, fica escancarada uma péssima interpretação. Depois de se estrebucharem no chão, o casal morre. A macabra criatura gargalha e segue em passos lentos até a plateia. Ela estica suas mãos no desejo de sufocar mais alguém, enquanto esboça com dificuldade a frase:

– Quem vai ser o próximo?

A mulher barbada entra correndo, desta vez segurando uma garrafa inteira de uísque na mão. Após beber alguns goles no gargalo, ela fala:

– Mas não é possível! Ninguém aqui nesta pocilga sabe ser leve? Hoje é uma noite de paz, de alegria! Hoje, justamente hoje, a Alemanha se distrai para não morrer de tédio. Entenderam? PARA NÃO MORRER DE TÉDIO! – A mulher se recompõe após sua fala em tom alto. Logo em seguida, ele anuncia a próxima atração – E finalmente, a última atração da noite. A mais aguardada de todas. Diria eu, a mais interessante! Eu mesmo estou extremamente curiosa para assisti-la. A atração é.... É... Me deem um minuto, senhoras e senhores.

A mulher começa a apalpar os bolsos de sua calça rasgada à procura do papel onde havia anotado o nome das atrações da noite. Após alguns minutos em silêncio, entre risos e vaias, ela acha um guardanapo amassado, abre-o com muito cuidado para não o rasgar e anuncia:

– Sim, a última atração da noite vem do futuro: o vidente! O célebre senhor que dirá o destino de todos nós. Sem dúvida, um futuro alegre porque hoje é um dia de paz!

Um jovenzinho atravessa o palco carregando uma mesa redonda nas costas. O peso da mesa é quase maior do que o do corpo franzino do rapaz. Depois de quase tombar no chão, a mesa é colocada no centro do palco. A luz muda, fica azulada e roxa. Surge na cena um homem magro e barbudo. Ele está vestido com um roupão azul escuro de seda e um chapéu pontudo, característicos dos bruxos mais canastrões. Sem olhar para a plateia, ele se senta atrás da mesa. O jovenzinho reaparece no palco carregando uma bola de plástico transparente com uma só mão. O mago anda rápido na direção do jovem e pega de forma brusca o objeto, assim faz simulando um excessivo peso na bola leve. Com cerimônia, coloca a bola em cima da mesa, desliza suavemente suas mãos ao redor dela e começa a falar com uma dicção enrolada, voz anasalada e corpo tenso:

– Eu vejo um futuro interessantíssimo para quem conseguir alcançar as últimas páginas deste livro da vida. As coisas em Berlim parecem que vão melhorar momentaneamente. Lojas de comércio serão abertas, mas anos depois, parte delas será fechada devido a uma catástrofe!

Todos gritam: Oh!

– Sentimentos de usura, mesquinharia, escassez, dinheiro guardado debaixo dos colchões.... E no limite... No limite uma voz grossa e ríspida: saiam da Alemanha!

Todos gritam ainda mais forte: Oh!

– Um diário azul de uma menina irá relatar com detalhes a fuga de sua família. “Adeus Berlim, até um dia de paz. Quem sabe? Ninguém sabe! Que a guerra não te destrua. Que a esperança um dia volte. Que o horror não te paralise. Adeus...”

A mulher barbada atravessa completamente bêbada a cena. Trôpega. Enquanto fala, anda em círculos até cair:

– Chega! Chega! Apaguem as luzes. Fechem o cabaré. Vocês não sabem fazer festa! Artistas fajutos! Palhaços pobres! Depressivos! Falidos! Imundos! Fedidos! Fodidos!

Começa o caos. Muitas vaias, xingamentos e gritarias. Algumas garrafas voam, tal como bombas, em direção ao palco. Alguns aproveitam o momento de tumulto para pegar bebidas de graça no bar. Outros continuam dançando como se a bagunça fosse a razão do seu desejo para sacudir o esqueleto cada vez mais forte. Muitos continuam sentados, fumando. Eles assistem a confusão como se aquilo fosse a continuação das cenas do cabaré. E talvez fosse.

No mais fundo dos fundos desse cabaré, esparramado solitário num sofá vermelho, um homem maduro de uniforme marrom do Partido Nazista fuma um charuto fedorento. Seu olhar crava a bunda de outro homem, seminu, em sua frente, enquanto a sua mão corre sob a superfície de sua enorme barriga inchada. Ao alcançar o sexo com as mãos por cima da calça, o braço esticado do homem evidencia a fita vermelha com o símbolo da suástica em seu ombro. Enquanto toca seu próprio membro, ele chama, quase clama, pelo homem na sua frente. O seminu olha para o nazista, ri, aproxima-se dele, agacha, o seu olhar fica de frente e rente ao do velho, ela coloca a sua mão por cima da mão do homem sentado, sobre o sexo, e aperta.

É nesse momento que o velhaco se espalha. Ele quase derrete. De um modo bizarro, treme de prazer, se contorce, arranha o estofado de couro do sofá, quase se vira de bruços, abre a boca, mostra a língua, morde os lábios cheio de pelos amarelados pelo tabaco de seu bigode grosso. Ele está ofegante. Na medida em que o homem seminu agarra cada vez mais forte o membro do nazista, os gemidos do velho ficam cada vez mais intensos: são gritos guturais, encorpados, cheio de saliva e sangue que faz saltarem as veias do pescoço. A força da mão no sexo começa a produzir dor no velho, que grita alto. Cínico e risonho, o homem seminu pergunta no ouvido do senhor:

– Ué, já gozou?

– Eu quero mais!

2.4 Infância em Berlim

Era outono e o sol se escondia por entre as nuvens de um céu parcialmente encoberto. Apesar de ser meio-dia, o sol já antecipava a sua queda no horizonte, num prenúncio do típico inverno das cidades do norte. Às 16:00, a bola de fogo tocava o chão de Berlim entregando-se ao outro lado do mundo, sem deixar rastros. Através dos olhares atentos de alguns senhores alemães, cujas reflexões estavam desobrigadas a seguir as leis da física, aquele sol de novembro de 1933 não caía devido ao natural e permanente giro da terra. Caía por consequência de uma abrupta pressa para sumir.

Sentado num banco de madeira na praça do bairro de Friedrichshain, um homem de sobretudo preto, bigode e cabelos escuros lê a manchete do dia: Com 92%⁴¹ dos votos populares, o Partido Nazista conquista o controle total do parlamento⁴². O ar gélido penetra as suas narinas, ele desvia o olhar da folha em direção ao sol – tingido de cinza e branco por entre as nuvens. Como se captasse algo no ar, o homem elabora uma reflexão mirabolante, quase mágica, sobre as possibilidades do não retorno do sol no dia seguinte. O absurdo aí não seria apenas oriundo da natureza, mas, sobretudo, da impossibilidade de sequer um alemão vivo conseguir reparar que a eterna noite de fato se fez.

Sem dúvida, os ares berlinenses estavam carregados por um estranho véu turvo, uma densa neblina que fazia confundir, ou melhor dizendo, fundir todos os contornos. Nessa atmosfera em que o sol caía entre densas e confusas nuvens, os limites do indivíduo tornavam-se o de uma gigantesca massa – insensivelmente animalesca. Essas são, ou poderiam ser, as observações atentas do esclarecido homem bigodudo sentado no banco da praça de *Friedrichshain*. Esse homem poderia ser Walter Benjamin, que no final dos anos 1920, escreve o texto “Panorama Imperial”, uma análise contextual do cenário alemão:

E nunca como hoje os instintos das massas se enganaram tanto nem foram tão estranhos à vida. Nas situações em que o obscuro instinto dos animais – como tantas histórias contam – é capaz de encontrar saída para o perigo iminente mas ainda invisível, esta sociedade, na qual cada um tem apenas em vista a sua própria e mísera abastança, sucumbe, com uma insensibilidade animal, mas sem aquele saber inconsciente dos animais, como uma massa cega, ao primeiro perigo com que se confronta, e a diversidade dos objetivos individuais torna-se irrelevante perante a identidade das forças determinantes. (BENJAMIN, 2013, p.8)

⁴¹ Dados retirados de: [All Germans rounded up to vote | Second world war | The Guardian](#) (visualizado em 31/07/2024).

⁴² As eleições de novembro de 1933 ocorreram após Hitler ter sido nomeado chanceler pelo então presidente Paul von Hindenburg, em março do mesmo ano. A vitória acachapante dos nazistas reflete um processo eleitoral suspeito, composto por coerção e intimidação dos eleitores.

Sob a perspectiva do panorama político nacional, o processo da ascensão dos nazistas ocorreu dentro das vias institucionais durante a República de Weimar (1918-1933). Nesse período se estabeleceu um governo de coalizão parlamentar com partidos de centro (como o Social-Democrata), de esquerda (como o Partido Comunista) e de direita (como o Partido Nacional Alemão, o Partido da Liberdade e o Nacional-Socialista)⁴³. Foi justamente a relação parcimoniosa das lideranças burguesas democráticas com os setores mais conservadores e autoritários da Alemanha, oriundos do tempo do império, que permitiu a permanência e a expansão de núcleos direitistas radicais. Nesse sentido, o nazismo expandiu seus lastros dentro e através das vias oficiais, o que não quer dizer que a manipulação, a trapaça e a extrapolação dos limites das regras do jogo democrático não foram realizadas⁴⁴.

De súbito, o homem que bem poderia ser Benjamin se assusta com a entrada vibrante de uma menina à sua frente. De sobretudo preto, a menina cata pedrinhas no chão da praça. Cabeça baixa, joelhos e costas flexionados, mão esticada com a palma para baixo e olhar atento às rugosidades do solo com os seus fragmentos desprendidos. Para esta criança, o critério de seleção das pedrinhas é a partir da autenticidade da matéria: quanto menor, mais estranha e brilhante, melhor. Após a minuciosa seleção de uma dúzia de pedrinhas, a menina se senta no banco, deposita sobre a sua superfície todas as pedras que carregava e, de um modo muito atento e delicado, começa a montar desenhos: formar diferentes figuras, desfigurá-las, transformá-las em outras figuras, afastar todas as pedras, unir todas em um bolinho... era um experimento.

As ações da menina saltaram aos olhos do homem, que já não olhava nem para a folha de jornal nem para o céu, mas para aquelas mãos manipulando as pedras.

[A criança] caça espíritos, cujo rastro fareja nas coisas; entre espíritos e coisas passam-se anos em que o seu campo de visão permanece livre da presença humana. Nela [na criança], as coisas passam-se como nos sonhos: não conhece nada de duradouro, acha sempre que tudo lhe cai em cima, vem ao seu encontro, esbarra com ela. (BENJAMIN, 2013, p.19)

O devaneio do homem é a produção de uma linha fronteira que divide mundos. De um lado, a extrema leveza de um ser jovem que não pensa no futuro, mas se compromete visceralmente com o tempo presente e com as coisas que “esbarra”. Isto é, a menina cata as pedrinhas com o único e descomprometido objetivo de catar pedrinhas – sem mais, sem menos.

⁴³ Essas informações foram retiradas de: MORAES, Edmundo de Souza. República de Weimar, suas crises e o nazismo como alternativa. In: **Revista Maracanã**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 111-133, jan./jun. 2018.

⁴⁴ O incêndio no *Reichstag* (parlamento alemão) em 27 de fevereiro de 1933 foi um caso emblemático e crucial para ascensão do nazismo. Diante do ocorrido, Hitler emplacava a narrativa em que culpabilizava os comunistas pela tragédia e, assim, insuflava cada vez mais as multidões contra esse “perigoso inimigo da pátria”.

É tudo isso e, ao mesmo tempo, isso tudo poderia ser insignificante. Do outro lado, o peso de um corpo gasto e cansado no banco da praça. O homem produz pensamentos carregados e assim, convida seus mais quistos autores para produzir, *in loco*, ensaios de esperança ou pedidos de ajuda.

Ou, pelo contrário, o devaneio do homem é a produção de uma linha que não cria lados opostos, mas produz um estranho elo com a menina. De alguma forma, o homem e a criança estão ali na busca por encontrar modos para adiar a queda precipitada do sol. A criança assim faz sem saber, pois, para os observadores atentos, sua ação evoca a urgência pelo reordenamento das matérias e o resgate de um ato concreto de reconstrução. Em outras palavras, se a população da Alemanha pudesse olhar para as pequenezas de seu próprio chão (e não para suas vigorosas palmas da mão esticadas acima e à frente), colher pedrinhas, sentar no banco das praças e experimentar as construções possíveis das matérias que constituem as engrenagens de seu próprio país, o noticiário do jornal poderia ter sido diferente. Portanto, o que está entre a menina e a sóbria solidão do homem, que bem poderia ser Benjamin, é a falência de uma democracia.

O fato é que a menina trabalhava arduamente com as matérias coletadas no chão. Ao mesmo tempo, a jovem sabia que o período para executar o trabalho estava se esgotando, pois sua vida de criança-adolescente demandava muitos afazeres. Eram 12:35, e às 13:00 ela teria que estar em casa para almoçar e depois, às 14:00, ir ao colégio para começar suas aulas de ginástica – que se tornavam cada vez mais longas e frequentes. De um ano para cá todos na escola começaram a praticar mais esportes ao ar livre. Embora preguiçosa, a menina ficava animada ao ver seus colegas fazendo exercícios, sobretudo os belos corpos brancos e bem definidos dos meninos mais velhos – que tiravam suas camisas quando sentiam calor.

A menina percebia certa urgência para cuidar de seu corpo e de sua saúde, embora as palavras “corpo” e “saúde” soassem como conceitos abstratos em sua cabeça. O que é um corpo? O que é a saúde de um corpo? Do que, ou a quem, interessava pensar sobre o corpo e a sua saúde? Que saúde é essa que desviava uma geração de jovens da descoberta dos prazeres mundanos, das gulodices gordas, dos vícios proibidos, para uma lógica de disciplina e rigor exigida nas práticas esportivas de sua escola⁴⁵?

⁴⁵ Nesse período estava surgindo uma organização que ficou conhecida como a Juventude Hitlerista. Sobre ela, Susan Bartoletti afirma que “As crianças e os jovens não ficam mais pelas esquinas, andando pelas cidades em busca de maus hábitos. Eles estão uniformizados, marchando com a Juventude Hitlerista. Não tem tempo para fumar, dançar, beber, usar batom, andar de carro ou ir ao cinema.” (BARTOLETTI, 2006, p.33).

Sem dúvida, a atmosfera berlinense estava encoberta por inúmeros questionamentos sem respostas. Além disso, seus ares estavam turbulentos devido a variadas correntes: a de vento, visíveis aos olhos graças à pressa das nuvens, que tingiam de branco e cinza o azulado do céu; a de poeira, que eventualmente intensificava-se e revelava a sujeira da cidade. Também havia as ondas sonoras indo e vindo: os cochichos de pessoas falando baixo que se misturavam com o barulho das copas das árvores, agitadas pelo vento e com as buzinas dos bondes. Sem deixar de mencionar as correntes produzidas pelo acelerado movimento das pessoas que passavam, naquele momento eram duas as principais: uma corrente do lado de fora da praça e que seguia ao longo da avenida Mühlenstraße, que beirava o principal rio da cidade – o Spree. A outra era entre os bancos da menina e do homem, e cruzava a praça, funcionando como um “corta caminho” entre um quarteirão e o outro.

O homem, ancorado, continua a olhar a menina. A menina, ancorada, fixa-se apenas no cuidadoso manusear das pedrinhas. A essa altura do acontecimento, a menina transformara o seu modo de brincar: não mais desenhando figuras, mas ordenando por tamanho todas as pedrinhas e, assim, dividindo-as em duas fileiras. As pedras maiores ficam atrás e as menores na frente – até os grãos de areia entraram na brincadeira. É notável a precisão da menina para alinhar as pedras, um centímetro fora do lugar seria inaceitável e motivo para refazer tudo de novo. Ao final desse metucioso trabalho, a menina olha para o chão e avista uma grande pedra ao pé do banco. Ela a pega e a coloca em frente às outras pedrinhas – assim faz, batendo firme a pedra no banco, que treme e faz vibrar todas as outras. Ao realizar o ato, a menina menciona grave e forte as palavras: Der Große (o grande).

De repente, ouve-se um grave e crescente barulho que se torna cada vez mais forte. A praça paralisa, seus fluxos ficam suspensos, todos ali buscavam identificar o que seria o estranho ruído. Após alguns segundos em que a dúvida pairou, tornou-se evidente que se tratava de um barulho vindo do céu: os motores de aviões. Como um coro ensaiado, todos inclinam as suas cabeças para cima, forçam suas pálpebras para manter os olhos abertos e colocam suas mãos na testa – tentando proteger-se da luminosidade do sol. A busca é por conseguir melhor enxergar os aviões. É importante frisar que naquele tempo, ao contrário do que acontece nos dias de hoje, não era comum aviões passando pelo céu. O fato era da ordem do extraordinário, digno da completa mobilização de todos os habitantes da cidade.

Ao longe, foram vistos sete aviões cruzando o céu, eles passam assustadoramente debaixo de todas as nuvens e muito próximos ao solo. Da simultaneidade de fluxos dentro da turbulenta cidade de Berlim, se abre um grande rio à céu aberto: sete máquinas metálicas e

barulhentas correndo num mesmo sentido, sete linhas retilíneas de fumaça branca e, do chão, milhares de olhos atentos observando os mesmos sete pontos. A menina sobe no banco em cima de suas próprias pedras, desfazendo numa só pisada todo o árduo trabalho para ordená-las. Ela coloca sua mão na testa e força as suas pálpebras no intuito de manter os olhos abertos. O homem também se levanta, tira o seu chapéu, mão na testa e pálpebras forçadas. Enfim, os aviões atravessam e, logo em seguida, muitas sirenes de polícia começam a tocar num ritmo frenético e incessante. Era evidente: ele estava chegando.

Todos correm para a beira da avenida Mühlenstraße, aglomeram-se nos dois lados da calçada enquanto um batalhão de homens fardados tenta organizar a multidão. Todos, menos o homem e a menina. O homem se senta novamente no banco, abre o jornal e volta a ler, ou a fingir que está lendo. A menina permanece fixa observando o céu. Para ela, é curioso notar como as sete linhas de fumaça branca, formadas pelos aviões, se dispersam lentamente no azul do céu, fundindo-se também com outras nuvens. Ao longo desse lento e delicado acompanhamento dos rastros deixados, ela caminha lentamente em cima do banco de madeira: olhar e cabeça altos, ponta do pé esticada, braços abertos para cima na busca do equilíbrio. É quase um balé – o tempo suspenso e a menina tentando alcançar o céu com as mãos.

O micro espetáculo da pequena menina é assistido apenas por um espectador, homem que bem poderia ser Benjamin. Ele olha a cena por cima das folhas de jornal. Fato é que, desde o início dessa história, ele nunca lera realmente o conteúdo do jornal, apenas a trágica manchete. A verdade é que usava a folha como um aparato para disfarçar a inquietude de seu olhar – sedento para testemunhar os acontecimentos ao seu redor. Sem dúvida, o jornal (pretenso portavoz dos eventos cotidianos) era inútil para suprir o desejo do homem por atualizar-se, no tempo presente, de tempo presente.

O bailado da menina acaba quando a madeira do assento do banco chega ao fim. Sem perceber, ela pisa em falso e cai no chão. No susto da queda a brincadeira acaba: o céu revela-se distante e as pedras, antes organizadas, estão espalhadas pelo chão. É do chão que a menina avista as muitas pernas da multidão e, curiosa, sai correndo na direção da aglomeração.

O homem, único espectador da cena, vê a atriz sair às pressas do palco e se levanta do banco no desejo de não perder a menina de vista. Seu ímpeto é por segui-la dentro da multidão, segui-la como a plateia de um espetáculo itinerante, ou captar as sutilezas de suas ações como uma câmera que, ao deslizar sobre os trilhos, filma um interminável plano-sequência. Talvez para o homem a menina fosse o melhor jornal, o melhor termômetro do tempo presente, o melhor sábio, que através de enigmas e metáforas, é capaz de fazer apontamentos para algum

futuro. Porém, o homem perde de vista o seu oráculo. Desestimulado com o abrupto fim do breve espetáculo, ele se senta novamente no banco e recomeça a buscar algo para olhar. Mas olhar o quê?

Por entre pernas e quadris, a menina se espreme na multidão. Todos ali mantinham os olhos fixos no desfile da tropa nazista e os ouvidos atentos ao ritmo marcado dos passos firmes e secos. Nesse mar de pernas, joelhos, bundas e quadris, a menina nada até a beira da calçada, porém fica presa entre a barriga e as costas de alguém. Resta-lhe abaixar e ver o desfile por entre as pernas à sua frente: as botas pretas lustradas de cano alto dos soldados, o pisar delas no chão de asfalto, algumas gotas de água que pulam quando elas pisam nas poças, a calça verde dos uniformes dos soldados e as suas bundas magras. Chega aí o limite do enquadramento da visão da menina.

Atravessando o seu olhar, a menina viu as pernas dos cavalos em trote, suas ferraduras prateadas subindo e descendo e as fezes verdes que caíam de suas bundas. Também viu as rodas de muitas motos e triciclos. O barulho de seus motores era ensurdecedor e obrigou a menina a proteger seus ouvidos com as palmas das mãos em concha.

Em determinado momento, o mar de gente começa a se agitar: a menina escuta os aplausos, cada vez mais efusivos. Ao olhar para cima, ela consegue ver as bandeirinhas da suástica tremulando com força nas inúmeras mãos de uma mesma multidão. Eis que um carro preto de brilho impecável atravessa lentamente o campo de visão da menina. Como um efeito dominó, em que as suas peças se movimentam em sequência, muitas mãos eram estendidas em riste no ar e a icônica saudação (ou berro, ou brado, ou clamor, ou grunhido) era lançada como uma flecha. No frenesi desse mar de gente, a menina sentiu os solavancos das pessoas agitadas. Numa braçada ousada, ela força a perna de um homem à sua frente, se espreme, se contorce, prende a respiração por alguns segundos, até conseguir chegar à beira da calçada. A vista era privilegiada e foi dali que a menina viu Hitler.

Subitamente o céu se abre, fica azul. O sol bate forte na testa dela. Para que tanto sol? Será que ele havia perdido sua civilizatória vergonha? Ou será que o sol mostrava sua outra face, colocando em evidência as incongruências dos acontecimentos? Pois a luz do sol também expõe as facetas mais grotescas da realidade terrena, aquilo que costuma ser cultivado no subsolo, nas sombras, em cantos úmidos. O sol faz brilhar, mas também queima e seca. E é na luz que a menina pôde notar o suor no buço de Hitler, o seu sovaco encharcado, as partículas de salivas que saltavam de sua boca e uma pequena mancha, marrom escura, na parte traseira de sua calça.

Esse daí é o tal do HOMEM, é?

E Zaratustra assim falou à gente: Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizeste para superá-lo? (...) o super-homem é o sentido da terra, que vossa vontade diga: o super-homem *seja* o sentido da terra! (NIETZSCHE, 2011, p.13-14)

É provável que esse fragmento de Nietzsche estivesse circulando entre alguns habitantes de Berlim. Sem dúvida, a citação foi mal interpretada, desvirtuada das reais intenções do autor. O super-homem em Nietzsche deve ser compreendido a partir do momento em que ele decreta a morte de Deus, ou seja, o humano não precisaria mais de mediadores (Deus, religião, crença) para suportar a vida, o fluxo do tempo e a ideia da morte. Enquanto tais mediadores afastariam o humano da própria “vida”, o super-homem seria a superação: uma espécie de estado de presença em que se aceita radicalmente o aqui e agora da experiência. Então, o super-homem seria a vida não mediada por outros planos, entidades, seres, ou por quaisquer instituições que se coloquem como interlocutoras do além-mundo. No bojo do assunto está o anti-platonismo de Nietzsche, a exaltação das potencialidades do/no mundo e sua visceral paixão pela experiência na terra.

Os nazistas personificaram o super-homem. A onipotência de uma entidade extraterrena foi transferida para a figura de um único homem, Hitler, que representava o macabro projeto de uma nova civilização. Ao exaltar um plágio do super-homem nietzschiano, os nazistas também consolidaram a ideia de sub-homem, ou sub-raça: aqueles que deveriam ser banidos do mundo, pois criam obstáculos aos propósitos do “verdadeiro” “sentido da terra”. Isto é, a crença de que um mundo “verdadeiro” ou “melhor” seria um mundo sem judeus, comunistas, ciganos, negros, deficientes etc.

Os olhos cansados de jornal do homem que bem poderia ser Walter Benjamin têm dificuldades de encontrar algo para focar e manter vivas suas atentas observações contextuais. A verdade é que a menina saiu de cena e, mesmo muitos minutos após o término do espetáculo, o palco ainda parece estar vazio. Apesar das pessoas correndo, da multidão se aglomerando, de Hitler e suas tropas passando, para o homem, o palco está vazio. E se até aqui afirmo que ele bem poderia ser o autor alemão, também é correto dizer que este homem, sentado na praça de Friedrichshain, bem poderia ser Victor Klemperer – 11 anos mais velho do que Benjamin. Klemperer foi professor universitário judeu, estava em Berlim neste fatídico ano de 1933, e até o final de sua vida buscou compreender as razões e as consequências das atrocidades do nazismo. Assim fazia a partir de sua própria experiência.

O homem que bem poderia ser o Klemperer está sentado na praça e observa o nada, ou melhor, utiliza suas retinas apenas como um plano de fundo aleatório para o seu forte fluxo mental. Sua mente está inquieta por conta da ousadia dos fatos: o inimaginável que agora habita o seu inelutável passado recente. Faz dois meses que reduziram seu salário de professor, sua nova turma está vazia (somente estudantes estrangeiros aceitam ser seus alunos) e a atmosfera antissemita entre seus colegas de profissão está crescendo, avançando descomedidamente pelos corredores da universidade.⁴⁶

Em seu livro “A Linguagem do Terceiro Reich” (2002), Klemperer mostra os escritos de seu diário durante a ocupação nazista na Alemanha. Especificamente, no trecho a seguir, o autor comenta a relação entre o nazismo, Nietzsche e a ideia de super-homem:

E eu mesmo encontrei recentemente no *Stechlin* do velho Fontane a palavra *Untermensch* [sub-homem], da qual os nazistas tanto se orgulham, para poder subjugar judeus, comunistas e todas as categorias associadas à *Untermenschentum* [sub-humanidade]. Eles que se orgulhem, da mesma forma que Nietzsche pôde se orgulhar de seu *Obermensch*, [super-homem] estar, apesar de ter sido antecedido por tantos autores ilustres. Pois um termo, uma conotação ou um valor linguístico só adquire vida dentro de uma língua, só existe, de fato, quando seu sentido consegue se inserir na linguagem de um grupo ou de uma coletividade, nela adquirindo identidade própria. Nesse sentido, sem dúvida *Obermensch* é uma criação de Nietzsche, enquanto *Untermensch* e *aufziehen* [elevar], neutros e sem sarcasmo, devem ser creditados na conta do Terceiro Reich. Será que sua vida útil se encerrará juntamente com o período de vida do nazismo? (KLEMPERER, 2002, p.102)

O debate apresentado por Klemperer afirma não ser possível que um determinado conceito teórico (expresso em letras postas em papel, difundido entre a sociedade e retransmitido de pessoa para pessoa) esteja fora ou imune às relações e produções políticas. A própria linguagem e a suas variadas formas de transmissão estão permeadas por tais produções. Portanto, conceitos como o de “super-homem”, uma vez difundidos em determinado grupo, não ficam alheios à política. Longe de buscar culpabilizar as fontes (o que seria uma simplificação das complexidades históricas que influenciaram um autor no desenvolvimento de determinada teoria), é importante apontar as consequências da difusão de um conceito, quando ele não está intencionalmente vinculado a um posicionamento político, ou se pretende estar “além” da própria política.

Entre pernas, joelhos e bundas, a menina olha a figura de Hitler: buço suado, saliva para fora da boca, mancha marrom no meio das calças. Porém, àquela altura do acontecimento o sol brilhava em demasia. O que no início permitia a menina ver com maior nitidez passou a cegá-la. Como num oceano, agitado por entre confusas correntes, a menina mergulhada – pernas,

⁴⁶ Tais informações foram baseadas nos escritos do livro de Klemperer: “A Linguagem do Terceiro Reich” (2002).

bundas, saias, calças, joelhos – percebe o surgimento de uma onda gigante que chegava da direita. A onda era feita de mãos, muitas e muitas mãos, todas estendidas em riste para cima e à frente. Todo o grande movimento tem o seu barulho característico, este não seria diferente: garganta arranhando em “RR”, o ríspido som, a saliva borbulhando como que estivesse fervendo, a força da palavra direta e reta. No súbito rompante, na subida desta estranha onda de mãos, a menina fez. Sim, também fez: braço direito ao céu, os dedinhos juntos, a mão de dez anos esticada, o fundo da garganta ríspido, raspando, arranhado, borbulhante saliva, ferve, força direto, reto e foi. A menina fez.

Minha avó Herta tinha o hábito de me contar esta história, sempre a mesma narrativa repetida vezes. Penso que, a cada vez que ela tentava encadear a sequência dos acontecimentos pretéritos, Herta tinha a intenção de desmontar o passado, e assim decifrar as minúcias de sua própria história. Desmontá-la para remontá-la de outra forma, buscando outras explicações. Eu me lembro bem: enquanto minha avó falava, eu olhava fixo as expressões sérias de seu rosto branco cheio de rugas. Eu, igualmente sério e atento, me via no reflexo de seus óculos de grau redondos com as hastes cor de rosa. Também me lembro que quando minha avó chegava no final da sua contação, seu olhar desviava do meu na direção de algum ponto vago, nalgum lugar para além da janela. Era neste momento que Herta, num suspiro, perguntava: “Por que?”.

O silêncio decorrente desta incógnita era terrível. O tempo ficava em suspensão: eu me mantinha calado, pois não ousava dar uma resposta que na verdade eu não tinha. As plantas trepadeiras nas janelas não ousam fazer barulho com o seu balançar. Mesmo a velha madeira dos móveis e do chão escuro de tacos não ousava estalar. A pausa entre o *tic* e o *tac* do relógio antigo ficavam eternas.

Hoje eu percebo que esse silêncio era o limite das palavras de minha avó. O silêncio instaurava um lugar onde o discurso findava e a memória traumática se via exposta. Na realidade eu testemunhava Herta atualizar o seu trauma para o (e no) tempo presente. Ao ler o texto da professora e pesquisadora Diana Taylor, percebi que Herta performava o seu trauma:

O trauma (...) é conhecido por sua natureza de repetição. Ele nunca acontece pela primeira vez. A dificuldade em separar o ‘trauma’ do ‘stress pós-traumático’ assinala o papel central da reiteração, assim como da repetição (...) o trauma, como a performance, é sempre presente, aqui e agora. (TAYLOR, 2009, p.7)

2.5 Último Voto

Era meia noite e eu estava na estrada, em Belo Horizonte, Minas Gerais, retornando para a minha cidade natal, Rio de Janeiro. Eu encostei a cabeça no vidro da janela do ônibus observando o céu estrelado e as silhuetas arredondadas das montanhas mineiras. Minha cabeça estava nas nuvens, eu havia acabado de conhecer uma menina de circo e o gosto remanescente da cerveja na minha boca me fazia saborear a memória de um apaixonamento. O abraço de uma menina palhaça, os risos frouxos, as conversas que ultrapassavam os argumentos intelectuais e repousavam sobre o terreno das coisas inúteis, isto é, das futilidades apalavradas pelo único e sincero desejo de estar junto. Era com esse sentimento romântico, talvez exageradamente doce, que adormeci.

O doce começou a amargar com a chegada do sol, que subia no horizonte, e a descida do ônibus nas sinuosas curvas da estrada da serra de Petrópolis, uma cidade próxima ao Rio de Janeiro. O ar-condicionado era insuficiente para amenizar o calor que penetrava pelo teto de metal do veículo. A poeira colava nos vidros. Os caminhões em excesso na estrada atravancavam o ônibus, que freava consecutivas vezes. Como se não fosse o bastante, o cheiro podre das águas poluídas da Baía de Guanabara invadiu a atmosfera. O fedor de cocô se espalhava e impregnava por todos os poros. Nessas condições, seria impossível fechar os olhos e voltar a dormir. Impossível, também, seria sonhar novamente. Um arrepio na nuca ativou os meus olhos, que ficam arregalados. Sem sono e sem sonho, eu dei de cara com a fuça fungando da realidade: hoje é dia 28 de outubro de 2018, hoje é o dia da votação de segundo turno para a presidência da República Federativa do Brasil.

O ar seco e quente da rodoviária da cidade do Rio de Janeiro, com o nome de “Novo Rio”, penetrou pelas minhas narinas. Enquanto caminhava, elaborei um poema que se movimentava na minha cabeça numa estranha sincronia com as pisadas dos meus passos no chão:

Rio. Novo Rio. Rio Novo. Novo Rio Novo. Rio Novo Rio: novo. Rio Novo de Medo. Medo. Medo Rio. Medo Novo. Medo do Rio do novo do Novo Rio. Já tem tanto medo no Rio. Rio. Não me dê mais um Rio de medo. rio de nervo. rio de medo. Não me dê um medo novo, Rio. Brasil? Não me dê um medo de novo. Brasil, tenha medo, medo do novo. Rio, Rio Novo, Rio bobo. Brasil, um ovo quebrado, frito no chão.

Tropecei, catei cavaco, quase caí, mas continuei num jogo de palavras sem fim. Um poema jogado fora, derramado sobre o asfalto cinza da cidade carioca. A catraca do VLT fez

um barulho metálico *catracoso* e eu entrei no lentíssimo trem que cruzava todo o centro da cidade. Cruzar novamente outra catraca, a do metrô, me fez chegar ligeiro, pelo subterrâneo, até o bairro de Ipanema, onde eu morava. Após deixar a minha bagagem em casa, caminhei pelas ruas em direção ao meu local de votação. Cruzei a porta e atravessei uma comprida sala com paredes brancas de gesso, piso claro de mármore e uma intensa luz branca que lambia qualquer tipo de sombra. A excessiva brancura do recinto fizera meus olhos ficarem vermelhos, não sei se isso foi causado devido a um incontornável nervosismo, medo, ou se o vermelho foi apenas uma reação à impecável brancura do próprio lugar. Talvez tudo ao mesmo tempo. Vermelho dos olhos como a cor do gasto adesivo colado em meu peito, que me acompanhara durante toda a viagem.

Enquanto atravessava o salão até a urna eleitoral, vi, vindo na direção contrária, a figura acelerada, enervada e *transpirante* de Ivan – um professor que tive durante a minha graduação na UFRJ. Ivan se aproxima rápido, coloca suas mãos sobre as minhas bochechas e permanece sério. Eu me surpreendi com a súbita demonstração de intimidade por parte do professor. Até ali, a nossa relação havia sido meramente formal, uma simpatia protocolar. Mas, naquele momento, os meus olhos vermelhos tentavam acolher os olhos igualmente vermelhos de Ivan. Os olhos vermelhos de Ivan também tentavam acolher os meus olhos vermelhos. O rosto de Ivan aproximava-se cada vez mais do meu, pude sentir a barba do professor, os poros da sua pele, o seu suor, o seu odor, a sua tensa respiração. Tensa! A verdade era que quase não dava para respirar. Cara a cara. Olho a olho. Ian Ivan. Sem ar.

As primeiras palavras que saíram da boca de Ivan foram:

– A pesquisa da C.U.T cravou que a gente vai ganhar. A pesquisa da C.U.T! Nós temos é que acreditar nos números da C.U.T!

Num só tempo, eu desmorono numa atroz desilusão e começo a rir de nevoso, de raiva, de tristeza, de surpresa:

– A C.U.T, Ivan?!

A C.U.T é a abreviação de Central Única dos Trabalhadores, uma entidade de representação sindical que dava como certa a vitória da esquerda. O problema era que, nas

eleições de 2018, todos os institutos de pesquisa já haviam anunciado o candidato de extrema direita como o possível vitorioso. A C.U.T, que fora fundada e é gestada sempre com posições à esquerda, realizara a única pesquisa diferente das demais. Estava evidente, exposto de um modo didático, que os números da pesquisa da C.U.T refletiam, na verdade, a sofrida recusa por assimilar o pesadelo de uma derrota. O desespero fazia os olhos de todos ficarem vermelhos com uma dura teimosia de não querer ver a destrutiva realidade que estava prestes a nascer.

Assim estava Ivan, um professor universitário, com pós-doutorado, detentor de uma oratória formidável capaz de discorrer durante horas sobre as infindas dobras do pensamento, com uma generosidade atroz na partilha de seus conhecimentos. Esse mesmo professor estava na minha frente, com os olhos vermelhos, um discurso descuidado e um medo que o fazia ingênuo. Um olhar de criança sobre a máscara de um homem experiente. E o que significaria a figura de um professor neste momento? Seres deslocados do lugar? Seres com os olhos gastos pelos tantos sinais de perigo, lidos e relidos nos livros de história? Seres presos entre a leve esperança existente em um pedagogo, no ímpeto de querer fazer ver, a todo momento, um horizonte de possibilidades junto aos seus alunos, e a profunda revolta em ter que decretar a falência de seus métodos? Haveria então métodos que dessem conta dos desvios forçados da história que, como num looping, nos catapultava de volta ao passado?

O encontro com Ivan foi belo, mas me afundou no chão. E é assim, afundado, que fui vai votar. Eu perdi a minha altura, caminhei rastejante pelo chão branco. A fragilidade de um professor perfurou o meu corpo. Eu abri a guarda. A guarda aberta é como uma guarita sem vigia, toda e qualquer coisa vinda do lado de fora entra sem esforços dentro das nossas mentes, emoções, das nossas conexões com o divino. Tudo entra e a vitalidade sai, escorrendo pelo chão e me deixando vulnerável e exposto. E é assim, sobre o chão branco de mármore, com a guarita aberta e sem vigia, que eu me aproximei da urna e votei. Difícil apertar os botões com a fé apenas nos dados da C.U.T.

Na busca por recuperar o meu fôlego e a minha altura, permaneci parado do lado de fora da sessão eleitoral, na beira da calçada. Os pedestres da avenida Visconde de Pirajá, em Ipanema, apresentavam certo didatismo nas suas vestimentas: haviam aqueles que vestiam vermelho, com a expressão séria, e aqueles que tinham combinações em verde, amarelo e azul, estes, com um olhar altivo e um maldito sorriso no canto da boca. É o sorriso no canto da boca desses “patriotas” que me enervou, esse sorriso aumentava na medida em que viam a expressão intranquila de quem vestia vermelho.

Com o pé na calçada, preparado para sair correndo dali e me trancar no quarto pelos próximos quatro anos, respirei profundamente e decidi fazer diferente. Uma força súbita me invadiu a cabeça e me fez espichar, ser alto, grande e passado. Resolvi entrar novamente na zona eleitoral, desta vez com o pisar firme no chão. Atravessei o salão branco, fui até a mesa do chefe da sessão eleitoral, verifiquei o seu título no crachá e com uma expressão séria, perguntei:

– Bom dia senhor, eu tenho uma avó com noventa e quatro anos de idade, ela precisa votar. Eu tenho a impressão de que ela vota aqui.

Ele me olhou com sua testa enrugada. Em seguida, fitou de relance o adesivo vermelho em meu peito abrindo um surpreendente sorriso com uma simples pergunta:

– Qual o nome dela?

– Herta. Herta Ilse Grünbaum.

O chefe da zona eleitoral começou a folhear um gigantesco livro em cima de sua mesa. Para preencher o tempo da busca, composto de silêncio e das rajadas barulhentas das folhas sendo viradas pelas mãos do homem, eu falei mais sobre a minha avó:

– A minha avó é alemã, judia, mora há oitenta e quatro anos no Brasil. Ah, sabia que ela viu Hitler, senhor? Ele mesmo, Hitler. O próprio!

Por um momento, o homem suspendeu a sua ação me olhando com a expressão de absoluto espanto. Após alguns segundos de profundo silêncio, o barulho das folhas do livro volta num ritmo frenético. Pouco tempo depois, o barulho novamente para e o homem esboça um sorriso. Na verdade, ele parecia estar aliviado:

– O nome está aqui! Ela pode vir.

O meu espanto é radical: receber uma resposta absurdamente não burocrática num dos países da burocracia. País onde, até pouco tempo, jogavam-se papéis picados pelas janelas do

centro da cidade no último dia útil do ano de modo que, no chão da rua, via-se, através das toneladas de papéis no asfalto, a maquinaria burocrática, antiecológica, hiper exigente e sedenta por gerar cada vez mais protocolos, comprovantes, cartões, números, senhas, filas e etc. Mas ali, diante daquele homem, eu recebi uma resposta anti-burocrática. Um sim: simples, reto, direto. Eu sequer tinha certeza se, de fato, minha avó votava ali. A verdade é que eu tinha apostado no acaso, na sorte, e ganhei o bilhete premiado. Incrédulo com o destino da situação, perguntei:

– Mas senhor, tem certeza que ela pode votar? Minha avó não vota desde 1990.

– O senhor pode me acompanhar até a saída, por favor?

A pergunta foi feita em um tom extremamente amigável, numa intenção quase cúmplice para realizar algo que estava por vir. O chefe da zona eleitoral me puxou para um canto, virou para dentro o seu crachá de modo que sua identificação de trabalhador à serviço do STE ficou escondida, colocou as suas mãos sobre os meus ombros, olhou brevemente para os lados para verificar se aquele encontro não estava chamando a atenção de nenhum observador curioso e sussurrou:

– A sua avó precisa votar! Entendeu? Ela precisa vir votar! Olha, o meu carro está aqui na frente, se for preciso, eu vou com você buscá-la!

Emocionado, eu abracei o chefe da zona eleitoral. O absurdo já havia tomado conta daquele momento, mas a esperança também.

– A gente vai virar!

Ao que parecia ser um desvio ético, ou seja, um funcionário do TSE manifestando preferência a um candidato específico, na realidade, podemos compreender isso como as fundamentais imperfeições que bombeiam sangue de qualidade para o corpo da democracia. Naquele momento eu estava deslizando na pele da democracia, isto é, um tecido conjuntivo no limite de um corpo que agrega diversificadas células. Esse tecido só pode existir na condição de ser elástico, permeável, mas firme. A rigidez da pele implicaria na sua rachadura, na quebra.

A rigidez é o extremo da briga, a ausência de diálogo, a impossibilidade de coexistir devido, justamente, à ausência de matérias flexíveis e colantes que mantêm unidas os pedaços de um corpo diverso sobre a pele. O absurdo da minha situação com o chefe da zona eleitoral era, na realidade, a necessária malemolência de uma matéria sólida, um ato de solidariedade que combatia todo o tipo de rigidez. Rígidas mesmas eram as mãos em riste no tempo do Terceiro Reich e toda a sociedade – limpa, saudável e incorruptível – que fora projetada e idealizada pelos nazistas. Nós não somos rígidos. Nunca seremos. Esse é o nosso grande trunfo e é o coração que movimenta ágil as nossas urgentes ações antifascistas.

No caminho para buscar Herta, liguei para o meu pai, George – que na época, hospedava a mãe em seu apartamento.

– Pai, posso falar com a vovó?

– Alô. Oi, meu filho... A sua avó? Não sei não. Ela não saiu do quarto hoje. Ela tá bem *ruimzinha*, tadinha. Mas tenta, veja lá, quem sabe você consegue...

Após um longo tempo de chiado no telefone e barulhos indistinguíveis de vozes, Herta atendeu e eu disse:

– Alô, vó. Hoje é o dia da eleição. Vamos votar!

O breve silêncio antecipou a sua voz num tom agudo, levemente rouco e arrastado.

– Contra os fascistas, Ianzinho, contra os fascistas!

Ao chegar no apartamento de meu pai, corri direto para o quartinho da minha avó. Era um quarto pequeno com espaço apenas para uma cama, um armário e uma televisão presa na parede e conectada a um gigantesco fone de ouvido – utilizado por Herta no intuito de escutar melhor as novelas e o telejornal. Minha avó não enxergava nem ouvia muito bem, pelo menos eram essas as suas reclamações. Há quem diga que isso era uma meia verdade, que ela ouvia e via apenas aquilo que lhe fosse interessante, selecionando os assuntos para não perder tempo, nem sua paciência, nem gastar sua lábia, com temáticas enfadonhas. Por outro lado, Herta sofria quando se esforçava para participar de uma conversa, mas sua instável audição lhe abandonava

no campo do não entendimento. Nesse caso, ela simplesmente desviava o seu olhar para um canto qualquer e permanecia calada.

Quando abri a porta do quarto, vó Herta estava sentada na beira da cama, de pernas cruzadas e pronta para sair. O seu típico perfume adoçava o ar. Ela vestia uma calça branca de linho, uma camisa de botão, azul e branca, um colar de bijuterias brancas e brincos de pressão nas orelhas. Ao redor de seus olhos dava para perceber que Herta tinha tentado passar uma maquiagem, mas que havia errado com o lápis o seu contorno, que escapava ligeiramente das linhas limites de seus olhos. Assim também era com o seu batom vermelho que ultrapassava a extensão de seus lábios.

Sobre a cama, ao lado de Herta, havia um saco plástico, um pouco rasgado e muito velho, com o símbolo do supermercado “Zona Sul” estampado. Dentro dele, uma pilha de papéis embolados. Herta pegou o saco e entregou nas minhas mãos:

– Ianzinho, que bom que você chegou. Me ajuda aqui, quais são os documentos que eu preciso para ir votar? Eu não estou conseguindo enxergá-los.

Eu me sentei ao lado dela na cama e comecei a procurar pelo seu título de eleitor. Ele era um cartãozinho de papel amarelado, estava tão velho que as suas bordas se desfaziam. A foto do documento era uma Herta dos anos oitenta, cabelos avolumados e óculos grandes de grau. A sua nacionalidade constava como brasileira e no campo da naturalidade estava escrito “Berlim Oriental”. Eu entreguei o título de eleitor para minha avó, ela foi buscar a sua bengala no canto do quarto e chamei um táxi pelo aplicativo de celular.

A viagem até a zona eleitoral foi breve e em silêncio. Sentados no banco traseiro do carro, Herta segurava firme a minha mão enquanto olhava pela janela. Ela não estava olhando propriamente a paisagem da cidade, seu olhar fitava o céu – as nuvens e aquilo que estavam por detrás delas. Sem dúvida, ela estava longe, muito longe, em outro espaço, noutro tempo, quem sabe estivesse revisitando as primeiras páginas de seu livro particular de memórias, livro que só ela tinha acesso e que escritor nenhum conseguirá transpor em palavras.

O táxi parou na frente do local de votação. De dentro do prédio, o chefe da zona eleitoral saiu acelerado em direção ao carro, abriu a porta, ajudou Herta a sair e a cumprimentou de um modo respeitoso:

– Boa tarde senhora, é uma honra tê-la aqui.

Surpreendentemente, Herta caminhava rápido. Ela quase dispensou a bengala. Triste, mas ativa. Urgente, mas com uma calma madura. Velha e jovem ao mesmo tempo. Velha e criança. De pé, pisando no chão, a vibração de Herta era o motor de um sismógrafo em pleno funcionamento. Tudo vibrava: o trauma de infância, o medo do retorno de algo pavoroso, o receio em relação ao futuro. O futuro que, devido ao avançar de sua idade, Herta não viu. Ela sabia que não iria viver por muito tempo, mas por generosidade, por amor, por justiça, por humanidade, ela cruzou, com seu corpo vivido, o salão de mármore daquela zona eleitoral e foi. Ela votou pela última vez.

CAPÍTULO 3. O TRABALHO

3.1 Uma Longa Conversa

Janeiro de 1925, mais um longo inverno no bairro de Friedrichshain, Berlim. Hugo e Michaelis, o seu sogro, conversam sobre a possibilidade de abrir um novo negócio em sociedade. Eles estão na pequena sala de estar da casa onde moram. Hugo está sentado num sofá coberto por uma antiga colcha bordada de crochê e Micha numa poltrona de couro surrada. Ambos estão usando óculos de grau. Hugo se levanta, vai em direção à lareira e pega num porta-objetos um ancinho de ferro na intenção de mexer na brasa e aumentar o fogo. Com um olhar reflexivo, Micha acende o seu cachimbo:

– E quem disse que o negócio valerá a pena? Quem disse que será economicamente viável, sustentavelmente possível? Pense no dia a dia, pense a longo prazo. Tudo na mão de dois senhores sem condições de contratar funcionários. Eu tô velho!

O cachimbo apaga com o gesto enfático de Micha com seus dedos compridos. Ele tenta acendê-lo enquanto Hugo, na lareira, se dedica aos cuidados da brasa e do fogo.

– É preciso se arriscar.

– Hugo, não faz nem dois anos que a Alemanha inteira estava na bancarrota.

– E não está mais!

Com um ancinho, Hugo pesca um pedaço de madeira em brasa e o coloca para fora do espaço da lareira, em cima de um tijolo. Vê-se uma linha intensa e bem delineada de fumaça saindo do tronco em direção ao teto da sala. Como um peculiar cientista que realiza uma experimentação sem nenhuma razão ou objetivo, Hugo estimula com o ancinho a produção de mais fumaça enquanto a observa atento: ela gradativamente preenche os vazios da sala. É durante essa observação que as lentes dos óculos de Hugo ficam embaçadas com a proximidade do rosto com o calor da brasa. Hugo permanece atento à sua desnecessária ação.

– Micha, estamos saindo de um longo inverno.

Micha quase não ri e fala com veemência:

– Os termômetros estão negativos, Hugo.

– Não. A questão é saber enxergá-los.

Michaelis pensa, fuma, solta fumaça, pensa de novo e se cala. Hugo permanece na beira da lareira fazendo desnecessárias alquimias entre a brasa, a madeira, o fogo e a fumaça. Um longo silêncio é estabelecido. Os pensamentos de ambos estavam em busca de projetar-se para fora daquele espaço, para além daquele tempo. Assim como a fumaça da brasa da lareira escapava pelas brechas do teto, os pensamentos, excessivos e vagos, corriam em direção às brechas do tempo presente no desejo de ver algum futuro. O cachimbo também fazia Micha pensar, o sopro da fumaça era proporcional ao seu fluxo reflexivo.

Naquele momento, não bastava apenas conjecturar, era necessário construir um pensamento em duo. Embora o peso da decisão sobre a possibilidade de um novo negócio da família gerasse tensões entre os dois homens, na eminência de um acordo ou de uma discórdia, também havia no ambiente pinceladas amenas e cômicas. De fato, eles estavam desobrigados a deliberar sobre o tema de forma imediata, ou seja, o embate sobre o destino da família poderia acabar em água de salsicha e tudo isso não passaria de uma conversa jogada fora.

Berlim, 2023. Estou sentado, escrevendo esse texto e fumando um tabaco que acabei de enrolar. Presencio o poder táctil da relação entre produzir fumaça com a boca e as ideias desorientadas joradas no ar. Meus pensamentos, na busca por elaborar uma escrita, e a fumaça, que aqui circula, se unem à conversa esfumaçada dos meus bisavô e tataravô. Projetado estou para o passado, projetado estão eles para o futuro. É assim que tentamos nos encontrar, nalgum meio de caminho, nalguma brecha. Em comum, cultivamos as tensões das conjecturas, sem saber se elas serão oficializadas ou, simplesmente, jogadas fora – como um papo dentro de uma noite fria ou um “delete” deste então documento de Word. Entretanto, é no silêncio dessa noite de Berlin que a conversa dos meus antepassados segue ecoando nas finas sintonias do tempo, e eu, na busca de escutar atento a cada pausa daquela sala esfumaçada de 1925, tento perseguir esses ecos.

Em meio ao longo silêncio, a voz de Micha surge, quase sem querer, num crescente:

– É... Eu não sei. Não estou convencido.

Os dois tentam enxergar o seu próprio contexto, porém, há muita neblina dentro da sala e a nitidez das lentes de seus óculos são incertas. Micha continua sua lenta divagação.

– Sabe, aconteceram mais coisas nos últimos dez anos do que em toda a história desse país.

– Isso não seria um privilégio? Ver a história galopar, ver o tempo saltitante na sua frente?

Michaelis dá uma longa baforada e solta fumaça no já esfumaçado ambiente.

– Privilégio seria ver tudo de fato se acalmar.

– Com a calma secular do tempo do Império, seu Micha?

Hugo finalmente se desgarra da beira da lareira e vai andando até o sofá com o ancinho de metal na mão. No trajeto ele começa a fazer uma ridícula dancinha, ao mesmo tempo em que canta de modo zombeteiro.

– Micha, reaçã! Micha, reacinha! Micha, reaçã reacinha!

Hugo começa a rir e Michaelis abre um sorriso no canto dos lábios. De forma vaidosa, Micha cruza as pernas e fala:

– Privilégio seria ver tudo se acalmar com a legítima calma de um senhor de idade que está cansado porque já viu tudo. Já viu de tudo! As maiores cagadas do homem, eu vi!

Nesse ponto, eu destacaria um longo silêncio. Um silêncio que não aconteceu de fato. A ingenuidade da afirmação de Micha só poderá ser percebida no findar da Segunda Guerra Mundial e corrobora com a máxima pessimista alemã: “Schlimmer Geht Immer” (em português seria “nada é tão ruim que não possa piorar”). Essa pausa que não existiu na cena reforça a necessidade de complacência ao olharmos uma figura do passado. Ela, assim como nós, é fruto

de sua época e só consegue assimilar o mundo a partir das relações constituídas ao seu redor e em seu presente contexto. Trata-se da impossibilidade de enxergar com lucidez, quando estamos imersos nas neblinas de um mesmo espaço e tempo. Eu, noventa e sete anos depois, consigo vislumbrar na cena de Hugo e Micha importantes pausas que não sei se ocorreram. Ao tentar aproximar-me dos meus antepassados eu percebo essas pausas, pois olho de modo distanciado. Eu me pergunto: quantas pausas a mais um leitor fará nesse texto, anos à frente do momento da escrita?

Sem pausar, Micha continua:

– Já viu de tudo! As maiores cagadas do homem, eu vi! Eu quero descansar. Eu quero minha aposentadoria. Eu quero vinhos franceses, queijos suíços e doces alemães!

– Mas não há! O senhor é imigrante polonês e pediu abrigo aqui na Alemanha! Logo onde? Na Alemanha! Se ao menos fosse na França, que tem ares ousados e se vangloria com a sua bem lustrada Revolução Francesa. Mas o senhor veio para essa bagunça, para a terra daqueles que não têm nada para se orgulhar, para o lugar dos derrotados e das falsas revoluções!

Michaelis lança uma alta gargalhada e fala:

– Você é um péssimo alemão! Eu sou mais alemão do que você.

– Que se exploda o bom alemão. Vamos beber! Ficar sóbrio, isso sim é péssimo.

Hugo vai até o aparador de madeira escura no canto da sala, abre uma gaveta e pega um charuto. Com uma tesoura ele corta a ponta para fumar. A fumaça invade a pequena sala de estar. Hugo pega dois copos de cristal e uma garrafa de conhaque, se senta no sofá, entrega um copo para Michaelis, que estende o seu tronco para ser servido. Eles brindam.

– Eu não sei. Não estou convencido.

– Os tempos mudaram.

– Mas ainda tá uma bagunça.

– Uma bagunça com a injeção de dólar nas finanças alemãs! – Hugo estende o copo novamente e espera Micha para brindar. Eles riem. – A gente tem que pegar o nosso quinhão, seu Micha: *money!*

– E depois? Acha que o *american bread* vem de graça, *my dear?*

– Os juros estão baixos. Paga-se aos pouquinhos e até lá faremos a nossa fortuna⁴⁷!

Após a fala de Hugo, Micha fica em silêncio, ele parecia considerar a possibilidade almejada pelo genro. Aparentemente, o desejo de prosperar surgia como um sonho em acordo. Fato é que Micha se sentia como um carro enguiçado no meio da estrada em direção à terra da prosperidade. Sua magra fatura o permitia no máximo levar a família para viajar nos finais de semana. Em tempos escassos, o velho permanecia horas calculando as dívidas na busca orgulhosa por adiar o momento de pedir dinheiro emprestado. Portanto, estar no meio era a sina de Micha: ele via a pobreza invadir o seu entorno, mas sempre se afastava dela pelo fato de ter alguém com quem contar nos momentos críticos.

– Mas vamos ser francos, você acha possível prosperar como comerciante?

– Um passo de cada vez.

– Sim?

– Um passo de cada vez, Micha.

Hugo saboreava as palavras em tom professoral, ele parecia estar seguro. Para Micha, esse modo de falar era uma encenação, uma frase de efeito redutor que impede o debate franco. Não precisa ser especialista em física para saber que um passo de cada vez não indica,

⁴⁷ De fato, com o implemento governamental do Plano Dawes em 1924, o cenário econômico alemão começou a se transformar: “O Plano Dawes e o respeito que o Reichsbank adquiriu sob o comando de Schacht recolocavam a Alemanha de volta ao mercado internacional de créditos. O sucesso econômico da economia alemã a partir de 1924 fez com que o país atraísse uma enorme quantidade de capitais externos. Empréstimos eram concedidos sem muita restrição por parte dos banqueiros estrangeiros.” (COUTO; HACKL, 2007, p.325)

necessariamente, um avanço em ritmos miúdos; também pode significar um afundar-se na lama aos poucos, para baixo, para o fundo do poço. Com a lama até o pescoço toda tentativa de movimento torna-se a própria impossibilidade de se mover. Nesse ponto, o problema seria afundar-se e não conseguir voltar, ficando assim paralisado. Diante da resposta fugidia de Hugo, Micha se revolta: ele morde forte a ponta do cachimbo e depois dá umas longas baforadas em direção ao rosto de seu genro, como se quisesse lhe dar um tapa. Sua raiva é deglutida e reorganizada num profundo desejo de descortinar a frágil coragem de Hugo, e assim fazê-lo revelar suas reais intenções naquela conversa. Micha respira fundo.

– Sabe, Hugo, eu não acredito que tudo irá se estabilizar. E se vier uma crise daqui a algumas semanas? Um golpe!

– Calma Micha, um passo de cada vez!

A insistência de Hugo em repetir a mesma frase enervava Micha. Ele morde cada vez mais forte a ponta de seu cachimbo. Seria necessário realizar questionamentos afiados para mover Hugo de suas frágeis certezas.

– E os malucos dos comunistas? Se eles voltarem a quebrar tudo de novo?!

– Opa! O senhor está simplificando as coisas!

– Estou?

– Os comunistas têm sonhos! – após um longo silêncio, Hugo prossegue com seu pensamento

– Tinham sonhos...

Micha inclina seu tronco em direção a Hugo, retirando prontamente os seus óculos do rosto. O seu olhar é cru, direto.

– Tinham ou têm?

– Esquece esse tema pobre!

Hugo se levanta, vira as costas para Micha e vai olhar a rua através da janela. Apesar de seu genro nunca ter comentado em profundidade sobre o seu passado, Micha sabia que Hugo havia participado da Guerra Mundial em 1914, também que, em 1918, fora membro de uma ala do exército insuflada pelas ideias da esquerda. Tratava-se do grupo de sobreviventes de guerra, profundamente revoltados com o Império e a sua sede bélica por ter sustentado uma guerra que já estava perdida. A questão que permanecia como uma pulga atrás da orelha de Micha era se Hugo de fato tinha simpatia pelos comunistas, ou se era apenas mais um pobre soldado despolitizado e devorado pelo turbilhão dos acontecimentos do pós-guerra.

A verdade é que Micha cultivava absoluta apatia em relação à política. Com setenta e dois anos, ele não se posicionava em questões partidárias, ou melhor, tinha a ilusão de não se posicionar. Desse modo, construía para si uma confortável redoma que o protegia dos solavancos daquele conturbado contexto alemão. Mas a redoma ao seu redor era frágil e sempre deixava penetrar pelas brechas o ar gélido de medo em relação ao futuro. É justamente o medo paralisante que alimentava em Micha a manutenção de sua redoma, num processo cíclico em que o temor em relação ao futuro produzia a apatia e a descrença no presente. Isso ocorria de modo sutil, quase imperceptível, quase involuntário, porém guiava suas atitudes. Por exemplo, o velho não queria votar nas eleições presidenciais que ocorreriam naquele ano, a primeira eleição com voto direto da história da Alemanha⁴⁸. Isso soava aos olhos de muitos como um gesto reacionário, uma vontade por permanecer no tempo do Império, um desprezo pela democracia. Mas não, isso era medo. Para o velho senhor, a democracia era algo tão novo que o apavorava.

Micha fugia para dentro dos livros de literatura e poesia – como os de Thomas Mann e de Heinrich Heine. Também era um amante das teorias de Freud, e se entretinha com o pensamento acerca dos processos da mente humana. Seu vício intelectual era aplicar a teoria apreendida às análises das atitudes dos outros ao seu redor, porém nunca ousou a pensar sobre si mesmo. Naquela sala, Hugo era um caso interessante que despertava o engajamento de Micha na conversa. Sentado de pernas cruzadas e fumando o seu cachimbo, Micha tenta fomentar em Hugo uma impulsividade discursiva digna de um bêbado em fim de festa.

⁴⁸ As eleições de 1925 foram as primeiras que elegeram um presidente através do voto direto. Mais informações em: GRAPER, Elmer D. **The American Political Science Review**, Vol. 19, No. 3 (Aug., 1925), pp. 592-600 In: [THE GERMAN PRESIDENTIAL ELECTION on JSTOR](#) (Visualizado em 21/08/2024).

– Hugo, como decifrar esse contexto? Digo, ao que me parece, tudo está tão ruim. Então me fale, me explique com essa sua visão arrojada.

O tom quase irônico de Micha revela, na verdade, a sua intenção de inflar o ego de seu interlocutor, que escolhia as melhores palavras para um longo discurso.

– Escuta, seu Micha: a social-democracia finalmente parece que está se beneficiando do cenário externo, e é o cenário externo que realmente importa. Porque é obvio que a Alemanha só sai do buraco com a ajuda deles lá fora, os gringos. É verdade, ela só entrou no buraco por causa deles também. Mas veja, os caras injetam dinheiro, porque aqui tudo é barato e fácil de comprar: temos batata, porco, cereais etc. e tal. Os donos das fábricas alemães levam grande parte do dinheiro, os trabalhadores têm um pequeno aumento de salário, mas ficam felizes, nós podemos pegar dinheiro emprestado com juros baixos e abrir nosso negócio, e os comunistas.... Os comunistas esquecem de sonhar para comer sonhos doces na padaria da esquina. É muito melhor um bom papo com cerveja e bucho cheio do que ter que pegar em arma, magro, e sempre se danar no final. Tudo sempre acaba numa discussão sem fim sobre o que deu errado. Então é isso: os da direita com grana e os da esquerda minimamente alimentados. E assim é a democracia. A democracia! E quem for contra a paz da democracia que apodreça na prisão. Os golpistas não têm que ter paz.

Após a longa explanação, Micha permanece sentado de pernas cruzadas e soltando fumaça do cachimbo. Ele quase não quer falar, ele quase ri. Após um tempo, faz uma pergunta digna de psicanalista, que provoca o seu paciente com uma indagação curta para tentar desmontar todo o discurso anterior.

– Você confia na social-democracia, então?

– Jamais! Eles entregam os anéis para não perderem os dedos, e anos depois recuperam os anéis em dobro e ainda negociam a compra da joalheria. E fica tudo igual.

Micha ri de modo contido. Ele deseja contar uma piada que havia escutado do vizinho sobre a social-democracia, esboça com a boca o início da anedota, mas decide permanecer dentro de sua postura psicanalítica, questionadora e fria.

– Então Hugo, se você não confia na social-democracia, você confia em quem?

– Em você!

Micha sutilmente sorri, levando sua mão até o queixo e apoiando o seu cotovelo no braço da poltrona. Hugo continua a responder.

– Eu confio sabe em quem? Eu confio é no dinheiro que a gente vai pegar emprestado e no império que a gente vai construir! Sokolowski S.A. Ou seria melhor Grünbaum S.A.?

Com muita calma, Micha indaga:

– Hugo, por que você me quer?

– Porque os seus olhos são irresistíveis...– Hugo ri sozinho – Na verdade, Micha... É que todos nós sabemos das suas economias guardadas debaixo do colchão.

Em um susto, Micha tira a mão do queixo, descruza as pernas e, sem rumo, se levanta. Ele parecia ser outro, não mais um psicanalista, e sim uma pessoa conturbada por questões subitamente afloradas. É da janela da sala que o velho fuzila Hugo com o olhar.

– Como você sabe?!

Hugo anda lentamente, senta-se na poltrona de couro onde Micha estava, cruza as pernas e coloca a mão no queixo.

– E tem como não saber?

– Eu sou um senhor discretíssimo!

– Sem dúvida! Mas todas as sextas, por volta das 18h, o senhor se tranca no quarto para fazer o balanço de suas economias. Estou equivocado nas minhas observações?

Micha se espanta com a verdade revelada por Hugo e o seu jeito sereno de falar. Ele também fica chocado com o próprio fracasso, a sua incapacidade de esconder algo que lhe era extremamente importante.

- E ter as minhas economias não seria um direito meu?
- Mas por que no colchão?
- Haverá outro lugar mais seguro?
- Já ouviu falar em banco?
- Já ouviu falar sobre o cenário econômico alemão dos últimos anos?
- Não aprendeu com a história que as coisas mudam?
- Não aprendeu com a história que as coisas se repetem?
- E onde enfiará tanto pessimismo?
- E em que céu construirá a Alemanha de seus sonhos?
- Levará o seu dinheiro para o caixão?
- Deixará sua família sem dinheiro?
- Não grita!

E como esperado desde o princípio da cena, os dois homens imersos nas neblinas esfumadas de uma sala no bairro de Friedrichshain ficam definitivamente com as suas visões turvas. De tanto vagar em reflexões, eles rodavam em círculos. O incrédulo questiona o crédulo, o crédulo indaga o incrédulo e assim, os movimentos opostos se anulam. Os ares estão inertes,

a poeira parada. A fumaça deslisa lânguida no ar a ponto de quase não fazer movimento, ela se torna uma escultura e se confunde com a cortina semitranslúcida da janela. O tempo corre em profundo silêncio, tal qual um pesado livro feito de páginas em branco. O seu leitor o lê como se fosse importante o vazio da página, mas a atenção na leitura vazia é a própria razão que amplifica o vazio.

Ferindo esse *insolucionável* panorama, a porta de madeira que ligava a sala de estar ao corredor se abre, porém os homens à primeira visada não enxergam ninguém. Era preciso olhar mais embaixo para ver uma criança de três anos correndo em direção a Hugo. De camisola branca e fralda, Herta começa a rir no colo do pai. Micha percebe o excesso de fumaça no ambiente fechado e abre a janela. Ele tenta fazer com que a fumaça saia o mais breve possível, ao mesmo tempo em que busca impedir que o frio do inverno transformasse em demasia a temperatura do ambiente. A sala vai ficando cada vez mais nítida. O sorriso de Herta domina a cena. Hugo olha para Micha:

– É preciso tentar alguma coisa, Micha. Loucura é permanecer na inércia com a enorme energia e esperança que esse serzinho nos dá.

De óculos, Micha olha Herta no colo de Hugo. Ele parece estar diferente.

4.2 – Grünbaum C.O

Era carnaval, fazia muito frio e o céu estava cinza. Para mim, era absurda a incoerência de um carnaval gelado. Pela tela plana do celular nos stories do Instagram eu tentava tocar as peles da multidão suada nas ruas de paralelepípedo de Santa Teresa, porém, estava no inverno europeu sambando com casacos e botas. Não havia outras peles, apenas tecidos. Nada a reclamar, foi essa a minha escolha, eu já tinha tentado prever esse dia. Porém, a efervescência do sul chacoalhava minha cabeça entoucada. Eu precisava agir, responder a uma certa melancolia desse carnaval avesso. Eu precisava criar o bloco do eu sozinho e arrasar por alguma Straße (rua) da vida. Então, saí entrando na biblioteca Landesbibliothek-Berlin, que ficava há vinte minutos de onde morava. O agito carnavalesco foi deglutido e reorganizado em sangue no olho para avançar com a escola de samba “Unidos da Pesquisa de Doutorado”. Foi a onda que me bateu. Caí na euforia de querer dar conta de tudo. Quanta ingenuidade doutoranda, querer em uma semana, realizar uma maratona, equivalente à distância de toda a Marquês de Sapucaí, com os olhos nos livros e as investigações nos arquivos da cidade. Mas, foi a onda que me bateu.

Ao chegar na biblioteca, fui direto à sessão do arquivo onde ficava o histórico dos registros comerciais de Berlim. Ali, estavam catalogados os nomes jurídicos das empresas⁴⁹, os nomes de seus proprietários, a data de inauguração, os endereços dos estabelecimentos e o tipo de comércio que era realizado. Meu principal objetivo era verificar se de fato a família Grünbaum tivera um estabelecimento comercial. Em mãos eu tinha apenas os nomes Hugo Grünbaum e Michaelis Sokolowski. Fui até o balcão da biblioteca e um funcionário abriu um sorriso para mim – era o primeiro sorriso daquele dia de carnaval. Ele era um jovem, de aproximadamente 18 anos, cabelos lisos até os ombros e pele branca com espinhas. Eu abri um sorriso de volta, olhei no fundo dos olhos dele e pedi ajuda para pesquisar no arquivo. Entreguei para ele os nomes de meus familiares anotado num caderninho e juntos, sentamos na frente de um computador antigo. Fato é que a maioria dos documentos na Alemanha estão digitalizados, o desafio é saber transitar por essa gigantesca nuvem virtual. O menino parecia um hacker e digitava aceleradamente códigos e nomes. Ele olhou para os meus olhos e pediu mais tempo, eu lhe dei todo o tempo do mundo. Era apaixonante o seu profundo empenho em me ajudar.

⁴⁹ Importante estabelecer uma diferenciação entre nome jurídico e nome fantasia. O primeiro é um nome formal de uma empresa que se destina aos registros públicos de cartório; o segundo, é o nome que é utilizado para promover e divulgar a empresa. No caso da loja de meus antepassados, o nome Grünbaum C.O é o nome jurídico. Não consegui informações sobre o nome fantasia da loja.

Após 40 minutos sentados em silêncio, lado a lado, em frente à tela do computador, o jovem para de digitar, olha para mim e sorri: “I found it!” (Eu achei!). Sua voz era grave e seu inglês, ruim, carregado de sotaque alemão. Esse foi o ápice do meu momento carnavalesco, viva: “I found it!”. Essa foi a hora quando o bloco Cordão do Boitatá toma as ruas do centro da cidade e a multidão atônita grita “se essa porra não virar, olê olê olá” e ao virar o rosto para o lado eu recebo um beijo de uma boca cheia de purpurina. A verdade é que, enquanto o jovem alemão mexia a sua boca, eu quase pude ver toda essa purpurina carnavalesca em seus lábios pálidos: “I found it!”.

Georg Groth, Bülowstr. 96	60192	Grün & Lorenz (Chem. Fabrik) Fritz Kaiser, Christoph Lorenz, Leddringer Str. 16	53944
Paul Groth & Co. (Blusenkonfekt.) Paul Groth, Kommandantenstr. 75	22088	Abraham Grün (Blusen-Konf.) 1919 Abraham Grün, Wilsdorferstr., Georg-Wilhelm-Str.	48554
E. L. Grothe (Kolonialw.) Paul Kleinfeld, Curt Tietz, Lichtenfelde, Jungfernstieg 4	3161	Hermann Grün (Kolonialw.) Hermann Grün, Kollbuser Damm 9	16290
Dr. Hugo Grothe (Erwerbung u. Verwertung patentierter Neuheiten) 1910 Franz Steinam, Besselsstraße 3	56151	J. Grün (Fabrikation) 1921 Georg Braun, P. Emmy Braun geb. Grün, Koppenhagener Str. 36	67064
Richard Grothe (Kartoffel-Großhandl.) 1923 Richard Grothe, Berlin-Britz, Johannisthaler Str. 9	64048	Otto Grün (Metalle) 1925 Otto Grün, Schicksstraße 10	65500
Gehr. Grothe (Baugeschäft) 1921 Karl u. Reinhold Grothe, Liebenberg, Möllendorferstr. 10	69820	Isidor Grün (Wein, Liköre, Zigarren) 1922 Isidor Grün, Berlin-Schöneberg, Eisenacher Str. 72	61578
Dr. Grothe & Co. (Verlagsgeschäft) 1913 Adolf Raatz, Burgstr. 11	41546	Robert Grün (Wein; Liköre, Zigarren usw.) Robert Grün, Babelsburger Str. 62	65727
Dr. Karl H. Grothe & Co. (Chem.-tech. Artikel) 1911 Louis Levy, Neukölln, Kaiser-Friedrich-Str. 76	85040	Gehr. Grün (Tuch- u. Futterstoffe en gros) 1922 Moses u. Gustav Grün, Dircksenstr. 23	61670
Grothe & Witte (Großschlichterei) 1923 August Grothe, Carl Witte, Zentralviehhof, Schlachtkammer 37	65105	M. Grün & Co. (Chemische Fabr.) 1919 Ludwig Marmse, Kaiserstr. 32	52174
Wilhelm Grothmann (Wurst u. Fleischw.) 1912 Wilhelm Grothmann, Neukölln, Bergstr. 18	58857	Grün & Co. (Kunst- u. Bauschläerei) 1917 Gottlieb Grün, Johannes Bruder, Neukölln, Reuterstraße 43/44	45040
Grotlgo Verlag Hans Heinrich Tillner (Verlagsbuchhandlung) 1921 Hans Heinrich Tillner, P. Ernst Gröning, Charlottenburg, Ansbacher Straße 52	58113	A. Grün & Sohn (Geflügel) Abraham u. David Grün, Hahenschönhausen, Birkenstr. 14	50594
Gebrüder Grottrian Steinweg (Pianosortefabr.) Willi u. Curt Grottrian, KP Alfred Schaper, KP Karl Eilert, Wilhelmstr. 38	4784	G. Grün & Gebert (Seifenpulver) Paul Dutze, Oranienstr. 22	28496
Georg Grosstück Inh. Paul Döhring (Agent, in Kriegsmaterial) Paul Döhring, Unter den Linden 54/55	10228	Grün & Co. (Elektrotechn. isoliert. Mat. en gros) 1920 Karl Gutmann, Kochstr. 3	53317
Franz Grotzer & Co. (Bank) 1920 Dr. Hans Peter Fischer, Unter den Linden 21	56046	Grün & Heymann (Vertrieb für Textilwaren) 1921 Hans Heymann, Eberstr. 44/45	61160
Eduard Growald (Tüll, Spitzen u. Seidenband) Eduard Growald, P. Ismar Bender, Jerusalemstr. 11/12	11550	Grün & Roskamm (Knaben- u. Jünglingskleid.) 1925 Gustav Grün, Fritz Roskamm, D. Gos. vertrieb. Dircksenstr. 23	65429
Growald Landsberg & Rosenheim (Leder en gros u. Komm.) 1916 Robert Growald, Jones Landsberg, Sale Rosenheim, Heiliggeiststr. 21	44846	Conrad Grünbaum (Getreide, Futter- u. Düngemittel, Saaten) 1920 Conrad Grünbaum, Oranienburger Straße 58	54734
Z. J. Grachebin Verlag (Buch- u. Lehrmittel-Verlag) 1921 Sinowy Grachebin, P. Abraham Grachebin, Potsdamer Str. 32a	56723	Willy Grünbaum Juwelier & Uhrmacher 1922 Willy Grünbaum (Konkurs) Schönberg, Martin-Luther-Str. 50	60391
Max Gruban (Wein) Max Gruban, KP Kaufmann, KP Walter Gruban, Große Frankfurter Str. 126	1434	Grünbaum & Samuel (Schürzen u. Wäsche) 1920 Paul Grünbaum, Walter Samuel, Alexanderstr. 55	54056
Gruban & Co. Johannes Georg Gruban (Waren aller Art) Margarete Gruban geb. Schinsky, Nur Georg Johannes Gruban vertret. Wilhelmstr. 157		Grünbaum & Schoenwald (Fabr. konfektionierter Weißwaren) 1920 Ella Schoenwald, Alie Jakobstr. 29	60391
		Grünbaum & Co. (Riesterstoffe en gros) 1925 Hugo Grünbaum, Michaelis Sokolowski, Breite Straße 29	68061
		Theres Grünbaum geb. Grand, KP Rosa Großmann, KP Ernst Zeldner, Frankfurter Allee 316	844

No documento de 1925 consta que Hugo Grünbaum e Michaelis Sokolowski foram proprietários da empresa Grünbaum C.O – Kleiderstoffe en gros (em português, Grünbaum Sociedade Anônima – atacado de tecidos para roupa). O ano de inauguração foi 1925, o seu endereço era Breite Straße, 29 (em português livre, rua estreita); e o código postal 68061.

A loja foi aberta num contexto de efervescência da indústria da moda em Berlim. Muitos estabelecimentos voltados para o corte e costura foram inaugurados nesta região e colocaram Berlim em igualdade com outros polos já reconhecidos no campo da moda, como Paris e Nova Iorque. Em Berlim foi criado o tipo de corte prêt-à-porter, isso é, roupas feitas em tamanhos padronizados e não mais sob encomenda. Este tipo de roupas era mais barato e, por isso, rapidamente se popularizou. Importante ressaltar que a maioria dos donos das lojas vinculadas à indústria da moda em Berlim eram judeus, alguns construíram prósperos impérios com enormes

estabelecimentos, as chamadas lojas de departamento. A Grünbaum C.O era pequena e vendia não apenas os tecidos em atacado para as lojas maiores, como varejo para alguns clientes na rua.

A comemoração por saber o nome da rua da loja dos Grünbaum durou até o momento em que descobri, olhando no Google Maps, que existem inúmeras “Breite Straße” espalhadas por Berlim. Além disso, todos os códigos postais da cidade foram modificados ao longo do tempo, ou seja, o código que consta no arquivo já não indicava mais a rua onde localizava-se a loja da família. Antes mesmo que eu pudesse relatar o problema, o jovem antecipou-se com a apresentação de um outro documento onde constava o endereço da loja com a indicação do bairro e das ruas próximas. Estava tudo esquematizado em traços no papel:



O documento também é de 1925 e está escrito com a grafia alemã antiga Kurrent. Esse estilo foi muito utilizado na Alemanha até o início da Segunda Guerra Mundial. Quase todos os documentos e jornais desse período estão escritos com essa grafia, o que torna o meu trabalho ainda mais complicado. As letras da escrita Kurrent não correspondem com as do nosso alfabeto, sendo assim, é impreterível o auxílio de alguém que as entenda. Por sorte, o menino da biblioteca compreendia um pouco da escrita e conseguiu rapidamente localizar no papel o nome Grünbaum:

– É aqui! A Breite Straße da loja de sua família é aqui!

– Aqui?!

– Sim, é exatamente a rua em que estamos, no bairro Mitte!

Ele falava isso com a maior naturalidade do mundo. À primeira vista era espantosa tamanha “coincidência” por estar pesquisando a loja dos meus antepassados na mesma rua em que ela se localizava. Porém, o processo dessa pesquisa sempre foi composto por coincidências nada coincidentes, indícios dos mistérios que orbitam entre o céu e a terra, passado presente futuro, ar denso, manifestações, presenças, desmatérias, coisas fluidas, volumes de ar, energia fria, energia quente, movimentações, vultos, sombras, luzes. O espantoso fato era apenas a tônica.

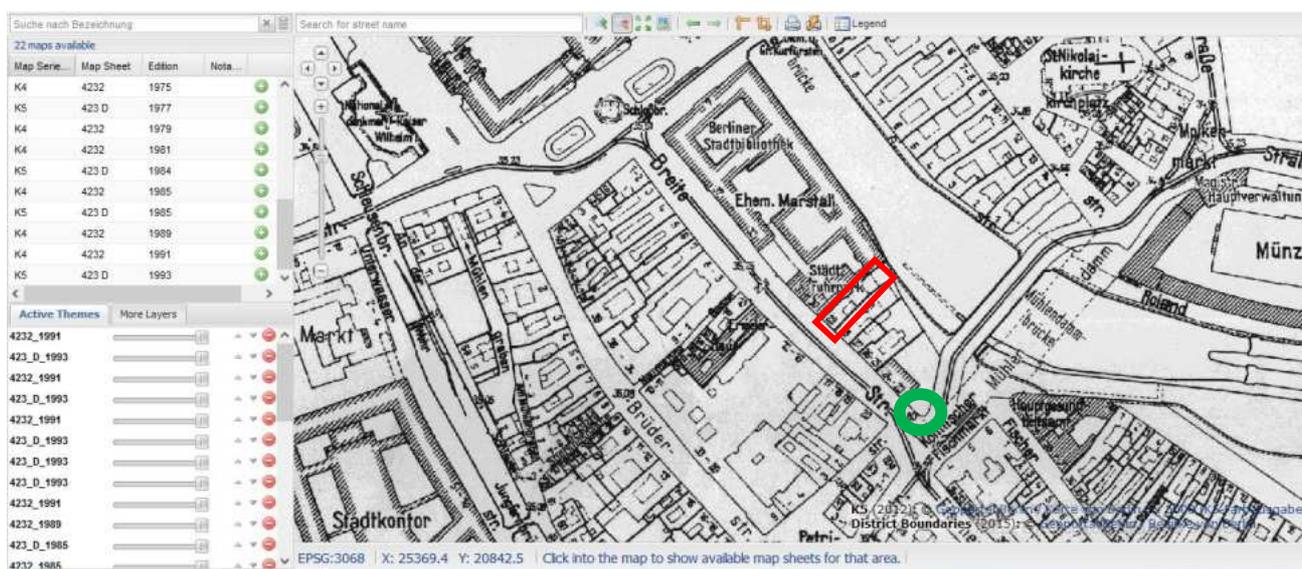
Sentado ao lado do menino, eu vibrava a emoção da descoberta. Eu não o abracei, apenas o cumprimentei com um caloroso aperto de mão – aquele tipo de aperto que buscava estender o tempo do movimento para além da mera formalidade. Esse foi o meu modo de produzir alguma gratidão acalorada: mãos chacoalhando por cinco longos segundos. Sorri, peguei as minhas coisas e saí saltitante em direção ao frio de zero grau que fazia na rua. O meu grande erro naquele momento foi o de não ter perguntado o nome do garoto, mas ora, era carnaval, quem pergunta o nome de quem no carnaval?

Ao sair da biblioteca, a Breite Straße já era outra: o lugar onde se situava a loja de Micha e Hugo. O espaço então ficou carregado de significados e meu olhar já não era mais o de um pedestre qualquer; ali, eu era um detetive ou um arqueólogo na busca por encontrar algum indício do passado. A rua, com nome de estreita, era muito larga. O seu comprimento era curto, tinha apenas dois quarteirões. De um lado havia um gigantesco terreno baldio e do outro, a biblioteca onde eu estava e um enorme prédio da DIHT, a Confederação Alemã das Câmaras de Indústria e Comércio. A rua desembocava no conhecido Humboldt Forum, um gigantesco prédio onde funciona um centro cultural e um museu; ali já era a av. Unter den Linden, onde estão a Ilha dos Museus e vários prédios históricos.

Ao sair da biblioteca, minha primeira intenção foi encontrar o lugar exato da loja. Como um carteiro que busca o número do prédio para entregar uma encomenda, eu realizei uma caminhada feita de idas e voltas pela larga rua estreita e seus dois quarteirões. A conclusão foi

terrível: não havia mais o número 29 da loja da minha família. Seria então muito difícil saber o lugar exato onde ela ficava. Ora, haja visto que Berlim foi uma cidade bombardeada nos anos 1940, na Segunda Guerra Mundial, e totalmente modificada nos 1960, a partir da Guerra Fria e da construção do muro de Berlim, achar a loja dos anos 1920 de meus antepassados era um desejo que beirava a ingenuidade.

Inspirado pela ação hacker do menino na biblioteca, entrei no computador e acabei a ferramenta pela qual é possível ver os mapas antigos da cidade – o mesmo programa que havia utilizado para encontrar a casa dos Grünbaum.



O mapa é de 1920, cinco anos antes dos Grünbaum adquirirem a loja. O perímetro em vermelho sinaliza o lugar exato onde ela ficava, a Breite Straße 29. Utilizando uma ferramenta do próprio programa de mapas, eu consegui medir a distância entre a loja e a esquina da rua (sinalizada por mim no mapa pelo círculo verde). Exatamente cem metros entre a esquina e a loja.

Eu tenho um metro e sessenta e seis centímetros de altura. Um passo meu tem aproximadamente noventa centímetros de extensão. De acordo com meus cálculos, para andar cem metros, eu teria que dar cento e onze passos e mais um ou dois passos miudinhos ao longo de uma linha reta. E foi isso que fiz, coloquei os meus dois pés no meio fio da esquina entre a Breite Straße e a Gertrauden Straße e iniciei uma lenta caminhada. Também mantive uma contagem atenta e silenciosa dos meus passos. Por sorte, ao longo da calçada da rua havia uma

linha no chão entre o piso de concreto e o de pedras. Desse modo, para manter um percurso reto, bastava seguir essa linha.

Eu já estava no passo quarenta e três quando avistei uma senhora vindo em minha direção. Ela caminhava lentamente e usava um andador para se equilibrar. Como dois navios em pleno vapor no oceano, eu antevi o meu choque com o corpo curvado daquela senhora. Eu pensei em parar, mas não tive coragem, estava profundamente comprometido com meu trabalho de medidor de distâncias. Caso desviasse da velhinha, eu não iria fazer um percurso reto e assim, o meu objetivo por alcançar meticulosamente a máxima precisão a partir de meus passos iria afundar. A verdade é que naquele momento eu queria ser régua: exata e fria. Evidentemente, eu poderia ceder à gentileza que sempre busquei exercer nos lugares públicos, sobretudo com os mais velhos, e assim, parar, deixar a velha passar e recomeçar todo o trabalho novamente. Mas quem disse que, numa eventual segunda tentativa, outra velhinha não iria cruzar o meu caminho novamente? Naquela hora a rua estava cheia de idosos.

Eu insisti, mantive meu percurso reto em direção a uma possível colisão com o corpo senil da velha. O senso de responsabilidade e lealdade à minha proposição me dominava. Ao me ver como um furacão, a velhinha fez uma cara feia e lentamente começou a desviar. Eu cruzei quase encostando no corpo dela. Ainda assim, eu tento abrir um sorriso e peço desculpas em alemão. A velha fica para trás. Eu chego no passo de número cem, dou uns micros passinhos e pronto: descobri o ponto exato da loja Grünbaum C.O.



Refazendo o caminho da casa para o trabalho

Pisar firme no chão era um modo de agitar o passado. As botas não eram de qualidade, e por isso, os passos pesavam ao longo do caminho. Também havia as pedrinhas miúdas da calçada, que entravam pelo furo da bota fajuta. “Por que eu comprei uma bota de cinquenta euros e não aquela de cem?”, era esse o pensamento de Ian que percebia os calos brotarem em seus dedos do pé tal como as primeiras flores daquela primavera alemã. Fato é que o caminho entre a casa da família Grünbaum e a loja na Breite Straße estava povoado de estranhamentos e familiaridades. Caminhava-se por uma cidade nova, desconhecida e muitas vezes avessa ao afetivo calor latino. Ao mesmo tempo, refazia-se o trajeto do cotidiano familiar. Para o Ian, aquele caminho era como rememorar uma memória que não era sua, matar as saudades de algo que nunca lhe faltou, emocionar-se com um reencontro sem nunca ter havido um encontro anteriormente.

Os calos dentro de uma bota furada de cinquenta euros, e não cem, agravavam a sensação estranha e familiar. A dor dos calos, pequena, mas constante, deflagrava a insuficiência de dinheiro destinada aos cuidados dos seus pés. Ao mesmo tempo, ela evidenciava o ímpeto

desmedido de Ian para ampliar suas economias. Essas não estavam mais debaixo do colchão, como fazia seu tataravô Micha, mas nos números do aplicativo bancário do celular. A retidão como buscava administrar suas economias se tornava arrependimento e raiva mediante a dor dos calos. No entanto, eram as pequenas dores da caminhada que faziam Ian comungar com o mesmo ímpeto, econômico e temeroso, em relação ao futuro de seu tataravô.

Ao sair do quarteirão de arquitetura soviética onde situava a casa da família, Ian cruzou a Holzmarktstraße. A rua é composta por duas pistas de carro e um canteiro de plantas rasteiras entres elas, de um lado há alguns prédios bem altos do período socialista, e do outro o rio Spree. Importante ressaltar que essa rua manteve o nome e traçado dos tempos da família Grünbaum na década de 1920. Ao atravessar a rua, Ian chega na Jannowitzbrücke. Trata-se de uma ponte de metal e concreto que atravessa o rio e, ao lado, uma estação de trem e metrô feita com tijolos vermelhos antigos. Nota-se então uma cidade construída em andares: o subterrâneo da linha de metrô “U8” – uma das mais movimentadas da cidade, onde nas madrugadas circulam os doidões berlinenses. Depois vem o espelho d’água do rio que tende a refletir a cor do céu. Por cima dele a ponte onde passam pedestres, bicicletas e os carros. E num quarto andar, margeando o rio em direção à Alexanderplatz (a praça central da cidade), os trilhos do trem.

É debaixo do teto de metal barulhento onde passam os trens que Ian interrompeu sua caminhada. Ele parou para observar o movimento da estação: muita gente com pressa, pés com botas bonitas (marrons, pretas e roxas), senhoras loiras com perfumes doces, muitos asiáticos que andavam sem olhar para os lados, crianças com mochilas nas costas, pessoas que desembarcavam de suas bicicletas para entrar com ela dentro da estação, alguns jovens com tatuagens que andavam de sobretudo e óculos escuros. Enfim, havia muita gente lá. O relógio antigo preso na parede de tijolos vermelhos marcava 16:19. Ian estava avesso ao tempo, parado diante das tantas pressas. Parado e olhando as 16 horas e os 19 minutos. Parado e olhando os ponteiros do relógio velho que avançava a cada segundo em solavancos. Tic-tac. 16:20. O Ian estava lá, parado, olhando, avesso.

Os ponteiros do relógio da estação Jannowitzbrücke marcam 10:05 e Hugo está cinco minutos atrasado para abrir a loja. Ele aperta firme a mão de Herta, de apenas sete anos, no temor de perder a nanica menina em meio à multidão. A menina não tinha pernas o suficiente para acompanhar a pressa do pai. O pensamento de Hugo corria tão rápido quanto a sua ânsia por chegar:

“Michaelis vai me matar! Ele é duro, duro! Não entende nada sobre as amenidades, as fragilidades, as curvas da vida! Sobretudo, não entende nada sobre o tempo, as lentidões e os

atrasos! Tudo deve ser um relógio, seu Micha? Mas ora, eu tenho uma filha de 7 anos e preciso lhe dar atenção, dedicação. Não sou um pai como os outros. Eu gosto de ficar com a minha filha. Mas Micha é duro e o seu bordão velho diz que a cada minuto de atraso um cliente é perdido. A cada minuto... Já foram 6...”. Hugo apressa ainda mais o passo, quase acreditando naquilo que acabara de pensar.

A mão firme de Hugo puxando Herta não impediu que a menina, distraída e sonolenta, ficasse observando o caminho. Após passar em frente à estação de trem da Jannowitzbrücke, os dois entram por uma estreita calçada de pedestres que margeava o rio Spree. Entre árvores secas e as flores em botão brotando do chão, Herta reencontra uma sequência de gárgulas na fachada de um prédio. Em cima de cada janela do edifício avança um pescoço com um rosto em concreto liso de cor cinza claro. São oito rostos, todos feitos em traços finos com uma expressão serena, alguns inclusive parecem sorrir. Toda a vez que passa ali, Herta tem o hábito de conversar com essas gárgulas, como se fossem os seus mais íntimos amigos:

“Ruth, como tem passado? Melhorou da sua dor de cabeça? Imagino que seja difícil ser só uma cabeça... Todas as dores de cabeça se tornam dores no corpo todo. E você, Astro? Parece que tá assustado hoje! Você viu o monstro do rio Spree essa noite? Papai vive me falando desse monstro, é por isso que eu não ousa me aproximar do rio... Sabine, minha amiga, como anda a sua relação com Oswaldo? Liga não, ele não sabe nada sobre a vida, vive paralisado no mesmo lugar, não age! Não, me desculpa! Eu não me refiro a você. Eu sei que você também é uma estátua, querida, mas é diferente de Oswaldo. Você é... Energética. Você parece que dança! Mas o Oswaldo é velho! Só não é mais velho do que o rabugento Frederico, ele sim é antiquado. Olha a cara dele, sempre tá de mal com a vida. Frederico, não se atreva a vir atrás de mim!”

Assim como as suas pernas curtas andando no caminho, a menina falava muito acelerado. Aos ouvidos de Hugo, tudo não passava de um grunhido, uma estranha cantoria, mera brincadeira de criança. Herta olha fixo os seus amigos de concreto. As estátuas também olhavam Herta. Na verdade, elas viam e ainda veem muitas coisas:

“Eu vi o imperador Wilhelm II passar de peito estufado em cima de seu impecável cavalo branco. Atrás dele, uma gigantesca cavalaria com ares imponentes, lustrosos, limpos. A verdade é que o cheiro das bostas dos cavalos espalhava-se pelo ar. E se alguém pode falar de ares imperiais, ou ares alemães, deve assumir que esses ares tinham cheiro de cocô. Assim também foi no III Reich, num nível muito mais megalomaniaco, o maluquinho vinha no carro com uma enorme tropa de cavalos atrás. Quanto maior é o delírio alemão, mais forte é o cheiro da bosta. A imposição de um tipo de nação vem com o cheiro de merda anexada.”

“E se pudéssemos inverter as coisas? Isto é, fazer o mundo paralisar feito uma estátua e que nós, estátuas, pudéssemos ser o movimento do mundo. Pois, uma vez o mundo movido por aqueles que já muito o observaram, os acertos poderiam ser maiores que os erros. Me deprime ver o mundo errar repetidas vezes em espaços de tempo cada vez mais curtos.”

“Me deprime é ouvir tantas besteiras. Veja bem, nós só viramos estátuas porque já fomos humanos. E se estamos aqui, em finos traços de concreto claro no centro de uma das mais conhecidas capitais do mundo, é porque nós erramos. E erramos feio! Senhora duquesa, senhor barão, senhor catedrático de alguma Universität, madame do sei lá o quê. Vamos parar de hipocrisia e assumir a falência que nós somos!”

“E ao assumir a falência, permaneceremos aqui? Ser o espectador desse mundo eufórico que corre ao redor do seu próprio cio? Assistir a euforia dessa multidão que parece estar num gigantesco ato sexual que nunca chega no seu gozo? Aí vem um homem que anuncia que o gozo está próximo, fazem gigantescos esforços rumo a tão almejada felicidade final, e aí... E aí... Um buraco ético, moral e existencial. A felicidade da multidão se desvela como uma gargalhada assassina que esvazia os pulmões até ninguém mais respirar. E depois, o desejo de gozar permanece, sempre e cada vez mais! O desejo é tanto que se torna raiva dos aparentes pequenos gozos dos outros. Mas a verdade é que ninguém goza, correm-se em círculos. E nós aqui, parados, vendo esse carrossel pornográfico. Eu gostaria de ver toda essa gente no dia do seu enfim e definitivo despertar!”

“As coisas não funcionam assim. Tudo que está desperto dorme. Vivemos num sonho e, como em sonhos, é melhor recitar poemas do que tentar dar conta dos problemas. Porque ao capturar o movimento embriagado do mundo transpondo-o numa lógica, tudo já mudou! E as mudanças são tão gratuitas quanto as dos sonhos e dos pesadelos. Vivemos num sonho e dentro dele, já temos nosso lugar cativo. E o lugar é imóvel. Não adianta, a única coisa que nos impede de apodrecer de vez é o próprio concreto que nos constitui. De resto, já fomos! De resto, podre! Afinal, para que serve uma estátua, senhoras e senhores?”

Ian olhava imóvel a aparente imobilidade daquelas gárgulas na parede do edifício. Apesar de mudas e estáticas, elas poderiam servir de material para uma boa cena, uma boa história. O desafio seria alcançar a abstrata capacidade de ouvir estátuas de concreto, dando-lhes voz. Seria necessário ter fé na pedra. Após buscar aspirar com os olhos sua fixidez, Ian escreve alguns garranchos em seu caderninho: “pedra, podre, podre, tempo. O arrepio, os ‘uis’ e os ‘ais’ desejanter. Ser quem? Ser o que eu não tenho.” Em seguida, ele prossegue no caminho à beira do rio Spree.

A caminhada pelo rio durou mais dez minutos até uma escada em caracol por onde se subia numa ponte feita de ferro e chão de asfalto. Ao atravessar a ponte, Ian chegava na esquina de Breite Straße. Seguindo a linha no chão que separava a parte do piso feita de concreto com a de pedras, Ian andou cem metros na direção do ponto exato onde ficava a loja de sua família. De um lado, uma árvore com as suas folhas em botão em diversos tons de marrom e, do outro, uma janela, uma parede de concreto cinza e um portão metálico de garagem. O suspiro de Ian declarava o fim da caminhada: o estranho familiar caminho entre a casa e o trabalho estava feito/refeito.

De repente, o barulho grave e contínuo do portão metálico da garagem se abrindo estilhaçou em reticências o ponto final. Dois homens velhos, de cabelos brancos e uniformizados, saíram de dentro da garagem. Eles acenderam um cigarro e ficaram olhando a rua vazia enquanto conversavam em alemão. Mareada e bêbada, a cabeça de Ian tornou-se um nó dos tempos: “logo dois senhores, logo fumando, logo aqui na frente da loja, logo agora na minha frente.” O filme de apenas um espectador privilegiado havia começado.

4.3 – Portas Fechadas

Berlim, 1933. Michaelis e Hugo conversam sobre a possibilidade de fechar a loja Grünbaum C.O. Os dois homens estão na porta de sua loja na Breite Straße, 29. A fachada do estabelecimento é composta por uma marquise de pano impermeável com listras vermelhas e brancas que avança três metros pela calçada. Do teto da marquise, pedaços de tecidos de diversas cores e tamanhos estão pendurados, alguns chegam até o chão. É um raro dia de extremo calor em Berlim. O sol está a pino e a rua lotada. Os dois homens estão por entre os tecidos, protegendo-se do sol. Paralisados, mudos e sem ação tal como gárgulas à frente de um edifício. Eles olham o movimento da rua. Os clientes não aparecem, a loja está vazia. Rompendo com a imobilidade, Hugo entra para buscar seu charuto. Ao voltar, ele entrega o cachimbo de Micha já com o fumo dentro.

– Fume!

– Faz meses que ninguém encomenda mais nada. Nem o vento entra mais em nossa loja, Hugo!

Hugo engole seco e se cala. Sua cabeça quente buscava um discurso lógico para responder a relação paradoxal entre aquela rua infernal, cheia de gente, e a sua loja vazia. Absorto pela impossibilidade de dar uma resposta contundente às drásticas mudanças do seu tempo, Hugo fala o óbvio:

– Não devemos continuar. Não é economicamente viável, sustentavelmente possível. Estamos velhos demais pra isso! Tá tudo desabando, Micha!

– Nem pense em recuar.

Micha fala seco e grosso sem olhar Hugo. Ao presenciar a áspera reação de seu sogro, o coração de Hugo acelera, as baforadas em seu charuto se tornam goles d'água nesse dia de calor.

– Micha...

Hugo perde as palavras. Micha dá umas baforadas em seu cachimbo, olha para Hugo, respira fundo e fala:

– Todos os nossos ativos foram aplicados nesse negócio. Por regra, não se pode desfazer de um investimento quando a sua cotação está em baixa. Tem que esperar ele valorizar novamente e, aí sim, nós modificamos o investimento. Se trata de visão econômica, Hugo. Vamos parar de sofrer com as intempéries de um contexto ruim. Vamos esperar.

– O contexto está implodido!

Micha engole seco uma vez mais e se cala. O silêncio tem cheiro de tristeza e medo. Fato é que o cerco aos judeus estava ganhando contornos cada vez mais evidentes. No mês em que a Grünbaum C.O foi inaugurada, um distinto senhor entrou no estabelecimento no intuito de comprar algum produto. Ao se deparar com o rosto sorridente e fraterno de Michaelis, este senhor perguntou se aquela loja era de judeus. Ao ouvir uma resposta afirmativa, o senhor deixou os dentes à mostra de um modo estranho, não deu para entender se a sua reação representava uma manifestação de simpatia ou de vergonha. O senhorzinho balançou a cabeça num tímido cumprimento e saiu apressado.

Outro dia uma senhora exigiu que fosse atendida por uma pessoa não judia. Percebendo que a loja era de donos judeus, ela bateu forte na mesa de madeira enquanto encarava Hugo com raiva nos olhos. Na tentativa de balbuciar algumas palavras de xingamento, a saliva que saía de sua boca evidenciava mais ódio do que uma embocadura consistente capaz de formar palavras. Ao perceber a própria inabilidade em lidar com aquela situação, a mulher saiu correndo e deu um berro na rua.

Hugo e Micha percebiam que o nível de agressividade das situações ficava cada vez mais intenso. A cada dia subia um tom na escala de violência. Se no início o antissemitismo se confundia com uma aparente inaptidão social oriunda de um indivíduo fora da curva, ao longo do tempo ele foi se naturalizando como um bizarro senso de “preservação” da sociedade alemã contra as “mazelas” do mundo.

De repente, uma senhora bem idosa entra na marquise da loja e começa a deslizar delicadamente suas mãos pelos tecidos pendurados. Ela parecia que ia comprá-los. Imediatamente, Hugo e Micha saltam de suas inertes posturas e se mobilizam em atenção à primeira cliente daquele dia. Antes mesmo de conseguirem cumprimentá-la, a senhora abre um

sorriso, deixa os tecidos pendurados e segue seu rumo. Hugo e Micha voltam às suas posturas anteriores de gárgulas fumantes.

– Tudo isso é uma ficção, Hugo.

– Veja bem, estava tudo indo de vento em popa, não? Aí eu pergunto: quando foi que tudo começou a desmoronar, hein? Eu digo! Há três anos, quando a crise bateu lá nos EUA! E quando bate lá, rapidamente bate aqui. É mais rápido do que avião. É a tal modernidade, seu Micha, as coisas são rápidas como o vento. E aí, quando a crise bate e o dinheiro todo escorre pelo ralo: salve-se quem puder! Ou melhor: quem tiver a mão maior, com os mais valiosos anéis nos dedos, que pegue todo o dinheiro do mundo e deixe-o guardado nos cofres! Tem que saber o momento certo para investir o dinheiro, não é mesmo, seu Micha? Sem dinheiro na praça os nervos ficam à flor da pele e cá estamos! Na praça à flor da pele. E a miséria se mostra mais forte do que a capacidade alemã de contorná-la. A verdade é que pouco importam as razões da miséria alemã. O fundamental mesmo é saber de quem é a culpa. E para existir a culpa, é preciso que haja um culpado. Não é óbvio isso? E nos ombros de quem essa culpa melhor se encaixa?

Um longo silêncio é estabelecido. Mesmo mudo, Hugo continuava a pensar aceleradamente num diálogo em espiral em que as perguntas exigiam respostas, e essas, fomentavam ainda mais perguntas. A pausa em seus pensamentos só pode ser constatada momentos depois, quando Hugo suspira profundamente e sua cabeça se curva para o chão. É desta posição que Hugo fala baixinho:

– É, eu tinha até esquecido que eu era judeu. O que é um judeu?

Micha expressa a primeira risada do dia, surpreso com a ingenuidade de Hugo:

– Hugo, você até pode esquecer, mas somos. Nós nascemos, logo somos judeus!

– Fale baixo.

– Você não precisa ir à sinagoga ou ler a Torá para ser judeu. Você simplesmente é filho de judeus e assim se constituiu como pessoa. Pessoa judia! Seus pais nunca lhe ensinaram isso?

Pois eu vou te falar – Micha prossegue num pedante tom professoral – os limites de uma identidade judaica são fugidios, não há como delimitá-los. Tem os judeus comerciantes, judeus comunistas, judeus de direita, judeus frequentadores de sinagogas, judeus que nunca foram em sinagogas, judeus nômades, judeus ricos, judeus que se esquecem do judaísmo. Você é tão judeu quanto um rabino. Você esquecer que é judeu é justamente o que te faz um judeu. O judaísmo se espalha.

Mais uma vez, um senhor entra debaixo da marquise da loja para olhar os tecidos. A mesma cena se repete: o cliente escapa como peixe miúdo numa rede de pesca. Novamente, os dois senhores voltam à imobilidade de gárgulas.

– Agora eu fico pensando: por que os judeus? Se fôssemos de fato uma ameaça, até poderia fazer algum sentido. Se fôssemos, por exemplo, algum Estado com poderes econômicos e força militar. Se estivéssemos oprimindo outros povos em alguma disputa territorial descabida. Mas não! Somos uma comunidade, como você disse, quase sem muitas delimitações.

– O problema é esse. Sem uma delimitação a gente se espalha e é essa a nossa culpa. Nos espalhamos, estamos por todos os lados.

– Mas ainda assim eu pergunto: isso seria uma ameaça?

– Mais uma vez voltamos à ideia inicial: não é sobre nós, é sobre o fracasso do povo alemão.

– Mas ainda assim, por que por a culpa nos judeus?

– E precisa de uma razão para se pôr uma culpa? Existimos, logo culpados!

– Mas não pode ser só isso.

– Não poderia ser.

A conversa causava vertigens, rodopiava em círculos, provocava tonturas, apertava os nós, centrifugava a racionalidade produzindo um estranho suco ilógico. Micha fumava como

uma chaminé para tentar despistar a insistente sensação de medo. Porém, mesmo sendo testemunha de uma atmosfera antissemita cada vez mais densa em Berlim, o velho aparentava firmeza ao não querer fechar a loja e decretar falência. A dureza de Micha era o medo de perder dinheiro ao fazer uma escolha errada. É não querer assumir que, provavelmente, a abertura da Grünbaum C.O fora um engano. Recuar no negócio seria assumir o erro e, sobretudo, sentir-se menor por ter sido influenciado pelo discurso de Hugo. Estranhamente, o velho não culpava o genro, e sim a sua própria incapacidade por ainda se enganar com as cortinas de fumaça daquele contexto.

Ao mesmo tempo, desde que a loja abriu, outro Michaelis havia aflorado: ele já não estava mais trancado em casa lendo livros e refletindo sobre a falta de sentido de sua vida pretérita, ele agora vivenciava o tempo presente, o dia a dia da cidade, além de conversar com muita gente. Enfim, depois de muito tempo Micha praticava a vida. A possibilidade de voltar ao antigo estado de ser das coisas, trancado em seu próprio mundinho, o deixava depressivo.

Em um crescente, Michaelis começa a ter uma crise de tosse. Não se tratava de uma tosse qualquer, o ritmo dela era arrastado como uma estranha cantoria em que os agudos persistiam e antecipavam o estrondo grave das baforadas de ar para fora da boca. A força da tosse fazia com que Micha arqueasse todo o seu corpo. Ao perceber a gravidade da situação, Hugo corre para dentro da loja para pegar um copo d'água. Ele volta com um enorme cantil de vidro com dois litros d'água e o coloca na mão de Micha, que bebe lentamente no gargalo. A tosse vai ficando mais esparsa e Micha começa a fazer uma série de respirações profundas.

Rio de Janeiro, março de 2007. Eu me lembro da minha avó Herta sentada em um banco de metal preto alto que ficava em frente a um balcão de mármore rosa. Ela estava no restaurante Espaço Alimento, localizado no fundo de uma galeria da rua Visconde de Pirajá em Ipanema, Rio de Janeiro. O pequeno restaurante foi aberto em 1989 por George – meu pai, filho de Herta – em sociedade com a sua sogra, Didier, minha avó. Era especializado em comida natural e foi um dos primeiros restaurantes da cidade com foco em um cardápio saudável, sem carne vermelha nem alimentos gordurosos. Quando George se separou de sua esposa, minha mãe Lisie, a sociedade com Didier foi desfeita e o restaurante começou a enfrentar graves dificuldades financeiras. Naquele momento, em março de 2007, o restaurante estava vazio. Herta, com seus grandes óculos de grau, estava aguardando a entrada dos primeiros clientes do dia. Assim fazia, olhando a galeria vazia através de uma enorme janela de vidro. George estava

sentado atrás da caixa registradora, onde fazia as contas dos números negativos que se acumulavam.

Desde que a sociedade entre Didier e George foi desfeita, Herta passou a trabalhar no restaurante como garçomete. Além de servir, ela se entretinha com longas conversas com alguns clientes e, em determinados casos, até sentava-se à mesa – isso era sempre seguido por uma bronca de George, alertando que funcionários não poderiam sentar-se às mesas dos clientes. Mas Herta não dava muito ouvidos ao filho e insistia no erro. Para ela, o restaurante era um passatempo, uma maneira de manter-se ativa, de não deixar ser dominada pela velhice de uma aposentada dentro de seu apartamento. Acordar todo dia para ir trabalhar era um modo de praticar a vida.

Porém, sentada na mesa de mármore rosa dentro de um restaurante vazio, o rosto de Herta expressava preocupação. Ela elevou sua mão direita à testa, apoiando o seu rosto cabisbaixo, enquanto escutava o barulho da bobina da máquina registradora que imprimia os números das contas feitas pelo seu filho. De repente, o barulho para, Herta olhou para George que se sentou na cadeira ao seu lado. Ele acendeu um cigarro e ofereceu outro à sua mãe, que aceitou. Os dois começaram a fumar em silêncio. Após um profundo suspiro, George falou baixo:

– Não tem solução. Vamos ter que fechar.

Debaixo da marquise de pano impermeável listrado, Micha ainda se recupera da crise de tosse. Ele bebe em goles pequenos a água trazida por Hugo. O sol começa a baixar e algumas lojas vizinhas já estão fechando as portas. Hugo olha o relógio e seu rosto expressa extrema preocupação: o dia se passou sem clientes. Num rompante, ele pega a garrafa das mãos de Micha e joga a água em seu rosto. A intensidade com a qual joga a água o faz molhar os tecidos ao seu redor. Mesmo assim, Hugo continua com a ação. Molhar, molhar, molhar. Micha, inerte, tem a atitude descabida de voltar a fumar o seu cachimbo. Hugo, molhado, fala que está na hora de ir. Micha vira o resto de tabaco sobre os tecidos que estavam na mesa. Hugo joga a garrafa de água vazia na rua, ela quebra num só estrondo.

Os dois comerciantes, até então vibrantes na tarefa de atender, só conseguiram sair de suas imóveis posturas de gárgulas se diluindo em calor, água e fumaça. Molhar a mercadoria foi o início para um fim: despreço, descuido, abrir mão, desprender-se, despedir-se, embarcar, ir embora, dar adeus, partir...

Molhados de suor, de água e de mais um dia sem clientes, eles fecham as portas da loja.

Ian permaneceu atônito vendo os dois homens fumando seus cigarros em frente à porta da garagem onde ficava a Grünbaum C.O. O espanto era tamanho que ele tentou tirar uma foto daquela situação. Ele puxou lentamente o celular de seu bolso e rapidamente mirou a câmera para os dois homens.



4.4 A morte de Sokolowski

Passo o ponto: a loja foi entregue nas mãos de outros com tudo dentro. A falência de Hugo e Micha teve seus aspectos peculiares, a sua causa não foi a má administração da loja por parte de seus donos, muito menos o desinteresse dos clientes nos produtos que ali eram vendidos. A falência foi induzida externamente, fruto de um constructo ideológico que visava destruir a base estrutural de um judeu – e não só, também do povo cigano, dos negros, dos gays, das pessoas com deficiência, dos comunistas e inimigos políticos. Produzir a falência, fazer falhar, derrubar as estruturas, tirar o chão. Trata-se do primeiro passo para o extermínio dessas minorias. Para elas, a prosperidade é imprópria, não a merecem. Quem decide a concessão ou não do merecimento é o novo Reich, é Hitler.

Falir é perder potência, é estar no avesso da virilidade. Se por essa reflexão, nos encaminhamos a pensar sobre o ato sexual, a sua impossibilidade devido à ausência de um falo ereto, no âmbito social, falir é o entrave para permanecer no bailado da vida, em movimento, no cio da vitalidade. Falir é paralisar-se num terreno infecundo, na escassez, saturado de pavor diante da possibilidade da sua morte, da morte dos seus, do mais absoluto esquecimento e, por fim, da inexistência. Extermínio não só físico, mas também da memória e dos resquícios das histórias de um povo. Aqui, a falência deixa de ser um conceito aplicado ao campo da economia e da administração, que define certos padrões que ocorrem no mundo corporativo, para ampliar-se no âmbito psicológico, sensível e existencial daquele que faliu. Falir deixa de ser o ônus de quem joga o jogo do capitalismo – perder com a promessa futura de, eventualmente, recuperar o prejuízo através do esforço individual – para ser o corte definitivo que o aparta de qualquer possibilidade de jogo.

A falência de Hugo e Micha ocorreu no bojo da crise de 1929 que, em nível global, assolava as grandes potências capitalistas. Com início nos Estados Unidos devido à quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, na Alemanha a crise econômica “quebrou não só bancos, mas também muitas empresas (...) Em meados de junho de 1932, o desemprego chegava à casa de 6 milhões de trabalhadores, cerca de 40% da força de trabalho alemã.” (COUTO; HACKL, 2007, p. 312). Com este cenário, cresciam os movimentos extremistas de direita com o desejo de achar uma solução imediata, quase mágica, para a catástrofe alemã. Nesse bojo, a sede pela punição dos “responsáveis” da crise, ou seja, a invenção de um alvo a ser culpabilizado: as minorias supracitadas. Esse modo de operação dos nazistas utilizava sempre de generalismos,

apagando as contradições e complexidades inerentes às análises honestas sobre o contexto político e econômico alemão.

Micha teve um sonho mórbido: ele morreu e foi enterrado, sem caixão, numa terra árida, seca e dura. Quase um chão de cimento. Consciente, mas com o corpo morto paralisado, o absurdo que inflava ao paroxismo o desespero de Micha era a extrema infertilidade da terra em meio à qual estava cercado e coberto. Sequer havia um micro-organismo vivo para se alimentar do corpo, que permaneceu perpetuamente inteiro, insolúvel, preso à própria míngua, numa escassez sem fim e descontrolada. No susto, Micha acorda com a boca seca, lava o seu rosto com água e sabão, escuta o tique-taque do relógio, senta-se na cama e observa, desinteressado, o nada. Não há o que fazer: Micha se deita e puxa o cobertor até abaixo de seus olhos que permanecem abertos, com sono e insone.

É uma lástima saber que a vida de uma pessoa acaba assim, uma estátua coberta. Mas o velho Micha não tinha mais vitalidade para bailar com a vida, sua energia fora sugada pela densa atmosfera que invadia os ares alemães, algo como um interminável sol poente: ele descia lentamente no horizonte enquanto as sombras das casas, prédios, árvores e postes se tornavam cada vez maiores. O crescente adensamento das trevas nazistas forçava as retinas dos incrédulos, presunçosos por tentarem enxergar os caminhos dentro da penumbra, e penetrava as camadas mais sutis do inconsciente dos alemães. Os tempos eram mesmo dos sonhos de chumbo:

“Vou me esconder no chumbo. A língua é chumbo, chumbo cerrado. O medo vai passar se eu for toda de chumbo. Ficarei deitada, imóvel, chumbo fuzilado. Se eles vierem, direi: ‘Gente feita de chumbo não consegue se levantar’. Ah, eles querem me jogar na água por causa da chumbagem...”. (BERADT, 2017, p.53)

A citação é do relato do sonho de uma mulher anônima na noite da virada do ano, de 1933 para 1934. O depoimento faz parte do livro “Sonhos no Terceiro Reich”, da ensaísta e jornalista judia alemã Charlotte Beradt. Com a ascensão de Hitler ao poder em 1933, Beradt iniciou uma riquíssima pesquisa em que coletava os relatos sobre os sonhos dos alemães. Após anos de investigação, a autora constatou que havia uma tônica entre os sonhos, eles compartilhavam imagens, símbolos e sentimentos similares. O chumbo, o desejo de se esconder, o medo por ser descoberto, o sentimento de vergonha, o nojo, a falta de palavras, a impossibilidade de falar, o silenciamento... Enfim, eis a densa atmosfera que se instaurava na sociedade alemã:

“Sonho que, por precaução, falo russo enquanto durmo (não sei falar russo e também não falo durante o sono), pra que eu mesma não me compreenda e, assim, ninguém me entenderá caso eu diga algo sobre o Estado, pois isso é proibido e precisa ser denunciado”. (BERADT, 2017, p.70)

É possível constatar que o nazismo não invadiu apenas as ruas e os mais altos postos governamentais de comando, ele dominou os espaços privados e as esferas individuais mais íntimas da população. Os diversos modos de exercer a violência violavam as divisas do inconsciente e sujeitavam os sonhos dos alemães às crescentes e gélidas sombras de um sol que se punha.

Houve um momento crítico nas relações entre os membros da família Grünbaum: a tomada de decisão para fugir da Alemanha. Hugo frequentemente se correspondia com o seu irmão Max, que morava no Rio de Janeiro. Devido a essa aproximação, Hugo enxergou possibilidades concretas de reconstruir uma nova vida no sul global. Max também era comerciante e compartilhava com seu irmão os benefícios e os malefícios de empreender no Brasil. Apesar dos riscos, um frenesi aventureiro alastrava nos pensamentos de Hugo ao vislumbrar uma mudança radical. Ao contrário, Micha se petrificava no solo alemão. Ele mal sabia onde era o Brasil, o que era o Brasil, em qual continente ficava. A ideia de sair da Europa era para Micha uma história de ficção científica da pior qualidade. A efusividade sonhadora de Hugo o fazia discorrer em insistentes argumentos para convencer o seu sogro a sair da sua inércia.

– Já imagino o senhor jogando cartas numa praça em... Copacabana, o melhor bairro da cidade! Isso após um banho de mar nas águas quentinhas dos trópicos. É um balneário, Micha, curta o que te resta de vida.

E se em outros tempos Micha iniciaria uma série de perguntas e argumentos provocativos, estimulando a produção de retóricas para amadurecer planos futuros, agora, o inerte senhor era seco, travado, um velho de portas trancadas:

– Não.

Não teve jeito, a despedida foi inevitável. Gertrudes conseguiu um quarto para Micha numa pensão no bairro de Friedenau. Após algumas semanas de encontros que prolongavam o angustioso adeus ao patriarca da família e atualizavam a esperança, natimorta, da possibilidade de mover uma pedra dura e monossilábica para o outro lado do Atlântico, o dia chegou.

providenciou a nota, e nesses moldes? Por conta do erro ortográfico, posso supor que a feitura do documento fora uma iniciativa de uma pessoa distante a Micha: um conhecido de última hora, a dona da pensão onde o velho ficara hospedado ou um cuidador que presenciara a sua morte. Na parte de baixo está escrito: “Berlin-Friedenau / Rio de Janeiro”. Os detalhes do endereço de Micha em Berlim encontram-se no fim do documento: “Laubercher Str.16”.

Se desconsiderarmos os aproximados noventa anos de idade deste documento, me surpreenderia ler o nome de Gertrudes depois do de Hugo, isso é, a figura do genro homem à frente da própria filha mulher que, ainda por cima, recebe o tratamento de “senhora”: Hugo Grümbaum (sem o tratamento de senhor) e senhora Gertrudes. Esse modo formal de escrita revela a submissão da mulher ao homem como aspecto constituinte, e naturalizado, da instituição do matrimônio – gerar, servir, acompanhar o homem. Afora isso, foi intrigante ler no documento o nome de Max, o tio da Gertrudes com o mesmo nome do irmão de Hugo. Infelizmente, não tive acesso a nenhuma documentação a seu respeito. Por fim, uma característica curiosa do documento é a inexistência do registro do ano do falecimento de Micha, só encontrei a data ao analisar as fotos abaixo:



As fotos estavam junto à nota de sepultamento de Micha, foram através delas que eu descobri o ano de seu falecimento, 1938, isso é, quatro anos depois da chegada da família ao Brasil em 1934. As fotos anexadas à nota me causaram estranheza, o gesto de extrema consideração de enviar uma mensagem transatlântica com as provas da partida de um ente

querido da família estava imbuído de um caráter macabro ao expor imagens da tumba do falecido.

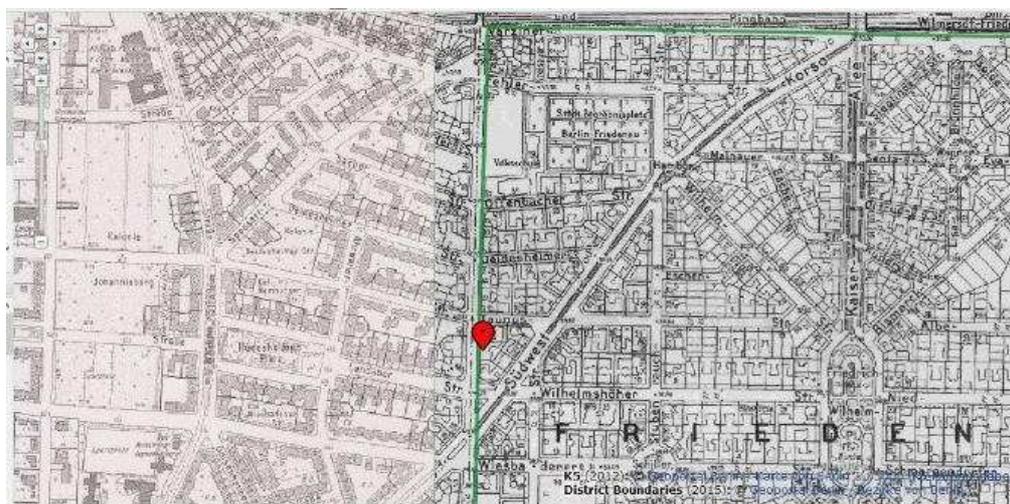
Imagino a tomada de decisão da pessoa que enviara a notícia, o seu desejo precioso para oferecer todas as provas do ocorrido e, assim, não deixar dúvidas sobre o fato. Visualizo a peculiar ação de fotografar o túmulo sendo que fotografias, naquela época, não eram tiradas a torto e a direito como são nos dias de hoje. Pensemos também no trabalho de ir até a loja para revelar o filme, o olhar do funcionário do estabelecimento para as imagens da tumba, sem falar sobre a ida até os correios para enviá-las. Um ato de carinho envolto pelas estranhezas das próprias ações. Sem dúvida, pode ser danoso para a família receber a notícia sem as comprovações materiais devidas – a incredulidade diante de uma fatalidade é cruel para o processo de luto. Numa outra perspectiva, penso que a decisão por fotografar o túmulo decorreu da urgência para preservar uma lembrança, haja vista que, em 1938, o ano da morte de Micha, ocorreu o violento massacre que ficou conhecido como a Noite dos Cristais⁵¹. Nele, dezenas de sinagogas foram queimadas, as lojas dos judeus foram destruídas e os túmulos de seus antepassados vandalizados. Nesse sentido, o clique do fotógrafo foi atravessado pela consideração com a família do falecido, pela urgência e pelo medo.

Eu imagino a carta com a mensagem da morte de seu pai chegando até Gertrudes: suas mãos no papel, a leitura do nome e endereço do remetente, a rápida associação com o seu pai, o súbito desespero de antever as razões do envio da carta, a ação descoordenada de abrir o envelope, o barulho da navalha serrando o papel, a visada na foto, o seu tronco caindo numa poltrona, o início do luto. Num impulso de extremo respeito à memória de seu pai e de fidelidade aos ritos familiares, é possível que Gertrudes tivesse coberto com panos brancos todos os espelhos de sua casa no Brasil. Esse ato, inserido dentro do período inicial de luto chamado de Shivá, e outros, como rezar salmos específicos da Torá ou rasgar parte da roupa que se está usando (keriá), fazem parte dos ritos da cultura judaica. Cobrem os espelhos por respeito à alma do falecido que, de acordo com a crença, visita a casa durante os dias iniciais de luto e cuja imagem pode aparecer nas superfícies espelhadas. Por outro lado, visualizo também as reações de Hugo, a incompatibilidade de seus sentimentos, acolhendo com afeto as

⁵¹ A “Noite dos Cristais” ocorreu nos dias 10 e 9 de novembro de 1938. Atualmente, por toda a Alemanha, a data é comemorada com velas acesas na frente das sinagogas. Mais informações em: [A Noite dos Cristais | Enciclopédia do Holocausto \(ushmm.org\)](https://ushmm.org/pt-br/educacao/enciclopedia/enciclopedia-do-holocausto/1938-noite-dos-cristais) (Visualizado em 09/09/2024).

ações de sua esposa, mas, ao mesmo tempo, questionando se de fato é necessário seguir à risca os ritos de uma religião que já estava distante da família.

Através do endereço da nota de falecimento, fui até a casa onde Micha viveu durante os últimos anos de sua vida, na Laubercher Str.16 no bairro de Friedenau em Berlim. Descobri o local exato da residência com o auxílio do mesmo software que havia utilizado antes para descobrir o endereço da loja dos Grünbaum e da casa onde moravam⁵²:



O ponto vermelho é o lugar exato da casa de Micha. Certifiquei que o número do prédio não havia mudado desde a sua época e assim, fui até o local – um bairro um pouco mais afastado do centro de Berlim.

⁵² Ver capítulo 2.



A arquitetura da casa permanecia a mesma dos tempos de Micha, com evidentes reformas na fachada do prédio e, provavelmente, no seu interior. Perseguindo os rastros destes documentos, caminhei até o cemitério mais próximo, que ficava há quinze minutos a pé daquela residência. Minha esperança era de ver o túmulo de meu tataravô – ou o que restou dele – e assim, ficar diante dos restos mortais de um ser que, até agora, pautou a escrita dessa narrativa. Um desejo estranho e macabro, como assim é o próprio documento, mas fruto da vontade de perseguir todos os seus rastros até o fim, até que eu os perca de vista e eles sumam. A decisão de ir era imprecisa, baseada apenas na presumida lógica de que o túmulo estaria nas proximidades da última morada do falecido.

Errei. Após uma hora rodando pelo cemitério em meio a chuva e o vento frio, me descubro tolo lendo inúmeras lápides que não davam nenhuma pista do túmulo de Micha. Triste, mas não vencido, voltei para casa e fui enviar e-mails para os serviços funerários da cidade, especificamente, os setores administrativos dos cemitérios chamado de Friedhofsverwaltung. Em Berlim, muitos cemitérios são estatais e geridos pelos distritos da cidade⁵³. Enviei um e-mail para cada região administrativa, nele, escrevi um texto formal

⁵³ Em Berlim, os distritos são subdivisões administrativas do território da cidade. Cada distrito possui sua própria subprefeitura, além de outros serviços locais focados nos bairros que compõem o perímetro do distrito.

explicando o meu desejo de encontrar o túmulo do meu tataravô e, anexeï ao e-mail as fotos da lápide e da nota de sepultamento.

Meu ímpeto aventureiro não conseguiu aguardar a resposta do e-mail. Continuei firme na insistência de caminhar pelas lápides dos diferentes cemitérios berlinenses na busca por topar com a do meu tataravô. Na verdade, eu não saía de casa com o único objetivo de ir ao cemitério, normalmente eu estava em meio aos meus afazeres cotidianos quando, eventualmente, via algum cemitério, entrava e ficava andando pelo tempo que me restava até o meu próximo compromisso. A questão era que, ao final de uma longa caminhada, eu sempre saía frustrado por não ter achado o túmulo de Micha ou, pior, angustiado com a possibilidade do nome dele ter me passado despercebido entre as tantas lápides.

Continuei indo aos cemitérios até o momento em que recebi a tão aguardada resposta vinda de uma das regiões administrativas responsáveis por geri-los. A mensagem era longa e, apesar de extremamente atenciosa, extinguiu a minha esperança por encontrar a lápide de Micha: “Em Berlim, os direitos de usos das sepulturas são concedidos por vinte anos (anteriormente por vinte e cinco), mas estes geralmente podem ser estendidos. Como o enterro já foi realizado há oitenta e oito anos, é muito improvável que o túmulo ainda exista”⁵⁴

Li essa mensagem logo após ter visitado o cemitério judaico de Schönhauser Alle, no bairro de Prenzlauer Berg. O cemitério é um dos mais conhecidos da cidade e lugar de visitaçãõ de muitos turistas. Sua peculiaridade é algo que me chamou atençãõ: um amplo espaço dentro da cidade composto por muitas árvores altas, de vegetaçãõ densa tal como uma pequena floresta – isso, é claro, na primavera e no verão. Havia muitas sombras e o vento fresco circulava e produzia um barulho tranquilizante das folhas batendo umas nas outras. O terreno era irregular e, tirando os poucos caminhos feito de pedrinhas no chão, para chegar em lugares mais distantes era necessário abrir trilhas entre terra, mato e as indefinidas áreas de sepultamento. De fato, as lápides estavam espalhadas desordenadamente pelo chão: algumas caídas, outras quebradas ao meio ou, com os nomes apagados por conta do limo e da falta de manutençãõ. Quando visíveis, a maioria dos nomes e frases escritas nas lápides estavam em hebraico.

A não delimitaçãõ das covas e os caminhos mal definidos do cemitério me faziam pisar nelas. Isso me causara um enorme incômodo e uma breve sensaçãõ de que eu estava

⁵⁴ Texto original: „In Berlin werden Nutzungsrechte an Grabstätten für 20 Jahre (früher für 25 Jahren) vergeben, diese können in der Regel aber verlängert werden. Da die Bestattung bereits 88 Jahre zurückliegt, ist es sehr unwahrscheinlich, dass die Grabstätte noch existiert.“ Traduzido por mim.

desrespeitando os mortos ali enterrados. Eu me espantei com a falta de cuidado daquele espaço, tão relevante para a história judaica. Eu também me lamentei com a constatação da absoluta impossibilidade de conseguir identificar ali o local de sepultamento de Micha, haja vista as tantas lápides ilegíveis. O meu incômodo se verificava apenas como uma primeira e ingênua impressão que não considerou os importantes aspectos históricos do local. O fato é que a história do cemitério de Schönhauser Alle redimensiona o entendimento sobre os porquês de ele permanecer tal como é.

Como já dito anteriormente, no período de vigência nazista e em específico na Noite dos Cristais, muitas lápides deste cemitério foram vandalizadas pelos adeptos ao regime de extrema-direita. Além disso, durante a Segunda Guerra, o cemitério fora bombardeado nos tantos conflitos entre as tropas militares. Nas décadas subsequentes, a escolha por manter, aberta e intocável, as feridas da guerra fora uma decisão unânime nos debates entre o governo e a sociedade civil. Deixar a fratura exposta a todos como uma fúnebre lembrança dos horrores empreendidos pelos nazistas.

No bojo dessa decisão, a cidade de Berlim se reconstruiu, e ainda se transforma, mantendo intactos muitos espaços marcados pelo terror e pela violência do passado. Além do cemitério de Schönhauser Alle, posso aqui citar outros exemplos como o parque de Tempelhofer Feld: um antigo aeroporto, atualmente desativado, construído pelos nazistas. O prédio onde os passageiros eram embarcados manteve a sua arquitetura e aparência original, se tornando um espaço para triagem dos refugiados que chegam na Alemanha. A sua antiga pista de pouso e decolagem é hoje uma das maiores áreas de lazer berlinense e no canto deste espaço, há um campo de refugiados. Outro exemplo icônico da cidade é o muro de Berlim, construído na Guerra Fria para cindir em dois o espaço urbano (lado oriental, socialista, e lado ocidental, capitalista), atualmente, parte de sua estrutura permanece de pé ao longo de diversos pontos da cidade. Há também um bunker da Segunda Guerra onde hoje abriga uma importante galeria de arte, a Boros Collection. Enfim, a lista de lugares em Berlim que manifestam o passado a partir da preservação dos espaços históricos é interminável.

Saí do cemitério sem ver os restos mortais de Micha e, hoje, tenho a certeza de que o acontecimento aqui relatado foi movido exclusivamente pelo desejo da busca, e não do encontro. Pela primeira vez, pisar em covas se verificou para mim o seu sentido oposto: não um ato de desrespeito, mas sim um modo de buscar a lembrança e escrevê-la a partir da pisada nas terras daqueles que já se foram. Um ato de respeito à memória.



CAPÍTULO 4 – A TRAVESSIA

4.1 Partida

A mão pequenina da criança Herta desliza bruscamente sobre a antiga porta de madeira do pequeno prédio onde ficava seu apartamento em Berlim. No intuito de agarrarem-se à porta, os dedinhos da menina corriam apressados para encontrar, nas mínimas falhas da lisa madeira, um ponto de contato e assim, se fixarem. Dedos desejosos de se plantarem na dureza de uma matéria como se fossem raiz e a porta a sua amada terra. A intensidade da ação era tanta que Herta parecia um gato escaldado: uma de suas mãos se esticava ao máximo, mas era abandonada pela lisura fria e insensível da madeira, enquanto a outra era agarrada pela pegada forte e firme de Hugo, puxando a menina para o lado de fora da casa:

– Herta Ilse, pare com o show!

A porta abandonou Herta, mas o ato de desgarre não ficou impune. No grito, a mão da menina encontra uma parte da porta que estava se desfazendo e arranca um pedaço. Sem dúvida, a ação teimosa estava a serviço da insubordinação: não querer abandonar a sua casa, mas, por conta de sua existência, tal como era, a menina fora obrigada a partir. E o que seria uma existência tal como se é? Tal como deveria ser? A existência deveria apenas existir, ora. Existir sendo o que se é. Existir em paz e acolhendo a paz das diversidades das outras existências. Singelo, fraterno e sincero como todos nós, ainda criança, um dia já fomos. Mas as coisas não são simples e os pensamentos se despiam, tornavam-se fantasias infantis diante da crescente sombra de um monstro chamado futuro.

Tremendo devido à intensidade da ação de resistir e com a evidência desse momento em suas mãos na forma de um pedaço de madeira, Herta é conduzida pelo seu pai até um carro. As pesadas mãos de Hugo sobre o corpo da menina transmitiam um vigor raivoso. Sem dúvida, o “show” de Herta era um espetáculo que desvelava, de um modo preciso, a linha limítrofe da situação familiar. A raiva de Hugo era equivalente à de um espectador, ofendido por ter assistido a cena de um espetáculo sem fantasias, filtros nem polimentos. A cena de uma realidade na lata. Brusco, Hugo é freado por um empurrão de Gertrudes:

– Deixe a menina ter o tempo dela, Hugo!

– Nós temos hora marcada do check-in do hotel em Hamburgo!

– A hora vai ter que esperar.

Lúcido e intuitivo, Hugo treme os lábios e fala baixo, sem ninguém lhe ouvir:

– Não há mais tempo.

A essa altura, a menina já havia se desvencilhado das mãos do pai e corrido até o quintal do prédio. Ela para justamente num pedaço onde a grama verde desbotada falha e a terra marrom do solo aparece. Ofegante, mas lenta, Herta coloca as suas mãos no chão com as palmas viradas para baixo e fecha os olhos:

– Adeus. Adeus grãos de areia, adeus pedrinhas miudinhas, adeus pedras grandes, adeus pedras gigantes, adeus passarinhos, adeus sol entre as nuvens, adeus o frio, adeus meus amigos: Carl, Marie, Anne, Margot, Claus, Frans, o gatinho e o cachorro da vizinha que late até a meia-noite. Adeus à noite daqui e à lua daqui e ao dia daqui e aqui. Adeus aqui.

– Herta, minha amada filha. Vamos?

– Adeus madeira de uma porta que acabei de arrancar. Desculpa, porta linda! Adeus, porta linda.

– Guarda esta lembrança com você, querida.



O pedaço de madeira é a lembrança arrancada a dedo e à força pela menina. Foi no último momento de contato, de toque, entre Herta e a sua casa, que a resistente criança produzira uma matéria igualmente resistente. As matérias têm a capacidade de conter em si as ações por um longuíssimo período no tempo, basta ver o arranhão no pedaço da madeira, do lado direito da imagem na página anterior. Aqui, a imagem da marca das unhas de Herta conquista a espacialidade da folha, ganha visualidade, contextualiza-se na narrativa e é evidenciada enquanto choque: uma criança forçada a sair de casa.

Foi no fundo do baú de minha avó – no bairro de Ipanema, Rio de Janeiro – que encontrei esse pedaço de madeira. Ao manuseá-lo, algumas de suas farpas entraram em meus dedos e pude sentir uma leve dor aguda. Das rugosidades da madeira irrompeu de modo súbito, ríspido e raivoso uma lasca que crava a minha pele. Do silêncio da sala, um grito, “ai!”, seguido pelos seus ecos replicados inúmeras vezes até o quase inaudível: “ai, ai, ai, ai...”. Além das farpas em meus dedos, percebo micro pedaços da madeira cuja leveza é tanta que flutuam pelo ar, quase imperceptíveis. Eles entram pelos meus olhos e narinas. Seja por acaso, desejo ou necessidade, esse pedaço de madeira é inquieto e trama tentativas para aproximar-se de mim. Ele me enlaça numa estranha e íntima relação, “momento de sedução, um encontro entre uma mão [e não só a mão] e um objeto”. (DE WALL, 2010, p. 70) Micro pedaços de madeira na boca, no nariz, nas vias respiratórias, nos olhos, na lágrima que busca expeli-lo.

É preciso considerar que essa madeira esteve presente, por décadas, dentro do baú de Herta, caso contrário, sua existência seria banal e eu a teria jogado fora. Contudo, se a madeira estava dentro do baú, ela também constitui o arquivo da família, logo, solicita de mim mesma atenção e cuidado destinado aos outros materiais. O risco em desconsiderá-lo é o de jogar fora indícios preciosos.

O carro avança chacoalhando pelas ruas. Herta está com a cara colada na janela, o bafo de sua respiração faz o vidro embaçar. Enquanto observa a paisagem, ela continua, mentalmente, a sua infinita lista de adeus às coisas, bichos, plantas e gentes (visíveis e invisíveis). Hugo está de mãos dadas com Gertrudes e há um motorista que os leva até a Hamburger Bahnhof⁵⁵ – na época, a Estação principal em Berlim. A tensa expressão de Hugo exibia o choque em relação às recentes reações de sua filha, a cena da despedida da casa ainda reverberava na mente do pai como pedregulhos, mais pesados do que toda a bagagem da família

⁵⁵ Fundada em 1846, a estação de trem teve esse nome justamente por ter sido o ponto terminal da ferrovia entre Berlim e Hamburgo. Atualmente, a estação é um centro cultural com exposições e eventos artísticos. Mais informações em: [Profile | Hamburger Bahnhof – Nationalgalerie der Gegenwart \(smb.museum\)](https://www.smb.museum/en/berlin/hamburger-bahnhof) (Visualizado em 09/09/2024).

no porta-malas do carro. A razão de tanto peso era a culpa, ao ver a dor da filha, e a recorrente dúvida. Fugir poderia ser de fato urgente ou uma ação equivocada fruto de uma mente neurótica, quase delirante. O erro poderia ser justamente a pressa por partir. As pesadas toneladas de culpa e dúvida geravam atritos com a necessidade de a família deslizar até o destino da viagem o mais rápida e fluidamente possível.

Vislumbrando alguma leveza, Hugo tem a sagacidade de lembrar que comprou um caderninho num armazém perto de sua casa e decide dá-lo de presente a Herta. Seu corpo vibra com a genial ideia. Gertrudes olha torto enquanto ele abre uma sacola.

– Herta, olhe para mim. Minha querida, eu tenho um presente. Escreva as belas histórias dessa viagem única em sua vida. Minha filha, vamos para o Brasil e este é o seu diário!



Na mosca, ao menos por um momento, o pai faz a pedra ficar leve. Todos riem e se empolgam com o vindouro calor do sul. O carro para em frente à estação de trem, todos descem na calçada. Nessa longa viagem, a próxima parada era Hamburgo.

Março de 2023, estou no saguão de um hotel cinco estrelas na região central da cidade de Hamburgo, próxima ao litoral norte da Alemanha. O hotel, com nome de Reischhof, é um imponente prédio de cinco andares com janelas iluminadas e um belo letreiro. Na entrada, uma porta giratória com acabamentos dourados e vidros limpíssimos. O salão da recepção é todo feito de mármore com cores claras. De um lado, pessoas bem-vestidas estão sentadas tomando café, do outro, um enorme balcão de madeira onde três atendentes, com roupas e penteados impecáveis, atendem os clientes. Eu entro numa fila e logo sou convidado a me aproximar do balcão. A conversa é toda feita em inglês.

– Boa tarde, senhor, bem-vindo ao Reischof Hotel. Em que posso ajudá-lo?

Eu permaneço mudo, sem reação. Num automatismo cordial, a atendente preenche o meu silêncio com perguntas:

– O senhor fez uma reserva?

– Não. Desculpe, eu não fiz reserva.

– Pois não, deseja fazer?

– Não. – por um segundo, eu penso na possibilidade de ficar hospedado ali – Sim, pode ser! Na verdade, quanto é o quarto mais barato?

Com uma típica racionalidade alemã, a atendente é direta:

– 350 euros.

– Cruzes!

Essa palavra me escapuliu em português mesmo e foi seguida pela cara de espanto da atendente, que provavelmente nunca havia escutado aquele som latino dito com tanta força e despudor.

– Perdão, senhor, não compreendi.

– Eu posso te mostrar uma coisa?!

Enquanto abro lentamente a minha mochila, a atendente arregala os olhos, suspende a respiração e coloca as mãos sobre um telefone branco em cima da mesa. O clima ficou tenso. Pronto. De um possível cliente, virei o suspeito. Era melhor agir rápido para evidenciar que eu portava um pequeno diário e não uma arma. Ao mostrar o objeto, o tronco da mulher recai para

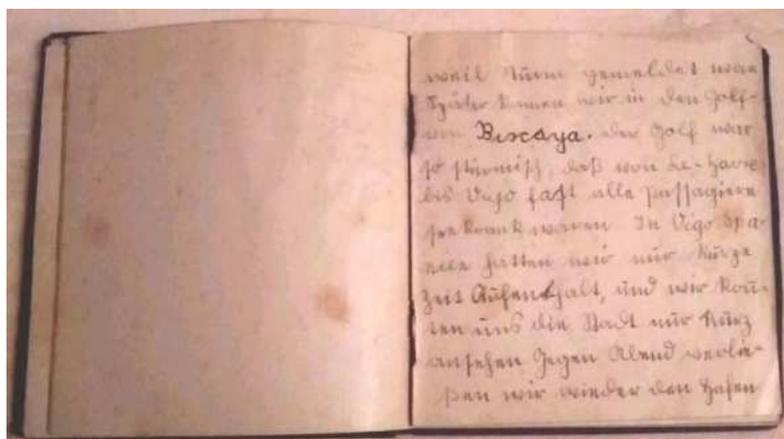
trás e ela suspira aliviada. Sobre o balcão de madeira escura, eu coloco o diário de minha avó. Em seguida, abro um sorriso e delicadamente falo:

– Esse aqui é o diário de minha avó, Herta Ilse Grünbaum. Judia, alemã, fugiu de Berlim para o Brasil em março de 1934. Exatamente há oitenta e nove anos atrás. A senhora me permite ler um trecho?

– Senhor, o que realmente deseja?

– Escute, por favor. É rapidinho.

Eu abro a primeira página e começo a “ler”. Na verdade, eu não entendo as letras – elas foram escritas na grafia germânica Sütterlin, uma ortografia originada da alemã gótica –, porém me recordo vivamente de sua tradução. Então, sem omitir o conteúdo do diário, começo a fingir que estou lendo. Era uma leitura faceira nas páginas das minhas lembranças. Coloquei até os meus óculos para sustentar uma pose de intelectual e, assim, dar mais credibilidade a mim mesmo.



– “Segunda-feira, às 12 horas, viajamos de Berlim a Hamburgo. Viajamos pelo rio chamado Elbe. Assim que chegamos em Hamburgo fomos para o hotel Reischof⁵⁶ o hotel Reischof, aqui!

⁵⁶ Trecho retirado do diário de Herta Grünbaum e traduzido por Maria Halleib

A expressão da atendente retorna à sua feição anterior, um misto de surpresa e tensão por não saber como lidar com aquela peculiar situação. Porém, diferentemente de antes, creio que havia em seus olhos certa fascinação ao escutar as minhas palavras e ver a minha determinada busca pelo passado familiar. Para manifestar o meu desejo, eu preencho o silêncio da mulher com uma solicitação.

– Senhora, eu gostaria muito. Isto é, seria muito importante para o processo da minha pesquisa entrar em um quarto deste hotel. De preferência, o quarto mais antigo. Eu gostaria de ver onde minha avó ficou hospedada.

– O senhor poderia ficar no quarto 201. Está vago.

– Sim. Eu posso entrar lá?

– Vou fazer o seu cadastro. Pode me passar o seu passaporte? – na empolgação, entrego meu passaporte e a atendente começa a preencher meus dados – Quantas diárias o senhor pretende ficar?

Como uma bexiga inflada, mas sem nó, eu murcho quase emitindo o barulho do ar saindo pelo bocal de látex.

– Desculpe, a senhora não está me entendendo. Eu sou um estudante, não tenho a menor condição de ficar hospedado no hotel.

Mais uma vez, com uma racionalidade alemã, uma atenção afetuosa em tom frio, a atendente responde:

– Nesse caso o senhor não poderá entrar. Sinto muito. Mas pode ficar nas áreas públicas do hotel, isto é, esse saguão.

Por educação e uma pitada de vergonha por ter exposto a desconhecidos algo que me é tão caro, eu aceito prontamente a imposição da atendente. Eu nem ousou questionar ou insistir, simplesmente sorrio e agradeço no mais alto grau do superlativo em alemão: Vielen Dank!

Caminho em passos lentíssimos pelo gigantesco salão de mármore claro com o pé direito alto. No intuito de aproveitar ao máximo meu tempo ali dentro, eu me sento numa mesa e peço um café expresso, o mais barato da casa. Com muita calma, eu coloco o diário sobre a mesa e começo uma longa sessão de devaneios.

Deslizo as palmas das minhas mãos por trinta e seis folhas amareladas, unidas por outra folha rígida de papelão envolta por um macio pano azul-marinho. O que é um diário? Na superfície da sua folha, vemos que algumas palavras escritas por Herta foram redesenhadas com traços mais fortes, me parece ser uma correção ortográfica. Será que a própria menina fizera essa correção, após a leitura de seu texto? Ou será que os traços são de algum adulto que a corrigira? Sendo a escrita feita num diário pessoal, será que Herta mostrava esse texto para alguém? E eu, expondo as páginas dos escritos para todos e qualquer um, será que estou desobedecendo ao desejo não só de Herta, mas do próprio diário? Quereriam eles manter para si os segredos transpostos nessa grafia? Teria Herta, ou o diário, confiado à dificuldade de traduzir a grafia do texto, para os falantes de português, o benefício de preservar um segredo? E, por fim: será que o texto do diário corresponderia, de fato, a um segredo?

Mantemos um diário para fixar o tempo passado, que se esvanece atrás de nós, mas também por apreensão diante de nosso esvanecimento futuro. Mesmo secreto, a menos que se tenha coragem suficiente para destruí-lo ou para mandar enterrá-lo consigo, o diário é apelo a uma leitura posterior: transmissão a algum *alter ego* perdido no futuro, ou modesta contribuição para a memória coletiva. Garrafa lançada ao mar. E também investimento: o valor de informação de um diário aumenta com o tempo. (LEJEUNE, 2014, p.262)

Herta se foi, o seu diário permaneceu. As palavras da menina de dez anos escritas durante a sua fuga são projetadas para o tempo futuro – que corresponde a este presente, o aqui e agora da leitura. Extrapolando o segredo, o seu diário nos instiga a imaginar, elucubrar e reinventar o contexto sobre o qual o documento fora escrito. Desse modo, a narrativa ultrapassa as fronteiras do indivíduo Herta. Aqui, ela é mais personagem, construída na relação entre o leitor e a sua leitura, do que propriamente a pessoa da minha falecida avó, esta circunscrita nas lembranças de um neto. Então, se de fato aqui há algum segredo, ele seria mais nosso – autor, escrita, leitor e leitura – do que dela.

De olho no diário e com os pensamentos acelerados, eu bebo alguns goles do meu café para não esfriar. Na minha frente, uma enorme janela de vidro mostra o movimento da rua: pessoas encasacadas andando de um lado para o outro. Na minha direita, um casal sentado. Suas bocas estão muito próximas, se não fossem as suas expressões sérias e tensas, diria eu que

eles estariam na iminência de uma frenética pegação. Mas não, eram bocas que tentavam disfarçar o conteúdo da mensagem emitida. Era uma conversa silenciosa, em cochichos:

– E se nós estivermos errados, Hugo?

A pergunta de Gertrudes feria os ouvidos do marido, ela agia como um brusco ato de virar o tabuleiro de um jogo, apontando para a inutilidade de ter que jogá-lo. Na impossibilidade de reagir com um tampão de revolta sobre a mesa, Hugo chicoteia a sua língua entre os dentes trincados e pergunta:

– Você ainda duvida?

– Eu tenho esperanças de não estar vendo aquilo que eu acho que eu estou vendo.

– Mas e se você vê?

Gertrudes, que estava colada ao rosto de Hugo, reclinava seu tronco até o encosto da cadeira e suspira profundamente. Seu combustível parecia ter acabado ou ter sido roubado. Ela abaixa a cabeça, olha para o chão e é dominada por um fúnebre e persistente silêncio. Num súbito rompante, sua mente engata no acelerador numa insistência por pensar e assim, quem sabe, quebrar as durezas dos fatos, isto é, não deixar que sejam consumados impunemente, colocar reticências nos pontos finais, alongar as frases curtas, parir outras possibilidades, dissipar neblinas para ver caminhos, asfaltar as trilhas, encontrar modos para refazer a fé, insistir nas possibilidades de vida e não de morte. Novamente, ela cola a sua boca com a de Hugo – não era um beijo, era um vômito.

– Nós saímos definitivamente de casa, a nossa casa. Não sabemos nem se conseguiremos vendê-la. Fechamos a porta para nunca mais⁵⁷. Será que realmente tem que ser assim?

⁵⁷ O debate sobre a política de reparação dos bens de judeus foragidos da Segunda Guerra Mundial é extenso e permanece em voga até os dias de hoje. Desde 1952, houve inúmeras negociações sobre os valores e os modos de pagamento das indenizações aos judeus. Até os anos 2000, o governo alemão desembolsou mais de 100 bilhões de marcos em reparação às vítimas da perseguição nazista, além de contribuir com o apoio ao desenvolvimento de organizações judaicas especializadas na memória dos foragidos e mortos do Holocausto. Iniciando um extenso e complexo debate, que não será aprofundado aqui, surge a questão sobre os critérios daquilo que é ou não contemplado por essa política de reparação: em 2014, o vice-ministro das Finanças da Grécia, Dimitris Mardas,

- É só por um tempo.

- A loja de vocês está nas mãos de outros. Vocês praticamente deram ela com tudo dentro.

- É-só-por-um-tempo.

- Além disso, Herta saiu da escola, a gente a tirou à força. Sabe lá como será uma alemã numa escola brasileira. Sabe lá o que é ser uma criança no Brasil?

- Ora, não acredito que seja algo muito diferente do que uma criança aqui.

- Nunca leu sobre os problemas do sul?

- Não antecipe os problemas.

- Hugo, o meu pai! Eu fui obrigada a me despedir de um pai. Ele está só. É justo?

- Ele não quis vir, Gertrudes. Micha é duro, cabeça dura!

- Acho que eu nunca mais vou voltar a vê-lo.

E mais uma vez, o casal foi abatido por um silêncio fúnebre. Os ares ficaram pesados e as lembranças começaram a se descascar em infíndos atos de adeus. Hugo lembrou-se da carta não entregue à sua mãe, do adeus não dito, mas gritado em choro e choque nas ruínas de sua cidade natal, em Ortelsburg. Gertrudes lembrou-se do recente adeus ao pai, o lentíssimo fechar da porta do quarto onde o velho permaneceu, imóvel, em sua cama. Conforme a fresta da porta

afirmou que a Alemanha devia quase 280 bilhões de euros ao seu país. O governo alemão se recusou, alegando que isso abriria brechas para qualquer outro país fazer cobrança da mesma espécie. Em 2024, com o tensionamento da guerra entre Palestina e Israel, o governo Alemão destinará US\$ 27 milhões aos sobreviventes do Holocausto em Israel para ajudá-los a lidar com o impacto da guerra de Gaza. Esses exemplos ilustram as complexidades advindas da política de reparação e levanta questões sobre os critérios e as prioridades na distribuição dessas compensações. Mais informações em: [A história das reparações alemãs do pós-Guerra – DW – 17/07/2015](#); [Conference on Jewish Material Claims Against Germany \(jewishvirtuallibrary.org\)](#) e [Sobreviventes israelenses do Holocausto recebem indenização alemã \(correiobrasiliense.com.br\)](#) (Visualizado em 09/09/2024).

ia ficando cada vez mais estreita, a imagem do pai se apertava entre os alisares de madeira até sumir, em definitivo, das retinas da filha.

Hugo lembrou do adeus a Walter Benjamin, do breve aperto de mão em frente à lona do hospital de campanha onde havia ficado por meses, se recuperando das feridas da guerra. A lembrança era do momento em que o escritor pedia desculpas pelas palavras escritas e professadas durante a comovente conversa regada a conhaque e vislumbres de alguns futuros. Hugo respondeu ao lamento de Benjamin desculpando-se por não utilizar tais palavras na carta enviada à sua mãe, mas prometeu não as esquecer. A verdade é que, devido à radicalidade dos acontecimentos posteriores a essa despedida, as palavras ditas por Benjamin sumiram da cabeça de Hugo. Agora, no dia de sua partida, esse esquecimento ampliava a sensação de desamparo e medo. A ausência da lembrança das palavras de um autor, que acalentou Hugo no balanço de uma prosa durante sua recuperação física e psíquica, o fazia tolo por não saber o que dizer.

Gertrudes continuava a pensar sobre o adeus ao pai. Em virtude dessa memória recente, ela cavou lembranças de outros adeuses a essa mesma figura amada: o abraço apertado no pai em meio ao movimento da ferroviária de Varsóvia, capital da Polônia, quando Gertrudes foi passar uma temporada em Berlim; outro adeus escrito numa carta destinada ao pai, um ano mais tarde, quando ela decidiu permanecer na capital alemã e não mais voltar para a sua cidade natal. Gertrudes permaneceu um tempo tentando recordar o conteúdo da carta. Era algo como: “Amado pai, o amor me fez ficar na cidade de Berlim: meus olhos se fixaram nas paisagens daqui, meus ouvidos na língua alemã, meus pés nos jardins floridos da curta primavera, meu coração num alemão”. É bem provável que as letras escritas não fossem exatamente assim, mas sem dúvida, lembrar que já houve outras despedidas a seu pai alimentava uma magra esperança em Gertrudes de que outros adeuses ainda poderiam vir e, por consequência, outros reencontros.

Eu, sentado na mesa daquele sofisticado hotel e tomando o meu café já frio, lembrei do último adeus à minha avó Herta. Foi no cemitério São João Batista em Botafogo, Rio de Janeiro, num enterro tipicamente judaico, com o caixão fechado. Devido à pandemia de COVID-19, que estava em seu auge, havia pouca gente no enterro. Meus sentimentos estavam inconformados por não ver o rosto de Herta pela última vez. Eu não sou judeu, me criei na umbanda e, naquele momento, fui tomado pela teimosia de querer ver as inevitáveis marcas deixadas pela realidade. Ver o rosto morto de minha avó para realizar o fato da morte. Quando o velório foi encerrado, os poucos presentes saíram da sala. Foi aí que eu me dirigi a um funcionário, encarregado por conduzir o caixão até o local do sepultamento, e pedi gentilmente

para que ele abrisse o caixão. Foi ali que vi minha avó pela última vez e chorei o último pranto de adeus.

O café já havia acabado, mas eu não queria sair do hotel. Os adeuses borbulhavam, leves e pesados. Eu pensava muitas coisas, porém não tive a oportunidade de lembrar de um adeus em especial. Ele ocorreria somente no futuro, seis meses adiante daquele tempo. Falo do meu adeus a Berlim em setembro de 2023: de um modo inusitado, da janela do avião, eu avistei pela última vez a icônica antena da praça Alexanderplatz, a Berliner Fernsehturm. A torre foi construída em 1969, símbolo de imponência e poder exibido pela Alemanha Ocidental bem diante dos olhos dos habitantes do lado oriental. Após um ano como morador, constatei que essa antena age como uma espécie de centro magnético urbano. A vida, as coisas, as pessoas – incluindo eu – orbitam em seu entorno. De fato, a antena pode ser vista de todos os lugares da cidade. A depender do local onde você esteja, basta olhar para cima ou para um ponto no horizonte.

O avião cruza o céu de Berlim e, como uma querida amiga que estica seus braços acenando distante o último adeus, a antena surge gigante justamente na janela do meu assento. Se a sorte quisesse, a antena poderia ter aparecido do outro lado, inviabilizando a dramaticidade desse adeus cinematográfico. Mas não, essa minha amiga quis entrar justamente no meu campo de visão. Minha reação fora imediata: muitas lágrimas e soluços de despedida. Guardo até hoje o pacote de lenços de papel que gentilmente fora me presenteado pela passageira alemã ao meu lado, num ato de solidariedade e alento.

Nesse profundo oceano de adeuses, tristezas e saudades, Hugo bebe toda a água de um copo de vidro em cima da mesa. O mar seca. Após um silêncio, ele inicia um discurso para reconstituir os fatos pregressos, uma busca desesperada para conseguir pensar:

– Sim, é evidente, é lúcido. Veja bem: estamos certos de sair agora da Alemanha. Sim, sem dúvida. Não faz nem uma semana que o Reichstag aprovou a lei que concede plenos poderes a Hitler. Os tolos vão dizer que o bigodudo é um homem inofensivo, mas sabe lá o que ele de fato planeja? Eu passei os olhos nas demoníacas páginas de seu livro, “Mein Kampf”, e não sei se fiquei aliviado por ler aquela aberração a tempo de fugir ou injuriado por esse cara ter sido eleito. Um boçal! Ele odeia os judeus, ele nos odeia, ele não nos quer no país “dele”. O país não é mais nosso! Isso é evidente, como evidente é a urgência por sair daqui! Evidente e lúcido, eu tenho certeza! Aí vão dizer que a Alemanha é democrática e a democracia não iria permitir excessos tirânicos. Mas, ora, essa tal de democracia foi fundada de braços dados com a tirania

do Império. E eu te pergunto: Cabe a nós, ainda, confiarmos em democracias? Ela é uma lorota. Ela só é defendida por aqueles que comem e não têm pressa. E eu te pergunto, estamos errados em fugir? Me diz, Gertrudes, estamos errados? Eu estou errado? Eu não estou vendo o que se vê? Não é evidente e lúcido o cenário que nos cerca? Hein, Gertrudes? Me diz, Gertrudes. Me diz. Me diz. Me diz.

Hugo parecia um bebê. O seu discurso já beirava o som de um grunhido, repetitivo e obsessivo, que o consumia. Firme, Gertrudes aperta a face magra de Hugo:

– Cabe a nós o sacrifício por conta das intempéries de um país inteiro? Sujeitar-nos ao medo de um possível-tirano-chamado-Hitler?

A pergunta era legítima e a resposta surgiu certa no tempo alargado do silêncio. A cumplicidade dos olhares decretara que o casal estava acordado e decidido.

No dia seguinte, fomos até o porto de automóvel. Quando chegamos, vi um enorme barco a vapor na minha frente. Eu perguntei que barco imenso era aquele pois nunca havia visto na minha vida um navio tão grande. Logo soube que se tratava do nosso navio “Almirante Alexandrino”, com o qual viajaríamos para o Rio de Janeiro; tinha pertencido a uma frota alemã, mas agora era um navio brasileiro da companhia Lloyd Brasileiro. Subimos a bordo e nos mostraram a nossa cabine, na qual iríamos morar por 3 semanas. (...) Às 12:30 h do dia 5 de março de 1934, saímos de Hamburgo.⁵⁸

No dia 5 de março de 2023 estive na doca mais antiga do porto de Hamburgo, o local de onde Herta partira com sua família para o Brasil há exatos oitenta e nove anos. Paradoxalmente, Hamburgo não fica no mar. Na realidade, o seu porto se estende por uma gigantesca área ao longo do largo rio Elba. O porto antigo contorna parte do bairro de Speicherstadt, um lugar histórico e turístico composto por uma rede embrenhada de canais fluviais cercada por prédios baixos de tijolinhos vermelhos.

O frio e o vento constante me faziam andar acelerado num emaranhado de ruas e pontes estreitas. O meu primeiro objetivo da caminhada era encontrar o exato local onde a família embarcara no navio. Uma tarefa impossível, haja vista a ausência de evidências documentais que ligassem o espaço físico do porto ao nome dos meus antepassados. Porém, a partir do trabalho interno para apaziguar o meu ímpeto cientificista de pesquisador e assim deixar fluir o impreciso das minhas sensações, imaginações e intuições de artista, cheguei ao ponto exato.

⁵⁸ Idem.

Exato, palavra roubada de seu significado lexical para refundar o terreno da narrativa e assim, instituir as verdades da minha criação. Exato enquanto uma escolha, uma tomada de posição cujo fundamento segue a atitude ética das minhas percepções. Ver, receber, presumir, raciocinar com sensatez e, finalmente, definir. Foi assim que cheguei ao ponto exato: uma torre-guindaste de aproximadamente doze metros de altura. A estrutura é feita de ferro cinza. Embora com a aparência de novo, me parece que o guindaste fora cuidadosamente reformado e que, atualmente, a estrutura representa um pedaço da história do local e não mais uma máquina funcional direcionada ao trabalho do porto.

Às 12:30 – a hora, registrada no diário de Herta, da partida do navio – estava de pé embaixo do histórico guindaste. Na minha frente, a doca de madeira avançava sobre as águas acinzentadas e turvas do canal. Meu olhar ficava preso às rasas profundezas dessa água e a minha imaginação recorria à lembrança para construir, no vazio da superfície de um rio, a embarcação do passado. Só que antes de estar ali, eu já havia pesquisado e visto a imagem do navio que levou os Grünbaum para o Brasil:



A foto foi encontrada por mim na internet⁵⁹. Ela foi tirada no porto de Santos, em São Paulo. Essa é a embarcação que fez o transporte da família: o navio Almirante Alexandrino, da Companhia Lloyd. O nome do navio é uma homenagem a um almirante que participou da Guerra do Paraguai entre os anos de 1864 e 1870. Lloyd foi uma companhia paraestatal de

⁵⁹ Endereço do site: <https://www.novomilenio.inf.br/rossini/loydbras.htm> (Acesso em 17/04/2021).

navegação brasileira fundada em 1894 e extinta em 1997, durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Não sou engenheiro e por isso fico profundamente espantado com a aparente fragilidade da embarcação – haja vista a hercúlea missão de cruzar um oceano inteiro.

O grande e pequeno navio Almirante Alexandrino estava prestes a partir. A mão de Hugo segurava firme o corrimão de madeira da ponte que conectava a doca do porto à embarcação. Ao invés de deslizar leve ao longo do corrimão, como de costume, ela topava, de forma brusca com as deformidades da madeira no desejo de engendrar uma relação de resistência através do atrito. A força contrária do toque na matéria era a manifestação concreta do medo de Hugo em abandonar, e ser abandonado, pelo seu próprio chão, o seu pedaço de terra no mundo, o seu país. Ao mesmo tempo, a sua outra mão era puxada para frente pelas mãozinhas vibrantes de Herta. Sem espaços para introspecções, a pequena estava eufórica com o gigantesco bicho do mar à sua frente, um encantamento com a relativa magnitude de seu novo universo flutuante. De repente, um pedaço da madeira do corrimão fura a mão de Hugo. O atrito fez espetar, dentro de sua pele, a última matéria do solo alemão que fora tocada. No susto, um grito de dor faz Hugo pisar com os dois pés a bordo.

O deque superior do Almirante Alexandrino estava contagiado por uma atmosfera agitada. Os passageiros andavam de um lado para o outro com um frenesi curioso, explorando todas as dependências de seu novo lar temporário. Algumas pessoas estavam felizes, trocando sorrisos e palavras simpáticas, no intuito de estabelecerem uma afável política de boa convivência. Outras, contidas na tristeza da despedida, fixavam seus corpos nas linhas de metal do guarda corpo do navio para darem o último aceno a amigos e familiares que estavam de pé na beira do porto. Umhas duas ou três famílias portavam máquinas fotográficas e registravam o momento com a captura de imagens, assim faziam convidando outros passageiros para pousarem junto na foto. A fotografia então era um convite para uma troca empática entre pessoas desconhecidas.

A excitação por estar embarcada agita Herta, ela fica tão saltitante que a sua mão escapa das de Hugo. Herta corre em círculos amplos pelo deque do navio, e com o ímpeto natural de uma mãe, Gertrudes se adianta e captura sua filha pelos braços.

– Calma, Herta!

– Mamãe, que coisa mais maravilhosa! Estamos num transporte que desliza sobre as águas de um oceano inteiro. Um oceano que toca o mundo todo! Muita, muita água! E olha lá embaixo,

no porto: quanta gente olhando aqui para cima e acenando com as mãos. Muita, muita gente! Todos vieram se despedir da gente? Estamos famosos porque nós vamos para o Brasil? No Brasil é assim, todo mundo querendo nos ver? Então, eu estou famosa? Eu preciso começar a saber dar autógrafos! Sim, como que se dá autógrafos? Eu já sei escrever, eu escrevo bem, mas eu queria uma letra só minha: H-e-r-t-a!

– Sossega o facho! A viagem é longa e tem muita coisa nova ainda por vir.

– Mamãe, depois de tudo isso, dessa aventura toda, eu posso voltar para a Alemanha? É que eu queria contar tudo o que estou vendo para a turma lá da escola! Os meus amigos vão adorar!

– Herta...

Gertrudes respira profundo, pega as mãos da filha e conduz até um lugar mais reservado do navio, um guarda-corpo na parte lateral. Ela pega Herta pelos braços e a coloca de pé sobre um bastão da grade, e assim, Herta fica num nível elevado e consegue melhor enxergar os arredores do navio. Abraça a filha pelas costas.

– A Alemanha está aí. Sempre estará aí.

– E se eu quiser voltar?

– Haverá um tempo propício para você voltar.

– E por que ter de esperar o “tempo propício” ao invés de simplesmente voltar quando quiser?

– As coisas não funcionam assim. A gente não tem como controlar tudo, muito menos o tempo.

– Mas eu posso falar com esse tal de tempo?

– Ele é um velho rabugento e sempre muito ocupado. Eu mesma nunca consegui falar com ele.

Por um momento, Herta permaneceu em silêncio. Enquanto ela observava os detalhes das coisas de um dos últimos pedaços de terra alemã à sua frente, a menina raciocinava sobre essa complexa conversa. Subitamente, Herta apontou para um lugar fora da embarcação e gritou:

– Olha lá! Olha lá! Tem um moço ali. Que cara engraçado, fora do tempo! Ele veste um casaco estranho e tem a barba grande. Olha lá, ele está tentando acenar para cá, mas... Que coisa louca, ele parece que nos vê, mas eu acho que ele não nos vê. Pode isso, mãe?



Quatro registros: um navio prestes a zarpar, ou ancorar; um grupo de pessoas em trajes de época acenando para algo que está acima deles, talvez o próprio navio partindo ou chegando; eu, acenando para alguém que está partindo ou chegando e, por fim, uma fotografia do deque do navio onde Herta, então uma menina dez anos segurando uma bola e a sua mãe, Gertrudes, de pé com um vestido preto.

Sem saber se os momentos registrados são de partida ou chegada, despedidas ou encontros, nem mesmo a data exata das imagens, essas fotos, quando dispostas sobre uma mesma página, passam a coabitar um espaço e tempo em comum. Sua montagem reinventa relações e estabelece conexões que desafiam a cronologia de uma linha temporal. As imagens se instauram através da materialidade de um campo, o espaço sem volume de uma folha. Eu, na beira do canal do porto de Hamburgo portando as fotos e os objetos do arquivo da família Grünbaum, também estabeleço, a partir da minha presença, conexões nesse espaço (no caso, volumoso) entre a terra, a água e o céu. É no preenchimento destes vazios – o lugar da combinação, da composição, da montagem, da mistura – que consigo desenhar realidades. Um real que não se verifica em oposição ao ficcional, mas enquanto uma postura para construir com as/a partir das materialidades dispostas nos espaços de onde se está, nos tempos com os quais nos conectamos e com a percepção de tudo aquilo que acontece.

Ler sempre “o que acontece” como uma composição (decomposição ou recomposição), sempre como já um momento, que é uma composição singular daquilo que também constitui “o que aconteceu e o que ainda está para acontecer”. A materialidade aqui se refere à matéria no nível quântico: aquilo que entra na composição de tudo o que existe sempre como matéria/energia. Pensar a esse nível de emaranhamento exige que abandonemos (ou descentralizemos) o tempo (a quarta dimensão de Einstein) concebido como a flecha do tempo, o que explica bastante sobre a predominância do pensamento sequencial. Com empréstimos de Walter Benjamin (1892-1940), descrevo sempre o momento da ocorrência (distinto do local da ocorrência) já como uma composição, e necessariamente (porque composta das mesmas partículas) semelhante a outras possíveis composições (“o que aconteceu e o que ainda está para acontecer”). Quando se lida com o semelhante, inevitavelmente se procura a simetria, isso é, as correspondências. Ao esperar simetria – ou procurar por semelhanças -, é possível imaginar (recompôr) o contexto sob observação como uma figura fractal. Isso é, em vez de procurar conexões, causalidade (linear), o pensamento composicional busca identificar um padrão que se repete em diferentes escalas. (SILVA, 2022, p.409)

Se na citação de Denise Ferreira da Silva, a autora desarticula a compreensão linear do tempo na busca por liberar-se dos encadeamentos causais dos fatos históricos, e assim aprofunda modos para a abordagem de temas como o racismo e a colonialidade, aqui, tomo de empréstimo suas palavras para redimensionar os encontros e desencontros da minha presença no porto de Hamburgo com os meus antepassados.

Debaixo do guindaste mais antigo do porto, na frente do deque de madeira, permaneci atento à superfície turva das águas do canal. Eu espremia os meus olhos entre as pálpebras para enxergar a embarcação do passado, ver navios no vazio, nalgum espaço acima do espelho d'água e embaixo das nuvens do céu. Ver navios no ar, presentificá-los. Também ver a minha avó Herta e, mais uma vez, dizer adeus. Um adeus diferente, um adeus pós-morte, não mais o corpo morto no cemitério São João Batista e sim, a viva criança nas margens de um rio, cujas águas caminham ligeiras até o mar.

Num ato quase urgente e instintivo, o meu braço direito subiu acima da cabeça e minha mão se abriu num longo aceno de adeus. Visto pelos transeuntes que lá estavam, o aceno parecia ser um estranho ato despropositado, contudo, dentro do volumoso campo de combinações e conexões entre rio, porto, céu e eu, o adeus foi uma ação preenchida de força. Como uma antena, ele entrava em sincronia com as reverberações do passado. A palma aberta da minha mão captava intuições, sensações e sentimentos de modo a estabelecer simetrias entre a minha família em 1934, e eu em 2023.

Transbordando a razão, que se tornava vaga, percebi a composição de uma espécie de campo sensível, uma esfera magnética feita de ar que me fazia partilhar o momento presente com os meus antepassados. No corpo, notei uma pueril alegria, fruto da descoberta de algo tão sutil, mas isso ocorreu por um breve período, logo a leveza foi achatada por um espesso e bruto volume, a melancolia. Desgarro, desterro, desgosto. As convicções que me ancoravam na terra tomaram o rumo de um rio, diluídas em água doce elas ficaram cada vez mais distantes. Foi aí que adentrei a turbulência de um mar bravio: sentimentos e sensações confusas. Ondas gigantes: o desamparo por estar só, o desconforto do estrangeiro, sentir-se radicalmente estrangeiro, a angústia por estar longe de casa, o medo do fracasso, de perder familiares queridos, das perdas materiais, da falência, de uma possível catástrofe, de acidentes inexplicáveis, da possibilidade de ter que voltar a cemitérios e ver corpos mortos. Eu estava sozinho. A palma da minha mão, que há poucos segundos balançava num movimento leve, travou.

Hugo pressionava a palma de sua mão para tentar expelir a farpa de madeira que havia penetrado. Atento e dedicado à ação, ele apoia seu tronco na parede branca de ferro do navio em um momento de foco. Após alguns minutos, a teimosa farpa sai, o sangue pinga de suas mãos, Hugo respira e, sem mais focar, observa ao seu redor. Suas pernas bambeiam, ele se senta num banco e lá permanece. Só. Chora – contido, para dentro, sem ninguém perceber.

Com a minha mão travada para o alto eu fui percebendo o vento. Se antes ele batia em seu dorso, agora ele passou a incidir sobre a sua palma – eu não me lembro ao certo se foi o

vento que havia mudado de direção, ou se foi a minha mão rígida que, inexplicavelmente, virava. Ela começou a vibrar e eu senti que tocava num pedaço de terra firme, um toque na fé do encontro das tantas coisas que ali estavam desmaterializadas. Me entreguei à estranha e familiar terra, um lote em partilha com meus antepassados, cujos limites não havia, pois o ar não se mede, não se territorializa, não se fixa. Mas foi na efêmera materialidade terrosa de tanto ar e tanta identificação, que de olhos fechados, eu vi a criança Herta. Eu a vi tal como um vidente, sem necessidade de crer, porque ele simplesmente olha e vê.

– Olha lá! Olha lá! Tem um moço ali. Que cara engraçado, fora do tempo! Ele veste um casaco estranho e tem a barba grande. Olha lá, ele está tentando acenar para cá, mas... Que coisa louca, ele parece que nos vê, mas eu acho que ele não nos vê. Pode isso, mãe?

– Vó!

Que saudades que eu estava de gritar, com toda a verdade e a plenos pulmões, a palavra “Vó”.

O navio Almirante Alexandrino despejava sua fumaça no céu, e com motores aquecidos partia. Enérgico, eu fui atrás de seu espectro seguindo a sinuosa linha do rio. De saída, cruzei um conjunto de pontes cujas grades estavam repletas de cadeados fechados com nomes escritos à caneta. Eram trancas com juras de amor eterno entre casais, vidas lacradas com ferro, cuja ferrugem se tornava predominante ao longo do tempo. Senti aversão a essa representação radical do amor romântico e, diante disso, realizei que estava agindo no avesso dos cadeados: abrindo os lacres e deixando os amados irem. Um ato de liberação. Eu vi beleza na partida do navio, no ato de deixá-lo ir: sem amarras, contratos, pactos, coisas a resolver, sentimentos possessivos nem personalismos.

Continuei meu caminho leve, beirando o rio. Eu atravessei a região urbana da cidade onde muitos comerciantes tentavam seduzir turistas a comprarem os seus produtos ou comerem em seus restaurantes ou ainda a passearem no rio em seus barcos. Após quarenta minutos de caminhada, cheguei na região com enormes galpões antigos, onde provavelmente os navios eram fabricados ou consertados. Logo em seguida, vi dois cruzeiros gigantescos com uma fila comprida de turistas que aguardavam para embarcar. A colossal banheira de ferro branco boiando sobre o rio contrastava com a pequena estrutura do navio dos Grünbaum, pelo menos no modo como eu a estava enxergando, de olhos fechados.

Mais adiante, cheguei no limite do perímetro urbano e o cenário se transformou. De um lado, alguns casarões de veraneio compunham uma rua bucólica à beira d'água e do outro, o rio cujas margens ora eram feitas por pedras brutas acinzentadas, ora por uma larga faixa de areia fina e branca. Foi em cima desse solo que caminhei por mais algumas horas. Conforme o rio serpenteava, eu sustentava a esperança de avistar o mar a cada curva dobrada. Mas elas eram inúmeras e foram justamente elas a razão de minha ilusão. Na minha caminhada *zigueagueante*, demorei um par de horas para me perceber tolo, e que o oceano, com sua frondosa linha do horizonte, seria apenas mais um pacto quebrado com o meu próprio desejo de testemunhar, com os olhos fechados, o navio dos Grünbaum adentrar o mar.

Frustrado e cansado, eu demorei algumas curvas para encerrar a caminhada. Na verdade, foi a visão de uma frondosa e gigantesca árvore que me ajudou a decretar um fim. Os seus troncos marrons sem folhas cruzavam todo o solo de areia branca da praia fluvial, eles subiam por alguns metros para o céu e, ao mesmo tempo, iam para os lados até tocar, com as pontas finas de seus galhos, a superfície da água doce do rio. Do tronco da árvore, via-se amarrada uma corda cor de esmeralda, onde uma criança brincava de subir, ficar suspensa no ar e balançar. Ao me ver, a criança saiu correndo e foi embora.

Sem dúvida, aquela árvore era centenária, e quem sabe Gertrudes, Herta ou Hugo, do alto do deque do navio, a avistara tempos atrás. Foi a invenção desta hipótese que me fez escolher a árvore como o ponto final da caminhada e o lugar para depositar as matérias que portava. De dentro da minha mochila eu peguei o diário de Herta, as fotos e o pedaço de madeira arrancado da porta de sua casa em Berlim. Com cuidado e muita atenção a tudo aquilo que circulava ao meu redor, sobretudo nos ares, eu depusitei as matérias sobre o imponente tronco. Ali, se realizou a passagem, a partida, a viagem, o cadeado destrancado, o abraço alegre, o choro livre da dor, a saudade sem posse. Enfim, ali se deu o último dos adeuses.



Quando acordei na manhã seguinte, enxergava apenas água e céu. Seguimos primeiro até Antuérpia. O último trecho para cima até a Holanda e depois até Finn. Vimos a cidade e visitamos a capital Bruxelas. À noitinha, voltamos ao navio e seguimos viagem. Então era mar aberto e atravessamos o canal de onde um lado era a França e do outro a costa da Inglaterra, era entre as cidades de Dover e Calais. (...) Dia 15 de março de 1934 deixamos Portugal e tínhamos agora uma longa jornada de 12 dias pela frente.⁶⁰

Portugal foi o último pedaço de terra do continente europeu avistado pela família. O navio zarpou da cidade de Lisboa rumo à desconhecida América do Sul na expectativa de chegar ao “novo mundo”. E se uma caravela zarpou da cidade de Lisboa rumo à desconhecida América do Sul na expectativa de chegar ao “novo mundo”, desloco quatrocentos e trinta anos da história modificando apenas uma palavra da sentença. Sem dúvida, a similaridade das construções frasais para narrar fatos pregressos evoca o paralelismo entre os tempos, ou, utilizando os termos usados por Denise Ferreira da Silva, “simetrias”, “correspondências” (SILVA, 2022) entre os períodos históricos. O afastamento do navio da costa portuguesa seguiu os rastros da caravela e a minha compreensão sobre essa narrativa começa a se transformar.

Durante 3 dias ainda tivemos temporal e mar muito agitado, somente quando passamos pelas Ilhas Canárias, o tempo melhorou e ficou bonito. Esse grupo de Ilhas não conseguimos olhar pois já era noite, mas com o tempo bonito vimos durante o dia a Ilha de Cabo Verde. Dali para frente, ia esquentando a cada dia até atravessar a linha do Equador, tivemos uma grande festa a bordo com direito a batismo do Equador e tudo. Depois passamos pela Ilha criminal de Fernando de Noronha...⁶¹

Sobre o deque do navio, embaixo do céu estrelado e embalados pelas temperaturas elevadas do sul, a família europeia comemora a travessia por uma linha imaginária. O “batismo” marca simbolicamente uma transformação na condição sociocultural da família, ou seja, como ela compreende e é compreendida a partir das dinâmicas contextuais e históricas de seu novo país. Da condição de judeus (oprimidos pelo regime nazista), aos olhos da sociedade do sul a família é assimilada como os demais europeus: os senhores brancos que pisam nas terras colonizadas pelos seus próprios antepassados. É em alto mar que os anos da ascensão dos movimentos fascistas europeus encontram o passado dos processos coloniais do sul global.

O mar é mesmo o lugar dos encontros de muitas coisas: muitas coisas se diluem, outras permanecem, algumas tentam se diluir, mas permanecem, outras buscam permanecer, mas se diluem. E mesmo com esse tanto de coisas dentro de si, a superfície do mar permanece impávida na sua desmesura oceânica. E o navio avança junto com a caravela e agora o navio negreiro.

⁶⁰ Trecho retirado do diário de Herta Grünbaum e traduzido por Maria Halleib.

⁶¹ Idem.

Mar faceiro, mar ligeiro, no súbito de sua calmaria as embarcações correm o risco de parar, secando de sede uma tripulação inteira. “Sabe lá, o que é morrer de sede em frente ao mar?”⁶². Mar faceiro e ligeiro, sua tempestade acachapante faz a embarcação virar e se perder no caminho. O mar não tem caminho. Os contornos de suas linhas são sempre desfazimentos. Ninguém toca nas linhas de suas bordas. Mar aberto, mar adentro, mar intenso, mar imenso, mareado, maré, maresia, sal molhado. É nauseado e dentro da atmosfera de muita água, que jogo no mar essa escrita⁶³. Ação insana, jogar uma escrita ao mar, mas o tamanho e a profundidade do oceano têm a possibilidade de refundar o movimento da narrativa. É verdade, pode afundar também. Mas escrever é uma aposta, sempre será uma aposta. A loteria de letras é o vício do autor. E se as folhas do livro ficam encharcadas de mar e sal das águas oceânicas, e se os finos traços em tintas das letras se tornam indistintos borrões, pergunto: como continuar crendo na mitologia dessa narrativa escrita até aqui? Como sustentar o protagonismo dos personagens que até agora tanto falaram? Como falar com outras palavras e escrever sobre a superfície de uma página borrada de água, sal, onda...? Tal qual um velho sábio e insistente – onda bate até que fura a pedra – o mar anunciou um futuro em que o centro não há, nem periferia. Anarquismo? Talvez não. Talvez seja o balanço das ondas mesmo – embarcações sem rumo mar adentro, mar intenso, mar imenso, mareado, maré. Talvez seja o “para lá” e “para cá” que não é “sim” nem “não”. O “vai” e “volta” que é “talvez” e “pode ser”. Mareado estou; revirado de tanto mar sem-terra. Minha nossa, um parágrafo inteiro que deseja ter dimensões atlânticas e diz não sei, sei não, nem mais, nem muito, nem pouco, nem tanto, vago nas vagas de um mar que a corrente puxa e produz a espuma branca misturada com areia e faz a água voltar para dentro, empuxo, e o mar continua.... Mas chega.

Respiro, viro a página, cruzo o atlântico, e boiando sem boia, latino-americano, brasileiro, carioca com os dois pés pisados e vividos no sul global, instaurou um novo tópico neste capítulo.

⁶² Trecho da música composta por Djavan - “Esquinas” (1984).

⁶³ Trecho escrito em referência ao artigo de Eleonora Fabião “Corpo Cênico, Estado Cênico in: Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 10 - n. 3 - p. 321-326 / set-dez 2010 (visualizado em 04-06-2024).

5.2 Chegada

Severino, quarenta anos, é morador da cidade do Recife, em Pernambuco. Seu nome lhe foi dado por acaso. Como um acidente de trabalho que crava cicatrizes na pele, o nome Severino foi cunhado em seu corpo negro devido à mera necessidade de chamá-lo para a labuta: “Severino, o navio chegou! Severino, vá carregar a carga!”. Tempos atrás, Severino era chamado apenas de homem, “um *hôm*”. Foi Pedro, o seu chefe – também negro, que conseguiu subir meio degrau na vida pois sabia ler com facilidade – quem achou humano dar ao homem um nome. Humanidade pouca, não muita para não destoar da condição miserável, com o trabalho semi-escravizado e exclusivamente negro dos estivadores do porto do Recife no ano de 1934.

O sol desponta cinco dedos acima do horizonte, a linha limite entre o mar e o desconhecido. Desconhecido para um preto que, nascido no Brasil, nunca conseguiu atravessá-la para realizar o caminho de volta, o retorno à terra de seus ancestrais. Um preto brasileiro desnortado pelo norte em excesso e impossibilitado de revisitar as suas raízes transatlânticas ao leste, em África. Sem olhar o horizonte, Severino lava as suas mãos pretas, cheias de calos, com água e sabão. Ele se prepara para mais um dia de trabalho.

Embora de execução hercúlea, a função de um estivador no porto é facilmente explicável: ele deve carregar, literalmente, tudo aquilo que for ordenado pelos seus superiores. Na sua intimidade, Severino assume preferir as cargas de grandes dimensões às pequenas, que quase ninguém vê. Segundo ele, as cargas grandes são fiéis, dizem logo a que vieram. Já as pequenas são mascaradas, costumam pesar como chumbo. Fora que as cargas grandes atraem o olhar de admiração do chefe: “Tá vendo, Severino não foge ao trabalho.” Enquanto as pequenas passam a impressão sobre quem carrega de um “preto preguiçoso”, além de causarem dores terríveis na lombar devido à necessidade de agachar até embaixo para depositá-las, com cuidado, no chão.

Uma questão que deprime Severino é a exaustiva monotonia de seu trabalho, o fato de sempre, e apenas, carregar caixas de madeira, sem nunca conseguir ver, tocar ou manipular o seu conteúdo. É possível dizer que ele trabalha numa gigantesca monocultura de matéria, sempre impossibilitado de acessar a sua diversidade: formas, texturas, cheiros e utilidades. Para si, um objeto útil é importante, um objeto que não escape das suas mãos, que tenha um sentido bem definido, que lhe sirva para alguma coisa. Contudo, tocar apenas o emadeirado lado de fora, nunca o de dentro, é sua sina. Ao menos pode apertar as mãos de seus iguais – palma

tocando palma – ou quando a sorte lhe sorri, se apertar com outras pessoas nalguma noite de prazer.

Mesmo em sua casa, um trapiche na beira da praia localizado debaixo do antigo porto da cidade, as matérias que Severino têm são poucas e sem muita distinção: um travesseiro magro, um lençol puído, um colchão feito de sacos de areia, um espelho quebrado pendurado na parede, duas mudas de roupa, uma garrafa de cachaça pela metade que Severino ainda irá terminar de beber e um colar prateado – a única herança de seus antepassados. Ele não sabe contar a história desse colar, não se lembra, ou de fato nunca soube. Malandro, inventa histórias gabando-se por ter um colar prateado para chamar de seu, prata pura feita de lata.

Então termina de lavar as mãos, balançando-as no ar com o intuito de secá-las. Vindo apressado de dentro do galpão, Geraldino, outro estivador do porto, se aproxima do companheiro de trabalho com a boa nova:

– Homem brabo, cê viu o jornal?! A foto do seu Getúlio gigantesca e um preto fodido do lado dele, um preto tal como nós.

– E o que era isso?

– Num sei. Tinha uma coisa escrita, mas eu não consegui ler.

– Pois é.

– Esse cara parece que vai ajudar nós aqui. Um governo que pensa naqueles que trabalha nesse país.

– Sei não.

Os dois estivadores nem perceberam quando, vindo por detrás da linha do horizonte, surge um navio. Foi necessário o barulho do apito, grave e ecoante, para que os trabalhadores fitassem as bordas do mar. Ao perceberem o inadiável começo de mais uma longa jornada de trabalho, o cansaço domina os seus corpos antes mesmo do início das atividades.

– Vixe, mais um vindo.

– É... Pedro disse que esse veio do norte. Vai dar trabalho!

– Gente chata essa gente do norte, cheia de caixa.

– Vamos jogar tudo no mar para eles irem lá buscar.

Eles riem, cúmplices. Severino faz torções no corpo para alongar a sua lombar, Geraldino apoia a mão no ombro de Severino para se equilibrar, trazer o seu calcanhar até as costas, e assim alongar as suas coxas. No automatismo de um ato cotidiano, os dois trabalhadores caminham, entre o chão de cimento e o mar, até o cais de atracação do navio.

Em 27.3.1934, desembarcamos em Pernambuco, terra brasileira (...). Em Pernambuco, com seu povo colorido e as palmeiras e um calor intenso, sentimos imediatamente a verdadeira impressão do Brasil. Pela primeira vez eu vi também pessoas pobres, os negros e como eles viviam nas suas humildes e primitivas cabanas.⁶⁴

Do chão do porto, os olhos negros de Severino se direcionam para cima. Do alto do navio, Herta olha para baixo. Seus olhares se cruzam, mas são as palavras da criança branca que se fixam como os marcadores do encontro. Elas permanecem, pois se convertem numa escrita registrada num diário, datada enquanto acontecimento único e devidamente guardada no arquivo pessoal da família. O fato de uma criança se assustar com a pele preta, vinculando-a às qualificações “pobre” e “primitiva”, deflagra que aos olhos de seus referenciais, do adulto branco, a pele negra sempre é categorizada verticalmente. O branco não enxerga o indivíduo, vê apenas a diferença da cor, o (des)qualificando, sempre em terceira pessoa – ele, aquele, e inclusive aquilo. Para o modelo de branco, preto nem coisa é. Preto é o carregador das suas coisas, elevadas ao status de “pertences”. Um preto pode ser perdido, mas os pertences de um branco, jamais.

Ao ver a criança branca, o que teria pensado Severino? Quais seriam os seus comentários? Se tivesse tido acesso à escrita, como seria o seu diário? Teria ele a necessidade de escrever sobre a chegada de um branco? Estaria ele trabalhando para os brancos, se caso ao longo de sua formação tivesse adquirido as ferramentas necessárias para falar sobre si, e sobre os seus, sem se pautar naquilo que ele não é, ou seja, um corpo branco? O preto estivador Severino bem-poderia-ser-Fanon, um intelectual negro martinicano, e assim, ter escrito:

⁶⁴ Trecho retirado do diário de Herta Grünbaum e traduzido por Maria Halleib.

Os elementos que utilizei não me foram fornecidos pelos “resíduos de sensações e percepções de ordem sobretudo tátil, espacial, cinestésica e visual”, mas pelo outro, o branco, que os teceu para mim através de mil detalhes, anedotas, relatos. Eu acreditava estar construindo um eu fisiológico, equilibrando o espaço, localizando as sensações, e eis que exigiam de mim um suplemento. “Olhe, um preto!” Era um *estímulus* externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso. “Olhe, um preto!” É verdade, eu me divertia. “Olhe, um preto!” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente. “Mamãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível. (FANON, 2008, p.105)

A elaboração discursiva do branco é o vocabulário do colonialismo, ela constrói o racista, aquele que subjuga a pele negra no intuito de manter branca a sua própria branquitude. Como um narciso referenciado à sua própria imagem no espelho, o egocentrismo do branco teme a perda de seus contornos, ou a nitidez da sua imagem, e diante disso, cria o negro, o outro, o que presumidamente não se é. Na verdade, o não-eu, estabelecido pelo eu-branco, se verifica como o desconhecido que há em si, a sua própria sombra, ou a parte que lhe é indesejada, mas que inescapavelmente lhe pertence. O outro do branco desvela, numa gargalhada, a fragilidade de sua branquitude: ela não é natural, essencial, pura, nem sequer central. O branco é furado, tingido, manchado, imperfeito, restrito.

O desejo pela gargalhada em Fanon é essa manifestação por ver, de forma lúcida, a fragilidade da branquitude. Ver também no autoritarismo do branco o seu pavor neurótico que tenta cobrir, a todo o custo, as suas inerentes fraquezas. A gargalhada se torna impossível, pois um preto não consegue escapar integralmente da alienação do colonialismo, do fato de existir despossuído de sua própria imagem como referência e ser fixado numa relação de alteridade com o branco. Um preto não escapa, pois nasce e vive subalternizado por um sistema econômico, político, social e epistemológico imposto pelos brancos. Um preto não escapa da violência do branco, seja nas relações micropolíticas do cotidiano ou através das instituições e seus modos de governança. Em tais condições, o que pode fazer o preto para não se calar e, apesar de todas as *branquices* que o imobiliza, escapar?

Severino canta enquanto carrega com Geraldino um caixote de madeira muito pesado.

– Ouvi essa ontem no rádio, conhece? Tônico e Tinoco!

– Para! Cansei. – Os homens colocam de forma brusca a caixa no chão.

– Estamos atrasados.

– Se você é uma máquina que canta enquanto carrega toneladas, eu tenho um corpo que dói. Aqui, olha a cor roxa dos meus braços. Tô lascado pra trabalhar amanhã que nem hoje.

– Descansa então, hêmi. – Severino se senta sobre a caixa que estava carregando. Após um longo silêncio, questiona – Tem coisas que eu não entendo, sabe? Para que colocar tanta coisa dentro de uma mesma caixa?!

– Pra deixar claro que o que tem dentro dela não é teu! – Geraldino começa a rir.

– Eu vou é jogar tudo isso no mar. O mar é meu!

– Nem o mar é seu. O mar é do navio e o navio não é seu – começa a rir.

– O mar é de ninguém.

– E se assim é, por isso mesmo não é seu. É de ninguém!

Severino abaixa o olhar. Os dois homens permanecem por um tempo em silêncio refletindo sobre a complexa lógica das ausências de matérias que pudessem chamar de próprias. Geraldino coloca a mão sobre o ombro de Severino:

– Mas a gente pode fazer uma festa, sua!

Severino sorri. Ao fundo, os homens escutam o grito grave de Pedro:

– Seus demônios! Esse baú não vai ficar aqui, ele vai para o Rio de Janeiro, podem levar de volta pra dentro!

– Merda!

Deixamos Pernambuco e chegamos no dia seguinte no porto da Bahia. Gostei muito dessa cidade. Ela é mais bonita e moderna do que Pernambuco. Fomos de bonde elétrico conhecer os arredores que foi muito interessante pois vimos muitas plantações

desconhecidas. Bananeiras, árvores estranhas com cocos pendurados, tudo muito selvagem e descuidado. É, nós estamos mesmo numa floresta.⁶⁵

“Estranha”, “selvagem” e “descuidado”, as palavras da menina deflagram uma impressão estereotipada sobre as terras do sul. Assim como o corpo negro, o sul também aparece como o ‘outro’, o não civilizado, aquele que escapa ao modelo humanista europeu. A presumida “ordem” dos centros urbanos do norte e os seus modos de “boa” convivência dão lugar à “selva”. Mas ora, não foi justamente em nome de um modelo de “ordem” e de um conjunto de “regras para a boa convivência” que obrigaram a família judaica a fugir para a “selva”? Não foi a própria família europeia que, por ser de origem judaica, não se encaixou dentro das rígidas restrições desse modelo de humano? Se os judeus se tornaram o “outro” para o ariano, seria então o sul-americano o “outro” do “outro” e o corpo preto o “outro” do “outro” do “outro”?

Não se trata de fazer um julgamento sobre a escrita da menina, creio que isso simplificaria essas questões. Porém, é importante compreender que sua escrita é fruto do ambiente social no qual Herta estava inserida. O texto revela as contradições advindas do choque do encontro da família com o Brasil. Ao pisar de sapatos em terras brasileiras, os Grünbaum são inseridos nas terras daqueles de quem não os têm, ou melhor, onde apenas seus semelhantes, europeus brancos, conseguem tê-los.

A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de pedra e ferro (...) Os pés do colono nunca estão à mostra, salvo talvez no mar, mas ninguém está bastante próximo deles. Pés protegidos por calçados fortes, enquanto que as ruas de sua cidade são limpas, lisas, sem buracos, sem seixos. (...) A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a *medina*, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa o que. (FANON, 1968, pp.28-29)

Ao mesmo tempo, as condições de desumanização impostas aos judeus nos campos de concentração, onde pessoas próximas à família Grünbaum tiveram suas vidas perdidas, se aplicam às descrições de Fanon: “morre-se não importa onde, não importa o que”. Tais condições são relatadas pelo escritor italiano Primo Levi em “É isto um Homem?”, testemunha do campo de extermínio nazista. Nos relatos de Levi, os sapatos são artigos de sobrevivência. Perdê-los significava encarar dolorosamente a morte em meio ao inverno e à longa jornada de trabalhos obrigatórios.

E não é de crer que os sapatos signifiquem pouco na vida do Campo. A morte começa pelos sapatos. Eles se revelaram, para a maioria de nós, verdadeiros instrumentos de tortura que, após umas horas de marcha, criam feridas dolorosas, sujeitas a infecção na certa. (LEVI, 1988, pp.32-33)

⁶⁵ Trecho retirado do diário de Herta Grünbaum e traduzido por Maria Halleib.

Se analisarmos isoladamente os casos das vivências traumáticas causadas por contextos históricos violentos (seja no território sul-americano ou no europeu), não existem meios nem razões para compará-los ou qualificá-los em escalas de atrocidade. Nesse ponto, o que está em questão são as profundezas incontestes dos traumas humanos que orbitam a esfera do inqualificável, do indizível, do impensável, da dor. Porém, se consideramos as díspares consequências sociais econômicas e culturais desses dois acontecimentos históricos, a discrepância na duração de cada evento e os procedimentos (empreendidos ou não) para uma reparação histórica aos grupos prejudicados, a comparação não é só possível, como necessária.

Na Europa, as políticas de reparação histórica são estratégias de Estado e vinculadas, sobretudo, às áreas de educação e cultura. Em função da devastação humanitária do Holocausto, houve e ainda há abundantes produções cinematográficas e teatrais, além de inúmeros museus e monumentos espalhados pelo mundo inteiro – inclusive no Brasil. No bojo desse processo está a busca desses Estados em marcar o seu antagonismo aos movimentos radicais, projetar sua imponente e “civilizatória” imagem a partir da diferenciação das barbáries do passado. Verifica-se, na verdade, uma estratégia ideológica na qual o carácter eurocêntrico desses Estados e seus ideários liberais são perpetuados como a única via plausível para que a “civilidade” seja estabelecida.

A construção dessa “civilidade” europeia (a partir das atrocidades ocorridas em seu próprio território), tem como estratégia o apagamento de acontecimentos históricos marcantes e que estruturam hoje os mecanismos de influência dos próprios Estados europeus. A saber, as ações imperialistas da Europa em África (entre o final do século XIX e início do século XX), em que populações inteiras foram dizimadas e as riquezas do continente enviadas para territórios europeus; e os violentos processos de colonização das Américas, nos quais do mesmo modo, populações locais foram eliminadas em nome de uma ideia eurocêntrica de ordem e progresso.

O poeta, dramaturgo e ensaísta político martinicano Aimé Césaire expõe essa fragilidade do discurso humanista europeu, assim como a sua egoica insistência por reivindicar para si até mesmo as mais profundas dores do mundo:

E aguardam e esperam; e calam em si próprias a verdade – que é uma barbárie, mas a barbárie suprema, a que cora, a que resume a quotidianidade das barbáries; que é o nazismo, sim, mas que antes de serem as suas vítimas, foram os cúmplices; que o toleraram, esse mesmo nazismo, antes de o sofrer, absolveram-no, fecharam-lhe os olhos, legitimaram-no, porque até aí só se tinha aplicado a povos não europeus (...) (CESAIRE, 1978, p.18)

Portanto, enquanto na Europa as políticas de reparação históricas são urgentes e de interesse do Estado (sobretudo para “esconder” seu passado de algoz e construir sua figura de “herói”), em África e na América Latina tais políticas são antagônicas aos interesses das elites econômicas e dos governos (beneficiados pelas atualizações dos modos imperialistas e colonialistas de gestão). Essa perpetuação da colonialidade na América Latina, em específico no Brasil, se verifica de diversos modos: nas relações econômicas e de trabalho, em que o investimento em tecnologias e a capacitação do trabalhador são preteridos em prol da exportação de *commodities* agrícolas de baixo custo; na desigualdade fundiária, em que grandes latifúndios permanecem sobre o domínio de uma mesma família, de origem europeia, desde o período colonial; nas tendências da academia brasileira, por privilegiar autores europeus em detrimento de intelectuais latino-americanos.

“De lá [Salvador] seguimos pelo último grande passo rumo ao Rio de Janeiro, onde no dia 3 de abril de 1934 desembarcamos após um mês inteiro viajando.”⁶⁶

Guerdinha acordou num susto. Seu pai abriu a porta do quarto e acendeu a luz, o dia ainda nem tinha amanhecido. Seu mau-humor findou quando o seu pai, Max, lembrou, com a voz alta e animada, da chegada de Herta ao Rio no início daquela manhã. Na época, Guerda era uma menina de apenas seis anos e nunca tinha estado no porto, muito menos para receber familiares. Max apressa a filha, afirmando a urgência de chegarem a tempo de ver o navio adentrar a Baía de Guanabara. Segundo ele, um bom anfitrião deve aguardar os passageiros no cais, de pé, além de sorrir e acenar sem parar. Assim, os passageiros da embarcação têm a oportunidade de reconhecer de longe, ao avistar a terra firme, alguma figura familiar e sentirem-se confortados. Para Max, é fundamental mostrar aos recém-chegados a característica acolhedora do lugar de destino, o porto seguro onde suas vidas podem ancorar. Guerda se arruma rápido, feliz com a possibilidade de conhecer a sua nova amiga que, anos mais tarde, se tornaria a sua irmã de coração.

De mãos dadas com o pai, ela respira o intenso odor de maresia da Baía de Guanabara. Espreme os seus olhinhos para conseguir enxergar, em meio à claridade do sol, algo no mar. Com os pés sobre um chão de cimento, próximo ao vão onde as águas calmas da baía batem, pai e filha estão inquietos, ansiosos para ver os seus parentes. De repente, o navio surge sem nitidez, apagado entre as nuvens como uma pintura impressionista repleta de movimentos

⁶⁶ Idem.

lentos. Parece uma eternidade o tempo que demora para a embarcação crescer e seus contornos ficarem mais definidos. Nesse ponto, a proa do navio coça a garganta da Baía de Guanabara, o estreito entre o imponente morro do Pão de Açúcar e a Fortaleza de Santa Cruz da Barra, na cidade de Niterói. Aos olhos de Max e Guerda, fica cada vez mais nítida a imagem de muitas pessoas no deque do navio admirando a exuberante vista. São muitos pontinhos miúdos, cabeças sem os seus rostos. Ele começa a ficar atento à careca de Hugo, na esperança de reconhecê-lo e logo chamar a sua atenção com um vibrante aceno de boas-vindas. Precisou de mais alguns minutos para que assegurasse, com toda certeza, ter visto o seu irmão. Hugo faz o clássico gesto de um encontro: ele tira a boina, a balança e sorri. Os olhares dos dois homens se cruzam num fraterno brado de saudação em alemão.

Até o momento, o único contato que Guerda tivera com os seus parentes da Alemanha havia sido por cartas. Na verdade, a menina, quatro anos mais nova que Herta, ainda estava na alfabetização em português. Seu pai lia para Guerda algumas cartas no idioma alemão e depois repetia a leitura numa improvisada tradução para o português. Por nascer no Brasil, Guerda não entendia o alemão, mas gostava da sonoridade da voz de seu pai, achava o som engraçado. As correspondências entre Brasil e Alemanha foram perdidas ao longo do tempo, mas posso imaginá-las como parte estruturante da manutenção dos elos familiares e de preparação para o tão aguardado encontro no porto.

Segundo Guerda, as trocas de cartas entre seu pai e Hugo eram frequentes. Uma vez, a menina enviou para Berlim um desenho colorido com pessoas sorridentes de mãos dadas e, ao fundo, o morro do Corcovado com o Cristo Redentor. Em retribuição, Herta enviara outro desenho com bonequinhos parecidos, de mãos dadas, mas dessa vez, vestido com casacos de frio e o traçado azul do rio Spree cortando a folha de papel.

Apesar da alegria de Max por reencontrar parte de sua família alemã e o seu esforço por fazer desse momento o mais acolhedor possível, o temor pela segurança da família em solo brasileiro era uma preocupação recorrente. Com a recente ascensão de Hitler, a ideologia nazista transbordava para além dos limites do território alemão e ganhava o mundo. A vitória do nazismo legitimava movimentos protofascistas e nacionalistas domésticos, encorajando-os a “saírem do armário”.

No Brasil, o movimento “Ação Integralista Brasileira” havia sido recém-fundado sob a presidência de Plínio Salgado (figura icônica da história, conhecido como um dos maiores representantes do fascismo brasileiro). Em busca de uma “brasildade genuína”, a Ação Integralista se fortalecia no bojo não só da ascensão fascista na Europa, como também da

atmosfera efervescente dos movimentos modernistas no Brasil relativos aos efeitos da Semana de Arte de 1922 em São Paulo. Desde essa época, o empenho de muitos artistas atuantes no cenário brasileiro era por descobrir, ou redescobrir, um Brasil autêntico, a especificidade da nossa cultura destacada da histórica e hegemônica influência cultural europeia. Contudo, tais questionamentos foram oportunamente reconduzidos à lógica ufanista e protofascista: a busca por um Brasil “original” e por um modelo idílico de brasileiro, de povo, de raça, sem as interferências estrangeiras (entende-se aqui, imigrante).

O então Presidente da República Getúlio Vargas era simpatizante desse movimento. O seu governo era provisório e foi estabelecido após o Golpe de Estado de 1930, que impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes. Vargas foi uma figura polêmica, sua conduta populista flertava abertamente com os movimentos fascistas europeus. Inclusive, ele já havia manifestado publicamente sua admiração por Hitler e Mussolini. Sorrateiramente, Vargas começava a empreender ações de governança anti-imigrante:

Entre 1930 e 1945, o governo de Getúlio Vargas colocou em prática uma política imigratória restritiva e racista. Vetou, com base em argumentos racistas, a concessão de vistos aos judeus, ciganos, negros e japoneses. O discurso racista reunia atributos que, no seu conjunto, transformavam essas minorias em seres indesejáveis, “indigestos”. Em particular, não interessava ao Brasil receber os judeus que fugiam do nazifascismo porque – segundo as autoridades brasileiras – eles colocavam em risco o processo de construção da raça e da brasilidade. (CARNEIRO, p.118, 2018)

Em pesquisa realizada no Arquivo Nacional, descobri que a família Grünbaum chegou ao Brasil utilizando os seus nomes originais, sem modificá-los. Curiosamente, no documento de entrada da família no Brasil consta um endereço no bairro do centro da cidade (Rua do Ouvidor, 152) e não no de Copacabana – como alega Herta em seu diário. Índícios de alguma manobra para a família judaica conseguir permanecer no país? Não sei, nesse ponto me faltam as evidências. Por conta da família já ter parentes com nacionalidade brasileira e de que o ápice da perseguição do governo de Getúlio Vargas aos judeus ocorreria anos mais tarde, em 1938, presumo que os Grünbaum não tiveram grandes problemas para se estabelecer no Brasil. Isso não anula a sensação de insegurança por estarem num país cujo presidente era, até então, simpatizante do nazismo. A necessidade de manter discrição, o medo de frequentar certos ambientes sociais, de cruzar com algum simpatizante do nazismo e ser publicamente rechaçada, deve ter sido a tônica da família durante os primeiros anos de estadia no Brasil.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o saldo de perseguição do governo brasileiro aos judeus foi nefasto:

Calculo que no mínimo, cerca de 14 mil judeus refugiados ingressaram no Brasil portando falsos documentos e com vistos de católicos, como turistas ou em trânsito. Mesmo assim, apesar das restrições, alguns receberam vistos permanentes por terem subornado a autoridade diplomática, por terem adquirido terras no Brasil através de projetos de colonização ou por portarem vistos aprovados dentro das cotas permitidas pela legislação brasileira. (CARNEIRO, p.118, 2018)

Em novembro de 2023 eu estava num ônibus atravessando a comprida ponte que corta a Baía de Guanabara, interligando a cidade do Rio de Janeiro com a de Niterói. Era dia, o sol estava a pino e da janela do meu assento eu via, justamente, a garganta da baía, o estreito de água entre o morro do Pão de Açúcar e a Fortaleza de Santa Cruz da Barra. Me lembrei de Guerdinha e foi neste momento que o celular tocou. A notícia era a pior possível: Guerda havia falecido. O choro eclodiu no ato da informação e manifestava não apenas tristeza, mas raiva e arrependimento. Fazia apenas quarenta dias que eu havia voltado ao Brasil depois da minha estadia em Berlim e, na turbulência de tantos afazeres acumulados fruto de um ano afastado do país, eu ainda não tinha ido visitá-la. Agora era tarde demais.

Eu queria ter contado a ela, pessoalmente, as tantas novidades vivenciadas por mim na Alemanha. Mas justamente para Guerda eu não consegui. Logo a Guerda, a matriarca da família, a irmã de coração da minha avó, uma das pessoas mais interessadas nessa pesquisa, a última testemunha viva desta narrativa. Ao longo de minha estadia em Berlim fui colecionando uma lista de perguntas para fazer a ela. Por *cabeça-durice* minha ou pelo simples desejo de fazer tais perguntas pessoalmente, tomando um café para testemunhar todas as suas reações, eu nunca cogitei fazer tais questionamentos por telefone. Infelizmente, as perguntas ficaram sem respostas. Eu pensei em deixá-las de lado, esquecê-las num caderno qualquer em meio a outros tantos rascunhos, garranchos e rabiscos. Mas pensei melhor e, mesmo sem repostas, decidi listar aqui esse apanhado de interrogações solitárias. Quem sabe elas formem um poema, em ode à saudade, ou um monólogo de um ator com a cara grudada no vazio silencioso de uma ausência. A narrativa sumiu.

Tia, você se lembra do trajeto da sua casa até o porto para buscar Herta? Lembra de como era a Baía de Guanabara e os bairros do Rio?

Você me disse que, além de Hugo, Gertrudes e Herta, tinha um primo que veio com a família. Eu achei nos arquivos de Hamburgo o nome dele, mas eu não faço ideia de quem ele seja, nem por onde construir o seu personagem. Pode me falar sobre ele?

Sabe quem é tia Grete? Herta a cita em seu diário.

Antes de Herta chegar no Brasil, você lembra da troca de correspondências entre a família daqui com a de lá?

Como você imagina Berlim? Acho que você nunca esteve lá, não é?

Como você imagina a casa de Herta em Berlim?

Aqui no Brasil, você saía muito com Herta?

Você tem saudades da minha avó? Em quais momentos?

Tia, você costuma ficar horas da noite apoiada nessa janela, vendo a lua e se lamentando em relação ao prédio que foi construído na frente do seu e que tapa, pela metade, a sua vista da praia de Copacabana? E se minha avó estivesse aqui, agora, também apoiada na janela fumando o seu clássico Marlboro Light, como seria essa cena?

O diário da minha avó termina assim:

Já se passaram mais de um ano e meio e o mais triste acontecimento nesse tempo foi o falecimento do meu querido avô [Michaelis Sokolowski]. Eu esperei sempre poder vê-lo pelo menos mais uma vez. Enquanto isso, nos mudamos para um pequeno apartamento com 4 cômodos. E tivemos muita sorte com esse, porque muitas ruas aqui de Copacabana (bairro onde moramos) falta água, e na nossa não. Os primeiros 6 meses fui para uma escola alemã. Eu deveria ir para o 4º ano, mas como eu não sabia português nem inglês, tive que voltar um ano para atrás. Mas era fácil demais para mim e aprendia pouco de português, então papai disse que ficaria só até o final do ano na escola alemã e depois iria para uma brasileira e porque na escola alemã tinha mais férias do que aulas. Em meados de dezembro, começaram as férias por 3 meses. Durante essa época, veio a tia Grete da Alemanha e ela me contou muito sobre meu amado avô e os parentes. Então comemoramos juntos as festas de Natal e Ano Novo. Então comecei a cantar músicas de Carnaval, pois início de março era Carnaval. Eu queria pedir o favor de na próxima oportunidade me mandar outro diário. Eu gostaria de continuar escrevendo. Herta Grünbaum.⁶⁷

Herta não continuou sua escrita, ou outro diário foi perdido nalgum lugar. Estranhamente, a escrita findou com o pedido de um novo diário, mas há muitas páginas que permaneceram em branco. Por que ela não continuou escrevendo? E o que ela escreveria com o passar do tempo? Sem dúvida, em algum momento, o idioma da escrita iria mudar para o português e a falta de sua casa na Alemanha seria preenchida com os efusivos laços construídos em sua nova terra brasileira. Durante os primeiros meses da chegada, Hugo, Gertrudes e Herta moraram junto com Guerda em Copacabana, mas logo conseguiram alugar outro apartamento no mesmo bairro. Herta foi estudar no Colégio Teuto-Brasileiro, especializado em ensinar

⁶⁷ Idem.

português aos alemães que vinham morar no Brasil, e depois foi terminar os seus estudos em colégios brasileiros.

Na juventude, Herta começou a trabalhar na joalheria H.Stern, e posteriormente, na loja de artigos de moda Barbosa Freitas - sua função era viajar por diversas cidades do Brasil a fim de comprar produtos dos artesãos locais e revendê-los nas sedes das lojas. Em 1948, Herta se casou com o meu avô, hoje falecido, Samuel Wolf Marynower – judeu, filho de pai belga e mãe polonesa. Willy, como era carinhosamente chamado, também fugiu do regime nazista em 1939; segundo o que ele me contava, a família conseguiu embarcar “no último navio antes da Europa fechar”. Apesar da escassez de materiais sobre a história de meu avô e a inexistência de quaisquer documentos nos quais conste o seu depoimento, tenho certeza de que as narrativas de sua vivência poderiam compor um capítulo à parte na tese, talvez outra tese.

Em 1960, Willy traiu a minha avó com a Evelyn – outra judia alemã e, até então, a melhor amiga de Herta. Willy e Evelyn fugiram para o interior do Rio de Janeiro. Arrasada, Herta nunca mais se casou, se dedicou ao trabalho e aos bailes da boemia carioca que costumava frequentar assiduamente. Sem pormenorizar essa imbricada trama de amor, desgostos e traições, o fato é que Herta nunca optou por ser dona de casa, sempre trabalhou fora, viajava, falava outras línguas, tinha muitos namorados. De acordo com Guerda, Herta era “uma mulher à frente do seu tempo, uma pessoa fora da caixinha”.

Encerramento: a conversa que não aconteceu

Numa tarde ensolarada de terça-feira, subi de elevador até o primeiro andar do prédio onde ficava o apartamento de minha avó Herta na Rua Nascimento Silva, em Ipanema. Segui até o final do corredor e toquei a campainha do 101, escutando o seu elegante barulho - *ding-dong*. Após alguns segundos de silêncio e a porta ainda fechada, apertei novamente a campainha e depois, mais uma vez e mais uma... Na ineficaz insistência do elegante barulho, eu fechei minha mão em punho e comecei a bater na porta. A ação era acompanhada do som da minha voz cada vez mais alto:

– Vó? Vó. Vó! Vó!! Vó!!!

– Já vai!

O som das chinelas de Herta arrastando no chão antecedeu o das chaves da fechadura.

– Ianzinho, que alegria! Eu tenho uma coisa para te falar. Quer uma torrada com requeijão?

– Deixa que eu pego, vó!

Eu fui até a cozinha e abri a geladeira. Ela estava praticamente vazia: um copo de requeijão pela metade, outro de geleia, uma garrafa d'água, um pão velho e uma marmitta com arroz, feijão e um pedaço de carne assada – provavelmente, o jantar de minha avó naquela noite.

Com uma torrada, uma faca e um copo de requeijão na mão, eu entrei na sala de chão de tacos marrons escuros e me sentei no sofá de estofado florido laranja. Na minha frente estava Herta numa poltrona próxima à janela. A cortina, amarelada pelo tempo, estava aberta e as plantas trepadeiras caíam para fora de seus vasos, presos ao teto. Elas balançavam devido à brisa leve e quente vinda da rua. Minha avó cruzou as pernas, pés descalços, unhas vermelhas e calça branca. Ela acendeu um cigarro e puxou para o seu colo um calhamaço de papéis.

– Eu li.

– O quê?

– Como “o quê”? Eu li o seu trabalho da faculdade.

– A tese? Toda?! Finalmente, vó!

– Desculpa a demora, era realmente muita coisa. Muita coisa!

– E... O que você achou?

O silêncio foi estabelecido, sua duração demasiada criou em mim uma estranha sensação de angústia. Herta tragou o cigarro com força e soltou a fumaça na direção da janela. O seu olhar mudava de foco consecutivas vezes enquanto sua mão acariciava o queixo. Minha avó evitava me olhar, parecia que lhe faltava coragem para ser sincera sem quebrar as minhas expectativas sobre a sua opinião. E de fato, eu estava repleto de expectativa, apesar de não saber exatamente o que eu esperava. Durante todo o processo da pesquisa nunca considerei a possibilidade de presenciar um momento como esse e, por isso, não fazia ideia do que desejava ouvir da boca de minha avó. A situação era inimaginável. Decerto era justamente essa estranha expectativa, sem forma nem palavra, que vibrava dentro de mim e fazia alterar a minha respiração.

Lentamente, Herta começou a esboçar um discurso.

– Ianzinho... Olha... Eu tô muito feliz com a sua dedicação, muito mesmo. Um neto que decide se aventurar no passado da nossa família. Isso me orgulha! Mas, tem coisas aqui que... Que eu... Desculpa, querido, eu não concordo com algumas coisas. Não foi bem assim que elas aconteceram.

– Ah, vó, mas eu não tive a intenção de falar tudo o que realmente aconteceu, não! Eu criei em cima das coisas que pesquisei, entende?

– É porque você é artista, né? Mas é que tem determinadas coisas que achei... Digamos, fora da realidade.

– É que a “realidade” não existe na sua completude...

– Como assim, Ian? Se eu falo para você que não foi bem assim que aconteceu é porque não foi bem assim que aconteceu. É simples. Ianzinho, minha memória não falha e disso, eu tenho certeza!

Eu não ia entrar numa discussão teórica sobre a construção de memória e de história com a minha avó. Não que eu não quisesse, ficar tantos anos escrevendo e reescrevendo sobre o passado me permitiu descobrir que faz parte da força do tempo presente a capacidade artística, política e quântica (trazendo novamente a teórica Denise Ferreira da Silva), de nos conectar e mover as matérias, presumidamente, passadas. Porque o passado não some, ele fica depositado nas muitas camadas do solo – exigindo de nós a capacidade de sermos bons escavadores e

lapidadores. Ele persiste em orbitar na presumida invisibilidade do ar – solicitando de nós uma inteligência sensível para ativarmos nossas capacidades de ver presenças nos espaços entre as matérias. Ele circula entre nós – necessitando a ampliação de redes de diálogos no intuito de compartilhar as narrativas dos passados com os nossos contemporâneos para que elas possam adquirir atualidade e vida no tempo presente. A tese, agora nas mãos de minha avó, é um meio escrito que busca contribuir com essa circulação transversal, a mais ampla possível.

Por mais que as palavras habilidosas de um discurso bem preparado estivessem fervendo na minha cabeça, eu percebi que não seria possível expô-las para ela. Seria um embate desnecessário. Uma coisa que aprendi ao longo desses anos é que, em determinadas situações, muito mais vale fazer boas perguntas, para instigar a fala do outro, do que utilizar o tempo construindo um discurso para legitimar as certezas do seu próprio aprendizado. Sobretudo diante daquela mulher centenária que fumava enquanto folheava a minha tese. Ali, a minha construção de conhecimentos se desarmava, ou melhor, se desmanchava. As inteligentes palavras colecionadas por mim durante o período de pesquisa do doutorado se desfaziam em balbucios babosos de um neto pequeno. Mas era assim que tinha que ser: conhecer o máximo possível para saber o momento oportuno de colocar-se em escuta. E essa era a hora, afinal, vovó estava certa: sua memória é infalível. Decidi então abrandar as minhas certezas, num gesto de reverência à verdade de sua vida.

– Então vó, me fale, o que está fora da realidade na tese?

Herta abre o texto, coloca os seus enormes óculos de grau e acende a luminária ao seu lado. A luz invade numa intensidade tão potente que parecia competir com a luz do sol da tarde refletida no vidro da janela. Herta folheia o calhamaço de papel colocando-o próximo ao rosto na busca de conseguir ler o texto, ou identificar suas anotações feitas à caneta. Subitamente, ela interrompe a ação, olha para mim e começa a gargalhar:

– Velhos hábitos enraizados do passado! Eu esqueço que não preciso de tudo isso para enxergar. Olha que coisa: hoje são justamente os óculos que me impedem de ver.

Herta tira os óculos e começa a ler.

– Veja bem, Ian. Você fala aqui do papai Hugo. Eu gosto como você constrói a sua juventude, principalmente do modo como você aborda a vida que ele levava no exército. Todo mundo em prol dessa ideia louca de defender cegamente a Alemanha. Agora pense comigo: papai foi para a guerra na linha de frente da batalha, isso é um fato fortíssimo! Quando ele retornou do *front*,

diziam que papai não estava nada bem. Mas você, Ian, acaba construindo a figura de Hugo pós-guerra como uma pessoa lúcida e politicamente engajada. Não foi assim! Ian, papai enlouqueceu com a guerra! Sabia que ele foi internado consecutivas vezes em diversos sanatórios? A guerra tirou do papai a habilidade de completar um discurso coerente acerca do seu contexto. Ele não chegou a ficar débil, mas a sua capacidade de assimilação se restringiu a assuntos do cotidiano: sem política, sem filosofia, sem visão de mundo, sem fome de mundo. Um homem, apenas um homem, nada além de um homem. Ianzinho, você coloca o papai flertando com os ideais de um comunista! Comunista!

Herta começa a gargalhar levantando a tese numa mão e o cigarro aceso em outra. Nesse momento espontâneo, as cinzas do cigarro caem na poltrona sem Herta perceber.

– Mas vó, você viu o carimbo escrito “Arbeitern und Soldatenrat” (em português: conselho de trabalhadores e soldados) em sua carteira militar? Ele participou dos conselhos de soldados da revolução!

– Papai detestava ambientes com muita gente! Preferia a paz dos campos do interior às convulsões das grandes cidades. O carimbo deve ter sido apenas o cumprimento de um rito burocrático, entende? Seria uma tortura pra Hugo a ideia de causar qualquer desarmonia com seus colegas do exército. Ou pior, sair com a fama de pelego ou conservador. Visualizo papai respirando fundo no meio daquela multidão, desesperado para logo ter o documento carimbado e voltar ao silêncio de seu apartamento.

– Mas você não sabe se realmente foi assim, vó. Você está imaginando.

– Sim. É o que eu posso fazer.

– Justamente, é o que podemos fazer... Não há outras maneiras fora criar e imaginar.

Um longo silêncio é estabelecido. Herta desvia o seu olhar do meu acompanhando o movimento da fumaça saindo de sua própria boca. Suas reflexões eram profundas e ensaiavam um justo questionamento.

– Você poderia ter parado, entende? Parado diante da falta de informação. Parado exatamente aqui, onde os objetos do arquivo da nossa família nada mais nos conseguem dizer. Parar, deixando a folha em branco ou escrevendo com letras garrafais: não sei. Ian, é possível escrever “não sei” numa tese de doutorado?

– Não sei.

- O problema é que a tese estaria repleta de folhas em branco, né?
- Talvez. Talvez eu me sentiria desnecessário. Um intruso na própria pesquisa.
- Pois é. E antes de tudo, você é um artista, né?! Artista cria, não tem jeito mesmo... Desculpa te amolar com essas besteiras! É que eu sempre gostei de números, sabe? Matemática, finanças... Então, essa coisa sem nome entre a verdade e a mentira, o que foi e o que não foi, o ser ou o não ser, fingir, representar, trugar, malandrar... Tudo isso me deixa confusa.
- Continue falando, vó! Por favor!
- É isso, querido.

Eu fico levemente frustrado, poderia permanecer horas escutando as colocações de Herta. Ao buscar justificar a sua falta de conhecimento, ela lecionava de maneira brilhante sobre o próprio fazer artístico que julgava desconhecer. Mas a riqueza de presenciar a construção de um pensamento durou o tempo de um flash; o embalo intuitivo da fala de Herta freou rápido demais e outro assunto veio à baila como uma ideia genial.

– A gente poderia fazer uma viagem para Berlim, juntos! Já imaginou?! Poderíamos começar na Polônia, na curta avenida central de Si... Sizi. Andaríamos calmamente dando bom dia aos pacatos moradores da cidade, um ar primaveril encheria de simpatia o rosto pálido dos poloneses. Em seguida, chegaríamos à pequeniníssima estação de trem e de lá, partiríamos para Berlim. Uma viagem inteira atravessando a vastidão amarela dos campos de girassol...

– Canola!

– Canola, sim! Os campos de canola. O primeiro lugar que eu gostaria de visitar em Berlim é a minha casa em Friedrichshain. Quero permanecer um bom tempo observando as sutilezas da terra até descobrir o lugar ideal para, novamente, marcar as minhas mãos naquele solo. Uma mão de velha sobre a mão da criança. Depois de passar pelo prédio da minha antiga escola e tirar outra foto, da forma mais idêntica possível da foto que tirei há quinze anos, seguiríamos até o local da loja do vovô. Passaria horas na frente daquela porta de garagem esperando os funcionários saírem. Ao contrário de você, que apenas os fotografou, eu criaria coragem para conversar com eles. Em alemão, eu falaria: “os senhores sabem que parte desse prédio pertenceu à minha família? Uma parte pequena, é verdade, mas esse pedaço de terra já foi meu!”. Eu riria na frente dos homens e, antes mesmo que eles pudessem esboçar qualquer reação ou chamar o segurança para internar no asilo a velhinha louca, eu já estaria longe

correndo pelos parques esverdeados de Berlim! Correndo pelas linhas sinuosas do rio Spree! Correndo debaixo dos compridos viadutos do trem de metrô! E correndo, correndo, correndo, chegaria à Estação Central de Berlim. De lá, pegaria o primeiro trem para Hamburgo. Depois de passar uma noite no Reischof Hotel, torrando todo o dinheiro que guardei da minha aposentadoria, eu andaria pelo porto até o mar. Mas eu não iria me cansar, eu não iria parar. Eu andaria rápido até o litoral e de lá eu pegaria o navio mais antigo que tivesse! Pensando bem, acho melhor não. Prefiro voltar para o Brasil de avião. Mas veja bem, eu chegaria aqui sem espantos.

Ela interrompe sua fala em mais um longo silêncio. Em tom baixo, ela me questiona:

- Ian, como desfazer um olhar preconceituoso realizado muitos anos atrás?
- Eu não sei.
- Para um doutor, você fala muitos “não sei”.
- Acho que reconhecer já é uma forma de desfazer.
- Será?!

Herta volta a folhear as páginas da tese. Ao virar o calhamaço de folhas no verso da última página, ela lê uma anotação e pergunta:

- Ah, Ianzinho, eu tenho uma pergunta fundamental: o que você vai fazer com isso?

Sua pergunta me surpreende. Meus pensamentos correm na busca de formular uma resposta que dê conta dos meus desejos. Rápida e esperta, Herta ergue novamente o calhamaço de folhas, o deposita sobre o baú de madeira ao seu lado e prossegue com suas provocações:

- Não acredito que irá guardar isto numa biblioteca, vai? Entregará para um funcionário para ele arquivar numa gaveta junto com milhares de teorias já escritas e majoritariamente esquecidas. Esquecidas inclusive pelos próprios autores.
- São os ritos acadêmicos, vó.
- Você é engraçado: retira os objetos do baú, escreve com orgulho sobre o fato de não tê-los entregue ao museu judaico, passa quatro anos trabalhando em cima disso para, novamente, isso mesmo, novamente, devolver tudo para um outro baú chamado gaveta?

– São os ritos. Mas olha, eu posso transformar tudo isso numa peça de teatro, um monólogo no qual eu compartilharia a narrativa da pesquisa com a plateia. Os objetos, as fotos do arquivo, o calhamaço de papel da minha tese, as malas que utilizei na viagem, os livros, a poeira, o tabaco, tudo isso espalhado pelo palco. Em cima dele, um personagem, ou melhor, um eu solitário tentando ligar os pontos das pistas do passado na busca de oferecer uma constelação de narrativas para aqueles que assistem. Vó, eu também tenho a intenção de continuar com esse projeto na academia. Através dessa tese, entendendo-a como um texto literário, eu quero estabelecer diálogos com outros autores brasileiros contemporâneos que trabalham em conexão entre Brasil e Alemanha. Na medida em que esse intercâmbio é aprofundado, me interesso por construir e formalizar um conteúdo metodológico/pedagógico de investigação das narrativas da história para a formação de escritores, roteiristas, dramaturgos, diretores de teatro e de audiovisual, comunicadores, artistas da cena em geral.

Se por um lado eu fico aliviado ao conseguir dobrar meus pensamentos de uma forma que contemplasse os rumos dos meus desejos de trabalho, por outro, Herta olha o relógio e fica tensa:

– Ianzinho! Me perdoe, eu esqueci completamente que eu marquei um jogo de biriba com a Guerdinha, a Lili, a Ruth e o Nelson! Meu Deus, tenho que correr. Você viu minha bengala?

Por um momento Herta para, olha para mim e tem mais um ataque de riso.

– Como eu sou tola! Eu já não preciso mais dela.

Herta dá uns pulos curtos de excitação. De pé, ela sobe o seu calcanhar na altura do joelho, entorta os seus ombros e prende a fita de sua sandália branca. Depois repete o movimento com o outro pé.

– Você vem jantar comigo?

Eu suspiro profundamente numa longa pausa.

– Acho que... Não será possível.

– O que?!

– A gente não está mais no mesmo...– eu desisto de meu argumento – Eu não quero filar metade de sua carne assada com arroz e feijão, que está meticulosamente porcionada para uma pessoa na geladeira.

– Eu compro um frango assado na padaria, venha!

Quem sou eu para questionar a autoridade de uma avó. Herta sai correndo pela porta de entrada do apartamento, atravessa o corredor, aperta o botão para chamar o elevador, mas desce de escadas. Eu corro até a janela e me debruço no parapeito, na esperança de vê-la caminhando pela rua. Olho para os lados, mas não vejo ninguém. Os minutos passam corridos e a dureza insistente de uma rua sem vovó faz secar as minhas esperanças. O barulho do relógio antigo da sala, das plantinhas trepadeiras da janela dançando na brisa quente e do arranhado som agudo do meu pisar no chão de tacos de madeira vão diminuindo aos poucos num insuportável *fade-out*.

O trabalho de escrita da tese acabou. Agora, em setembro de 2024, eu deixo Herta ir.

Uma última visada: o calhamaço de folhas encadernado com uma espiral de plástico ficou aberto sobre o tampo da madeira escura do baú. Um fim sobre o início. Ou melhor, matéria tese e matéria baú coabitando um mesmo espaço e descortinando o pensamento linear de tempo e de história do qual, presumiria um fim e um começo. A verdade é que um fim eu não tenho. Talvez, o que há aqui é apenas uma entrega. Continuemos com a atenção e dedicação ao passado, à história, à memória. Atenção e dedicação aos modos de resistência aos hostis movimentos retrógrados, ao velho vestido de novo. Ao velho de novo. Atenção e dedicação para não sucumbir, e não deixar ninguém ser sucumbido, com a desesperança generalizada de um mundo distópico e nem com a leviandade de deixar-se seduzir com quaisquer rascunhos ideológicos entregues como revolução e utopia.

Referências Bibliográficas

ADAMATTI, Bianka; ANDRIGHETT, Aline. A Lei Como Instrumento de Poder do Nazismo: uma análise a partir da crítica de Franz Neumann. In: **Revista Brasileira de História do Direito** | e-ISSN: 2526-009X | Curitiba | v. 2 | n. 2 | p. 60 - 76 | Jul/Dez. 2016.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz?** Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2008.

ALCURE, Adriana Schneider; FABIÃO, Eleonora. arte agora: partilha de matérias. In: **Concinnitas**. v.21, nº37, Rio de Janeiro: 2020.

ALMEIDA, Ângela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **O Óbvio e o Obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas, v.1).

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

_____. **Rua de mão única. Infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____. **Ensaio sobre Brecht**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

BERADT, Charlotte. **Sonhos no Terceiro Reich**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

BERG, Mary; SHNEIDERMAN, S.L. **O Diário de Mary Berg**. Barueri: Amariyls Editora, 2009.

BRECHT, Bertolt. **Conversa de refugiados**. São Paulo: editora 34, 2017.

_____. **Terror e miséria no Terceiro Reich**. São Paulo: Paz e Terra, 2004 (Teatro completo, v.3).

_____. **Opera dos três vinténs**. São Paulo: Paz e Terra, 1990 (Teatro completo, v.3).

BARTOLETTI, Susan Campbell. **Juventude Hitlerista: a história dos meninos e meninas nazistas e a dos que resistiram**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

BRUNO, André Simões Chacon. Considerações Sobre Violência e Civilização em Norbert Elias. In: **Cadernos Zygmunt Bauman** vol. 7, num. 14, 2017.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC. Coleção História, 2004.

_____. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo, SP: Editora Schwarcz Ltda, 2009.

CARDOSO, Rafael. **O remanescente**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Imigrantes Indesejáveis. A Ideologia do Etiquetamento Durante a Era Vagas. In **Revista USP: DIREITOS HUMANOS**. São Paulo . n. 119 , p. 115-130, 2018.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Vozes, Petrópolis RJ, 2012.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

CHLOSTA, Jan. Warmia and Masuria in the Face of the Rebirth of the Republic of Poland in 1918. *In: Komunikaty Mazursko-Warmińskie*, 2018, nr 4(302) p.703 -728.

COUTO, Joaquim Miguel; HACKL, Gilberto. Hjalmar Schacht e a economia alemã (1920-1950) in: **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3 (31), p. 311-341, dez. 2007.

DA SILVA, Denise Ferreira. O evento radical ou aquilo que acontece sem o tempo. *In: Histórias Afro-Atlânticas Antologia*. CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André; PEDROSA, Adriano, org. São Paulo: MASP, 2022.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

_____ **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____ **Quando as Imagens Tomam Posição. O olho da história, I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021.

DÖBLIN, Alfred, **Berlin Alexanderplatz**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELON, Amos. **The Pity of It All. – A Portrait of the German-Jewish Epoch 1743-1933**. New York: Picador, 2002.

FABIÃO, Eleonora. Performance e História: em busca de uma historiografia performativa. *In: Pelas Vias da Dúvida: segundo encontro de pesquisadores de Pós-Graduação em Artes do Estado do Rio de Janeiro*. FLORES, Livia (org.). Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, 2012, p.46-57.

_____. Corpo Cênico, Estado Cênico. In: **Revista Contrapontos** - Eletrônica, Vol. 10 - n. 3 - p. 321-326 / set-dez 2010.

FANON, Frantz. **Pele Negra. Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FLORENCIO, Thiago. [Ensaio] Nativo ausente e escrita-despacho. In: **Revista Vazantes**, 2(1), 61-70. 2018.

_____. **Constelações autoetnográficas. Produção de Identidade, Performance e Colonialidade**. Ano 2014. f 185. Tese. (doutorado em literatura, cultura e contemporaneidade), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Bodenlos: uma autobiografia filosófica**. Rio de Janeiro: Anablume, 2007.

_____. **Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FREITAG, Barbara. Berlim: fronteiras imaginárias, fronteiras reais? In: **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 6(1-2): 127-145, 1994 (editado em jun. 1995).

FRIDLIN, Jairo(org.). **Breve Resumo das Leis do Luto Judaico**. Associação Cemitério Israelita de São Paulo CHEVRA KADISHA, São Paulo, 2016.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GALINKIN, Ana Lúcia. Judaísmo e Identidade Judaica. In: **INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade** / v. 3 n. 4 / p. 87-98 / 2008.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

GAY, Peter. **Weimar Culture – the outsider as insider.** New York, NY: Norton & Company, Inc. 2001.

GELL, Alfred. **Arte e Agência.** São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
_____. **Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e História.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONÇALVES, Daniele Galindo. A Sentinela junto ao Reno: imagens da Germânia, do poema de Max Schneckenburger ao monumento de Johannes Schilling. In: **Antíteses**, Londrina, v.16, n. 32, p.563-592, jul-dez. 2023.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GRAPER, Elmer D. *The American Political Science Review*, Vol. 19, No. 3 (Aug., 1925), pp. 592-600 In: THE GERMAN PRESIDENTIAL ELECTION on JSTOR (Visualizado em 21/08/2024).

GRIFFIN, Roger. **The nature of fascism.** London: Routledge, 1991.

GUINSBURG, Jaco (org.). **O Expressionismo.** São Paulo, Perspectiva, 2002.

HAFFNER, Sebastian. **A Revolução Alemã 1918/1919.** São Paulo, SP: Editora Expressão Popular, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a Mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Rio de Janeiro : Bazar do Tempo, 2021.

HIRSCH, Marianne. The Generation of Postmemory. In: **Poetics Today** 29:1 (Spring 2008) DOI 10.1215/03335372-2007-019 © 2008 by Porter Institute for Poetics and Semiotics.

_____. Family Pictures: Maus, Mourning, and Post-Memory. In: **Discourse**, Vol. 15, No. 2, Special Issue: The Emotions, Gender, and the Politics of Subjectivity (Winter 1992-93), pp. 3-29.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era do Capital**. 15 ed. São Paulo – SP: Paz e Terra, 2012.

_____. **Era dos Impérios**. 7 ed. São Paulo – SP: Paz e Terra, 2002.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

ISHERWOOD, Christopher. **Adeus Berlim**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

ISLAVA, Luis Miguel. Breve Introducción a los artefactos Culturales. In: **Estudios** 17:34, (julio-diciembre 2009): 441-445.

JUNIOR, Elbio R. Quinta. Imagem e História: a relação entre o conceito de aura e a teoria da história em Walter Benjamin. In: **Teoria e História da Historiografia no século XXI Ensaio em homenagem aos dez anos da Revista de Teoria da História**. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

KLEMPERER, Victor. **A linguagem do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2009.

KLENGEL, Sussane. **Reconquistando la Cultura, recuperando la Memória. Agendas latinoamericanas en la segunda posguerra y en la literatura contemporánea sobre la memoria del Holocausto.** Medellín: Universidad de Antioquia, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed.PUC-Rio, 2006.

KRACAUER, Siegfried. **De Caligari a Hitler.** Uma história psicológica do cinema alemão. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

LE GUN, Ursula K. **The Carrier Bag Theory of Fiction** (1986). In: *Dancing at the Edge of the World – Thoughts on Words, Women, Places* (1989). Ed. Grove Press. Tradução: Priscilla Mello. Revisão: Ellen Araujo e Marcio Goldman.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEPEKI, André. 9 Variações Sobre Coisas e Performance. In: **Revista Urdimento**, n. 19, pp. 93-99, nov., 2012.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988.

_____. **Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945-1986.** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses ‘Sobre o conceito de História’.** São Paulo: Boitempo, 2005.

LOUREIRO, Isabel. **A Revolução Alemã.** 1918-23. São Paulo, EdUnesp, 2005.

LUXEMBURGO, R. **A Crise da Social-Democracia.** Lisboa: Editorial Presença, 1974.

MANN, Klaus. **Mefisto, um romance que penetra a fundo na decadência e na sordidez da Alemanha de Hitler.** Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MAYER, Arno J. **A força da tradição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MORAES, Edmundo de Souza. República de Weimar, suas crises e o Nazismo como alternativa. *In: Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 111-133, jan./jun. 2018.

MOSZCZYNSKA, Joanna. As porosidades do campo literário nacional: a emergência da literatura pós-Holocausto no Brasil. *In: Revista Odisseia*, v. 5, n. Especial, pp. 85-105, dez., 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

OELSNER, Miriam Bettina Paulina Bergel. **A gênese do nacional-socialismo na Alemanha do século XIX e a autodefesa judaica**. 2017. 195f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo – 2017.

PIEIDADE, Filipe Agostinho Pinto da Costa Galvinas. **A caminho do Estado Novo e do Terceiro Reich: a “Lição de Hitler” e a “Lição de Salazar” na imprensa portuguesa (1930-1933)**. U. Porto Faculdade de Letras Universidade do Porto, 2012.

POGGI, Tatiana. Revisitando o fascismo: o revisionismo e a relativização do conservadorismo. *In: SENA Jr., Z; CALIL, G.; MELO, Demian. Contribuição à crítica da historiografia revisionista*. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

REICH, Wilhelm. **Psicologia e massa do fascismo**. São Paulo: Marins Fontes, 2015.

_____ **Escute, Zé-ninguém!** São Paulo: Marins Fontes, 2001.

RICHARD, Lionel. **A República de Weimar**. 1919-1933. São Paulo, Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1988. (Col. A vida cotidiana).

_____ (org.) **Berlim**, 1919-1933. A encarnação extrema da modernidade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura / Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural / Divisão de Educação, 1995.

RUBIN, Sussan Goldman. **Firefiles in the Dark**. Teaneck: Association of Jewish Libraries, 2000.

SAFATLE, Vladimir. **Bem Vindo ao Estado Suicidário**. In: <https://www.n-ledicoes.org/textos/23>. (Acesso em 23/04/2022).

SELIGMANN-SILVA, Marcio. Antimonumentos: trabalho de memória e de resistência. In: **Revista Psicologia USP**, volume 27, número 1, 49-60. 2016.

SIMON, Suzy Suely Pereira. **BERLIM a construção da paisagem urbana contemporânea**. Ano 2006. f.257. Dissertação (mestrado em Arquitetura), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2006.

SIMONI, Mariana. **Acentos Performativos na Experiência Teatral Contemporânea: um diálogo construtivista com René Pollesch**. São Paulo: Editora Paco, 2018.

_____ Novas espacialidades emergentes. In: Olinto, Heidrun Krieger; Schollhammer, Karl Erik. **Literatura e espaços afetivos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p.84-93.

STOLPER, Gustav. **Historia Económica de Alemania (de 1870 a 1940) – Problemas y Tendencias**. México: Fondo de Cultura Económica, 1942.

STERNHELL, Zeev. The ‘anti-materialist’ revision of Marxism as an aspect of the rise of fascist ideology. *In: Journal of Contemporary History*, vol. 22, n. 3, jul., 1987.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural das Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

_____. O Trauma Como Performance de Longa Duração. *In: Revista Percevejo Online, periódicos do programa de pós-graduação em Artes da Cena PPGAC/UNIRIO*. Volume 01- Fascículo 01 – janeiro-junho/2009.

TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir (orgs.). **O Que Resta da Ditadura a Exceção Brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.

THE POLISH MINISTRY OF PREPARATORY WORK CONCERNING THE PEACE CONFERENCE. **Prussia and Danzing** In: [CIA-RDP08C01297R000400260003-9.pdf](#) (Visualizado em 10/09/2024).

TOLER, Ernst. **Uma Juventude na Alemanha**. São Paulo: Editora Madalena, 2015.

TRAVERSO, Enzo. **The new faces of fascism: populism and far right**. Londres: Verso, 2019.

VALENTIN, Andreas. **Berlin <> Rio Trajetos e Memórias**. Rio de Janeiro: A. Valentin, 2016.

VOLAVKOVÁ, HANNA (org.). **I never saw another butterfly: children’s drawings and poems from Terezin Concentration Camp, 1943-1944**. Nova York: Schocken Books Inc., 1993.

VERSIANI, Daniela Beccacci. (2013). Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras De Hoje**, 37(4). In: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14258> (Acesso em 23/04/2022).

VALENTIN, Karl. **Cabaré Valentim**. Tradução e adaptação: Buza Ferraz e Caique Botka. in: [CabaraValentim-KarlValentin_629e5767d214b.pdf](#) (concursos-publicacoes.s3.amazonaws.com) (Visualizado em 10/09/2024).

VIEIRA, Clarice Menezes. **A formação do estado nacional alemão: uma alternativa historiográfica** in: OIKOS, Rio de Janeiro, Volume 11, n. 2 • 2012, pg. 257-280.

ZWEIN G, Stefan. **O livro do xadrez**. São Paulo: Fósforo Editora, 2021.

WAAL, Edmund de. **A lebre com olhos de âmbar**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

WASSERMANN, Jakob. **O Processo Maurizius**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

ANEXO 1

Transcrição e tradução do diário de Herta na íntegra, por Maria Halleib.

Segunda-feira, às 12 horas, viajamos de Berlim a Hamburgo. Viajamos pelo rio chamado Elbe. Assim que chegamos em Hamburgo fomos para o Hotel Reischhof. Visitamos a cidade. O que mais gostei foi do antigo pavilhão. No dia seguinte, fomos até o porto de automóvel. Quando chegamos, vi um enorme barco a vapor na minha frente. Eu perguntei que barco imenso era aquele pois nunca havia visto na minha vida um navio tão grande. Logo soube que se tratava do nosso navio “Almirante Alexandrino” com o qual viajaríamos para o Rio de Janeiro, tinha pertencido a uma frota alemã, mas agora era um navio brasileiro da companhia Lloyd Brasileiro. Subimos a bordo e nos mostraram a nossa cabine a qual iríamos morar por 3 semanas. Jantamos com nossos parentes e fizemos jogos engraçados. Às 11 horas precisamos nos despedir dos nossos parentes e eles tiveram que sair do navio.

Às 12:30 h do dia 5 de março de 1934, saímos de Hamburgo. Quando acordei na manhã seguinte, enxergava apenas água e céu. Seguimos primeiro até Antuérpia. O último trecho para cima até a Holanda e depois até Finn. Vimos a cidade e visitamos a capital Bruxelas. À noite, voltamos ao navio e seguimos viagem. Então era mar aberto e atravessamos o canal de onde um lado era a França e do outro a costa da Inglaterra, era entre as cidades de Dover e Calais. Já na manhã seguinte, estávamos em Le-Havre, França, onde passamos um dia e meio, um pouco mais do que planejado pois houve um aviso de uma tempestade. Mais tarde chegamos ao Golfo de Biscaia.

No Golfo, o mar estava tão agitado com a tormenta que de Le Havre até Vigo quase todos os passageiros ficaram doentes. Em Vigo, paramos por curto tempo e vimos a cidade muito rapidamente. Chegando a noite, saímos novamente do porto e chegamos cedo na cidade do Porto, Portugal. Lá, fomos visitar a cidade. O tempo estava tão chuvoso que antes de descermos do ônibus elétrico, caía tanta chuva que entramos na primeira cafeteria que encontramos. Vimos uma grande alameda onde ficava o Palácio da Justiça. Vimos uma linda Igreja. Entramos nela. Tinha uma preciosa pintura e tudo era de ouro. Foi um pintor que pintou a linda pintura. Finalmente precisamos voltar logo para casa e chegamos pouco antes do nosso navio partir, totalmente molhados. Quando terminaram de armazenar o navio com sardinhas em óleo e vinho, pudemos olhar as luzes brilhantes e acesas da cidade ao anoitecer.

A viagem do Porto para Lisboa foi bem mais tranquila. Em Lisboa, capital de Portugal, desembarcamos em terra e vimos uma parte bonita da cidade. O mais lindo foi ver um bondinho que subia uma montanha. Em Lisboa, também houve carregamento no navio de sardinhas em óleo, água e comida para a mais longa rota da nossa viagem.

Dia 15 de março de 1934 deixamos Portugal e tínhamos agora uma longa jornada de 12 dias pela frente. Percebemos nos dias que se seguiram que havia um clima mais quente. Durante 3 dias ainda tivemos temporal e mar muito agitado, somente quando passamos pelas Ilhas Canárias, o tempo melhorou e ficou bonito. Esse grupo de Ilhas não conseguimos olhar pois, já era noite, mas com o tempo bonito vimos durante o dia a Ilha de Cabo Verde. Dali para frente, ia esquentando a cada dia até atravessar a linha do Equador, tivemos uma grande festa a bordo com direito a batismo do Equador e tudo. Depois passamos pela Ilha criminal de Fernando de Noronha e, em 27.3.1934, desembarcamos em Pernambuco, Terra Brasileira.

Reencontramos e comemoramos alegremente com tio David. Em Pernambuco, com seu povo colorido e as palmeiras e um calor intenso, sentimos imediatamente a verdadeira impressão do Brasil. Pela primeira vez eu vi também pessoas pobres, os negros e como eles viviam nas suas humildes e primitivas cabanas. O navio fez um grande carregamento de açúcar para o sul. Quando terminou, deixamos Pernambuco e chegamos no dia seguinte no porto da Bahia. Gostei muito dessa cidade. Ela é mais bonita e moderna do que Pernambuco. Fomos de bonde elétrico conhecer os arredores, que foi muito interessante pois vimos muitas plantações desconhecidas. Bananeiras, árvores estranhas com cocos pendurados, tudo muito selvagem e descuidado. É, nós estamos mesmo numa floresta.

De lá seguimos pelo último grande passo rumo ao Rio de Janeiro, onde no dia 3 de abril de 1934 desembarcamos após um mês inteiro viajando. Gostamos muito do Rio. Moramos temporariamente em Copacabana bem perto da praia. Do outro lado eram rochas e montanha que eu nunca tinha visto de tão perto. Passeamos pelos arredores do Rio num domingo e é realmente lindo tudo estava bem e bonito, mas o idioma não gostei nem um pouco. Eu achava que podíamos apreender um idioma apenas ouvindo, mas primeiro ter que estudar para depois aprender, não achei a menor graça. Todo dia ouvia “Herta é preguiçosa, fica em silêncio para evitar falar”. Mas esperem, quem vai devagar chega ao seu destino. Nosso maravilhoso navio a vapor “Almirante Alexandrino” chegou finalmente ao seu destino igual ao outro mais moderno o “Cap. Arcona”. Eu tenho que admitir que exatamente o navegar devagar é que gostei tanto, mesmo que todos balancem a cabeça, eu fico com ele. E se alguém me obrigar a viajar

para Europa com o “Cap. Arcona”, pelo menos vejam se todos os oficiais e marujos do Almirante Alexandrino podem acompanhar o navio.

Já se passou mais de um ano e meio e o mais triste acontecimento nesse tempo foi o falecimento do meu querido avô. Eu esperei sempre poder vê-lo pelo menos mais uma vez. Enquanto isso, nos mudamos para um pequeno apartamento com 4 cômodos. E tivemos muita sorte com esse, porque muitas ruas aqui de Copacabana (bairro onde moramos) falta água, e na nossa não. Os primeiros 6 meses fui para uma escola alemã. Eu deveria ir para o 4º ano, mas como eu não sabia português nem inglês, tive que voltar um ano para atrás. Mas era fácil demais para mim e aprendia pouco de português, então papai disse que ficaria só até o final do ano na escola alemã e depois iria para uma brasileira e porque na escola alemã tinha mais férias do que aulas. Em meados de dezembro, começaram as férias por 3 meses. Durante essa época, veio a tia Grete da Alemanha e ela me contou muito sobre meu amado avô e os parentes. Então comemoramos juntos as festas de Natal e Ano Novo. Então comecei a cantar músicas de Carnaval, pois início de março era Carnaval.

Eu queria pedir o favor de na próxima oportunidade me mandar outro livro. Eu gostaria de continuar escrevendo.

Herta Grünbaum

ANEXO 2

(Transcrição da entrevista com Andreas Valentin, autor do livro Berlin <> Rio Trajetos e Memórias, realizada em 25/02/2023 na modalidade virtual)

Ian:

... e aí eu tô com os documentos aqui, se quiser eu vou te mostrando. Mas acho que, seguindo o meu roteiro, já é assim...

Andreas:

Então vamos seguir teu roteiro, tá bom? Suas perguntas são muito boas. Enfim, muito legal você ter organizado isso, seus pensamentos, isso é bacana. Depois eu quero, claro, também, à medida que a gente for avançando, dar uma olhada nos documentos. Eu queria ver se a gente consegue, sei lá, terminar antes das seis horas, meu horário aqui, ou por volta das seis, se for possível.

Ian:

Sim. Temos quarenta minutos de Zoom, porque depois o Zoom...

Andreas:

Ah, então, quarenta minutos de Zoom, beleza, então vamos objetivar mesmo. Vamos embora. Ok, vou ler a pergunta, que aí fica gravado também: “Entre o seu projeto desenvolvido para a realização da pesquisa em Berlim e as atividades de campo, eu pergunto de que forma a cidade de Berlim ressignificou e transformou a sua pesquisa?” Então, eu vou tentar responder da forma mais clara possível, além de todas as perguntas. Bom, eu, quando fui para Berlim em 2014, eu não fui... Meu projeto de pesquisa não era esse. Eu fui para uma bolsa da Capes para pesquisar fotografia brasileira e alemã nos anos 50 – especificamente José Oiticica Filho, pai do Hélio Oiticica – e como que o trabalho que o José Oiticica desenvolveu nos anos 50 e 60 se conectava de alguma forma com o que estava sendo feito lá na Alemanha nessa mesma época. Bom, mas eu fui também com segundas intenções e, claro, eu já estava começando a me interessar pelo arquivo familiar. E o que acontece é o seguinte: a história que eu sempre conto é que, logo antes de eu embarcar para Berlim em 2014, em agosto de 2014, arrumando a casa – porque a gente ia alugar o nosso apartamento para uma pessoa que ficou lá durante um ano – então, dando uma geral na casa e tal, no depósito, onde a gente guarda todas as coisas, tinha lá caixas e caixas de slides 35 milímetros do meu pai, todas devidamente marcadas, ele deixou tudo organizado. Na hora que eu comecei a arrumar e comecei a dar uma olhada, eu não olhava para essas caixas fazia muito tempo. O que eu estava olhando mais eram os documentos da família, outras coisas.

Esses eram slides de viagens do meu pai, ele viajava muito, e aí tinha um pacotinho. Meu pai era muito organizado, tinha um pacotinho escrito "Berlim". Muito bem, e eu abri esse pacotinho, mas não olhei, na verdade eu nem abri o pacotinho, deixei ele fechado, amarradinho com barbante, do jeito que ele deixou, eram 10, 11 slides. E eu falei: "Caramba, eu vou levar isso comigo para Berlim, eu vou abrir isso lá!" Eu ia encontrar com meu irmão em setembro, ele estava indo para a Suíça, a gente se encontrou lá, e eu vou abrir isso junto com meu irmão lá. Bom, então isso daí, eu fiquei esperando quase um mês para olhar esses slides, mas levei outras coisas também, levei muito material que eu já tinha digitalizado no HD. Então, eu estava com outras coisas lá, já com a intenção de também perseguir, no bom sentido, um pouco essa história familiar em Berlim. Bom, voltando à história dos slides, eu acho que é isso que talvez seja uma coisa interessante para você. Isso tá no meu livro, inclusive, você viu as fotos lá? Quando a gente abriu, meu irmão e eu, abrimos e eu falei: "Caramba, meu pai esteve em Berlim!" A gente não sabia disso. Aí olha para um slide e aparece minha avó, falei: "Caramba, e eu não tinha qualquer indicação, não tinha o ano, a gente não sabia dessa viagem." Meu pai documentou todas as viagens que ele fez, mas essa não estava no documento onde ele registrou as viagens, por algum motivo, sabe-se lá qual, também não importa. Bom, e aí eu pensei: Bom, primeiro, vamos lá, uma coisa interessante, a primeira coisa que eu quero fazer é tentar descobrir quando foi essa viagem. Quer dizer: que ano foi isso? Que mês foi isso? Por que ele fez a viagem e aonde ele foi? Os registros de onde ele foi. E aí entra a história do mapa que eu te falei, porque eu, como eu falei, bom, eu preciso tentar entender a geografia da cidade. Então, eu tinha uma bicicleta lá, então eu saía andando de bicicleta no fim de semana, sempre que eu tinha um tempo, para correr atrás. Alguns lugares eram mais ou menos óbvios, como, por exemplo, ali, sei lá: o sino do estádio. Eu pesquisei sobre o sino do estádio, até uma fotógrafa, uma amiga minha, já tinha tirado foto. Porque o sino é muito interessante, ele tem uma suástica, esse é o sino das Olimpíadas de 1936, e ele tinha uma suástica no sino que foi apagada, não bem apagada, mas adaptada, para não destruir o sino, porque é patrimônio, entendeu? Mas ela foi... a suástica tá lá, mas não é mais a suástica, preencheram um dos lados para não parecer mais uma suástica, que é proibido na Alemanha.

Ian:

Onde é que tá esse sino?

Andreas:

Lá no estádio, no Estádio Olímpico. É muito interessante como símbolo, como essa coisa, como os alemães valorizam a memória e fazem o possível, que mesmo que uma coisa que é proibida,

a gente não pode destruir esse sino, ele tem que estar aqui, entendeu? Sim, isso é muito forte na cidade. Tudo é muito marcado aqui em Berlim, tudo é muito marcado. Você me pergunta aqui: “Especificamente, a cidade de Berlim ressignificou e transformou sua pesquisa?” Sim, a partir desses slides porque foi quando eu, para conhecer a cidade, para conhecer melhor a cidade, que era de onde meu avô, meu avô em particular, o pai do meu pai, a família toda dele é de Berlim, várias gerações de Berlim. Falei: “Bom, eu preciso conhecer um pouco melhor isso aqui.” Então, isso foi um caminho interessante, porque, como te falei, aí eu fui de bicicleta, eu levava prints da foto: “Isso aqui parece que é aqui, aqui atrás do Reichstag, legal, o Bundestag agora, então é isso. Aqui eu não sei onde, agora o lugar onde minha avó tá em pé, isso aqui eu sei que é o Rio Spree, mas onde que é isso?” Enfim, foi um processo muito interessante passar a conhecer a cidade – isso por um lado. Por outro lado, eu acho que isso é uma segunda, uma outra pergunta que você faz aqui. Eu acho que aí tem no bojo a segunda pergunta. Exatamente. Procurei espaços que não necessariamente monumentalizassem a cidade, então, é isso. Procurei espaços que não necessariamente monumentalizassem a cidade, mas que a reinterpretassem nos percursos que eu passei a compreender melhor. Bom, que trajetos foram esses? Então, é isso. Meu pai, a partir do momento em que eu consegui identificar onde ele esteve em Berlim – e essa foi a única vez que ele foi para Berlim, que eu saiba, nem sabia... E tem um detalhe interessante que tá no livro, depois apareceu uma foto dele e minha avó embarcando de volta, porque tá escrito lá atrás na foto: “Embarcando em Tempelhof.” Aí, quando eu descobri essa foto, eu falei: “Caramba, vou para Tempelhof, que era o aeroporto.” Você só tinha duas maneiras de chegar em Berlim ocidental, West Berlim, ou você vinha de carro, de Hannover, pela autobahn, e era um negócio supercomplicado, você não podia, obviamente, sair da estrada, porque a estrada atravessava a DDR, República Alemanha Oriental, até chegar em Berlim, aí tinha a fronteira. Ou você chegava de avião, em Tempelhof, que é o aeroporto no meio da cidade, que tem toda uma... Esse aeroporto é muito importante porque também foi onde os Aliados, em 1947, fizeram o lift – Berlim estava sitiada, sem comida, paraquedas com comida, é toda uma história... E é uma história que mais me impressionou em Tempelhof. E aí a conexão com essa foto é o fato de que é um prédio gigantesco, era a base militar aérea dos alemães na guerra, e aí descobri que tinha uma visita guiada dentro do prédio, que você podia fazer, que eu fiz. Conheci o prédio, fotografei o prédio, inclusive a visita guiada vai exatamente nesse lugar, que era a área de embarque do aeroporto, que tá lá, os balcões estão lá, tá tudo lá. Estão lá, não é? Estão lá. A esteira, a esteira de bagagem, aquelas coisas todas... Parece uma decisão de deixar as coisas lá, isso que é muito interessante. É muito Bom, deixa eu ver, deixa eu voltar ao teu

roteiro. Vamos lá, vamos para a próxima. Eu estou aqui meio que controlando o tempo. Bom, ok. Então: “os objetos do arquivo de família influenciaram suas andanças em Berlim...” Isso é muito importante. Tem a história do slide, que eu já contei. Por exemplo, isso tudo está no livro, mas eu vou expandir um pouco mais essa questão, que é importante. A xícara de chá onde aparece o prédio tem uma ilustração, um desenho do prédio onde era a sede do... onde era a loja do meu tataravô, Valentin Mannheim. Então, tem uma xícara de chá que tem desenhado isso, na Oberwaldstraße número tal, que eu esqueci, e tem uma outra xícara que tem a casa dele, que era... Fui descobrir isso depois, perto do Potsdamer Platz. A gente sabe tudo isso porque meu avô deixou um relato da história da família, que, aliás, eu vou te mandar isso. Não sei se você vai... Tem uma versão em alemão, tem um PDF em alemão, mas tem uma versão em inglês também. Eu vou te mandar as duas, tá?

Ian:

Por favor, mande, por favor.

Andreas:

Isso foi uma fonte fundamental, porque foi escrito pelo meu avô. É um livro que ele escreveu quando ainda estava no Brasil, antes de voltar definitivamente para a Alemanha. Foi feito em máquina de escrever e publicado em mimeógrafo. Você nem sabe o que é mimeógrafo. Depois você pesquisa, não vamos perder tempo aqui agora. Naquela época não tinha xerox, então você podia fazer cópias de coisas feitas em mimeógrafo, tá? Bom, foram dez cópias que ele fez e a gente digitalizou. Meu primo no Canadá resolveu traduzir isso. Isso foi uma fonte fundamental para saber da história da família. Ele pesquisou a fundo, foi lá para o século XVII, XVIII, estudando antepassados, a conexão com Mendelssohn Bartholdy, com os banqueiros judeus que financiaram o que eram os provedores. Não é exatamente esses temas, mas eles trabalhavam para o rei, tinham uma função financeira, não de financiar, mas de administrar o dinheiro do rei, né? Os judeus sempre foram bons nisso. Então, objetos do arquivo de família. Vou dar o exemplo de novo dessas duas xícaras que são citadas por ele no livro, né? Eu fui, bom, o prédio na Oberwaldstraße ainda existe, tá? Eu tirei foto dele, tá no livro. A casa onde morava meu tataravô não existe mais, porque ali também foi um lugar que foi, a Potsdamer Platz foi totalmente destruída, tá? E mais, foi destruída na guerra e ficou durante muito tempo. Ali era fronteira, um dos pontos extremos de Berlim Oriental, então durante toda a época do muro não teve nada ali, era um lugar de nada, um não-lugar. Digamos que foi durante os anos de 1920 o epicentro urbano da metrópole Berlim, aquela coisa pujante que a gente vê em filmes, que era ali. E meu avô morava ali, morava numa rua do lado, onde hoje é o... É perto de onde

é o Shopping Center, tá? Só que essa rua não tem mais nada, tem uma placa dizendo que ali, essa rua não tem nada, não tem prédio, não tem porra nenhuma, entendeu? E eu fui lá, e cada vez que eu ia num lugar desse, eu acho que isso que é importante pra tua pesquisa, você ir nos lugares, entendeu? Pisar, mesmo que não tenha nada. Olhar: “Porra, mas aqui tem um prédio, mas não tem mais porra nenhuma aqui”. Quer dizer, então esse vazio, né? Que na verdade, o que seria aqui uma lacuna, na verdade não é uma lacuna. Por que não é uma lacuna? Porque existe a memória que tá registrada nesses objetos, nos escritos, nas fotografias antigas. Mas é importante você ir, pra mim foi muito importante ir nesse lugar, mesmo sabendo que não tinha porra nenhuma mais lá. A mesma coisa com a casa de campo que eles tinham em Köpenick. Eu acabei não indo lá, meu irmão já tinha me falado que também não tinha mais a casa, mas tem as fotos da casa. Então, tem esses vazios, tá? Essas lacunas que na verdade não são lacunas, tá? Isso é interessante pensar assim. Não são lacunas, porque a nossa memória se encarrega de preenchê-las.

Ian:

Andreas, desculpa, é só porque, pelo tempo, vamos tentar avançar um pouco nesse roteiro.

Andreas:

Aí, caralho, passa muito rápido. Passa muito rápido, cara, puta que pariu. Mas depois eu falo, vamos fazer o seguinte, hein... Deixa rolar esse, quando cortar eu faço um Zoom daqui do meu lado, tá?

Ian:

Tá, maravilha então. Então, beleza.

Andreas:

Tá, pra gente não ter que também correr, vamos dar conta do que você tá me pedindo aqui, tá? Maravilha, mas tá muito bom, tô aqui, vamos. Bom, as suas referências são milhares, notas nos versos das fotos, etc, ok. (leitura de Andreas das perguntas de Ian) “Ligar os pontos das evidências do passado, qual seria o espaço da sua autoria, do seu papel criativo? Narrar o passado é também ficcionalizar, será que a palavra ficção cabe aí?” Recriação, reinvenção. É, isso é uma boa pergunta aí. Eu não sei, deixa eu pensar um pouquinho aqui. É, isso que eu falei, eu acabei de falar um pouco sobre isso. Se há essas lacunas, né, as coisas que a gente não... Não tem uma informação histórica precisa, científica, digamos... Você vai, você vai e acaba criando uma ficção em cima disso, né?

Ian:

É isso que eu fico me perguntando – desculpa, eu só vou fazer um “parentesinho” – eu fico me

perguntando qual é a minha ética com esses objetos, porque quando tem lacunas e quando tem um campo criativo, existe um espaço ali de criação e eu fico me questionando qual é a minha ética de elaboração desses objetos. Eu gostaria de saber...

Andreas:

Eu acho que ética não é a palavra, acho que não é a palavra adequada. Eu acho que não é ética, porque você está lidando com a tua própria história, quer dizer, como você lida com ela, isso é uma questão sua, entendeu? E você pode fazer o que você quiser com essa história, né? Primeiro que você não está num programa de pós-graduação em história. O meu, por exemplo, o meu PhD, o meu doutorado foi em história social. Apesar de eu ter pesquisado um fotógrafo alemão que foi para a Amazônia e tal, mas, porra, não podia dizer... A minha orientadora na época dizia “Quem disse isso? Deus?” Ela escreveu “Deus” em cima. De vez em quando eu caía nessa coisa da poética, e nesse caso não podia, tinha que ser uma coisa muito pé no chão, científica. No teu caso, não só não precisa, como não deve ser. Então, se você tem esses vestígios, tem essas peças, tem essas memórias, tem as lacunas que eu falei, principalmente os espaços que eu acho que são interessantes, onde você não tem a informação, onde não tem o objeto, onde não tem. Onde tem só uma, sei lá, uma indicação, um vestígio, seja lá que nome você queira dar para isso, tá? Eu acho que aí que estão os pontos interessantes numa pesquisa como essa, que vão gerar um objeto artístico, entendeu? Seja ele qual for. Não sei exatamente o que você está pensando em fazer, se vai ser uma performance, se vai ser um texto, uma obra, enfim, não importa. O suporte não importa muito, entendeu? No meu caso, o suporte foi a fotografia, porque é com isso que eu trabalho, com a escrita, que eu também trabalho com a escrita, e virou, sei lá, uma exposição, virou um livro, virou...

Ian:

Estou pensando em uma coisa entre literatura, peça teatral e roteiro de cinema...

Andreas:

Primeiramente, uma escrita que depois vira um... Um primeiro tratamento, uma escrita que depois pode virar outra coisa. Voltando a essa pergunta aqui, então é o seguinte: narrar o passado é também ficcionalizar? Voltando então, no nosso caso, sim, é o que a gente tem que fazer e deve fazer. Tem um livro que me foi muito útil que eu cito na minha... Cara, não vou lembrar agora o nome, é de um... Espera aí, deixa eu ler essa referência importante. Eu recomendo que você leia, porque é do cacete esse livro, e o cara... É do Edmund De Waal. Esse livro é maravilhoso, você conhece o livro, né? A Lebre com os Olhos de Âmbar.

Ian:

Sim, esse livro é maravilhoso, eu tenho, fundamental.

Andreas:

Então, é isso. O Edmund De Waal, não sei se você sabe, é um puta artista. Ele faz cerâmica, é ceramista, e há muito tempo ele também é escritor. Já li outro livro dele que é maravilhoso também. Ele trabalha com cerâmica, com instalações... Putz, dá uma pesquisada maior. Está rolando uma exposição do arquivo dele aqui em Berlim. Você tem que ver, não perde essa. É um espetáculo. Nesse livro, ele vai seguindo as pistas da família e acaba parando no Japão. E eu vou te dar um exemplo que é do meu primo, que nem sabia que era meu primo, que é um cara super famoso na Alemanha, um violinista chamado Daniel Hope. Se você pesquisar, todo mundo na Alemanha conhece o Daniel Hope. Ele é tipo um superstar da música clássica, até porque ele tem um jeitão de popstar. E ele é super simpático, um cara maravilhoso. Ele escreveu um livro sobre a família dele que tem uma trajetória parecida com a nossa.

Ian:

E você só descobriu depois que ele era seu primo?

Andreas:

É, eu descobri por uma colega historiadora que me falou: “você nem sabia que o Daniel Hope era seu primo?” E eu: “não!” Aí conheci ele e comprei o livro dele, que só tem em alemão, infelizmente. O livro se chama “Peças de Família”, “Familienstücke: Eine Spurensuche”. Peças no sentido de peças de um quebra-cabeça, como o que eu fiz e o que você vai fazer também. Mas também tem a ver com peças musicais, objetos, né? As conexões que ele fez são muito interessantes. A palavra “conexões” é importante aqui, porque é isso que eu fiz, é isso que o Edmond fez, é isso que o Daniel fez: buscar conexões, sejam elas quais forem. O legal é ir mais a fundo: que conexões são essas? Podem ser de toda sorte. Uma referência do arquivo, sei lá de onde... Uma pista pode me levar a outras conexões. É como se fosse uma rede, um network, e você vai juntando essas peças de família. O nome que o Daniel deu ao livro dele é genial, porque as nossas histórias têm a ver com o Holocausto. No fundo, tem a ver com essa tragédia relacionada ao Hitler. E não só isso, porque os judeus sempre foram perseguidos durante milênios, e tem toda essa culpa. Mas a verdade é que não dá para escrever ou descrever essa história de forma linear. Há essas lacunas, provocadas em seu exemplo maior pelo Holocausto. Porra, pessoas morreram, tudo que tinham foi confiscado, queimado, roubado ou perdido. Então acabou. Não tem evidência nenhuma. Ou, como no seu caso, como no meu, existem essas peças, esses vestígios. Com isso, você vai montando uma história que só você pode contar. Assim

como a minha história, só eu posso contar. Bom, você tem alguma pergunta sobre isso? Porque eu acho que essa parte é a mais importante da sua pesquisa, na verdade. É o que você vai fazer, o que você vai criar, como vai lidar com isso de forma criativa, tá?

Ian:

O que eu acho interessante em você é essa possibilidade de junção e *rejunção*, como se fossem peças, né? Eu vejo muito o arquivo como essas peças. Uma vez, coloquei tudo numa mesa e fui tentando elaborar como um quebra-cabeça. Por um lado, você vai atrás de evidências, mas as evidências também acabam provocando a criação, né? Isso é algo que eu penso muito. Ontem, fui a um cemitério procurar a cova do meu bisavô, do meu tataravô, porque achei que era lá...

Andreas:

Qual é o cemitério onde ele está enterrado em Berlim?

Ian:

Achei que era em Friedenau.

Andreas:

Você conhece aquele cemitério na Schönhausen? Cara, você tem que ir. O lugar é absolutamente espetacular. É espetacular. O cemitério é cercado por prédios modernos e é interessante ver isso. Só em Berlim um lugar como esse seria considerado um luxo. Tem um prédio que dá para o cemitério, e o lugar é super bonito, com árvores e tudo. E sobre a Breite Str., fiz confusão. Não é onde eu falei. Vou escrever no chat. O lugar que eu estava mencionando fica em Mitte, perto da Hausvogteiplatz, que era o centro da indústria da moda em Berlim. Aliás, a Embaixada Brasileira fica ali perto.

Ian:

Será que há conexão com a loja do meu bisavô?

Andreas:

Não, não tem conexão nenhuma. Não é que não tenha conexão, mas não sei. Porque, de fato, era uma loja de tecidos também. Era loja de tecidos mesmo. Não tem conexão. Também não sei. Isso aí é uma coisa... acho que não importa muito. A pesquisa é sua, não é minha. Mas sei lá, vai que nos registros de Mannheim, que devem estar em algum lugar, aparece sua família como fornecedor. Seria bacana demais saber disso. Mas, para a sua pesquisa propriamente dita, acho que não importa muito.

Ian:

O que eu queria saber um pouco é o que acontecia naquela região na época. Entendeu?

Andreas:

Não sei. Essa região é uma novidade para mim. Pode até ser que tenha alguma coisa. Eu te sugiro... Deixa eu pensar. Burramente não trouxe esse livro comigo. Não sabia que ia... Mas Berlim foi um polo importantíssimo da moda no final do século XIX e início do século XX, até 1933, quando foi completamente destruído pelos nazistas. Tem várias publicações sobre isso, e eu tenho várias delas, mas não estão aqui comigo. Mas vou te dar algumas referências, e você tenta correr atrás, vai na biblioteca, naquela super biblioteca que vai ter. Vou te passar dois nomes. Agora, você tem que pensar em como isso vai conectar com seu trabalho artístico. Aí você pode pensar de várias maneiras. Primeiro, tentar entender o que aconteceu. Por exemplo, se o negócio deles foi confiscado pelos nazistas, provavelmente sim. Essa história é importante você pesquisar.

Ian:

Será que em 1933 isso já tinha acontecido? Porque eles fugiram em 1934. Em 1933 foi quando tudo começou.

Andreas:

Bom, mas se eles fugiram e deixaram o negócio para trás, alguém ficou com ele ou foi confiscado. Talvez você tenha razão, talvez não tenha sido tão cedo, talvez depois. Mas ficou com alguém, ou judeu ou não, e depois o que aconteceu com o negócio? Então, você tem que pesquisar nos arquivos, tipo “Câmara do Comércio”. Não sei bem onde você encontra esse tipo de registro. Isso é um trabalho de historiador, do pesquisador sério, não que o artista não seja sério, mas é sério no sentido científico, sabe? É, deveria ser intrínseco. Bom, ok, agora a última questão aqui, duas questões ainda. Ok, isso aqui eu achei interessante. Fui olhar, coloquei no Google “Arbaitern und Soldatenrat” e falei: “caralho, isso é do cacete”. Lembrei daquela série “Babylon Berlin”, você já viu? A série não é lá essas coisas, nem interessa muito para o seu trabalho, mas ela se passa exatamente nesse período pós-Primeira Guerra Mundial, na República de Weimar, e é quando começaram a surgir esses movimentos socialistas, comunistas, que tinham influência direta da União Soviética, ou seja, da Revolução de 1917, refletindo em Berlim. Isso levou à ascensão do Hitler, inclusive, porque você tinha os chamados socialistas, que na sua expressão mais radical eram chamados de comunistas. Qualquer semelhança com a história recente do nosso país não é mera coincidência. Não é. Mas havia conflitos armados, milícias, batalhas, e o governo reprimia. Isso foi acontecendo até culminar em 1933 com a ascensão do Hitler.

Ian:

Mas uma questão que me pega é que o “Arbaitern und Soldatenrat” está em um documento oficial.

Andreas:

Não, não, mas isso você precisa pesquisar muito bem. Eu também não conhecia essa história, soube agora que você citou. Olhei rapidamente, mas é o seguinte: uma coisa é o alistamento militar dele na Primeira Guerra Mundial a serviço do governo do Imperador, do Kaiser. Meu avô também... Infelizmente, não tenho a carteira de alistamento dele, mas ele foi soldado, ele se alistou. Isso aconteceu... Está naquele filme que está concorrendo ao Oscar: “Nada de Novo no Front”. Todos os jovens alemães se alistaram, queriam ir para a guerra pela Alemanha. Isso aconteceu com meu avô, que se alistou como médico. Ele já era médico e foi para o front, para as trincheiras, mas foi ferido. Ele foi resgatado e não morreu, obviamente, senão eu não estaria aqui. Mas foi ferido e, a partir daí, desenvolveu toda a sua prática médica, especializando-se em reabilitação como ortopedista. Então, uma coisa é o seu bisavô como soldado, e outra coisa, que não tem nada a ver, é ele como comunista. Isso que é interessante! Agora, por que isso está no mesmo documento? Você vai ter que descobrir; isso é extremamente interessante e vale a pena investigar a fundo.

Ian:

Primeiro, estou tentando traduzir, porque aquele alemão antigo... Não dá para ler direito. Posso até te mostrar, deixa eu... Só para te mostrar. Vou te mostrar a página que tem esse documento. Conseguiu?

Andreas:

Foi, foi. Agora. Ah! Caramba! 29/7/1918. 22/11/1918. Essa letra é muito difícil. Você vai ter que pedir ajuda a alguém. Eu tive o mesmo problema, porque muitos dos documentos da minha família foram escritos com essa letra que inventaram na época, no começo do século XX. O que é impresso, você ainda consegue ler. Eu consigo ler, pelo menos. O impresso, a letra... Enfim, o impresso. Agora, o que é escrito à mão é muito difícil, porque as letras são diferentes. Então, você precisa urgentemente pedir a alguém para ler isso para você.

Ian:

É, eu mandei. Estou enviando para algumas pessoas e pedi para lerem, porque muitas datas batem. Essa data coincide com a do evento, é um pouco depois, de acordo com a minha pesquisa. Então, a data está correta, sabe?

Andreas:

Enfim, o fato de isso estar no mesmo documento é estranho. Não sei o que significa isso.

Ian:

O fato de estar no documento oficial?

Andreas:

É. Acho que isso é uma outra vertente que, volto a dizer, é muito importante na sua pesquisa. Porque é um dado político. E lembrando que você está num programa no Rio que tem uma forte... Enfim, todos lá são pessoas altamente politizadas e ativistas. Então, eu acho que esse aspecto é realmente relevante. Pode não levar a nada, pode ser uma mera formalidade, mas eu duvido. Tem algo aí que minha intuição me diz que é importante. Além disso, é o nome do documento. O nome é meio que a prova de... Agora, você escreveu uma coisa aqui que não está correta, tá? Olha só, não são forças revolucionárias contra a monarquia no final da Primeira Guerra. Isso não está certo. Pela data, ainda é a Primeira Guerra, ainda é a monarquia. Quando acabou a Primeira Guerra? Você sabe? Novembro, né? Se não me engano. A Primeira Guerra acabou exatamente... em novembro, eu acho que foi em novembro. Depois disso, o que você acabou de mostrar é... Mas isso é em novembro. É novembro. Exatamente. Então, olha só, a primeira coisa que eu te sugiro... 21 de novembro de 1918. Vou ter que encerrar em cinco minutos, tá? Preciso cuidar de outro assunto. Estou achando a conversa ótima. Mas, só para não perder o raciocínio, você vai ter que ler um pouco sobre a história desse período, tá? E, de novo, é bom pegar uma fonte boa, né? Eu li muito sobre a história dos judeus na Alemanha, que não é exatamente isso, mas procurei fontes históricas para o meu trabalho sobre a história da Alemanha. O que sei é que, quando a guerra acabou, fundaram a República de Weimar. Então, você deve ler sobre esse período de Weimar; acho que isso é interessante, porque é o momento em que seu bisavô deixou de ser um jovem soldado e passou a ser outra coisa. Depois disso, teve uma série de eventos, e ele foi para o Brasil. A República de Weimar, a Bauhaus, o cinema alemão, Bertolt Brecht e os dadaístas – foi um período absolutamente genial. Berlim e Paris eram o epicentro da cultura mundial. O primeiro filme sonoro, os filmes de Fritz Lang, Marlene Dietrich, os cabarés. Então, é bom situar seu bisavô nesse contexto da República de Weimar. Berlim era o centro da cultura mundial – claro que você vai ter que filtrar isso, porque é muita coisa. Mas no seu trabalho, seja uma performance, uma peça ou um filme, incluir esse tempero da cultura de Berlim é fascinante e conectá-lo com seu avô. Vamos ver a última pergunta, Ian? Ah, isso requer outra conversa.

Ian:

Tudo bem, podemos deixar essa última pergunta para outro momento.

Andreas:

Vá na minha bibliografia, tem livros importantes para você lá. Esse do Amos Elon e outros...

Bom, é isso, meu caro. Espero ter ajudado e contribuído.

Ian:

Muito obrigado, você me deu uma direção e muitas ideias. Às vezes, me sinto solitário, e chega alguém que me mostra os caminhos.

Andreas:

Vamos retomar essa conversa em breve, tá bom? Agradeço muito! Foi um prazer.